

A SÍNDROME [E]



1955 1956 1957 1958 1959 1960 1961

FRANCK THILLIEZ



FRANCK THILLIEZ

A síndrome E

TRADUÇÃO DE

André Telles



Copyright © 2010 Fleuve Noir, département d’Univers Poche

TÍTULO ORIGINAL
Le Syndrome E

TRADUÇÃO
André Telles

PREPARAÇÃO
Clarissa Peixoto

REVISÃO
Suelen Lopes
Camila Dias da Cruz

REVISÃO DE EPUB
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-324-4

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



A meus amigos e familiares

[S]er o primeiro a chegar.

Assim que bateu os olhos no anúncio, ainda de madrugada, Ludovic Sénéchal pegou a estrada e, num tempo recorde, percorreu os duzentos quilômetros que separam a periferia de Lille e Liège.

“Vendo coleção de filmes antigos 16mm, 35mm, mudos e falados. Todos os gêneros, curtas e longas-metragens, anos 1930 e antes. Mais de 800 rolos, sendo 500 de espionagem. Fazer oferta no local...”

Esse tipo de propaganda num site genérico da internet era bastante raro. Em geral, os proprietários dos filmes ou os vendiam em feiras de itens cinematográficos, como as de Argenteuil, ou leiloavam seus rolos de forma avulsa no eBay. Neste caso, o anúncio parecia se referir a uma geladeira velha e imprestável. Bom sinal.

Ludovic teve dificuldade para estacionar no centro da cidade belga e, depois de erguer um olho para o número da casa, apresentou-se ao morador, Luc Szpilman. Uns vinte e cinco anos, tênis Converse, óculos de surfista, camiseta dos Bulls. Piercings, também.

— Ah, sim, veio por causa dos filmes. Siga-me, é no sótão.

— Sou o primeiro?

— Os outros não vão demorar, recebi várias ligações. Não achava que fosse ser tão rápido.

Ludovic foi atrás dele. A casa tinha cores quentes e tijolos escuros. Todos os cômodos articulavam-se em torno do hall da escada, ponto central, iluminado por uma claraboia.

— Por que resolveu se desfazer desses velhos filmes?

Ludovic escolhera cuidadosamente as palavras. *Desfazer, velhos...* A negociação começara.

— Meu pai morreu ontem. Não deixou instruções precisas quanto ao que fazer com eles.

Ludovic delirava: nem tinha sido enterrado, o patriarca já fora usurpado de seus bens. E pior, aquele filho obtuso não via qualquer interesse em guardar longas-metragens que pesavam vinte e cinco quilos, quando era possível armazenar mil vezes mais imagens pesando mil vezes menos. Pobre geração sacrificada...

A escada era íngreme, de torcer o pescoço. No sótão, Szpilman acendeu uma lâmpada fraca. Ludovic sorriu, seu coração de colecionador disparado. Elas estavam ali, eficientemente protegidas da luz natural... Latas multicoloridas empilhadas em pequenas torres de vinte. A película cheirava bem, o ar circulava sutilmente por entre as prateleiras. Uma escada de rodinhas permitia alcançar os andares mais altos. Ludovic se aproximou. De um lado, os 35mm, volumosos, do outro, os 16mm, que o interessavam mais particularmente. As latas redondas estavam etiquetadas, arrumadas de forma cuidadosa. Clássicos do cinema mudo, longas-metragens da idade de ouro do cinema francês e, principalmente, filmes de espionagem, que ocupavam mais da metade das prateleiras... Ludovic pegou um nas mãos. *A grande ameaça*, de John Lee Thompson, um filme sobre a CIA e a China comunista. Uma cópia completa, intacta,

preservada da umidade e da luz, qual um vinho raro. Havia inclusive medidores de pH nas caixas, a fim de controlar a acidez. Ludovic mal continha a emoção. Aquele tesouro, sozinho, deveria valer quinhentos euros no mercado.

— Seu pai era fã de filmes de espionagem?

— Mais que isso. Você ainda não viu a biblioteca dele. Teoria da conspiração, coisas do gênero... Simplesmente beirava a obsessão.

— Quanto quer por eles?

— Pesquisei na internet. No atacado, sairia por cem euros o rolo. Mas meu objetivo é me livrar de tudo o mais rápido possível, preciso de espaço. Então podemos negociar.

— É o que espero.

Ludovic continuou a garimpar.

— Seu pai certamente tinha uma sala de projeção privada...

— Sim, vamos reformá-la em breve. Desmontaremos a antiga e instalaremos uma nova. Tela LCD e home-theater de última geração. Aqui vai ser o lugar para eu ensaiar com minha banda.

Escandalizado com aquela falta de respeito, Ludovic afastou-se um pouco, remexeu as pilhas, impregnou-se do aroma de películas. Descobriu Harold Lloyd, Buster Keaton, depois, mais adiante, filmes como *Hamlet* ou *Capitaine Fracasse*. Queria levar todos eles, mas seu salário de funcionário da previdência social e suas diversas assinaturas — namoro.com, provedor de internet, TV a cabo, a satélite — não lhe concediam senão, no fim do mês, uma apertada margem de manobra. Logo, precisava fazer uma triagem.

Aproximou-se da escada. Luc Szpilman advertiu-o:

— Tome cuidado nessa escada. Foi daí que meu pai caiu e rachou o crânio. Subir aí em cima com oitenta e dois anos, realmente...

Ludovic hesitou por um instante, mas decidiu prosseguir. Pensou no velho, cinéfilo apaixonado a ponto de ser morto pelos próprios filmes. Subiu até o topo, continuou suas buscas. Atrás de *Carta ao Kremlin*, numa prateleira oculta, descobriu uma lata toda preta, sem etiqueta. Equilibrando-se, abriu a tampa. No interior, à primeira vista, um curta-metragem, já que o rolo do filme não ocupava integralmente o espaço do estojo. Dez a vinte minutos de projeção, no máximo. Provavelmente um filme perdido, único, que o proprietário não conseguira identificar. Ludovic apoderou-se dele, desceu e colocou-o na pilha dos nove filmes *cults* já selecionados. Aqueles rolos anônimos sempre davam um tempero às sessões.

Ao virar-se para trás, demonstrou-se calmo, embora suas artérias estivessem em brasa.

— Infelizmente, a maioria dos filmes não vale grande coisa. Tudo que há de mais pasteurizado. Aliás... Está sentindo esse cheiro?

— Que cheiro?

— Vinagre. As fitas foram atacadas pela síndrome do vinagre; em outras palavras, têm muito pouco tempo de vida.

O rapaz avançou e cheirou.

— Tem certeza?

— Absoluta. Mas quero livrá-lo desses dez aqui. Trinta e cinco euros a unidade, acha razoável?

— Cinquenta.

— Quarenta.

— Fechado.

Ludovic estendeu um cheque de quatrocentos euros. No momento em que deixava o lugar, um carro com placa da França procurava uma vaga.

Sem dúvida, outro interessado.

* * *

Ludovic deixou sua cabine de projeção particular e acomodou-se, sozinho com uma lata de cerveja, num dos doze assentos em couro sintético, estilo anos cinquenta, resgatados por ocasião do fechamento do Rex, o pequeno cinema de bairro. Instalara uma verdadeira sala de cinema no subsolo de sua casa, que chamava de seu “cine-pocket”. Banquinhos, tablado, tela em lona tom de pérola, projetor Tri-Film Heurtier, estava tudo ali. Aos quarenta e dois anos, só lhe faltava uma companheira, a quem pudesse se enlaçar assistindo à versão original de *...E o vento levou*. Mas por enquanto aqueles tristes sites de namoro só o haviam levado a namoricos ou fracassos.

Eram quase três da manhã. Saturado de imagens de espionagem e guerra, Ludovic fechou sua interminável sessão com o curta-metragem desconhecido, incrivelmente bem preservado. Aparentemente, tratava-se de uma cópia. Aqueles filmes sem título às vezes encerravam verdadeiros tesouros ou, contando com a sorte, obras perdidas de cineastas célebres: Méliès, Welles, Chaplin. O colecionador que habitava dentro dele adorava sonhar. Quando Ludovic desenrolou o início daquele filme anônimo para acoplá-lo ao projetor, leu, na fita, “50 fotogramas por segundo”. Aquilo era raro, a norma ditava 24 por segundo, ritmo mais do que suficiente para dar uma impressão de movimento. De toda forma, alterou a velocidade do obturador da máquina para adequar-se ao valor recomendado. Para não assistir ao filme em câmera lenta.

A alvura da tela deu lugar a uma imagem escura, sem título ou créditos. Um círculo branco apareceu no canto superior direito. Ludovic pensou tratar-se de um defeito de película, como costumava acontecer com os rolos antigos.

O filme começou.

* * *

Ludovic tentou escapar em direção ao corredor do prédio, mas caiu pesadamente.

Não enxergava mais nada, nem com as luzes acesas.

Estava cego.

[O] toque estridente arrancou Lucie Henebelle do sono. Assustada, ela se endireitou na poltrona e buscou o celular.

— Alô...

Voz rouca. Lucie deu uma espiada no relógio do quarto. Eram quatro e vinte e oito da manhã. Em frente, com uma sonda de solução de glicose no antebraço direito, sua filha Juliette dormia um sono profundo.

Do outro lado da linha, a voz tremia:

— Alô? Quem é?

Lucie jogou para trás os longos cabelos louros, os nervos à flor da pele. Acabara de pegar no sono. Não podia ser um trote.

— Eu é que pergunto quem é. Sabe que horas são?

— Ludovic, Ludovic Sénéchal... É... É Lucie?

Sem fazer barulho, Lucie Henebelle saiu do quarto e se viu num corredor iluminado com luz fria. Bocejou e puxou para baixo a camisola, a fim de ficar razoavelmente apresentável. Choros distantes de bebês esgueiravam-se através das paredes. Na pediatria, o silêncio era uma quimera.

Lucie levou alguns segundos para identificar seu interlocutor. Ludovic Sénéchal. Uma aventura via internet que, durante várias semanas de copiosas mensagens, terminara, sete meses após se encontrarem num café de Lille, por “incompatibilidade de gênios”.

— Ludovic? O que está acontecendo?

No aparelho, Lucie ouviu um estrépito, como se um copo houvesse caído no chão.

— Alguém precisa vir me buscar. Preciso...

Não conseguia terminar a frase, aparentemente tomado pelo pânico. Lucie exortou-o a se acalmar, a falar devagar.

— Não sei o que aconteceu. Eu estava no meu cine-pocket. Preste atenção, Lucie, não estou enxergando um palmo à minha frente. Acendi todas as luzes, mas não muda nada. Acho que... estou cego. Disquei um número ao acaso e...

Só podia ser ele, assistindo a filmes às quatro da manhã. Com a mão no quadril, Lucie ia e vinha, ao longo de uma ampla janela que dava para os diferentes hospitais do CHR de Lille. Aquela maldita poltrona presenteara-lhe com um torcicolo. Aos trinta e sete anos, seu corpo já não resistia como antes.

— Vou mandar uma ambulância.

Ludovic talvez tivesse levado uma pancada em algum lugar. Uma lesão na cabeça ou um traumatismo craniano podiam provocar aqueles sintomas e ser fatais.

— Certifique-se de que não está sangrando, apalpe-se com os dedos e confira com a língua. Cabeça, nariz, têmporas. Se for o caso, ponha gelo, amarre com uma toalha. O socorro irá levá-

lo para o hospital aqui ao lado, nos vemos lá. E lembre-se: não se deite. Você continua no mesmo endereço?

— Sim. Rápido. Por favor...

Ela desligou e correu para a recepção da emergência, de onde despachou uma ambulância. Decididamente, suas férias de julho estavam começando bem. Sua filha de oito anos acabara de ser internada por conta de uma gastroenterite viral. Falta de sorte, isso era raro durante o verão... Um vendaval, essa doença, que desidratara a menina em apenas vinte horas. Juliette não era capaz de engolir nem um copo d'água. Os médicos previam uma internação de vários dias, com repouso e alimentação controlada. Na verdade, a coitadinha não pudera ir com a irmã, Clara, para sua primeira colônia de férias. Uma separação difícil para as gêmeas.

Lucie apoiou-se na janela. Ao ver as luzes de uma ambulância arrancando apressadamente, ruminou que, no comissariado central ou em outro lugar qualquer, de férias ou no trabalho, a vida sempre lhe reservava uma dose de aborrecimentos.

[A]lgumas horas mais tarde, a duzentos quilômetros de Lille, Martin Leclerc, chefe da Divisão Central de Repressão à Violência, observava a imagem tridimensional de uma fâcies humana na tela de um Macintosh. Nela, viam-se nitidamente o cérebro e diversas zonas marcantes do rosto: ponta do nariz, face externa do olho direito, pavilhão auricular esquerdo... Depois apontou para uma zona verde, situada no giro temporal superior esquerdo.

— Quer dizer que isso acende todas as vezes que falo com você?

Imóvel e acomodado numa cadeira reclinável, a cabeça comprimida num capacete contendo cento e vinte e oito eletrodos, o comissário Franck Sharko fixava os olhos no teto.

— É a área de Wernicke, associada à escuta da fala. Em você, assim como em mim, o sangue aflui para ela no instante em que ouvimos uma voz. Daí a coloração.

— Impressionante.

— Não tanto quanto sua presença ao meu lado. Não sei se lembra, Martin, mas meu convite era para tomarmos um drinque na minha casa. Porque aqui, exceto pelo café intragável, você não terá outra coisa.

— Seu psiquiatra não fez nenhuma objeção a que eu assistisse a uma sessão. Aliás, foi você quem deu a ideia. Também perdeu a memória?

Sharko desceu suas manzorras sobre os braços da poltrona, sua aliança tilintou no metal. Fazia semanas que vinha realizando aquelas sessões de “manutenção” e continuava sem conseguir relaxar.

— O que posso fazer?

O chefe da Divisão Central massageou as têmporas, a fisionomia cansada. Ao longo dos vinte anos em que integravam as forças de ordem, os dois homens viram-se muitas vezes diante de dias negros. Cenas de crimes pavorosos, graves problemas familiares, saúde debilitada.

— Aconteceu há dois dias. Num vilarejo, entre Le Havre e Rouen. Notre-Dame-de-Gravenchon, ou coisa assim... Cadáveres desenterrados às margens do Sena, você certamente acompanhou pela televisão.

— Aquela história de canteiro de obras para a passagem de um oleoduto?

— Exatamente. A mídia pegou no pé deles, já estava no local por causa dessa obra tão polêmica. Descobriram cinco cadáveres com o crânio serrado. A Polícia Judiciária de Rouen está no caso, coordenada com o comissariado local. O promotor de lá estava prestes a enviar os caras do Grupo de Análise Comportamental, mas terminou caindo em cima da gente. Não escondo que isso me incomoda profundamente. Em pleno início do verão, é asqueroso.

— E Devoise?

— Trabalhando num caso delicado, não posso requisitá-lo. E Bertholet está de férias.

— E eu por acaso não estou de férias?

Leclerc endireitou a fina gravata listrada. Na casa dos cinquenta anos, ele usava terno de

tergal preto, sapatos reluzentes, tinha o rosto seco e puxado, uma grande estrela da PJ, Polícia Judiciária, em todo o seu esplendor. Gotículas de suor brilhavam em sua testa, ele a cobriu com um lenço.

— Você é o único que sobrou em nossa jurisdição. E depois, eles estão com as mulheres, os filhos... Merda, você sabe como é.

Instalou-se um silêncio de chumbo. Mulher, filhos... As bolas na praia, as risadas perdidas nas ondas. Tudo era tão distante, tão impreciso agora. Sharko voltou a cabeça para a animação em tempo real da atividade de seu cérebro, velho órgão cinquentenário recheado de trevas. Apontou com o queixo, incitando Leclerc a acompanhar a direção de seus olhos. Apesar da ausência de fala, a zona verde, na parte superior do giro, acendia.

— Se está aceso, é porque ela está falando comigo, exatamente neste instante...

— Eugénie?

Sharko fez que sim com a cabeça. Leclerc sentiu um calafrio. Ver as meninges de seu comissário reagir daquela maneira à fala, quando não se ouvia sequer uma mosca voar, dava-lhe a sensação de uma presença espectral na sala.

— E o que ela lhe diz?

— Quer que eu acrescente um litro de molho coquetel e marrons-glacês à minha próxima compra. Ela adora esses malditos marrons-glacês. Dois segundos...

Sharko fechou os olhos, seus lábios se contraíram. Escutava e via Eugénie em todos os lugares. No assento do passageiro de seu velho R21. À noite, quando se deitava. Sentada, de tailleur, observando as miniaturas de trens rodarem nos trilhos. Dois anos atrás, Eugénie andava muito com um negro, Willy, fumante voraz de Camel e de maconha. Era um mala sem alça, dez vezes mais insuportável que a garota, porque falava alto e gesticulava muito. Graças ao tratamento, o rastafári desaparecera de vez, mas a outra, a garota, voltava com frequência, resistente como um vírus.

Na tela do Mac, a zona verde continuou a brilhar ainda por alguns segundos, até se apagar progressivamente. Sharko reabriu os olhos. Fitou o chefe, com um sorriso cansado.

— Vai terminar despedindo seu comissário um dia, vendo-o delirar dessa maneira.

— Você soluciona os casos, e isso não o impede de fazer seu trabalho corretamente. Eu diria inclusive que às vezes você é o melhor.

— Pois sim, diga isso a Josselin. Ele não para de me encher o saco. Acho que está querendo a minha cabeça.

— É sempre assim quando um novo chefe assume. Fazer uma limpeza, é isso que conta.

O professor Bertowski, da ala de psiquiatria do hospital da Salpêtrière, finalmente chegou, acompanhado de seu neuroanatomista.

— Pronto, Sr. Sharko?

Sr. Sharko... aquilo soou estranho para ele, na medida em que “Sharko” tornara-se o nome de uma forma avançada de atrofia muscular — a doença de Charcot. Como se a culpa de todos os males do mundo recaísse sobre ele.

— Pronto...

Bertowski vasculhava uma pasta da qual nunca se separava.

— Os episódios paranoicos de perseguição tornaram-se muito raros, pelo que li. Apenas alguns sinais de desconfiança, isso é excelente. E suas visões?

— Estão voltando com força, não sei se é porque continuo trancado em casa. Não há um dia em que Eugénie não me faça uma visita. Geralmente instala-se apenas por dois ou três minutos, mas é muito aflitivo. Não sei quantos quilos de marrom-glacê ela me obrigou a comprar na última vez.

Leclerc recuou para o fundo da sala, enquanto retiravam o capacete de Sharko.

— Muito estresse nos últimos dias? — perguntou o médico.

— Calor, principalmente.

— Sua profissão não facilita as coisas. Vamos reduzir o tempo entre as sessões de manutenção. De três em três semanas me parece um bom intervalo.

Após haver imobilizado a cabeça dele com duas correias brancas, o neuroanatomista aproximou do topo de seu crânio um instrumento em forma de oito — uma bobina capaz de emitir impulsos magnéticos num lugar bastante preciso do encéfalo a fim de que os neurônios visados, a exemplo de microímãs, reagissem e se reorganizassem de maneira diferente. O estímulo magnético transcraniano permitia atenuar fortemente, até mesmo erradicar, as alucinações ligadas à esquizofrenia. A principal dificuldade, evidentemente, estava em mirar no lugar certo, pois a zona em questão media apenas poucos centímetros e um desvio de um simples milímetro podia fazê-lo miar ou recitar o alfabeto ao contrário *ad vitam aeternam*.

Sharko permaneceu no lugar, com uma venda sobre os olhos e uma única instrução: não se mexer. Agora, somente pequenas pulsações magnéticas emitidas à frequência de um hertz crepitavam no quarto. Sharko não sentia dor alguma, nenhum incômodo, apenas a angústia profunda de imaginar que, dez anos antes, teriam recorrido a eletrochoques para tratá-lo.

A sessão transcorreu sem contratempos. Mil e duzentas pulsações mais tarde — ou seja, aproximadamente vinte minutos —, o policial levantou-se, os músculos um pouco dormentes. Endireitou a camisa impecável e passou a mão no cabelo preto à escovinha. Suava. O calor sufocante do hospital e seu ligeiro sobrepeso devido aos comprimidos de Zyprexa não colaboravam. Naquele início de mês de julho, nem o ar-condicionado era capaz de compensar as temperaturas infernais do exterior.

Anotou a data da consulta seguinte, agradeceu ao psiquiatra e saiu da sala.

Encontrou Leclerc na máquina de café, no final do corredor. O chefe da Divisão Central sentira vontade de fumar um cigarro, extenuado após aqueles poucos minutos de observação.

— É apavorante. Ver as pessoas brincando com seu cérebro desse jeito.

— É a rotina. É como ficar embaixo daquele capacete de cabeleireiro para um permanente.

Sharko sorriu e levou o copinho à boca.

— Vamos. Fale-me do caso.

Os dois homens puseram-se a caminhar lentamente.

— Cinco corpos, nada bonitos de se ver, enterrados dois metros abaixo da superfície do solo. Pelas primeiras constatações, quatro deles foram devorados pelos vermes, o quinto estava num estado razoável. A todos faltava a parte superior do crânio, como se a houvessem serrado.

— O que pensam por lá?

— O que acha? Estamos numa cidadezinha provinciana onde o delito mais grave deve ser não separar o lixo. Os corpos estão ali seguramente há semanas, meses até. Estão com a cara na lama, a investigação periga ser complicada. Um eixo de aproximação psicológica poderia ajudá-los. Você faz como sempre, nem mais nem menos. Recolhe as informações, encontra as pessoas necessárias e depois administramos em Nanterre. É coisa de dois, três dias. Em seguida, poderá cuidar dos seus trezinhos elétricos ou se dedicar às suas ocupações. E eu farei o mesmo. Não quero que isso se arraste. Preciso me ausentar, por esses dias.

— Kathia e você vão sair de férias?

Leclerc contraiu os lábios.

— Ainda não sei. Vai depender.

— Do quê?

— De um monte de variáveis que só dizem respeito a mim.

Sharko não se ofendeu. Quando transpuseram as portas do hospital, foram bombardeados por uma onda de calor. Com as mãos nos bolsos da calça de linho, o comissário voltou-se para o comprido prédio de pedra branca, com sua cúpula cintilante sob o sol inclemente. Um lugar que, naqueles últimos anos, tornara-se sua segunda casa.

— Estou um pouco temeroso de voltar ao campo. Está tão longe, tudo isso...

— A gente se recupera rápido.

Sharko permaneceu silencioso por um momento, parecendo pesar os prós e os contras, depois deu de ombros.

— Ah, quer saber? Dane-se! De tanto ficar sentado, minha bunda já está quadrada. Diga-lhes que apareço lá no meio da tarde.

[L]ucie estava terminando seu café no saguão do hospital Salengro quando o médico da emergência que atendera Ludovic Sénéchal aproximou-se dela. Era um sujeito alto e moreno, com feições delicadas e dentes bonitos, o tipo de cara por quem ela poderia ter se interessado em outras circunstâncias. Em seu jaleco, bastante folgado, era possível ler *Dr. L. Tournelle*.

— E então, doutor?

— Nenhum ferimento aparente, nenhuma equimose que permita supor um traumatismo. Os exames oftalmológicos não revelaram nada de anormal. Mobilidade ocular, fundo de olho, tudo limpo. Os reflexos fotomotores, assim como a contração da pupila, estão perfeitos. Entretanto, Ludovic Sénéchal não enxerga rigorosamente nada.

— Nesse caso, o que ele tem?

— Vamos aprofundar os exames, em especial com uma ressonância magnética para verificar se não há tumor cerebral.

— Um tumor pode cegar uma pessoa?

— Se ele comprimir o quiasma óptico, sim.

Lucie engoliu com esforço a saliva. Embora Ludovic não passasse de uma remota lembrança, eles haviam compartilhado sete meses de suas vidas.

— E existe tratamento?

— Depende do tamanho, da posição, se é maligno ou benigno. Prefiro não afirmar nada antes da ressonância. Pode ir visitar seu amigo no quarto 208, se quiser.

O médico cumprimentou-a com um aperto de mãos firme, antes de se afastar num passo ágil. Lucie não teve coragem de subir os andares a pé e esperou o elevador. As duas noites que passara em claro na ala pediátrica, entre gritos e vômitos, haviam drenado sua energia. Felizmente, sua mãe a substituiria durante o dia, para que ela dormisse um pouco.

Após bater levemente na porta, entrou no quarto de Ludovic. Ele estava deitado no leito, o olhar congelado. Lucie sentiu um pequeno nó na garganta. Ele não mudara... A calvície estava mais pronunciada, decerto, mas ainda mostrava as feições do homem maduro, rosto manso e redondo, que a conquistara pela internet.

— Sou eu, Lucie...

Ele se voltou em sua direção. As pupilas não olhavam diretamente para ela, mas para a parede, bem ao lado. Lucie sentiu uma espécie de calafrio nos ombros. Ludovic tentou sorrir.

— Pode se aproximar. Não é contagioso.

Lucie deu alguns passos e pegou-lhe a mão.

— Vai dar certo.

— Estranho eu ter discado o seu número, não acha? Poderia ter sido outro qualquer.

— Estranho também eu estar justamente ao lado. Parece que os hospitais estão me atraindo.

Explicou-lhe o caso de Juliette. Ludovic já vira as gêmeas, e as meninas gostavam muito dele. Lucie sentia-se nervosa, pensava naquele horror que talvez estivesse amadurecendo na cabeça do ex.

— Eles vão descobrir o que há de errado.

— Falaram do tumor, suponho...

— É só uma hipótese.

— Não há tumor, Lucie. É por causa do filme.

— Que filme?

— Um com um pequeno círculo branco. Que desencavei ontem na casa de um colecionador. Ele era...

Lucie observou que seus dedos se retraíam nos lençóis.

— Ele era bizarro.

— Bizarro como?

— Bizarro a ponto de eu perder a visão, merda!

Ele tinha gritado. Agora, tremia. Apalpou, em seguida agarrou a mão de sua interlocutora.

— O velho, o dono, tenho certeza de que era esse filme que ele estava indo pegar no sótão. Ele espatifou o crânio ao subir na escada. Alguma coisa deve ter feito... sei lá, ele sentir uma necessidade urgente de subir aqueles degraus íngremes para projetá-lo.

Lucie achava que a qualquer momento ele desabaria. Detestava ver conhecidos e amigos sofrendo.

— Vou assistir ao filme.

Ele balançou a cabeça.

— Não, não. Eu não gostaria que...

— Que eu ficasse cega? E poderia me explicar como simples imagens projetadas numa tela poderiam cegar alguém?

Não houve resposta.

— O rolo ficou montado no projetor?

Após um silêncio, Ludovic terminou por desistir.

— Sim. Tem apenas de fazer uma série de ajustes, já lhe mostrei. Lembra?

— Sim... Foi com *A marca da maldade*, acho.

— *A marca da maldade*... Orson Welles...

Perdeu-se num suspiro doloroso. As lágrimas escorreram por seu rosto. Ele apontou o indicador para o vazio.

— Minha carteira deve estar na mesinha de cabeceira. Há alguns cartões de visita dentro dela. Pegue o de Claude Poignet. Ele é restaurador de filmes antigos. Eu gostaria que você levasse o rolo para ele. Para ele dar uma olhada, pode ser? Eu gostaria de saber de onde vem essa película. Pegue também o anúncio dos classificados. Tem o endereço e o número do telefone do filho do colecionador. Luc Szpilman.

— O que quer que eu faça com isso?

— Pegue. Pegue tudo. Quer me ajudar? Então me ajude, Lucie.

Lucie suspirou em silêncio. Abriu a carteira e pegou o cartão, assim como o anúncio.

— Feito.

Ele pareceu sossegar. Agora estava sentado, com os pés no chão.

— Afora isso, Lucie... Como vai?

— O mesmo de sempre. Assassínatos e agressões. O fenômeno do desemprego, na polícia, é pouco provável de acontecer.

— Eu queria falar de você, não da sua profissão.

— Eu? Ehh...

— Deixa para lá. Conversamos mais tarde.

Ele estendeu-lhe as chaves de sua casa e lhe segurou o pulso com força. Lucie sentiu um arrepio quando ele a fitou diretamente nos olhos, o rosto a dez centímetros do seu:

— Cuidado com esse filme.

[M]euio da tarde, em Notre-Dame-de-Gravenchon... Uma bonita cidadezinha perdida no departamento de Seine-Maritime. Lojas simpáticas, tranquilidade, verde e plantações a perder de vista, se considerarmos o lado agradável. Porque, para o sudoeste, a apenas um quilômetro, a margem do Sena estava obstruída por uma espécie de navio gigantesco, que expelia fumaça cinzenta e relentos de gás a ponto de descolorir o céu.

Sharko tomou a direção indicada pelo tenente de polícia que ele esperava encontrar no local. Embora os corpos tivessem sido levados na véspera — fora necessário um dia inteiro para desenterrá-los sem contaminar a cena do crime, um verdadeiro trabalho de arqueólogo —, o comissário gostava de retrazar um caso desde seu ponto de origem. As três horas de viagem, com o sol na cabeça, haviam-no deixado à beira de um ataque de nervos, ainda mais porque nos últimos anos quase não andava mais de carro. Fazia seus trajetos nos trens RER B Bourg-la-Reine-Châtelet-Les Halles e RER A Châtelet-Nanterre.

Uma placa, à sua frente. Entrou na bifurcação e atravessou a zona industrial de Port-Jérôme com os vidros fechados e o ar-condicionado no máximo. Apesar de tudo, sentia o ar viscoso, impregnado de escória e ácido. Ali, bem escondidos na natureza, os grandes conglomerados dividiam entre si o império dos combustíveis, dos óleos e dos carvões. Total, Exxon Mobil, Air Liquide. O comissário avançou uns bons dois quilômetros em meio aquele magna de chaminés, para finalmente sair e desembocar num setor mais calmo, em plena zona industrial abandonada. Retroescavadeiras rasgavam a paisagem. Estacionou um pouco atrás do canteiro de obras, saiu do carro e ajeitou o colarinho da camisa. Que o paletó fosse para o inferno... Deixou-o no assento do carona, com sua pequena mochila esportiva contendo seu *nécessaire* para o hotel. Mexeu as pernas entorpecidas, sentiu um estalo ao flexionar uma delas.

— Santo Deus...

Pôs os óculos escuros, uma das hastes emendada com cola, e perscrutou os arredores. O Sena à direita, um amontoado de árvores à esquerda, a área industrial atrás. Reinava uma imensa impressão de vazio, de abandono. Nenhuma casa, apenas ruas desertas, terrenos baldios. Como se a zona estivesse morta, calcinada pelo fogo do céu.

À sua frente, num plano inferior, dois ou três homens de capacete conversavam. A seus pés, uma ampla ferida oca dividia o solo ao meio e subia a margem do rio por quilômetros. Interrompia-se justamente ali, onde as faixas amarelas e pretas da polícia nacional tremulavam preguiçosamente ao vento. Cheirava a argila quente e umidade.

O policial identificou imediatamente o colega de Rouen que o aguardava apenas pelo coldre, no cinto. O revólver brilhava com a luz, como se o chamasse. O agente usava jeans de cintura baixa, camiseta preta e tênis surrados. Moreno, alto, muito magro, vinte e cinco, vinte e seis anos no máximo. Conversava com um cinegrafista e o que parecia ser uma jornalista. Sharko ergueu os óculos até a raiz do cabelo e ofereceu-lhe seu cartão.

— Lucas Poirier?

— O senhor é o comissário *profiler* de Paris? Prazer.

Entrar nos detalhes e explicar que, no fim das contas, sua profissão não tinha muita coisa a ver com aquelas histórias de *profiler* poderia levar um século.

— Pode me chamar de Sharko. Ou Shark. Sem sobrenome, nome, patente.

— Sinto muito, comissário, mas isso eu não posso...

A jornalista se aproximou.

— Comissário Sharko, ficamos sabendo de sua visita e...

— Sem querer parecer antipático à senhorita e a seu cinegrafista, vão por favor ver se eu estou lá na esquina.

Cravou-lhe seu olhar mais sinistro. Detestava os jornalistas. A mulher recuou, mas mesmo assim pediu ao cinegrafista que fizesse algumas imagens. Provavelmente costurariam uma matéria sem consistência, com grande ajuda de planos de corte, insistindo no fato de que um *profiler* estava no caso. Isso causaria sensação.

Sharko rechaçou-os com o olhar e dirigiu-se a Poirier.

— Sabe se reservaram meu quarto de hotel? Quem cuida disso por aqui?

— Ehh... Não sei. Sem dúvida o...

— Eu gostaria de um grande, com banheira.

Poirier aquiesceu, como a maioria das pessoas a quem Sharko fazia um pedido, tal era a forma que parecia uma imposição. O comissário percorreu novamente o cenário com os olhos.

— Bom... Não desperdicemos nosso tempo. Você me explica?

O jovem tenente pôs para dentro boa parte da água da garrafinha, que ele segurava, e apontou para os tapumes, mais além.

— As obras começaram mês passado. Estão construindo um oleoduto que transportará todo tipo de produtos químicos das fábricas de Gonfreville para a refinaria da Exxon. Trinta quilômetros de dutos subterrâneos. Faltavam apenas quinhentos ou seiscentos metros para escavar, mas, depois do que acabaram desenterrando, as obras foram suspensas. Eles não estão nada contentes, não preciso nem dizer.

Ao longe, um homem de gravata — provavelmente um supervisor de obras — não parava de ir e vir, celular ao ouvido. Aquele tipo de descoberta devia ser a última coisa que ele esperava. Embora nada pudesse fazer, aquele infeliz teria de prestar contas aos empresários.

Sharko enxugou a testa com um lenço. Estavam se formando círculos sob suas axilas. Poirier foi andando em direção ao local.

— Foi lá que os operários descobriram os cinco cadáveres, enterrados a dois metros de profundidade. O operador da retroescavadeira não causou grandes estragos, parou imediatamente de escavar quando apareceu um braço.

Sharko passou sob os cordões de isolamento e aproximou-se da beirada da vala profunda. Desviou a cabeça, franzindo o nariz. Poirier imitou-o, enfiando o nariz debaixo da camiseta.

— Exatamente, ainda agride um pouco. Estavam todos no lodo, e as temperaturas não ajudam muito. Os caras da polícia técnica e o legista estão se divertindo, acredite em mim.

O comissário inspirou longamente, depois observou o fundo.

— Eram o quê? Homens, mulheres, crianças? Uma ideia da faixa etária?

— Homens, você verá com o perito. Em peças separadas, no caso de quatro deles. A umidade da terra e a proximidade do Sena devem ter acelerado o processo de putrefação. Estavam quase no esqueleto. Eu disse quase, ainda havia carne podre, sangue pisado, para resumir...

— E o quinto?

Poirier apertava nervosamente a garrafinha d'água. Sob sua camiseta, só suor. A testa gotejava, a pele transpirava litros de suor salgado.

— Era um homem, relativamente conservado. Enfim, se é que podemos falar assim. Os outros corpos, embaixo e em cima dele, devem ter criado uma espécie de camada isolante.

— Não havia uma lona ou acondicionamento especial em torno dos cadáveres?

— Não. Nem roupa. Estavam completamente nus. No que se refere ao sujeito mais bem conservado, haviam... esfolado parte do corpo. Os braços, o peito. Vi com meus olhos, cacete... Era uma laranja descascada. Você não pode imaginar.

Sim, Sharko podia. Suspirou. O caso anunciava-se escabroso, mais um inquérito que perigava juntar-se a outros, em Nanterre, e que seria acompanhado de tempos em tempos nos computadores. Estendeu a mão ao tenente.

— Ajude-me a descer.

O policial obedeceu. Sharko teve a sensação de que aquele jovem já vira quase tudo em sua recentíssima carreira. Estava no lodaçal e não sairia incólume dentro de alguns anos. Todos os policiais seguiam os mesmos caminhos, que mergulhavam nos abismos e impediam qualquer emersão. Porque essa profissão escrota engole e digere você até as tripas.

O comissário entregou-se nas mãos dele e se viu no fundo da vala. Espanou a terra da camisa com as costas da mão. O ar empestava aquele necrotério, o sol desaparecera, dando lugar a uma umidade mórbida. O policial ficou de cócoras e deixou a terra escorrer entre os dedos. Fora peneirada, de maneira a não deixar de lado nenhum indício: pequenos ossos, cartilagens, larvas de insetos. A polícia técnica fizera um bom trabalho. Sharko reergueu-se, dirigiu os olhos para as paredes marrons. Dois metros de profundidade, era terra de sobra para sepultar cadáveres. Alguém meticuloso...

— Meu chefe me falou em crânios cortados ao meio.

Poirier curvou-se. Uma gota de suor rolou de sua testa e caiu na vala.

— É verdade, e a imprensa também explorou a coisa, os tabloides transformaram num escândalo. Fala-se em *serial killer*, no diabo a quatro. Nenhum dos crânios que encontramos tinha as partes superiores. Volatilizadas.

— E o cérebro?

— Não havia mais nada dentro dos crânios. Minto, havia terra. O legista ainda está abalado. Parece que o cérebro e os olhos são as primeiras coisas que se desfazem e desaparecem completamente depois da morte. Portanto, nada sabemos quanto a isso no momento.

Esticou a língua e depositou nela a última gota de água de sua garrafa.

— Que calor de merda!

O jovem amassou a embalagem na palma da mão, nervoso.

— Escute, comissário, e se zarpássemos daqui? Estou mofando há horas e preciso de ar puro. Poderíamos conversar no caminho, e, de qualquer forma, tenho de subir junto com o senhor.

Sharko vistoriou o lugar pela última vez. Por ora, não havia mais nada para ver ou descobrir. As fotografias da cena do crime, os closes ou fotos aéreas dos arredores, se houvesse, certamente lhe falaria mais.

— Os corpos apresentavam outras particularidades? Por acaso tiveram os dentes arrancados? Silêncio. O jovem inclinou a cabeça, estupefato.

— Tem razão. Não havia dentes. E cortaram as mãos também. Como o senhor...

— Dos cinco?

— Acho que sim. Eu... Desculpe-me...

Saiu do campo de visão de Sharko. Diazinho terrível para ele, sem dúvida. O comissário percorreu lentamente o fosso. Via, ao longe, os dois paspalhões da televisão, que possivelmente estavam apontando o zoom para ele. Fizeram uma retirada discreta, em direção a seu carro alugado. O policial deixou-se ficar ali, sozinho, examinando o espaço vazio. Imaginou os cinco empilhados... Um deles havia sido parcialmente esfolado, por quê? Tivera direito a um tratamento privilegiado? Antes ou depois de morrer? Todas as perguntas inerentes à cena do crime vinham a seus lábios. As vítimas se conheciam? Conviviam com o assassino? Havia morrido ao mesmo tempo? Em que circunstâncias?

Sharko sentiu o primeiro calafrio da investigação, o mais excitante. Embora cercado pelo mau cheiro da morte, da gasolina das retroescavadeiras, do bolor, admirou-se por ainda apreciar aqueles odores nauseabundos. Houve um tempo em que injetava adrenalina e trevas. Um tempo em que não tinha hora para chegar em casa, enquanto Suzanne dormia sozinha no sofá, encolhida e em lágrimas.

Odiava aquele período passado na mesma medida em que sentia falta dele.

Mais à frente, encontrou uma escada de obras, apoiada na parede, e pôde subir com facilidade. Uma estrada asfaltada passava a cerca de trinta metros do fosso. Certamente a que o assassino ou os assassinos haviam usado para depositar os corpos ali. A Polícia Judiciária de Rouen devia deslanchar uma investigação *in loco* e começar a interrogar os empregados da fábrica, por via das dúvidas. Porém, considerando o local, era grande a probabilidade de não dar em nada.

Lucas Poirier sentara-se às margens do Sena, celular ao ouvido. Certamente estaria ligando para a mulher para avisar que talvez chegasse tarde aquela noite. Em breve não ligaria mais, suas ausências muito longas faziam parte da profissão. E, anos mais tarde, constataria que definitivamente aquele ofício consistia em aprender a viver sozinho com seus demônios, em beber num velho e sórdido balcão e vomitar seu transbordante rancor. Com um suspiro, Sharko indicou-lhe que se apressasse. O sujeito de Rouen desligou e correu a seu encontro.

— Então, e quanto aos dentes? Como soube?

— Uma visão. Sou *profiler*, não se esqueça.

— Está brincando, comissário...

Sharko presenteou-o com um sorriso sincero. Gostava da ingenuidade daqueles rapazes, ela provava que ainda existia algo de puro neles, um fulgor que não se encontrava mais nos veteranos, aqueles que já tinham visto de tudo.

— O autor do crime despiu suas vítimas e escolheu um solo macio e úmido, próximo da água, para a decomposição fosse rápida. Apesar do isolamento dessa zona, em que seguramente não é possível construir, ele ainda assim receou que os descobrissem, e por isso que cavou tão fundo. Com todas essas precauções, com certeza não teria deixado cadáveres identificáveis. Atualmente, especialistas são capazes de detectar impressões digitais mesmo em corpos encarquilhados. O assassino talvez soubesse disso, partiu para a brutalidade. Sem dentes e mãos, esses mortos permanecerão anônimos.

— Não completamente anônimos. Vamos extrair seu DNA.

— É verdade, o DNA... Isso é infalível.

Entraram no carro, Sharko deu a partida e arrancou.

— Quanto ao meu quarto de hotel, devo ligar para quem? Sei que me repito, mas gostaria de um grande, com banheira.

[L]udovic Sénéchal morava atrás do hipódromo de Marcq-en-Barœul, uma cidade discreta, grudada em Lille. Recanto sossegado, casa individual estilo “contemporâneo”, de tijolos, jardim suficientemente pequeno para não passar o sábado podando o gramado. Lucie ergueu os olhos para a janela do segundo andar, um sorriso no canto da boca. Fora naquele quartinho singelo que haviam feito amor pela primeira vez. Uma espécie de noite namoro.com, pacote completo. Um encontro de mentirinha, depois um de verdade, o casal dorme junto e então vê no que dá.

Ela vira. Ludovic era um homem direito sob todos os aspectos — sério, atencioso, paramentado por um monte de outros adjetivos luminescentes —, mas carecia gravemente de carisma. Vida monótona, projetando filmes, naufragando os dias na previdência social e projetando mais filmes. Sem esquecer uma forte tendência melancólica. Ela dificilmente o imaginava como futuro pai de suas gêmeas, aquele que iria torcer por elas nas competições de dança ou andaria de bicicleta com as meninas.

Lucie enfiou a chave na fechadura, mas notou que a porta não fora trancada. Era fácil adivinhar o motivo: no pânico, Ludovic não atinara com nada. Entrou na casa e fechou o trinco. Era ampla e bonita, moderna, era o espaço de que ela e as filhas sentiam falta. Um dia, quem sabe...

Lembrava-se da localização do porão. As sessões de cinema, com a cerveja e a pipoca feita na panela, haviam sido memoráveis, atemporais. Avançando pelo hall, descobriu objetos quebrados ou revirados. Imaginava muito bem Ludovic subindo às apalpadelas lá de baixo, completamente cego e esbarrando em tudo antes de conseguir encontrá-la.

Lucie desceu o lance de degraus e chegou ao cine-pocket. Nada mudara desde o ano anterior. Forro vermelho nas paredes, cheiro de velhos tapetes, atmosfera *seventies*... Aquilo tinha seu encanto. À sua frente, a tela tom de pérola palpitava sob a luz branca do projetor. Henebelle empurrou a porta da minúscula cabine, onde, devido à poderosa lâmpada xênon, reinava um calor infernal. Um zumbido maciço enchia o espaço, a bobina coletora girava inutilmente, a ponta do filme estalava no ar a cada rotação. Sem pensar, Lucie pressionou o grande botão vermelho da bobina alimentadora, um mastodonte de sessenta quilos. O ronco finalmente cessou.

Ligou o interruptor, uma luz fria cintilou. No pequeno cômodo, latas redondas vazias, gravadores, cartazes amontoavam-se em desordem. Era realmente a cara de Ludovic, um bagunceiro organizado. Ela tentou se lembrar das operações necessárias para carregar um filme: inverter as bobinas alimentadoras e receptoras introduzindo seus eixos nos braços do projetor, travar com as retrancas, pressionar em “motor”, colocar em contato as reentrâncias da película com os dentes do alimentador... Com todos aqueles botões à sua frente, a operação era mais complicada do que parecia, mas Lucie conseguiu pôr a geringonça para funcionar, entregando

tudo ao acaso. Pela magia da luz e do olho, a série de imagens fixas ia se transformar num movimento perfeito. O cinema nascera.

Lucie apagou a luz, fechou a porta da cabine elevada e desceu os três degraus que conduziam à sala. Permaneceu de pé, recostada na parede do fundo, de braços cruzados. Aquela salinha, aqueles doze assentos de couro sintético verde tinham algo de profundamente deprimente, tal como seu proprietário. Fixando o olhar na tela, Lucie não reprimiu certa apreensão. Ludovic falara de um filme *bizarro*, agora estava cego... E se houvesse alguma coisa de perigoso naqueles fotogramas, como... como uma luz tão forte que pudesse cegar? Lucie balançou a cabeça, aquilo era completamente idiota. Ludovic sem dúvida alguma tinha um tumor cerebral.

O raio de luz afagou a escuridão e foi beijar o grande retângulo branco. Uma imagem negra uniforme espalhou-se no começo. Cinco ou seis segundos mais tarde, um círculo branco incrustou-se no canto superior direito. Subitamente, uma música fez as paredes vibrarem. Uma melodia alegre, daquelas que se ouviam nos antigos parques de diversões, em meio aos carrosséis de cavalinhos de madeira. Lucie sorriu diante dos chiados inoportunos, perceptíveis apesar de tudo. O canal de som provinha seguramente de uma velha 45 rotações, ou, pior, de um fonógrafo.

Não havia título nem créditos. O rosto de uma mulher, em close, desenhou-se no espaço oval que ocupava a parte central da tela. Em volta desse espaço, a imagem continuava escura, feita de uma espécie de névoa cinzenta, quase preta, como se o cineasta houvesse colocado um filtro sobre a lente. Enfim, tinha-se uma impressão de voyeurismo, de assistir ao espetáculo pelo buraco de uma fechadura.

Lucie achou a atriz bonita, hipnotizante, com seus grandes olhos misteriosos. Com aproximadamente vinte anos, ela olhava diretamente para a lente. Batom escuro, cabelos de azeviche, puxados para trás, pega-rapaz na testa. Adivinhava-se a parte superior de seu tailleur xadrez e um pescoço puro, imaculado. Lucie pensou em fotografias de família, aninhadas no interior de camafeus austeros escondidos nas velhas caixas de joias dos avós. A atriz não sorri, mostra-se antes desdenhosa, o tipo de mulher fatal que Hitchcock teria adorado em seus filmes. Seus lábios começaram a se mexer, muito sutilmente: ela falava, mas Lucie foi incapaz de captar qualquer sentido de suas falas mudas. Dois dedos — dedos de homem — convidaram-se por cima e abriram as pálpebras de seu olho esquerdo. Bruscamente, surgida da esquerda, a lâmina de um bisturi rasgou o olho ao meio, para a direita, ao som de uma lancinante música de circo e do rufar de pratos.

Lucie desviou o olhar, trincando os dentes. Tarde demais, a imagem a golpeará em cheio, o que despertou sua raiva. Nada tinha contra os filmes B de terror — muito pelo contrário, costumava alugá-los, sobretudo nas noites de sábado —, mas abominava aquela maneira de proceder: despejar o insustentável sem dar ao espectador a menor chance de evitá-lo. Era vil e covarde.

Subitamente, a fanfarra cessou.

Nenhum barulho, exceto pelo zumbido angustiante do projetor.

Um pouco abalada, Lucie foi novamente até a tela. Mais uma sequência daquele calibre, e ela pararia tudo. Depois de seu estágio na emergência de um hospital, francamente, já tinha tido

sua dose de sanguinolência.

A tensão acabava de subir um grau. Lucie não se sentia mais tão calma como antes.

O projetor continuou a irradiar seu cone de luz. Surgiram então na imagem solas de sapatos. Por um movimento de translação afastaram-se. A luz do céu irrompeu, tranquilizadora. Uma garotinha loura, vestindo roupa de festa, brincava no balanço, um largo sorriso nos lábios. Cena em preto e branco, ainda que a menina se exprimisse em diferentes planos. Tinha cabelos compridos e claros, sem dúvida louros, e exalava vida. As pupilas captavam a luz, as sombras projetadas nas árvores dançavam sobre sua pele. A iluminação, os ângulos das tomadas, as expressões extraídas de seu rosto infantil, sugeriam que se tratava de um filme profissional. Bruscamente, planos móveis — a câmera devia ter sido girada no ombro — demoravam-se no olho da menina. Claro, puro, cheio de vida. Ele palpitava, a pupila se retraía e abria tal um diafragma. O círculo branco não saía do lugar, no alto à direita, e Lucie tinha dificuldade para desviar o olhar. Não que ele a atraísse, na realidade a incomodava. Ela não soube explicar por quê, mas sentia o ventre latejar. A cena do olho rasgado definitivamente a afetara.

Sucederam-se planos brevíssimos, centrados na menina. Uma série de sequências avulsas, como num sonho, impossíveis de situar no tempo e no espaço. Alguns fotogramas pulavam, provavelmente em função da qualidade da película. Passava-se do olho perfurado ao balanço, do balanço à mão da menina brincando com formigas. Plano aproximado sobre sua boca de criança comendo, sobre suas pálpebras se abrindo e fechando. Outro, em que ela acariciava afetuosamente dois gatinhos na relva durante dois ou três minutos. Ela beijava-os, abraçava-os, enquanto a névoa — Lucie parecia intrigada com o procedimento adotado — espalhava-se em volta. Quando a garotinha ergueu os olhos para a câmera, não estava desempenhando um papel. Sorria com cumplicidade, falava com alguém que ela conhecia. Em uma das cenas, aproximou-se da câmera e começou a rodar, rodar. A imagem também girou, acompanhando a dança e provocando, no âmago da névoa, uma impressão de vertigem.

Sequência seguinte. Alguma coisa mudara no olhar da garotinha. Uma espécie de tristeza permanente. A imagem estava muito escura. Em volta, a cerração dançava, gotejava. A câmera avançava, recuava para provocá-la, a menina a repelia com as duas mãos para a frente, como se espantasse um inseto. Lucie tinha a sensação de não estar em seu lugar assistindo àquele filme. Sentia-se sobrando, voyeur a observar secretamente uma cena que poderia acontecer entre pai e filha.

Passagem brusca a outra sequência. Lucie revirou os olhos, impregnando-se do cenário: uma extensão de relva cercada, um céu escuro, brumoso, caótico, nada natural: efeitos especiais? Na extremidade do pasto, a garota esperava, os braços ao lado do corpo. Com a mão direita, empunhava um facão de açougueiro, descomunal para seus dedinhos inocentes.

Close nos olhos. Estes fixavam o nada, as pupilas pareciam dilatadas. Alguma coisa transtornara aquela menina, Lucie sentia. A câmera, posicionada atrás das cercas, dirigiu-se rapidamente para a direita e deteve-se diante de um touro furioso. O animal, monstruosamente forte, espumava, ora raspava o casco no solo, ora investia contra a cerca. Seus chifres apontavam para a frente, como sabres.

Lucie levou a mão à boca. Ora, eles não iam...

Apoiou-se no encosto de uma poltrona, a cabeça na direção da tela. Suas unhas enfiaram-se no couro sintético.

De supetão, um braço desconhecido entrou no campo e suspendeu uma cancela. O autor do gesto tomara a precaução de sair do campo. O cubículo se abriu. O animal, excitadíssimo, investiu diretamente à sua frente. Seu corpo exprimia a mais pura e violenta força. Quanto pesava? Uma tonelada, talvez? Ele imobilizou-se no centro, girou e, finalmente, pareceu concentrar-se na garotinha, que estava imóvel.

Lucie pensou em subir de novo até a cabine de projeção e parar tudo. A brincadeira chegara ao fim, não se tratava mais de balanço, sorrisos, cumplicidade. Chafurdava-se no inconcebível. Lucie, com um dedo na boca, não conseguia mais desgrudar os olhos da tela satânica. Sentia-se tragada pelo filme. No céu, as nuvens negras avolumavam-se, tudo escurecia, como se preparando um final trágico. Teve então a sensação de uma encenação: a do Bem contra o Mal. Contra um Mal desmesurado, superpoderoso, inatacável. Davi contra Golias.

O touro atacou.

O mutismo do filme e a ausência de música criavam uma sensação de sufocamento. Adivinhava-se, sem ouvir, o barulho de cada patada do animal, o bufar de suas narinas oleosas. A câmera tinha agora os dois indivíduos no campo, o touro à esquerda, a garotinha à direita. A distância entre o monstro e a menina sem reação diminuía. Trinta metros, vinte... Por que a menina continuava parada? Por que não fugia, gritando? Lucie estava intrigada com as pupilas dilatadas da menina. Droga, hipnose?

Ela seria chifrada.

Dez metros. Nove, oito...

Cinco metros.

Bruscamente, o touro reduziu a velocidade, seus músculos se retesaram, tufos de terra espirraram do solo. Estacou a apenas um metro do alvo. Lucie pensou num congelamento da imagem, não respirava mais. Aquilo ia recomençar, forçosamente, e o drama se consumaria. Mas nada se mexia. No entanto, o monstro continuava a ofegar e espumar. Lia-se em seus olhos enlouquecidos a vontade de perseguir, matar, ao passo que sua carcaça recusava-se a obedecer.

“Paralisado” era a palavra que melhor lhe convinha.

A garota encarava-o sem pestanejar. Deu um passo à frente, para esgueirar-se sob a boca do animal, quarenta, cinquenta vezes mais pesado que ela. Sem trair qualquer emoção, ergueu a lâmina e cortou sua garganta com um gesto seco. Uma cachoeira preta começou a se esvair e, como que vencido por um toureiro demente, o animal caiu de lado, levantando uma nuvem de poeira.

Corte imediato para tela escura, como no início. Lentamente, o círculo branco, no alto à direita, desapareceu.

Em seguida, cintilações na sala, semelhantes a aplausos de luz. O filme impunha reverência.

Lucie permaneceu imóvel. Abalada, tiritava de frio. Esfregou a testa, nervosa. Vira realmente um touro enlouquecido imobilizar-se completamente diante de uma garotinha e deixar-se degolar sem reagir, ao longo de um plano sequência inteiro, sem corte visível?

Num calafrio, voltou à cabine e apertou bruscamente o botão. O ronronar morreu, a luz fria

crepitou novamente. Lucie sentiu um alívio infinito. Que mente deturpada era capaz de filmar delírios daquele tipo? Ainda via aquela neblina esverdeada espalhar-se na tela, aqueles planos dos olhos, a cena de abertura e o final, de uma violência inaudita. Havia algo naquele curta-metragem que os filmes de terror clássicos não transmitiam: realismo. A menina, sete ou oito anos, nada tinha de atriz. Ou então, ao contrário, era uma atriz excepcional.

Lucie preparava-se para subir quando ouviu um barulho, no térreo. O estalo de uma sola pisando em vidro. Parou de respirar. Estaria sonhando, estressada pela projeção? Avançou, degrau por degrau, com prudência. Finalmente chegou ao hall.

A porta da entrada estava entreaberta.

Lucie precipitou-se, certa de havê-la trancado ao chegar.

Ninguém do lado de fora.

Pasma, Lucie retornou à casa, observou à sua volta. Aparentemente, nada fora vasculhado ou desarrumado. Entrou no corredor central e ouviu com atenção os outros cômodos. Banheiro, cozinha e... escritório.

O escritório... Onde Ludovic guardava seus quilos de filmes.

A porta ali também estava entreaberta. Lucie aventurou-se em meio aos rolos espalhados. Dezenas de latas jaziam no chão. Havia filmes por todos os cantos. A policial notou que apenas as latas sem rótulo — nem nome da obra, nem diretor, nem ano de produção... — haviam sido remexidas e examinadas.

Alguém viera bisbilhotar ali, e esse alguém estava atrás de uma coisa específica.

Um filme anônimo.

Ludovic contara-lhe que tinha comprado alguns rolos, na véspera, na casa de um colecionador, entre eles aquele a que ela acabara de assistir. Hesitou, examinou o cômodo. Chamar reforços parecia-lhe inútil. Não havia arrombamento, degradação, nenhum furto... Desceu, contudo, novamente, até o porão e apanhou aquele filme bizarro, a fim de levá-lo ao restaurador, cujo cartão possuía. Sem dúvida nunca vira um curta-metragem tão psiquicamente extenuante, sentia-se drenada, logo ela que, não muitos anos antes, não perdia uma necrópsia ou cena de crime.

Viu-se do lado de fora e ruminou que no fim das contas aquela luz na cara não era uma coisa tão ruim.

— [0] que fazia antes de trabalhar na Divisão de Repressão à Violência, comissário Sharko?
— Para simplificar, vamos dizer que passei um bocado de tempo na Divisão de Homicídios.

— Está bem...

Georges Péresse, o comissário da Polícia Judiciária de Rouen encarregado do caso, era um homem de rosto severo. No carro, Lucas Poirier descrevera-o como um indivíduo rigoroso, obsessivo e alérgico a qualquer forma de incursão em seu território. Perdido num terno cinza, Péresse media apenas um metro e sessenta, mas emitia uma voz à la Barry White. Tinha-se a impressão de que a atmosfera vibrava quando ele falava.

— Não estamos muito acostumados a trabalhar com... analistas. Espero que saiba se virar sozinho, já estamos com falta de pessoal e meus homens estão muito ocupados.

Sharko mantinha-se sentado à sua frente, as mãos no colo. O calor asfixiava-o.

— Não se preocupe, ficarei mudo como um relatório de necrópsia. É provável que daqui a dois ou três dias eu vá embora levando uma pilha de fotocópias debaixo do braço. O importante é que eu tenha acesso às informações — pressionou o indicador sobre a mesa reluzente —, todas as informações, se me entende, e que meu quarto de hotel disponha de uma banheira, porque gosto muito de tomar um banho gelado nesse calorão.

O comissário Péresse caiu na gargalhada, o que não era de seu feitio. Levantou-se e aumentou a velocidade do ventilador, instalado bem em frente ao retrato do presidente Sarkozy.

— Ah, quer as informações? Muito bem, investigação *in loco*, nada por enquanto. Testemunhas diretas e indiretas, nada. Afora os corpos degradados, não coletamos qualquer vestígio no local, o que é lógico se eles tiverem sido enterrados há meses e considerando as tempestades que caíram. Toda a equipe médica, legista, antropólogo forense, entomologista, está se esforçando para tentar saber o que pertence a quem. É pior que um quebra-cabeça de mil peças. Eles certamente vão passar a noite lá. Nossa única certeza é que são humanos e adultos. Infelizmente, o senhor corre o risco de partir apenas com isso, comissário. Quer dizer, quase nada.

Sharko fechava os olhos todas as vezes que o ar do ventilador lambia-lhe as maçãs do rosto.

— O que diz o cadastro das pessoas desaparecidas?

— Muito cedo para dizer, espero o retorno do IML para a datação dos cadáveres e as características físicas. Uma coisa é certa, não temos nenhuma morte coletiva e escrupulosa, nem na região, nem no país.

— E fora do país? A Interpol diz o quê?

— Faremos isso no momento certo, a investigação acaba de começar. A prioridade resume-se a compreender com que estamos lidando. Aceito pedir pistas à Interpol, mas talvez devêssemos saber que tipo informações queremos obter deles, não acha?

Ele cruzou os braços e olhou pelo vidro fumê. O comissariado central, casamata de vidro e aço, destoava na Rive Gauche. Péresse voltou-se para seu colega parisiense.

— E o senhor, suas primeiras deduções?

Em geral, a partir de processos bem fundamentados, Sharko baseava-se em quatro elementos primordiais para elaborar um perfil. A cena do crime propriamente dita, o *modus operandi*, o estado psíquico do assassino durante o crime e seu estado psíquico no dia a dia. Por ora, não dispunha de nenhum esboço preciso. Única hipótese plausível, as vítimas não tinham sido mortas no local. Abrir um crânio não era uma operação que se praticasse em qualquer esquina.

— Para ser honesto, não tenho muita coisa. Em todo caso, seria interessante dispor de um levantamento dos delinquentes ou criminosos violentos da região. Os recém-saídos da prisão, por exemplo. Considerando o número de corpos, não podemos excluir um ato de vingança. Na maior parte das vezes, os criminosos atacam pessoas que eles conhecem. Procuramos provavelmente alguém com uma caminhonete ou um veículo de grande porte. Cinco cadáveres não é algo simples de transportar. Talvez dar uma pesquisada numa locadora de carros?

— Faremos isso.

Sharko pegou seu paletó na cadeira e o deslizou sobre o ombro.

— Darei uma passada no IML amanhã, terminadas as últimas necrópsias. Pode dar um jeito de informá-los de minha visita?

Um vago suspiro.

— Como quiser. Mais alguma coisa?

Sharko estendeu sua mão pesada.

— Até amanhã, comissário. Torcendo para que os cadáveres sejam eloquentes. Houve um tempo em que eu estava em seu lugar. Sei que não é nada entusiasmante.

* * *

Meia hora mais tarde, Sharko jantava tranquilamente na varanda de um restaurante defronte à magnífica catedral de Rouen. Uma antiga recordação de escola lembrava-lhe que a cripta aprisionava o coração de Ricardo Coração de Leão. Sharko sorriu, continuava com uma memória de elefante, que exercitava regularmente com palavras cruzadas. Uma das raras qualidades que não o haviam abandonado. Ali, agora, estava satisfeito, quase feliz. Deixar a metrópole fazia-lhe um bem imenso. A vida naquele lugar parecia diferente, mais lânguida e sossegada. Para sua grande satisfação, encontrara um quarto com banheira, no quinto andar de um hotel Mercure, atrás da catedral.

Entupiu-se de macarrão, tomou um sorvete horroroso com *reblochon* e *camembert* — obviamente uma armadilha para turistas — e se encheu de água. Aquele calor, que invadia a noite, ia acabar por desidratá-lo.

Retornou ao hotel. Após o banho gelado, ficou de cuecas, engraxou os sapatos e pegou um embrulho em sua mochila, bem como um velho gravador a pilha. Retirou delicadamente o papel corrugado que protegia uma locomotiva em escala O, com seu vagonete preto para lenha

e carvão. Um dos faróis frontais estava quebrado, mas o motor batia recordes de velocidade no grande circuito instalado em seu apartamento.

O comissário colocou-a sobre a mesinha de cabeceira, ingeriu seu Zyprexa com um copo d'água e deitou-se por cima do lençol, com as mãos atrás da cabeça. O hotel... O bolor de um quarto anônimo... Tudo aquilo lhe parecia tão distante, a ele, que, nos últimos anos, realizava suas buscas com o traseiro numa poltrona de couro.

Hoje, via-se novamente em contato com o trabalho de campo, sangue, tripas. Ainda ignorava qual seria o impacto daquilo. Claro, poderia se divertir, mas o passado perigava ressurgir, de súbito. Era preferível manter-se a distância. Permanecer formal, fazer o trabalho e voltar para trás de uma vidraça. Caso contrário, Eugénie iria cobrá-lo. A garotinha dentro de sua cabeça odiava que ele saísse dos trilhos.

Quando tudo se apagou, ele virou para o lado e ligou o gravador. Aquela noite, Eugénie certamente não viria visitá-lo. Aquele tipo de radiação dentro de seu cérebro conseguia fazê-lo dormir um pouco.

O ranger das miniaturas de trens, avançando a pleno vapor sobre os trilhos, ressoou através do alto-falante. Sharko dormiu, sorrindo, tendo em mente o rosto da mulher e da filha, sequestradas cinco anos antes em circunstâncias abomináveis.

Estava em Rouen para investigar um crime hediondo, mas pouco importava. Sozinho, no meio da cama, com seus trens e uma banheira à disposição, sentia-se bem.

[D]epois do encontro com Ludovic Sénéchal, Lucie deixara o filme na casa de Claude Poignet, o restaurador. Após assimilar a notícia da cegueira de Ludovic, o especialista na autópsia de filmes recebera o rolo e prometera examiná-lo.

Naquele momento, Lucie estava ao lado da filha. Com um longo suspiro, aproximou uma última vez o garfo da boca de Juliette. Os médicos ordenaram que ela insistisse, a menina precisava comer. Fácil falar.

— Vamos, um pequeno esforço, por favor.

A menina sacudiu a cabeça e começou a chorar. Sua pele estava esverdeada, as faces, encovadas. Lucie empurrou o carrinho sobre o qual repousava o nojento prato de purê de ervilha e apertou a filha contra si. Sentiu as mãozinhas quase sem forças se retraírem em suas costas. Era difícil ver uma criança normalmente tão esperta e risonha sumindo dentro do pijama, tal era a forma como havia emagrecido, deslocando-se com uma sonda no braço.

— Não é grave, meu anjo.

— Quero ver a Clara, mamãe.

Nos últimos dois dias Lucie constataria o tamanho de seu erro. Sua vontade era trazer de volta a gêmea de sua primeira colônia de férias no Isère. Mas Clara quisera tanto aquelas férias com as coleguinhas...

— Você a verá em breve, Juliette. Em breve. Ela vai lhe mandar um lindo cartão-postal. Ela prometeu.

Lucie certificou-se de que não havia nenhum médico ou enfermeiro e pegou dois biscoitos de chocolate na bolsa.

— E isso, você quer?

— Posso?

— Claro que sim. Mas não conte a ninguém, combinado? Bata aqui.

Juliette bateu debilmente na mão da mãe, abrindo um sorriso, terminando por engolir os dois biscoitos. Sua garganta retesou-se, distinguiram-se as veias e os tendões. Lucie tratou de se livrar da embalagem, feliz porque a filha pusera finalmente algo no estômago.

Juliette terminou indo para o leito, esgotada pela doença. Quando veio para fazer suas anotações, a enfermeira observou, fazendo cara feia: “Duas colheres de purê, meio biscoito e zero de presunto.” Em outras palavras, não iriam tirar a sonda tão cedo. E, portanto, tampouco considerar a possibilidade de uma alta próxima.

Inquieta, Lucie ficou ao lado da filha até que ela dormisse, os olhos na tela da televisão.

Falava-se de um caso sórdido ocorrido nas proximidades de um oleoduto, na Alta Normandia. Uma penca de cadáveres, crânios abertos... Um *profiler* na jogada, cujo rosto ela via na tela naquele exato momento. Um sujeito forte, verdadeira carcaça de policial, certamente não a de um psicólogo. De onde vinha, de que escola? Já tivera nas mãos casos de assassinos em

série? De certa forma, Lucie o invejava. Aquela história de cadáveres com o crânio rachado era o tipo de investigação que a teria eletrizado acima de tudo. A viagem de descoberta, o medo de uma entidade perigosa, doentia. Mas estava de férias, em pleno verão. Um momento em que teoricamente as pessoas se divertem, fazem festas e esvaziam a cabeça. Aquela noite, sozinha com sua filhinha nas entranhas de um hospital, sentia-se muito distante daquele mundo.

Lucie colocou o novo bichinho de pelúcia ao lado de Juliette — um elefante azul trazido por sua mãe —, informou à enfermeira que ia dar uma saída e em seguida correu até Salengro, a cerca de cem metros da ala pediátrica. O Dr. Tournelle tinha notícias sobre Ludovic Sénéchal.

O clínico recebeu-a numa sala ampla, de onde era possível perceber, atrás das grandes vidraças, um aparelho de ressonância magnética e equipamentos de última geração. Diante de Lucie, numa parede luminescente, espalhavam-se radiografias. Sobre uma mesa, papéis e pranchas anatômicas do olho, do sistema nervoso e do cérebro. O médico esfregou nervosamente o queixo. Desde a manhã, perdera alguns fios de cabelo e exibia olheiras. Não parecia mais tão sedutor. Apenas um sujeito esgotado pelo trabalho, como qualquer um.

— Ludovic Sénéchal passou o dia fazendo exames. Foi transferido para uma unidade psiquiátrica, em Freyrat, há menos de uma hora.

Lucie levou um susto.

— Unidade psiquiátrica? Como assim?

Tournelle tirou os óculos e massageou as têmporas.

— Permita-me explicar em termos simples... Ludovic não está cego, no sentido fisiológico do termo. Como eu lhe disse pela manhã, a avaliação dos reflexos pupilares e das estruturas oculares não revelou qualquer anomalia significativa. Em contrapartida, o paciente apresenta olhar errante e ausência de contato visual.

— O senhor disse psiquiatria... Então não é um tumor?

O médico voltou-se para os cerca de vinte exames representando o cérebro de Ludovic, e apanhou um deles.

— Não. Observe, está tudo limpo. Não há anomalia.

Ele poderia perfeitamente ter lhe mostrado o cérebro de uma vaca. Ainda assim, Lucie sentiu-se reconfortada, Ludovic não ia morrer.

— Acredito no que diz.

— Também procuramos lesões nas zonas do córtex visual, o que poderia ter explicado uma cegueira cortical, mas não encontramos nada.

— Cegueira cortical?

O médico dirigiu-lhe um sorriso cansado.

— Tendemos a achar que é o olho que vê, mas ele é apenas uma ferramenta, só isso, um poço de luz. Leia esse texto, compreenderá.

Lucie pegou o cartão impresso que ele lhe estendia:

“Eset txeto etsá auqi para msotrar que nssoo cérbero não tdrauz exatamnte o que nssoo olho vê. Mas que, iflnueciado plea exeprinêcia, ele recohle globalemnte as palavars, sem se perocupar com a ordem das lertas.”

— Impressionante...

— Não é mesmo? A retina empresta somente o seu corpo, se assim posso me exprimir, para materializar uma imagem física, como faria qualquer tela de cinema. Trata-se simplesmente de um objeto passivo, uma lente. É o cérebro que interpreta, a partir das experiências e do meio ambiente cultural. É ele que transforma a imagem no que ela é: um objeto com significado.

Recolocou os exames no lugar correto.

— O fato prodigioso relativo ao meu paciente é que ele é capaz de evitar determinados obstáculos sem enxergá-los. Uma caixa que coloquemos em seu trajeto, por exemplo. Uma cadeira, um móvel. Nós filmamos, você poderá assistir às gravações. É estarrecedor.

— Não, obrigado. Já entendi. Então ele vê sem ver. É incompreensível.

— Incompreensível do ponto de vista médico. Mas se nós, médicos, não encontramos nada, é porque a fonte é psíquica.

— O senhor quer dizer uma coisa tipo... depressão ou esquizofrenia? Um distúrbio nessa linha, que o impediria de ver?

— Estaria mais certa falando em neurose, angústia, fobia ou histeria. No que nos diz respeito, suspeitamos de uma cegueira histérica. Trata-se de uma perturbação sensorial que faz parte das histerias de conversão: paralisias imaginárias, surdez, anestesia dos membros... Um dos exemplos mais conhecidos ainda é o membro fantasma.

Ele apagou as luzes e convidou Lucie a segui-lo pelos corredores da unidade de neurologia. A iluminação baça dava a impressão de um lugar futurista, asséptico.

— Um psiquiatra lhe explicaria melhor do que eu, mas a histeria é um mecanismo de defesa que se instaura para proteger o psiquismo de uma agressão súbita. Ela acontece abruptamente, em consequência de um elemento deflagrador relacionado à infância do paciente. Um elemento profundamente traumático.

— Imagens específicas poderiam provocar isso?

— Sei no que está pensando. No filme, que o teria cegado... O Sr. Sénéchal falou nisso o tempo todo. Sim, é possível, em teoria, e, considerando as circunstâncias, penso que a causa venha daí. A cegueira tendo irrompido bem no meio da projeção. O único senão é que o paciente afirma não ter ficado chocado com as imagens projetadas. Ele tem o hábito de ver ficções, e aquele olho furado que ele descreveu no início de um filme não o abalou. Quanto ao restante, nada de traumático, pelo que ele conta. Nem chegou a ver o fim do curta-metragem, já estava cego.

— Quer dizer que ele não viu a cena do touro?

— Touro? Não, não fez qualquer alusão a isso. Em contrapartida, falou muito de mal-estar, angústia crescente, progressiva. Como se alguma coisa lhe agarrasse a garganta e o asfixiasse até privá-lo da visão.

Lucie sentira exatamente a mesma coisa, uma sensação de asfixia. Esfregou os braços. No entanto, entre o corte do olho e a degola do animal, que Ludovic não vira, não havia nada efetivamente chocante. Apenas uma garotinha acariciando gatos ou almoçando à mesa.

— É possível que imagens ocultas tenham provocado isso?

O médico fez um silêncio de reflexão.

— Subliminares, é o que quer dizer? É uma pista a ser explorada.

— E... o que vai acontecer com Ludovic. Será que...

O médico se deteve. Estavam diante de seu consultório.

— Ele pode vir a recobrar a visão, progressivamente. A questão toda é tentar compreender a origem do trauma a fim de evidenciá-lo. Meus colegas psiquiatras são especialistas nesse tipo de tratamento, aplicando principalmente a hipnose. Vou lhe passar todas as coordenadas do professor responsável pelo Sr. Sénéchal, se quiser. Evite visitá-lo antes de amanhã à tarde. Enquanto isso, pode tentar avançar com o filme.

Lucie anotou as informações e voltou para junto da filha, intrigadíssima com aquela estranha história. O choque traumático, a busca na casa de Ludovic, o mal-estar durante a projeção... O que escondia aquele misterioso filme? Quem estaria tentando colocar as mãos nele? Por quê?

Silenciosamente, fez sua toalete no banheiro mínimo e vestiu o pijama. Imóvel, olhou-se demoradamente no espelho. Não para si, mas para seu reflexo, irradiação de luz projetada sobre os objetos. O Dr. Tournelle tinha razão: o olho não discernia senão um conjunto de cores e formas, enquanto o cérebro, por sua vez, via uma mulher de trinta e sete anos, feições cansadas devido a um sono precário, à falta de amor e de sexo. Interpretava cada pulsação luminosa e procurava agarrar-se a episódios vividos.

Essa reflexão levou Lucie a pensar nos diferentes planos aproximados no rosto da garotinha do balanço, durante o curta-metragem. Na pupila inquieta, nos movimentos da retina. Naquela sensação de invasão, de voyeurismo, com o filtro em forma oval: o olho que capta a luz e observa em silêncio... E, sobretudo, naquele globo ocular rasgado ao meio, primeira sequência da projeção. Lembrava-se de ter desviado o olhar, prova de que seu cérebro reagira violentamente. De que houvera de fato interpretação.

Consequentemente, sua visão do filme passou a ser outra. O diretor talvez houvesse inserido aquela sequência inicial, muito chocante, não para simplesmente exibir o horror, mas com uma intenção específica: “Concentrem-se e acompanhem o que tenho a lhes mostrar” ou “Façam como eu com meu bisturi. Abram o olho...”

Abram o olho...

* * *

No meio da noite, o celular, deixado ao pé de sua poltrona, vibrou. Dessa vez, Lucie não acordou; estava completamente esgotada.

A mensagem dizia: “Claude Poignet, o restaurador. Passe aqui no final da manhã. Tenho informações no mínimo estranhas relativas a seu filme.”

[O]s dois legistas e o antropólogo forense de Rouen haviam passado um dia inteiro e uma noite em claro trabalhando. Assim, os exames estavam quase concluídos quando Sharko chegou ao Instituto Médico Legal, na manhã do dia seguinte, ansioso para fazer todas as suas perguntas. Mais tarde, em Nanterre, provavelmente teria de mergulhar nas centenas de páginas técnicas que saíam daqueles prédios, então era preferível estar bem informado e pedir todas as explicações possíveis.

Mais tarde... Não estava especialmente com pressa de retornar, embora evoluir por aqueles prédios dedicados à morte não fosse nada aprazível. Muitas, inúmeras recordações violentas, de crimes sem solução, voltavam-lhe à mente. Uma criança encontrada morta no fundo do Sena. Prostitutas degoladas em quartos sórdidos. Mulheres e homens espancados, torturados, despedaçados, estrangulados... Dramas que haviam varrido sua existência e o levado a funcionar à base dos comprimidos de Zyprexa.

E, não obstante, ali estava ele. Bem ali.

Antes de encontrar o legista, foi arrebatado pelo especialista em ossos e dentes, o Dr. Pierre Plaisant. O médico estava de saída para uma conferência sobre as cáries de Lowenthal — característica exclusiva de viciados em heroína. Os dois homens conversaram amenidades antes de mergulhar no cerne do assunto.

— Os ossos nos deram muitas informações. Como prefere? Simples ou detalhado?

Plaisant era alto e magro, na casa dos trinta. Um cérebro brilhante sob uma testa alta e lisa como uma pílula. Atrás dele espalhavam-se radiografias dos corpos, emaranhados de ossos carcomidos pelos raios X.

— Tanto faz. Fale o suficiente para eu não ter de me esfalfar sobre as cinquenta páginas de detalhes técnicos que Péresse vai me entregar.

O médico conduziu Sharko até as proximidades das bancadas de trabalho graduadas: a mesa de aço inoxidável, as pequenas régua longitudinais e transversais para medir os ossos. Quatro esqueletos parcialmente reconstituídos repousavam sobre cada uma delas. Na sala, que parecia mais uma cozinha do que um laboratório, reinava um cheiro de terra seca e desinfetante. Os cadáveres haviam passado por um banho-maria, a fim de descolar as partes moles.

— O quinto cadáver, o mais bem conservado, espera-o na sala de necrópsia antes de ir para a câmara fria.

Pegou um lápis e inseriu-o na espinha nasal anterior do esqueleto à esquerda, o menor.

— A ponta do lápis toca o queixo. Os ossos zigomáticos estão na frente, a face é achatada e redonda. Seguramente, trata-se de um mongoloide. Os outros quatro são caucasianos.

Primeira boa notícia, a presença de um cadáver asiático facilitaria as buscas nos bancos de dados. Plaisant deixou o lápis dentro do nariz do morto, pegou um crânio rachado, pousou-o sobre os maxilares e o empurrou para trás. Ele começou a oscilar.

— Temos sempre esse movimento de gangorra nos homens. Já o crânio das mulheres não se move. Cérebro muito pequeno — sorriu — ...estou brincando.

Sharko manteve um semblante neutro, sem qualquer vontade de rir. O barulho do trânsito e o zumbido de uma mosca impossível de matar haviam acabado com sua noite. O médico se deu conta de sua réplica inconsequente e recobrou a seriedade.

— Trabalhei mais com as bacias, é mais confiável. Em todas as etnias, o osso que começa na crista do púbis é mais saliente nas mulheres. Todos os nossos indivíduos são do sexo masculino.

— Idade?

— Eu ia chegar lá. Considerando que não tinham mais dentes, baseei-me na união das suturas cranianas, nas degenerações das vértebras e, sobretudo, na borda externa da quarta vértebra. Ela...

Sharko apontou subitamente o queixo para a cafeteira.

— Posso me servir de um café? Não comi nada pela manhã e esses cheiros me dão náusea.

Interrompido em seu arroubo, Plaisant mostrou-se momentaneamente surpreso, antes de se dirigir a um canto do laboratório. Falou sem olhar para trás:

— Temos sorte quanto aos nossos indivíduos. Quanto mais jovens, menores as margens de erro. Depois dos trinta, vai ficando mais difícil. Para a idade, costumamos nos basear na área sínfisiária do púbis. No jovem adulto, essa parte é bastante áspera, com cristas e sulcos profundos. Depois nos...

— A idade?

O café estava passando, a cafeteira ronronava. Plaisant voltou para junto de seus esqueletos.

— Nossos homens têm entre vinte e dois e vinte e seis anos, idade no momento da morte. No que se refere à altura, peso e outros detalhes antropométricos, o senhor verá no relatório.

O comissário Sharko recostou-se na parede. Indivíduos jovens, todos do sexo masculino. Isso talvez fosse um critério importante, primordial, para o assassino. Seriam da mesma geração? Será que eles conviviam? Onde? Na universidade, num clube esportivo? O policial apontou o dedo para uma metade de crânio que deixava à vista, na direção do occipital, um buraco cercado de pequenas fraturas:

— Mortos a tiros?

O antropólogo pegou uma agulha de tricô.

— Mortos ou feridos, embora no caso destes prevaleça a alternativa morte. O quinto estava provavelmente apenas ferido no ombro, o senhor verá com o Dr. Busnel.

Com a agulha, apontou para a coluna vertebral do asiático:

— Este foi atingido nas costas. Tem a quarta vértebra arrebatada na parte posterior. Esses dois foram possivelmente atingidos e mortos de frente. Algumas vértebras estão fragmentadas, é provável que a bala tenha ricochetado antes de alcançar um órgão vital. Meu colega da radiografia vai fazer um exame de ultrassom, para uma reconstrução em 3D, e tentar reproduzir os pontos de entrada e saída dos projéteis. O que, considerando seu estado, não será fácil. Quanto ao último... Atingido no meio da cabeça. O projétil nem sequer saiu pela frente.

Serviu o café em duas xícaras, estendendo uma a Sharko, que, imóvel, fitava os corpos. Não havia correspondência alguma na maneira como aqueles homens haviam sido eliminados. Pelas

costas, pela frente, atingidos no meio da cabeça. Sem sombra de ritual, a matança parecia ter se dado aleatoriamente, ao passo que a ocultação e a desumanização dos cadáveres demonstravam grande controle. O que estava em jogo? Uma execução? Um acerto de contas? O resultado de um confronto?

Sharko bebericou o café.

— E o senhor não encontrou as balas, imagino...

— Não. Nem nos corpos, nem no local da descoberta. Foram todas retiradas. Às vezes de maneira brutal. Prova disso, as vértebras esartejadas, num dos esqueletos.

No fundo, Sharko esperava essa resposta. O assassino dera provas de um radicalismo impressionante, aferrolhando todas as pistas. Não havia como passar pela balística e descobrir o tipo de arma.

— Fragmentos de projéteis?

As balas não blindadas sempre deixavam fragmentos, vestígios em forma de arco ou chuvisco.

— Absolutamente nenhum... Balas blindadas, sem sombra de dúvida.

O fato, em si, não era uma revelação para Sharko. A maioria das munições tradicionais era em liga de metal, compactas, e não ocas e de chumbo como no caso de alguns fuzis de caça. O comissário passou a mão na cabeça. Queria outra coisa, um meio de seguir uma pista séria, carnal. Depois lembrou que não passava de um espectador. Estava ali para a psicologia, as motivações do assassino, e ponto final. Não cederia aos demônios da ação.

— Quando morreram?

— Aí, é mais complicado. As terras férteis sempre levantam graves problemas de cálculo. Isso depende da umidade, da profundidade, do pH e da composição do solo. A terra tinha pH particularmente ácido no local. Considerando o estado desses quatro indivíduos, eu diria entre seis meses e um ano. Não é possível ser mais preciso.

O mesmo que dizer a Antiguidade.

— Mortos ao mesmo tempo?

— Creio que sim. O entomologista encontrou poucas larvas de moscas domésticas sobre cada um deles, oriundas do primeiro contingente. O que indica que os corpos foram enterrados um ou dois dias após a morte. Eles certamente foram transportados até o local.

A parte intacta do cérebro de Sharko já trabalhava os dados. Era preciso voltar ao cadastro de óbitos sob outro ângulo, privilegiando o critério cronológico em vez do geográfico. O perito prosseguiu com as explicações:

— Penso também que dois indivíduos trabalharam sobre os corpos, após sua morte. O que serrou os crânios e... o que ficou responsável pelas mãos e dentes.

Estendeu uma lupa ao policial.

— Os crânios foram cortados com uma precisão cirúrgica. Trata-se, claramente, de uma serra Streker ou algo do gênero, usada em medicina legal ou cirurgia. O corte tem precisão profissional. Pode verificar com a lupa: há estrias características.

Sharko pegou o instrumento ampliador e o colocou sobre a mesa sem utilizá-lo.

— Profissional... Alguém do ramo?

— Alguém acostumado a serrar. O ponto de partida, por exemplo, corresponde exatamente ao ponto de chegada, e garanto que isso não é nada fácil de realizar sobre uma estrutura circular. Quanto à profissão, pode ir de legista a lenhador.

— Ao mesmo tempo, tenho dificuldade para imaginar um lenhador serrando carvalhos com uma serra cirúrgica. E a respeito do outro possível indivíduo?

— Os dentes foram arrancados brutalmente, sobram raízes nas cavidades. O trabalho foi feito com alicate. E, no caso das mãos, com certeza um machado. Se fosse o mesmo autor, teria havido mais rigor. E ele seguramente haveria utilizado a serra.

Consultou o relógio e deixou a xícara ao lado da cafeteira, que ele desligou.

— Sinto muito, preciso ir. O senhor terá tudo em...

— Os cérebros haviam sido removidos?

— Sim. Caso contrário, teríamos encontrado vestígios de líquido raquidiano ou dura-máter, feita de fibras de colágeno tão densas que teriam resistido um ano sob a terra. Também tiveram os olhos retirados.

— Os olhos?

— Está no relatório. A terra encontrada nas cavidades oculares não revelou qualquer presença de fluidos, como o humor vítreo. Quanto ao restante, sugiro que converse com o Dr. Busnel, no subsolo. Passei a noite em claro, preciso de pelo menos uma ducha antes de minha conferência, se me permite.

Os dois homens se despediram no corredor. Sharko desceu a escada sob o efeito das revelações. Um primeiro esboço possível desenhava-se em sua cabeça, que abria para duas pistas opostas. De um lado, o que parecia assassinato à bala e dissimulação sugeria uma execução: pessoas tentam fugir ou atacar, são mortas e seus corpos escamoteados de maneira muito “profissional”. O enterro em camadas profundas, em si, é um excelente método, ao lado do fogo e do ácido. Do outro lado, aquela história de cérebros e olhos extirpados, que guiava a análise para um procedimento ritualizado, perfeitamente controlado, que exigia sangue-frio e boa dose de sadismo. Cinco cadáveres faziam pensar imediatamente numa série ou numa chacina... Mas com dois assassinos? Fosse como fosse, algo incomum, para resumir. Sharko tinha como princípio não desprezar qualquer pista associada às motivações profundas do assassino ou dos assassinos. Existiam, neste planeta, indivíduos suficientemente maníacos para matar pessoas e devorar-lhes o interior do crânio com uma colherzinha.

O comissário chegou ao necrotério. Ao fundo, uma porta envidraçada dava para uma lâmpada cialítica. Num IML, a sala de necrópsia nunca era difícil de encontrar. Bastava seguir o cheiro, não tinha erro. Quando Sharko apareceu, o Dr. Busnel esguichava água no chão de ladrilho. O policial parisiense permaneceu na soleira. Esperou que o homem o notasse e finalmente se aproximasse.

— Comissário Sharko, de Paris?

Sharko estendeu a mão. Aperto de mão firme.

— Vejo que o comissário Péresse passou adiante a informação correta.

— Está chegando depois de todo mundo, e devo confessar que me aborrece repetir a mesma coisa. Faz dois dias que não largo isso. Estou exausto, há os relatórios e...

Sharko apontou uma mosca, no lençol verde que cobria o corpo.

— Havia uma mosca no meu hotel também. Aqui, porém, é refrigerado. Nada as detém. Tenho horror a insetos, principalmente os voadores.

Busnel não escondeu sua irritação. Foi até a mesa e puxou o lençol.

— Pois bem. Quer fazer o favor de se aproximar, para terminarmos?

O comissário observou a água correndo tranquilamente por uma fonte. Aproximou-se lentamente, como que pisando em ovos.

— São meus sapatos que me preocupam. São de couro de Córdoba e...

— Podemos falar do indivíduo mais bem conservado, por favor? Suponho que meu colega da antropometria já lhe deu ciência?

— Perfeitamente.

Busnel era um rapaz forte, beirando um metro e noventa de altura. Com seu rosto quadrado e seu nariz achatado, teria lugar garantido num jogo de rúgbi. Sharko desviou os olhos para o cadáver. Viu-se diante de uma entidade indescritível, um magma de carne, terra, ossos e ligamentos. Tão desumanizado que nem era mais chocante. Também tinha o crânio cortado.

O legista apontou para o ombro esquerdo.

— Eis o ponto onde ele recebeu o projétil, que saiu por trás do músculo deltoide. *A priori*, não foi esta a *causa mortis*. Digo *a priori*, porque, considerando o estado de degradação, não tenho meios para esclarecer precisamente a morte.

Busnel apontou então toda a parte descarnada sobre os braços, os pulsos, o torso.

— Essas zonas foram esfoladas.

— Com que instrumento?

O médico dirigiu-se a uma mesa e ergueu um vidrinho fechado. Sharko apertou os olhos.

— Unhas?

— Sim, estavam enfiadas na carne. As análises irão confirmar, mas creio inclusive tratar-se das unhas da própria pessoa. Unhas do polegar, do indicador e do dedo médio da mão direita.

— Ele se flagelou antes de morrer, o maluco.

— Sim. Com tamanha força e violência que chega a ser incompreensível. A dor deve ter sido abominável.

Cada vez mais, o policial tinha a impressão de nadar em águas turvas. Aquelas descobertas eram mais extraordinárias do que ele pensava.

— E... quanto aos outros corpos?

— Mais difícil falar, por seu estado. Calculo que foram igualmente esfolados em determinados lugares, como ombros, panturrilhas, costas. Mas não com unhas. As marcas são nítidas, regulares e, sobretudo, profundas. Como as de uma faca ou de um instrumento cortante. Técnica clássica para retirar tatuagens.

Apontou novamente para as unhas.

— Podemos obrigar qualquer um a se mutilar com um revólver apontado para a testa. A questão é saber para quê.

— Eu poderia ver as fotografias?

— Estão anexadas ao dossiê. Não é nada bonito, acredite em mim.

— Sempre acreditei nos legistas.

O médico apontou com o queixo para uma mesinha, sobre a qual repousava um saquinho transparente.

— Temos isso também. Um ínfimo pedaço de plástico verde, encontrado sob a pele, entre a clavícula e o pescoço.

Sharko aproximou-se da mesinha.

— Tem ideia do que seja?

— É cilíndrico, perfurado no meio. Trata-se seguramente de um resíduo de um túnel de cateter subcutâneo utilizado em cirurgia.

— Com que objetivo?

— Vou checar com mais precisão junto a um cirurgião. Mas, segundo minhas belas recordações, há uma série de possibilidades. Pode ser uma câmara implantável, utilizada para despejar produtos de quimioterapia, por exemplo. Também é usado como cateter central, para evitar ter de espetar o paciente diversas vezes. As análises toxicológicas e das células deveriam ser eloquentes. Sofriam de uma doença? Câncer?

— Outra coisa?

— Não no que me diz respeito. O resto é com o técnico em medicina legal, não vai se interessar muito. Na sequência, fiz coletas no psoas para o DNA de cada indivíduo. Como lhe haviam raspado o crânio, os pelos pubianos foram despachados para os caras da toxicologia. Agora é com eles. Espero que isso nos leve a uma identificação, caso contrário esse caso corre o risco de tornar-se interminável, além de extremamente complicado.

— Já está, não acha?

O legista começou a tirar seu macacão manchado. Sharko coçou os lábios, olhando para o chão.

— Nunca, nem no tempo em que eu frequentava os necrotérios, pensei em comprar sapatos como os seus, de borracha. Pode imaginar o número de pares de sapatos top sider que estraguei. O cheiro dos mortos parecia... incrustar-se no couro. Onde posso comprar calçados como esses?

O especialista fitou seu interlocutor, depois voltou ao fundo da sala para guardar seus últimos instrumentos, exibindo um sorriso pálido.

— Vá a Leroy Merlin, prateleira de jardinagem, deve encontrar por lá. E agora, até mais, comissário. Vou dormir, se me permite.

Uma vez do lado de fora, Sharko respirou uma boa golfada de ar puro, consultando o relógio. Quase onze horas... A maioria dos relatórios não sairia antes do final do dia. Observou o céu sem nuvens e cheirou suas roupas. Apenas duas horas lá dentro e já estavam impregnadas. O policial parisiense decidiu voltar ao hotel para se trocar, antes de ir até a PJ sondar o ambiente e consultar os bancos de dados. Aproveitaria para exterminar aquela maldita mosca que lhe escapara a noite inteira.

E depois, se nada avançasse concretamente dentro de quarenta e oito horas, empacotaria as coisas para digerir tudo em Nanterre. Já estava morrendo de saudades de seus trenzinhos elétricos.

[O] restaurador de filmes Claude Poignet morava na rua Gambetta, confluência de comércios ecléticos e lojas pitorescas. Um lado da rua desembocava em Wazemmes, com seu mercado coberto e sua mistura de etnias; pelo outro, chegava-se aos bairros estudantis, ao longo das ruas Solférino e Vauban. Em sua casinha, espremida entre um restaurante chinês e uma tabacaria, o septuagenário não inspirava confiança. Óculos bifocais com armação marrom, velho suéter de lã bordado com gola em V, camisa de xadrez malpassada. Afinal, era um restaurador de filmes antigos ou um antigo restaurador de filmes?

— Eu diria antigo restaurador de filmes antigos. Parei já faz uns dez anos, por causa da minha vista. A luz não chega mais tão perfeitamente quanto antes. E o cinema, acima de tudo, é luz, sabia? Sem luz, não há cinema.

Lucie avançava no interior de uma dessas velhas casas do Norte, com azulejos cimentados, pé direito alto e encanamento aparente. Uma chaleira estava no fogo, emitindo um cheiro de café forte. Quando Claude encheu as duas xícaras, Lucie julgou que ele servia carvão líquido. Ela, que em geral bebia seu suco de frutas sem açúcar, colocou imediatamente dois torrões.

— E então? Conseguiu autopsiar o curta-metragem?

Poignet sorriu. Seus dentes combinavam com o cenário: cem por cento rústico. Contido, ainda exibia, atrás das rugas, as feições de um homem que devia ter sido interessante, ao nível de Redford.

— É realmente um termo policial “autopsiar”. Como uma bonita moça feito a senhorita pode ficar perseguindo bandidos?

— Provavelmente para ficar arrepiada. No caso do senhor, são as bobinas; no meu, a rua. Ambos procuramos consertar o que não funciona, acho que é por aí.

Fez força para engolir a bebida. Intragável, mesmo com todo o açúcar do mundo. Um gato angorá veio ronronar entre suas pernas, e ela o acariciou com ternura.

— O senhor e Ludovic se conhecem há muito tempo?

— Eu e o pai dele fomos para o exército juntos. Dei para Ludovic seu primeiro projetor, um 9,5mm da Pathé, do qual estava me livrando por falta de espaço. Já se vão vinte anos. Nessa época ele organizava sessões de projeção nas paredes da casa do pai. Inacreditável o que está acontecendo com ele. Sua mãe morreu de uma doença, ele não tinha nem nove anos. É um bom rapaz, sabia?

— Sabia, e é para ajudá-lo que estou aqui. Pode me falar do filme?

— Vamos até lá.

Subiram os degraus estreitos, estrepitosos, que demonstravam claramente a idade da casa. Dezenas de retratos enfeitavam as paredes. Não de estrelas de cinema, mas de uma mulher anônima, cujo rosto delicadamente maquiado captava de maneira magnífica a luz. Seguramente vestígios de uma obsessão, de um amor evanescido muito cedo. Uma vez lá em cima,

atravessaram um hall com assoalho gasto, mergulhado na penumbra.

— À esquerda, meu laboratório de revelação. Às vezes ainda filmo com uma velha 16mm, para me divertir. Deixarei este mundo com uma película na ponta dos dedos, acredite.

Abriu o quarto escuro, permitindo o vislumbre de câmeras, rolos de filmes, galões com produtos químicos, depois empurrou suavemente a porta.

— É para o fundo que vamos.

O último cômodo desembocava num verdadeiro laboratório dedicado ao universo do cinema. Mesas de montagem e de visualização, lupas, material de informática de última geração, com escâner de filmes. Havia também diversas ferramentas bem mais arcaicas. Tesoura, cola, guilhotina de mesa, fita adesiva, régua. Lucie tivera razão em usar a palavra “autópsia”. Devia-se dissecar ali um filme como se fosse um corpo. Havia inclusive luvas de algodão branco, que o restaurador vestiu.

— Em breve tudo isso deixará de existir. As câmeras de alta definição inteiramente digitais exterminarão o bom e velho 35mm. A magia do cinema está se perdendo, ouça o que eu digo. Um filme sem um fotograma pulando ainda é um filme?

O malfadado rolo estava engatado num eixo rotativo vertical, do lado esquerdo da mesa de visualização. A película, esticada sobre um metro, atravessava um dispositivo central que exercia a função de lupa e tela, antes de sair novamente em direção a uma bobina de recolhimento. A única iluminação do ambiente era uma lâmpada fria.

— Começemos pelo começo. Aproxime-se, cara senhorita. Permita-me dizer que é encantadora.

Ele não tinha papas na língua. Lucie sorriu e foi se instalar ao seu lado, de frente para a mesa de visualização.

— Como prefere? Simples ou detalhado?

— Não hesite em entrar nos pormenores, sou completamente leiga, embora adore cinema. Quando o senhor deu o projetor de presente para Ludovic, eu estava assistindo ao meu primeiro filme de terror, sozinha, às onze da noite. *O exorcista*. Minha pior e melhor lembrança.

— *O exorcista*... Uma das produções mais lucrativas da história do cinema. O diretor do primeiro, William Friedkin, impusera condições abomináveis aos atores. Tiros de surpresa no ouvido, locações glaciais para exacerbar a interpretação. Agora os atores querem conforto.

Lucie observava-o com ternura. Falava apaixonadamente, como seu pai quando se punha a falar de iscas e varas de pescar... Ela era um bebê na época.

— Então, nosso filme...

— Nosso filme, sim. Primeiro, o formato: 16mm. Foi inteiramente realizado com a câmera no ombro. Sem dúvida uma Bolex. Leve, portátil, a câmera mítica dos anos cinquenta. Estranhamente rodado a cinquenta fotogramas por segundo, como indicado na ponta inicial, ao passo que o padrão é vinte e quatro fotogramas por segundo. Mas a Bolex permitia esse gênero de extravagância, satisfazendo dessa forma a exigências diversas.

— Esse filme é o original?

— Não, não. O original, o que sai da câmera, é impresso em negativo sobre a película, como na fotografia. No nosso caso, dispomos da cópia positiva, a que o olho vê. Trabalhamos

sempre com positivos, que servem também como cópia de preservação. Dessa maneira, podemos cortá-los e manipulá-los sem receio.

Puxou a fita com a ajuda de uma manivela. Na tela apareceu, abaixo da fita: S Å F E T Y.

— Esse termo impresso na ponta inicial do filme, SAFETY, indica que o suporte da emulsão é acetato, inofensivo. Até os anos cinquenta, eles ainda eram, em sua maioria, em nitrato, inflamável. Sem dúvida a senhorita tem na cabeça a cena em que Philippe Noiret pega fogo no interior de uma cabine de projeção, em *Cinema Paradiso*, porque abre uma lata contendo uma película em nitrato. Mítico.

Apesar de nunca ter assistido ao filme, Lucie assentiu. Os clássicos italianos não faziam muito seu gênero, ao contrário dos policiais americanos dos anos cinquenta, que ela devorava com paixão.

— A bolinha preta, em cima do A, atesta que a película foi fabricada no Canadá. É o código internacional utilizado pela Kodak.

Canadá... Ludovic explicara ter descoberto o rolo no sótão de um colecionador belga. E hoje, aquela mesma bobina estava na França. Aqueles filmes anônimos deviam ter uma vida igual à dos selos de coleção ou moedas, viajando de país em país. Lucie guardou num compartimento do cérebro que, se o que estivesse em jogo valesse a pena, talvez fosse preciso interrogar o filho do colecionador. Foi obrigada a admitir para si mesma que aquela pequena investigação pessoal, longe das trilhas já percorridas, empolgava-a. Claude pareceu ler seus pensamentos.

— Esses filmes viajam e se perdem. Mais de cinquenta por cento das obras anteriores à Segunda Guerra Mundial sumiram, pode imaginar? Dentre elas, verdadeiras obras-primas que sem dúvida estão mofando nos porões. Méliès, Chaplin, um monte de John Ford também.

— É possível saber quando este foi rodado?

Claude Poignet girou a manivela. Ao chegar ao primeiro fotograma do filme, inteiramente preto exceto pelo círculo branco, apontou para a borda inferior da fita. Lucie observou a presença de dois símbolos, + ■, logo acima das perfurações e dos números.

— A Kodak utilizava um código composto de figuras geométricas para datar os seus filmes. Código que reutilizava a cada vinte anos.

Estendeu uma folha de papel plastificada para Lucie, uma espécie de ficha técnica.

— Veja essa tabela. A cruz e o quadrado demonstram que o positivo foi fabricado em 1935, 1955 ou 1975. Considerando o estado da película e as roupas da atriz na cena de abertura, não resta dúvida de que se trata do ano de 1955. — Apontou o indicador para a tela. — Este número aqui, presente a cada vinte fotogramas, é o que chamamos de número de borda. Ele identifica o fabricante, Kodak para o que nos diz respeito, o tipo de película, o número de rolo e um sufixo com quatro algarismos que individualiza cada imagem. *Grosso modo*, podemos saber quando e de que laboratório saiu essa película. Entretanto, garanto-lhe desde já que não chegará a nada com esses números, é tudo muito antigo, e, levando em conta o progresso, é muito provável que o laboratório de origem não exista mais.

Olhou para Lucie com um ar satisfeito. Suas lentes aumentavam consideravelmente seus globos oculares. Lucie retribuiu-lhe o sorriso.

— Vamos ao conteúdo?

O semblante do homem abateu-se. Perdeu instantaneamente o bom humor.

— Eu deveria ter-lhe falado no início, mas esse é um filme de gênio e de psicopata. Os dois mancomunados na mesma mente degenerada.

Lucie sentiu o coração disparar. No meio das férias, via-se nos confins de uma oficina, na fronteira do mundo doentio com o qual esbarrava diariamente no trabalho investigativo.

— Isso significa...?

— Que há aí dentro imagens no mínimo... perturbadoras. A senhorita deve ter sentido isso lá no fundo, sem realmente compreender por quê.

— Sim. Um mal-estar. Sobretudo com a cena do olho, no início, que mergulha imediatamente o espectador numa atmosfera congelante.

— Uma simples trucagem, evidentemente. O olho rasgado é o de um animal, talvez um cachorro. Mas essa sequência mostra sobretudo que o olho, em si, não passa de uma mera esponja que capta a imagem, uma superfície lisa que não compreende o sentido das coisas. E que, para ver melhor, convém penetrar essa superfície lisa. Ir além. Ao interior do filme...

Claude Poignet girou a manivela, até expor, sob a lupa, a imagem de uma mulher completamente nua. Seios volumosos, pose provocante, era a atriz desdenhosa do início do filme, cujo olho era perfurado. Estava num cenário escuro, pouco contrastado. Nessa imagem fixa, dezenas de mãos surgiam por trás para explorar suas formas e seu sexo. Não se distinguiam os atores, deviam estar todos de preto, como assistentes no número de um mágico. O restaurador deslocou então a película em um fotograma, acionando a manivela. Voltamos imediatamente à garotinha, instalada no balanço. Seu rosto substituíra o da mulher com uma precisão quase milimétrica.

— O vigésimo quinto fotograma, como se diz, embora aqui nesse caso se trate do quinquagésimo primeiro. Esse filme está cheio disso. Data de 1955, quando o procedimento subliminar foi oficialmente utilizado por James Vicary, um publicitário americano, em 1957. É um tremendo blefe, devo dizer.

Lucie conhecia o princípio das imagens subliminares. Elas apareciam tão fugazmente que o olho não tinha tempo de percebê-las, ao passo que o cérebro as “enxergara”. A policial lembrou que François Mitterrand utilizara essa técnica em 1988. O candidato à presidência aparecera nos créditos do jornal da Antenne 2, mas não por tempo suficiente para que o espectador pudesse percebê-lo de maneira consciente.

— O criador desse filme seria então um precursor?

— No mínimo, alguém extremamente talentoso. O grande George Méliès inventou tudo em matéria de efeitos especiais e manipulação de película, mas não a mensagem subliminar. E não esqueça que estamos nos anos cinquenta, quando os conhecimentos sobre o cérebro e o impacto das imagens sobre a mente ainda são relativamente rudimentares. Tenho um amigo que trabalha com neuromarketing, vou lhe dar seu endereço. A propósito, passarei o filme para ele também, se isso não incomodá-la. Com suas máquinas de última geração, ele talvez desvende coisas interessantes que meus olhos possam ter deixado passar.

— De forma alguma. Faça isso, por favor.

O restaurador vasculhou numa cesta cheia de cartões de visita.

— Fique com o cartão dele, por via das dúvidas. Ele pode falar de mensagem subliminar melhor do que eu. O cérebro, as imagens, seu impacto sobre a mente. A senhorita se dá conta a que ponto hoje somos manipulados, sem perceber? Tem filhos?

As feições de Lucie enterneceram-se.

— Tenho. Gêmeas, Clara e Juliette. Têm oito anos.

— E provavelmente já passou *Bernardo e Bianca* para elas.

— Como todas as mães.

— No desenho animado, em dado momento, temos a imagem subliminar de uma mulher nua em uma janela. Um pequeno delírio pessoal do animador, certamente, que, fique sossegada, não terá consequência alguma na mente de suas filhas, a imagem é muito pequena! O fato é que ninguém percebeu nada, durante todos esses anos em que o desenho animado vem circulando.

A conversa descambava para o sórdido. Lucie fixou a imagem da vedete despida. Provocante, oferecida. Um tremendo escândalo para a época.

— Como o nosso cineasta agiu para inserir imagens subliminares no filme?

— A senhorita já fez recorte e colagem no colégio? É a mesma coisa aqui. Ele primeiro filmou cenas dessa atriz nua em outra película. Em seguida, recortou as imagens que o interessavam da película A e inseriu-as na película B, cortando e colando, aqui também. Feito isso, duplicaram o fotograma, e chegaram ao que a senhora tem diante dos olhos. Vários diretores famosos utilizaram esse procedimento para aumentar o impacto de suas sequências. Hitchcock em *Psicose*, Fincher em *Clube da luta* e muitos outros criadores de filmes de terror. Mas isso foi bem mais tarde. Naquela época, absolutamente ninguém podia desconfiar da presença dessas imagens.

— E quanto às outras imagens subliminares nesse filme? Como são?

— Imagens lascivas, pornográficas, gotejando suor e sexo. Há também cenas de amor repulsivas e ousadas, com homens mascarados. Depois, no final, surgem as cenas de assassinatos.

— Assassinatos?

Lucie sentiu uma tensão repentina nos músculos. Já ouvira falar nos *snuff movies*. Assassinatos registrados em filme, fitas circulando de mão em mão em circuitos paralelos, subterrâneos. Seria possível que estivesse diante de um deles? Um *snuff movie* com mais de meio século de existência?

Claude girou a manivela lentamente. Os algarismos no contador iam subindo. O restaurador interrompia a cada fotograma escondido. Algumas cenas de nudez eram particularmente ousadas, nada sedutoras, no limiar da morbidez. Não restava dúvida de que, numa época em que uma mulher mal podia vestir um maiô, aquilo teria escandalizado.

— As sequências sangrentas aparecem mais para o fim. A cena entre a garotinha e o touro é cheia delas. Desculpe, levo alguns segundos para girar essa manivela, meu rebobinador automático quebrou. De todo modo, esse filme tem uma duração de treze minutos, ou seja, mais de cem metros de película. Mas me conte, você e Ludovic namoravam? Ele sempre foi atraído por mulheres do seu tipo.

— Do meu tipo? Como assim?

— Uma pequena Jodie Foster.

Lucie riu com simpatia.

— Suponho que seja um elogio.

— Sem tirar nem pôr.

— Ehh... No que se refere à sequência do touro que se detém diante da garotinha, como eles fizeram? Uma trucagem?

Lucie cruzou as mãos nas costas. Muito curiosamente, poucos filmes haviam lhe impressionado tanto quanto esse. Sentia-se capaz de descrever cada cena do curta-metragem com precisão, como se estivessem impressas em sua massa cinzenta.

— É provável. Mas o animal é efetivamente degolado num determinado momento. Quanto à garota diante do touro... Preciso analisar as imagens em detalhe. Talvez tenham filmado primeiro o touro sozinho, rebobinado a película sem expô-la à luz, depois filmado a garota sozinha, jogando com a sobre-exposição. Mas isso me parece bastante complexo e, vale dizer, está incrivelmente bem-feito para uma época em que não só não existiam computadores como o equipamento era muito rudimentar.

— E as pupilas dilatadas da menina, o senhor notou? Poderiam tê-la drogado?

— Não se drogavam as atrizes. Maquiagem para cinema e efeitos especiais dão perfeitamente conta do recado. A propósito, já existiam nos anos cinquenta.

Ele diminuiu o ritmo da exibição. Lucie via as imagens sucederem-se na tela, o movimento nascer e variar de acordo com a velocidade de rotação. Chegaram à imagem da pastagem, protegida pela cerca. Claude rebobinou devagar, até parar numa imagem chocante. Na relva, a atriz nua, deitada candidamente no solo, os cabelos esparramados como serpentes da Bíblia. Uma incisão circular e escura perfurava-lhe o ventre como um poço. Lucie levou a mão à boca.

— Minha nossa!

— Pois é.

Claude se afastou, pegou o filme e o expôs à luz fria.

— Observe... É muito bem-feito, porque, tal como nos clichês pornográficos, a imagem subliminar apresenta o mesmo tom das outras imagens. Mesmas cores predominantes, mesmos contrastes, mesma luminosidade. A pastagem é diferente, mas isso é pouco flagrante. Quando o filme corre na velocidade normal, não há qualquer ruptura de cor e, portanto, não percebemos rigorosamente nada. Em compensação, o cérebro é violentamente bombardeado.

Lucie aproximou o rosto da película o máximo que podia. Pensar que aquelas imagens haviam atravessado seu olho sem que ela se desse conta... Um metro adiante, na fita translúcida, ela voltou a perceber a mulher naquela posição de morte. E mais à frente novamente, à medida que Claude ia passando a fita entre os dedos.

— A cada aparição da atriz, a cada duzentos fotogramas mais ou menos, há uma incisão suplementar, que parte desse círculo negro na barriga. Como numa continuidade temporal. Tudo isso para formar...

Girou novamente a manivela e parou na inacreditável cena em que o touro encara a menina. A imagem seguinte, totalmente diferente.

— ...um olho.

Lucie não acreditava no que via. Progressivamente, haviam rasgado a mulher em todas as direções a partir do umbigo, como um sol de incisões. Feridas abertas sobre seu corpo branco congelado na grama. Com toda a clareza possível, as escoriações formavam uma pupila com sua íris. Um olho escondido, maligno, que observava, trespassava, impelia a desviar a cabeça. Não ver mais. Lucie tinha a impressão de se encontrar diante de fotografias de cenas de crime: uma vítima confrontada com um assassino pervertido, sádico.

— Não pode ser uma trucagem — afirmou. — É tão... real.

Claude tirou os óculos e os limpou com uma flanela. Sem aquele fundo de garrafa, recuperava um rosto equilibrado, de feições delicadas, apesar das rugas profundas.

— É o princípio por excelência das trucagens bem-feitas. Não tenho dúvida de que é o que temos à nossa frente.

O preto e branco intensificava a violência da imagem, dissociando o corpo mutilado de seu ambiente. Lucie continuava pasma:

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque se trata de cinema, jovem senhorita, não de realidade. A sétima arte é a da magia, da ilusão, do *trompe-l'œil*. Essa mulher poderia muito bem ser uma boneca. Dedos habilidosos, um pouco de maquiagem e alguns efeitos de direção dariam conta do recado. Um precursor, como a senhorita dizia, quando hoje vemos a que ponto a imagem habita nossa vida e a irriga com a violência. Nossos filhos deparam-se diariamente com mais de trezentas mil imagens. É ou não é impressionante? E sabe quantas delas estão associadas à violência, à morte, às guerras?

Os olhos daquela que Lucie chamava intimamente de “a vítima” apontavam para o céu, vazios de qualquer forma de vida. Um pouco perturbada, a policial voltou-se para Claude.

— Acha que esse filme foi exibido nos cinemas?

— Não creio. O aspecto das perfurações, sobretudo as situadas no início do rolo, é impecável. Essa cópia aqui, pelo menos, nunca foi explorada em grande escala.

— Por que a mensagem subliminar, nesse caso? Qual o sentido de toda essa encenação?

— Sessões privadas? Um filme que esse diretor mostrava a outros olhos além dos seus, quem sabe? Uma fantasia pessoal? Afinal, o subliminar possui uma força extraordinária. É um fluxo direto entre a imagem e o inconsciente, que nenhuma censura é capaz de bloquear. Pegam essa imagem e a imprimem no seu cérebro, sem intermediários. Um meio ideal para transportar a violência, o sexo e a perversidade por caminhos escusos. Hoje em dia, fazem isso na internet não só com imagens, mas também com sons. Grupos que transmitem mensagens subliminares nas letras de suas músicas, por exemplo. Nosso cineasta talvez extraísse prazer desse tipo de delírio... Quando penso que foi em 1955... Sujeito brilhante... impõe respeito.

Claude apagou a tela. Lucie não desgrudava mais os olhos do rolo. Milhares de imagens se sucedendo, imprimindo morte ou vida. Pensou num rio cintilante, magnífico, que acumulasse parasitas invisíveis e perigosos em suas profundezas.

— Isso é tudo que podemos arrancar do filme?

Claude pareceu hesitar.

— Não. Penso que ele veicula outra coisa. Para começar, por que cinquenta fotogramas por segundo? E o que significa aquele círculo branco, no alto, à direita? Ele está presente em todas as

imagens...

Balançou a cabeça, apertando os lábios.

— ...há essas brumas, essas zonas escuras da tela, essa névoa onipresente, uma espécie de filtro sobre a lente. O cineasta parece brincar com os contrastes, a luz, o não dito. Senti uma angústia idêntica à sua ao assistir ao filme. As imagens pornográficas ou as da mulher torturada não são suficientes para criar um mal-estar tão intenso. E depois, não vamos nos esquecer de que Ludovic está internado num hospital psiquiátrico por causa desse filme. Devo ter deixado passar algumas coisas. Eu teria que reexaminar tudo meticulosamente. Cada fotograma, cada fragmento de imagem, um a um. Mas isso levaria dias...

Lucie não conseguia mais se desvencilhar da visão daquela mulher destrocada. Um grande olho negro, como um ferimento, no ventre. Talvez estivesse diante das provas de um assassinato. Embora o episódio remontasse a mais de cinquenta anos, queria ficar com a consciência tranquila. Compreender, pelo menos.

— Como podemos encontrar essa mulher?

Claude não pareceu surpreso com a pergunta. Manipulando filmes em grande parte perdidos ou anônimos, devia estar acostumado com aquele tipo de indagação.

— Penso que convém procurar na França. Ela veste um tailleur Chanel, o de 1954, ou seja, um ano antes da revelação da película. Minha mãe tinha um igual...

Rodado na França, revelado no Canadá? Ou será que a “atriz”, caso se tratasse efetivamente de uma atriz, deslocara-se para lá? Por quê? Como a teriam convencido a atuar naquele curta-metragem doentio? Algo de estranho havia ali, em todo caso.

— Seios generosos, corpo violão, estamos em pleno período Bardot, quando os cineastas enfim ousam mostrar a mulher. Seu rosto não me diz rigorosamente nada, mas posso entrar em contato com um historiador do cinema especialista nos anos cinquenta. Ele tem contatos em todos os centros arquivísticos e cinematográficos do país. O meio pornô ou erótico era muito fechado e censurado na época, mas não deixava de haver um circuito. Se essa mulher um dia foi atriz e atuou em outros filmes, meu amigo a encontrará.

— Você teria como fazer cópias dos fotogramas subliminares a partir do rolo?

— Tenho coisa melhor a lhe propor: vou digitalizar o filme. Meu escâner de 16mm é capaz de engolir dois mil fotogramas por hora em baixa resolução. Não se preocupe, a qualidade será excelente mesmo assim, contanto que não ampliemos numa tela de cinema. Quando terminar, colocarei num servidor, e a senhorita pode baixar o arquivo na sua casa.

Lucie agradeceu calorosamente e deixou seu cartão na cestinha.

— Telefone quando tiver novidades.

Claude assentiu e apertou-lhe a mão entre as suas.

— É por Ludovic que faço isso. Graças a seus pais, conheci minha esposa. Ela se chamava Marilyn, como a outra... — suspirou, exalando um bafejo carregado de nostalgia — ...realmente tenho vontade de saber por que esse maldito filme o cegou.

Já do lado de fora, Lucie consultou seu relógio, quase meio-dia... Sua conversa com Claude Poinet dera-lhe náuseas. Pensava naquelas imagens subliminares, enxertadas nela à revelia. Sentia que elas vibravam em algum lugar em seu organismo, sem saber exatamente onde. A

cena do olho rasgado a chocara, mas pelo menos ela tivera consciência disso, ao passo que o restante... Simples obscenidades de pervertidos inseridas em seu cérebro, sem possibilidade de luta.

Quem assistira àquela insânia? Por que fora fabricada? Assim como Claude Poignet, Lucie pressentia que aquela fita maldita ainda escondia segredos sinistros.

Com mil perguntas na cabeça, foi pegar o carro no estacionamento da République. Dentro dele, antes de ligar o motor, deu uma espiada no anúncio do herdeiro dos filmes antigos, Szpilman, que Ludovic lhe fornecera. Vendo coleção de filmes antigos 16mm, 35mm, mudos e falados. Todos os gêneros, curtas e longas-metragens, anos 1930 e antes. Mais de 800 rolos, sendo 500 de espionagem. Fazer oferta no local...” O garoto talvez tivesse conhecimento de alguma coisa, valia a pena dar um pulo em Liège. Antes disso, porém, passaria no hospital para almoçar com sua mãe e Juliette. Finalmente, almoçar... Não podia ser difícil.

Já estava morrendo de saudades da filhinha.

[F]ora de si, Sharko foi abrindo uma cabine após outra do banheiro da Polícia Judiciária de Rouen, a fim de certificar-se de que estava sozinho. O suor encharcava sua testa, um sol inclemente queimava através dos vidros. Era abominável. Voltou-se de forma brusca, com os olhos irritados e raivosos.

— Você é insuportável, Eugénie, concorda? Comprarei seu molho coquetel, mas agora não! Estou trabalhando, caso não tenha reparado.

Eugénie permanecia sentada na beirada da pia. Usava um vestidinho azul, sapatos vermelhos com fivelas, e seus longos cabelos louros estavam presos. Fazia uma cara de troça, enrolando prazerosamente uma mecha em volta dos dedos. Não suava.

— Não gosto quando faz essas coisas, Franck, querido. Sinto pavor de esqueletos e de mortos. Éloïse também tinha medo, então por que recomeça e me faz sofrer? Você estava no seu escritório, certo? Agora não quero mais ir embora sozinha. Quero ficar com você.

Sharko ia e vinha, bufando como uma panela de pressão. Correu até a pia e enfiou a cabeça na água gelada. Quando se reergueu, Eugénie continuava lá. Repeliu-a com o braço, mas ela não se mexeu.

— Pare de falar de Éloïse. Suma daqui. Você deveria ter ido embora depois do tratamento, deveria ter desap...

— Então vamos voltar a Paris, imediatamente. Quero brincar com os trenzinhos. Se for mau comigo, se continuar visitando esqueletos, vai ser pior. Aquele idiota do Willy não pode mais aparecer para atormentá-lo, mas eu ainda posso. E quando me der na telha.

Era mais grudenta que um tubo de cola. O comissário apertou a cabeça nas mãos. Em seguida, saiu bruscamente do banheiro, batendo a porta atrás de si. Entrou num corredor. Eugénie estava sentada com as pernas cruzadas à sua frente, sobre o linóleo. Sharko contornou-a, ignorando-a, e dirigiu-se ao gabinete de Georges Péresse. O chefe da Homicídios dividia-se entre o telefone fixo e o celular. À sua frente, a papelada acumulada. Chapou a palma da mão no alto-falante e esticou o queixo na direção de Sharko:

— O que há?

— Interpol, tem notícias?

— Sim, sim. O formulário partiu para o Escritório Central Nacional ontem à noite.

Péresse voltou à sua ligação. Sharko permaneceu na porta.

— Posso ver esse formulário?

— Comissário, por favor... Estou ocupado.

Sharko aquiesceu e voltou a seu posto, um pequeno canto que lhe haviam destinado, num *open space* onde apressavam-se cinco ou seis burocratas da polícia. Era julho, céu azul, férias. Apesar da importância dos casos em curso, o serviço andava em câmera lenta.

O policial instalou-se em sua cadeira. Eugénie deixara seus nervos em frangalhos, não

conseguira canalizá-la como em seu escritório, em Paris. Voltava com a mala carregada de velhas recordações, obsessões, para despejá-las em sua cabeça. Conhecia de cor e salteado seus pontos fracos para feri-lo profundamente. Resumindo, ela o castigava sempre que ele mergulhava no trabalho investigativo.

Concentrou-se de novo em seus papéis, uma caneta entre os dedos, enquanto a garota brincava com um estilete. Fazia um barulho ininterrupto, e Sharko sabia que era inútil tapar os ouvidos: ela estava dentro dele, em algum lugar sob seu crânio, e só tiraria o time de campo quando assim decidisse.

O policial fez de tudo, evidentemente, para que ninguém percebesse nada. Precisava parecer normal, lúcido. Fora assim que conseguira salvar a cabeça nos escritórios de Nanterre. Quando Eugénie finalmente deu o fora, pôde examinar suas anotações. Do lado médico legal e toxicológico, haviam avançado. Análises mais profundas dos ossos, no ultrassom principalmente, haviam mostrado, em quatro dos cinco esqueletos, fraturas antigas — pulsos, vértebras, cotovelos... — com consolidação, o que significava que tinham menos de dois anos, e eram anteriores à morte, porque eram coloridas. Aqueles homens, portanto, não eram do tipo que mofavam atrás de uma mesa. As fraturas podiam provir de quedas relacionadas à sua profissão, a um esporte específico, como o rúgbi, ou a brigas. Mais cedo, durante o dia, Sharko pedira que cruzassem informações com os diferentes hospitais e clubes esportivos da região. As buscas estavam em curso.

Diante da falta de fios de cabelo, a análise toxicológica dos pelos pubianos fora extremamente profícua. Três dos cinco indivíduos — e o asiático era um deles — haviam sido usuários de cocaína e de buprenorfina, um substituto da heroína. O exame segmentar do pelo, mediante recorte em fragmentos, mostrara que, em todos os três, a absorção de produtos entorpecentes diminuía drasticamente, até desaparecer por completo nas últimas semanas antes da morte. A pulverização das larvas de insetos nada revelara. Se os homens tivessem se drogado em suas últimas horas, teriam encontrado vestígios na queratina das carapaças dos insetos. Em virtude disso, o comissário mandara verificar as saídas junto aos centros de desintoxicação e às prisões, pois a buprenorfina era uma droga comum nas cadeias. Talvez estivessem às voltas com ex-presidiários, traficantes ou indivíduos envolvidos com o tráfico de drogas. Não convinha desprezar nenhuma pista.

Último ponto, o tubinho de plástico encontrado no nível da clavícula, no cadáver mais bem conservado. As análises não haviam revelado a presença de produtos ligados à quimioterapia. Além das hipóteses levantadas pelo legista, o relatório apontava que aquele tubo poderia ter igualmente servido para conectar finos eletrodos, implantados no cérebro, a um estimulador inserido sob a pele. Essa técnica era conhecida como estimulação cerebral profunda e utilizada para tratar depressões graves, limitar os tremores do mal de Parkinson ou ainda suprimir os sintomas de TOC. Este era um aspecto a ser destacado, uma vez que o assassino parecia se interessar pelo cérebro de suas vítimas.

— O que está escrevendo?

Eugénie estava de volta. Sharko ignorou-a solenemente e tentou prosseguir suas reflexões. A menina martelava a mesa com uma espátula, cada vez mais forte.

— Éloïse está morta, é, sua mulher está morta, é. Éloïse e sua mulher estão mortas, é. E tudo é culpa sua, é...

Aquela pequena perversa... Era sua frase preferida, a que o feria no fundo do coração. O policial rangeu os dentes.

— Cale a boca, porra!

Cabeças voltaram-se para Sharko. Ele impulsionou-se do assento, de punhos cerrados. Correu na direção de um sargento que fazia fotocópias e apresentou-lhe sua carteira de comissário.

— Sharko, Divisão de Repressão à Violência.

— Eu sei, comissário. Deseja alguma coisa?

— Preciso que compre marrons-glacês e molho coquetel para mim. Da marca Pink Salad em pote de um quilo. Pode fazer isso? Quanto aos marrons-glacês, não importa a marca, mas o molho, não se esqueça, Pink Salad, mais nenhum outro.

O homem semicerrou as pálpebras.

— É que...

O policial parisiense pôs as mãos no quadril, seus ombros se alargaram. Com seus quilos a mais, Sharko, já forte por natureza, impunha respeito.

— Sim, sargento?

O jovem policial não protestou mais e saiu. Sharko voltou a seu lugar. Eugénie sorria-lhe.

— Até já, querido Franck.

— Isso, fique na sua.

Ela começou a correr, saltitando, e desapareceu atrás de um painel de cortiça. O comissário inspirou, cerrando as pálpebras. A calma voltava, finalmente. O ronronar dos computadores, o arrastar dos sapatos dos colegas. Prosseguiu com suas reflexões, folheou rapidamente as páginas técnicas dos diferentes relatórios. Não fez grandes progressos. As análises do DNA estavam em curso, da mesma forma que a reconstrução facial, que sem dúvida não levaria a nada. Até agora, podia-se resumir o caso a esta breve descrição: cinco homens entre vinte e dois e vinte e seis anos, um deles asiático, foram feridos ou mortos a bala. Crânios serrados, olhos extirpados, mãos cortadas, corpos enterrados... Bacana...

Em si, a investigação não dava passos largos. O golpe duro vinha principalmente do cadastro dos desaparecimentos, que continuava sem dizer nada. Nenhum resultado encontrado quando se pesquisava, por exemplo, sobre o desaparecimento, nos últimos quinze meses, de um asiático correspondente aos critérios — altura, peso estimado, idade. Por outro lado, pensando bem, não era um completo fracasso. A ausência de registro indicava que aqueles homens podiam ser marginais, estrangeiros em situação irregular ou simplesmente estrangeiros.

Mais tarde, Sharko saiu para se refrescar na fonte com a impressão de que seu cérebro virara uma compota. Sonhava com o ar livre, com a varanda de um café. O sargento trouxera-lhe o pote de molho coquetel e os marrons-glacês; com isso, Eugénie, graças a Deus, deixava-o em paz. Dali a pouco retornaria ao hotel, faria um briefing com Leclerc e, provavelmente, zarparia dentro de um ou dois dias. Porque, quanto mais o tempo passava, mais as pistas se fechavam. Os hospitais não tinham nada. Os tenentes que regressavam dos interrogatórios não tinham mais a

acrescentar. Ninguém, entre as centenas de funcionários — e ex-funcionários — que trabalhavam na zona industrial, vira qualquer coisa. Por outro lado, os crimes eram tão distantes no tempo que não havia como as memórias não estarem embaçadas.

Por enquanto, os cadáveres continuavam completamente anônimos.

Sharko, absorto pela última vez em seus dossiês, sentiu subitamente uma pressão no ombro. Voltou-se. Era Péresse, que observava o pote de molho coquetel e os marrons-glacês. Terminou deixando escapar:

— Temos uma pista séria. Venha comigo.

Sharko acompanhou-o até seu gabinete. O comissário de Rouen fechou a porta e apontou para a tela do seu computador. Via-se ali a digitalização de um documento manuscrito, em inglês.

Um telegrama.

— Veio da Interpol. O senhor não vai acreditar na maneira como esse telegrama apareceu aqui. Um cara deles, um tal de Sanchez, liga para eles de seu local de férias, um camping do lado de Bordeaux. Ele estava assistindo à televisão, bebericando um drinque no maior sossego do mundo quando vê o senhor, o senhor, próximo à zona de descoberta do corpo, na altura do oleoduto.

— Apareci na televisão? Meu Deus, eles não perdem uma.

— Nisso, Sanchez liga para a sede e se informa, quer saber qual é o caso em que o senhor está metido.

— Conheço bem o Sanchez. Tivemos alguns inquéritos em comum no fim dos anos noventa, antes de ele ir para Lyon.

— Ele não vinha assistindo muito à televisão nos últimos tempos e ignorava o escândalo da mídia em torno dessa história. Então seus colegas contaram para ele... os crânios serrados e tudo o mais. E isso deu um estalo na cabeça dele. Ele então pediu que fizessem uma busca nos arquivos da Interpol e adivinhe com que eles toparam?

— Com esse velho telegrama...

— Exatamente. Um telegrama enviado do Egito. Mais precisamente, do Cairo.

Sharko quase enfiou o dedo na tela.

— Diga para mim que meus olhos estão vendo certo.

— Confirmo. Data de 1994. Três adolescentes egípcias, mortas violentamente, residentes no Cairo. Crânios serrados de maneira limpa “com uma serra médica”, como está escrito, cérebro extraído, e olhos enucleados. Corpos mutilados, escalavrados com tesouradas, da cabeça aos pés, incluindo os genitais...

Sharko sentia uma intensa embriaguez invadi-lo. Sua caixa torácica se retesava, seu peito se comprimia. O monstro sedento de medo voltava à tona. Péresse continuou sua leitura.

— ...tudo isso em menos de dois dias. E nada de enterro nas profundezas dessa vez. Os corpos foram abandonados na natureza. Nosso assassino não estava para brincadeiras.

O policial parisiense empertigou-se, fechando as pálpebras. Imaginou meninas atiradas na areia do deserto, esfaqueadas. Órgãos à vista, oferecidos aos abutres. Todas essas imagens na cabeça. Fixou a tela, ofegando.

— Foi há muito tempo. Normalmente, em se tratando de assassinatos em série, eles são normalmente mais próximos no tempo. E na distância também. A Normandia e o Cairo não ficam exatamente perto... Estaríamos às voltas com um itinerante? A Interpol descobriu outros casos similares?

— Nenhum.

— O que não significa muita coisa. Há apenas dez anos, esse tipo de telegrama era bem raro. Gastar tempo com papelada é a última coisa que os policiais fazem, e isso apenas quando se interessam mesmo pelo caso. Nosso colega egípcio era um policial meticoloso. O que é quase um paradoxo.

Sharko fez uma pausa, enquanto seus olhos continuavam a percorrer o telegrama, seu cérebro já trabalhando como um motor. Três garotas na África, cinco homens na França. Incisões, crânios abertos, olhos retirados. Dezesseis anos de intervalo. Por que uma espera tão longa entre as duas séries? E, principalmente, por que as duas séries? O comissário voltou à descrição sumária enviada à Interpol.

— O autor do relatório é Mahmud Abd el-Aal... Seria o nome do oficial egípcio que levantou a lebre?

— Tudo indica.

— Esse papel é tudo de que dispomos?

— Por enquanto. Primeiro fizemos contato com a Interpol no Egito, depois com o Serviço de Cooperação Técnica Internacional da Polícia caiota, o SCTIP, que nos encaminhou a um comissário da embaixada francesa, Mickaël Lebrun, em contato direto com as autoridades de lá. As primeiras notícias não são entusiasmantes.

— Por quê?

— Esse Abd el-Aal abandonou a profissão depois desse caso, aparentemente.

Sharko ficou em silêncio.

— Alguém pode nos dar acesso ao inquérito?

— Sim, chama-se Hassan Nureddin, é o inspetor principal, chefe da brigada. Uma espécie de ditador, segundo Lebrun. Os nativos seguram a língua, não gostam que os ocidentais metam o bedelho em seus assuntos. A tortura dos detentos e as prisões por divergência de opiniões ainda são práticas correntes no Egito. Não conseguiremos nada por telefone e eles se recusam a enviar seus dossiês por via eletrônica ou postal.

Sharko suspirou, Péresse tinha razão. As polícias dos países árabes, e mais especialmente a do Egito, estavam muito longe dos modelos europeus. Corrompidas pelo dinheiro e o poder, voltadas unicamente para a segurança interna.

Com um clique do mouse, Péresse imprimiu o telegrama.

— Entrei em contato com seu chefe. Para ele, tudo ok enviarmos o senhor para lá. O Cairo fica a apenas quatro horas de avião. Se concordar, passe pela embaixada. Mickaël Lebrun o apresentará à polícia caiota. E lhe dará as coordenadas de Hassan Nureddin.

Eugénie entrou subitamente na sala, uma arara. Sharko desviou a cabeça para a garota, que se pôs a puxá-lo pela camisa.

— Vamos, venha, vamos embora — grunhiu ela. — Pode tirar o cavalinho da chuva, nem

pensar em viajar para esse país abominável. Tenho horror a calor e areia. E tenho medo de avião. Não quero.

— ...missário? Comissário?

Sharko voltou-se na direção de Péresse, mão no queixo. Egito... Se pudesse imaginar aquilo.

— Isso cheira a James Bond de segunda...

— Não temos realmente escolha. Nós ficamos com o campo, e o senhor...

— Com a papelada, eu sei.

Dando um suspiro, Sharko pegou a cópia do telegrama. Algumas linhas enviadas ao sabor do acaso, perdidas entre dois continentes, com as quais ele tinha de se virar. Pensou naquele país que só conhecia através dos anúncios de agências de viagens, na época em que ainda as consultava. O Nilo, as grandes pirâmides, o calor escaldante no coração dos palmeirais... Uma fábrica de turistas. Suzanne sempre quisera ir, ele recusara, por causa do trabalho. E, hoje, aquele mesmo maldito trabalho empurrava-o para a maldita areia da África.

Pensativo, observava Eugénie, sentada no lugar do chefe da Homicídios, brincando com elásticos que estalava nas nádegas de Péresse.

— Por que está rindo? — perguntou o comissário de Rouen, voltando-se.

Sharko ergueu a cabeça.

— Viajo o mais rápido possível, imagino...

— Amanhã, no mais tardar. Tem um passaporte de serviço?

— É praxe. Afinal, sou teoricamente o encarregado de acompanhar as investigações internacionais. Ainda que isso nunca aconteça.

— Prova de que sim. Atenção, no Cairo o senhor estará com pés e mãos atados. A embaixada colocará um intérprete nos seus calcanhares e o senhor só conseguirá avançar com a boa vontade dos nativos. Vai pisar em ovos. Manteremos contato.

— Tenho direito ao porte de arma?

— No Egito? Está brincando?

Apertaram-se as mãos polidamente. Sharko fez menção de sair, deixando a garota ali, mas Péresse interpelou-o uma última vez.

— Comissário Sharko?

— Humm...

— Da próxima vez, evite mandar um de meus oficiais fazer compras.

Sharko saiu do prédio e tomou o rumo do hotel. Com as cópias dos relatórios debaixo de um dos braços e o pote de molho para salada e os marrons-glacês no outro. A caminho de mais um caso escabroso.

E prestes a mergulhar nas entranhas de uma cidade tórrida com aromas de especiarias.

A mítica cidade de Al-Qahira.

O Cairo.

[A] pós seu simulacro de almoço com a filha — uma fatia de carne assada sem molho e batatas cozidas —, Lucie deu uma passada em casa, um pequeno apartamento no coração do território dos estudantes, numa das quadras da Universidade Católica. O bulevar verdejante percorria prédios em estilo neogótico, entre eles a universidade, que regurgitava seus milhares de alunos pelas artérias da cidade. Com todos aqueles jovens à sua volta, suas filhas crescendo, Lucie sentia-se velha.

Abriu a porta de entrada, entrou e colocou sua trouxa de roupa suja na lavanderia. Pôs a máquina para funcionar, depressa, para livrar-se daqueles horríveis relentos hospitalares. Em seguida tomou um banho morno, deixou o jato d'água fustigar-lhe a nuca, morder-lhe os seios. Aqueles dois dias sem voltar para casa, tomando caldo, mal conseguindo se lavar e dormindo toda torta, provavam-lhe a que ponto amava sua vidinha, com suas filhas, seus hábitos, seu filme, a que assistia todas as noites, enfiada nos chinelos em forma de coelho com que as gêmeas — e sua mãe — lhe haviam presenteado em seu aniversário. É quando nos afastamos das coisas mais simples que nos damos conta para sempre de que elas não são assim tão sem graça.

Depois que se enxugou, optou por uma túnica azul de seda, leve e macia, que deixou naturalmente cair sobre os quadris, por cima de sua calça corsário, que parava no meio das canelas. Gostava das curvas de suas pernas, morenas devido à caminhada que praticava duas vezes por semana em torno da Citadelle. Desde que as gêmeas passaram a frequentar a escola e a comer na cantina, ela conseguira encontrar uma forma de organização, entre trabalho, lazer e família. Voltara a ser, como dizia sua mãe, uma mulher.

Deu uma espiada no computador para averiguar sua conta no namoro.com. O fracasso com Ludovic não esfriara suas relações pelo computador. Não conseguia se livrar daquela forma de relacionamento, virtual, pasteurizada. Era pior que uma droga, e, sobretudo, permitia-lhe ganhar tempo. Pois, como todo mundo, ela corria atrás do tempo.

Sete novos contatos haviam se acumulado em seu perfil. Consultou-os rapidamente, rejeitou de cara cinco e separou dois, homens morenos de quarenta e três e quarenta e quatro anos. A segurança emanada por um macho na casa dos quarenta era o que ela procurava prioritariamente. Uma presença confiável, forte, que não a chutasse diante da primeira sirigaita que aparecesse.

Saiu de casa, refrescada. Constatou então que sua chave estava rangendo ligeiramente dentro da fechadura. Algo parecia agarrar, no momento de dar a segunda volta. Lucie debruçou-se, observou atentamente o metal, recomeçou. Porém, mesmo depois de conseguir trancar a porta, o mal-estar persistiu. Contrariada, reabriu-a e revistou visualmente o interior da sala, aventurando-se em seguida nos outros cômodos. Vistoriou as estantes onde guardava os DVDs e os livros. Nada tinha sido tocado, aparentemente... É claro, pensava no fantasma na casa de Ludovic. O sujeito que revirara tudo por lá poderia muito bem ter anotado a placa de seu carro

ao sair e se dirigido à sua casa. Outra pessoa teria pensado que a fechadura estava enferrujando e era hora de lubrificá-la. Lucie deu de ombros, sorrindo, e finalmente deu a partida no carro. Devia parar de se preocupar com bobagens. O que não a impediu de observar demoradamente em seu retrovisor após arrancar, até se convencer de que o filme, o tal filme bizarro, estava bem protegido na casa de Claude Poignet.

Chegar a Liège, num carro velho sem ar-condicionado, pelas autoestradas remendadas da Bélgica, era uma proeza, mas ela o fez num só estirão. Luc Szpilman abriu a porta. Um ignóbil piercing atravessava-lhe o lábio inferior.

— Foi com a senhora que falei ao telefone?

Lucie aquiesceu e lhe mostrou sua carteira da polícia francesa. Justificara a visita usando um simulacro de verdade: um dos filmes levados por Ludovic Sénéchal intrigava a polícia, pela natureza de suas imagens violentas.

— Exatamente. Posso entrar?

Ele a examinou com o olhinho suíno. Seus cabelos pareciam ter explodido sobre sua cabeça, à la Tokyo Hotel.

— Entre. Mas não venha me dizer que meu pai estava envolvido num tráfico qualquer.

— Não, não. Não se preocupe.

Instalaram-se no amplo aposento, ao qual se chegava por uma série de degraus que levavam ao cômodo subterrâneo. Um teto de vidro abria-se para o céu límpido. Lucie pensou numa espécie de viveiro gigante. Luc Szpilman abriu uma cerveja, sua interlocutora optou por um copo d'água. Em algum canto da casa, tocavam um instrumento musical. As notas dançavam, leves e sedutoras.

— Clarineta. É minha namorada.

Surpreendente. Lucie teria apostado numa companheira adepta da guitarra ou da bateria. Decidiu não perder tempo e começar a conversa.

— Ainda morava com seu pai?

— Sim. Não nos falávamos direito, mas ele nunca teve coragem de me botar para fora. Então, sim, eu me dividia entre aqui e a casa da minha namorada. Agora que ele não está mais, penso que a escolha está feita.

Tomou metade da latinha — uma Chimay vermelha, sete por cento — e a colocou sobre uma mesa de vidro, ao lado de um cinzeiro onde jaziam restos de baseados. A agente tentava situar o bebezão: um rapaz rebelde, decerto mimado na juventude. A morte recente do pai não parecia afetá-lo de verdade.

— Descreva as circunstâncias da morte.

— Já contei tudo à polícia e...

— Por favor.

Ele suspirou.

— Eu estava na garagem. Depois que meu velho vendeu o carro, instalamos lá nossos instrumentos musicais. Eu compunha uma música com um amigo e minha namorada. Deviam ser por volta de oito e vinte e cinco quando ouvi um grande *bum* no andar de cima. A primeira coisa que fiz foi correr para cá, porque é a hora do noticiário e meu pai nunca se levanta da

poltrona. Então subi ao primeiro andar e vi que a porta do sótão, no segundo andar, estava aberta. Isso, sim, era estranho.

— Por quê?

— Meu pai tinha mais de oitenta anos. Ainda se deslocava sozinho, chegava a sair às vezes a pé pela cidade, para ir à biblioteca, mas nunca subia a escada, por causa dos degraus, muito íngremes. Quando queria dar uma espiada em um de seus filmes, sempre me pedia.

Lucie tinha consciência de estar na pista certa. Um fato tão súbito quanto inesperado havia provocado um clique no pai, levando-o a subir sem pedir ajuda ao filho.

— E depois, no sótão?

— Foi lá dentro que descobri seu corpo, ao pé da escada.

Luc olhou para o chão, as pupilas dilatadas, recompondo-se em seguida numa fração de segundo.

— Sua cabeça era só sangue. Estava morto. Achei estranho vê-lo daquele jeito, imóvel, de olhos abertos. Chamei o socorro imediatamente.

Pegou de novo a cerveja, com a mão firme, não deixando transparecer nada. De certa maneira, um filho temporão que não vira em seu genitor senão um velhote desajeitado, que nunca pudera jogar uma partida de futebol com ele. Lucie apontou com o queixo para o retrato pintado de um homem idoso, olhar firme, íris negras. Uma fisionomia severa como a Muralha da China.

— É ele?

Ele fez que sim, as duas mãos apertando a latinha.

— Papai, em todo o seu esplendor. Eu não era nem nascido quando foi pintado. Ele já tinha cinquenta anos, dá para acreditar?

— Ele trabalhava em quê?

— Curador da Fiaf, Federação Internacional de Arquivos de Filme, e ia lá regularmente, para garimpar. A Fiaf é uma instituição encarregada de preservar a herança cinematográfica de diversos países. Meu pai passou a vida no cinema. Era sua grande paixão, junto com a história e a geopolítica destes últimos cem anos. Os grandes conflitos, a Guerra Fria, a espionagem e a contraespionagem... Era fera nisso.

Ergueu os olhos.

— A senhora me disse, ao telefone, que havia um problema com um dos filmes do sótão...

— Sim, o que ele provavelmente foi pegar aquela noite. Um curta-metragem de 1955 em que se vê, na cena de abertura, uma mulher tendo o olho perfurado. Isso lhe diz alguma coisa?

Ele refletiu um tempo.

— Absolutamente nada. Nunca via seus filmes, as velhas histórias de espionagem não me interessavam. E meu pai sempre os projetava na sala privada. Era louco por cinema, um tarado, capaz de assistir vinte, trinta vezes ao mesmo filme.

Deixou escapar um riso nervoso.

— Papai... Acho ele que surrupiava vários desses rolos na Fiaf.

— “Surrupiava”?

— É, surrupiava. Isso fazia parte de seus pequenos defeitos de colecionador, ele não

conseguia se controlar. Uma espécie de obsessão, se preferir. Sei que tramava com vários colegas, que faziam o mesmo. Porque, normalmente, esses filmes nunca saem de lá. Mas papai não queria que aqueles rolos apodrecessem em imensos corredores sem alma. Ele era do tipo que acariciava suas latas como quem acaricia um velho gato de estimação.

Lucie escutou-o, depois falou da garotinha do balanço e da cena do touro. Luc continuava a negar e parecia sincero. Ela então pediu que ele a levasse ao sótão.

No hall da escada, compreendeu por que o pai não subia mais, os degraus desafiavam a verticalidade. Ao entrar, Luc foi até a escadinha e a fez deslizar até o canto oposto.

— A escadinha estava aqui, precisamente, quando descobri o corpo.

Lucie examinava detidamente o lugar. O covil de um apaixonado.

— Por que ela foi deslocada?

— Um monte de gente passou por aqui e ainda espero mais. Desde ontem de manhã, os filmes estão saindo como pão quente.

Lucie sentiu uma súbita conexão estabelecer-se em sua cabeça.

— Todos os que vieram compraram filmes?

— Humm... Não, nem todos.

— Explique.

— Houve um sujeito, que chegou logo depois do seu amigo, que tinha um jeito estranho.

Fazia rodeios. A cerveja, sem dúvida.

— Descreva melhor.

— Tinha cabelos bem curtos. Louros, raspados a máquina. Menos de trinta anos. Um brucutu com coturnos ou algo do tipo. Vasculhou tudo no porão, parecia procurar uma coisa bastante precisa entre os rolos. No fim, não comprou nada, mas me perguntou se outras pessoas já tinham levado algum filme. Falei então do Ludovic Sénéchal. Quando mencionei o filme sem rótulo que ele levara, o sujeito replicou que gostaria muito de conversar com Sénéchal. Então lhe dei seu endereço.

— Como você o sabia?

— Vi no cheque de quatrocentos euros que ele me passou.

Quer dizer, tudo começava ali. Assim como Ludovic, o misterioso indivíduo deve ter topado com o anúncio e corrido para lá. Chegara tarde demais, pois Ludovic, morando próximo à fronteira, raspava o tacho. Será que isso significaria que o sujeito garimpava antiquários, monitorando os classificados há tempos, com a secreta esperança de botar as mãos naquele filme perdido?

Lucie alugou Szpilman um pouco mais. O comprador potencial viera num carro tradicional, um Fiat preto, segundo ele. Placa da França, de cujo número o jovem belga era incapaz de se recordar.

Voltaram para a sala. Lucie olhou com atenção a gigantesca tela plana, embutida na parede. Szpilman dissera que seu pai estava assistindo ao noticiário pouco antes morrer.

— Faz alguma ideia do que pôde levar seu pai a subir repentinamente ao sótão?

— Não.

— A que canal ele assistia?

— Ao canal nacional de vocês, TF1. Era o favorito dele.

Lucie anotou que era importante assistir ao jornal da noite da morte do homem, por via das dúvidas.

— Alguém esteve aqui antes de ele subir? De manhã, à tarde?

— Não que eu saiba.

Ela deu um relance panorâmico. Nenhuma linha de telefone fixo no aposento.

— Seu pai tinha celular?

Luc Szpilman confirmou com um gesto de cabeça. Lucie serviu-se de mais um copo d'água da garrafa, fingindo descontração. Intimamente, fervilhava.

— E onde estava o aparelho quando ele morreu?

O rapaz pareceu compreender. Esmagou o indicador na mesa de centro.

— Estava aqui. Recolhi-o de manhã para colocá-lo sobre o armário, ali. Os policiais nem sequer se interessaram por ele. Acha que...

— Pode me mostrar?

Ele saiu para pegá-lo. Estava sem bateria, evidentemente. Conectou-o num carregador ligado à tomada e estendeu o aparelho a Lucie. Um celular em péssimo estado, mas que permitia consultar a agenda das chamadas, com hora e data. Interessou-se primeiro pelas chamadas recebidas. A última datava da véspera da morte, da tarde de quarta-feira. Uma tal Delphine De Hoos. Luc explicou que se tratava da enfermeira, que eventualmente vinha coletar seu sangue. As outras chamadas recuavam no tempo, e, nas palavras do filho, eram corriqueiras. Apenas alguns velhos amigos ou colegas da Fiaf, com quem o pai tomava uma vodca de tempos em tempos.

Lucie mergulhou então na lista das ligações feitas. Seu coração deu um pulo.

— Curioso, curioso...

A última datava da malfadada segunda-feira, às 20h09. Ou seja, quinze minutos antes do tombo da escada. Mas havia algo muito mais interessante que a data. Era o número de telefone, no mínimo estranho: +1 514 689 8724.

Lucie mostrou a tela para Szpilman.

— Ele ligou para o exterior poucos minutos antes de morrer. Esse número ou o código lhe diz alguma coisa?

— Estados Unidos, talvez? Às vezes ele ligava para lá, em função de suas pesquisas históricas.

— Não acredito. Não.

Lucie pegou o próprio celular e teclou um número, tendo uma intuição. Não daria a cara a tapa, mas...

Uma voz, do outro lado da linha, interrompeu-a em seus pensamentos. Informações. Lucie efetuou a consulta:

— Eu gostaria de saber a que país corresponde esse número de telefone: +1 514 689 8724.

— Um instante, por gentileza.

Silêncio. Com o celular entre o ouvido e o ombro, Lucie pediu uma caneta e uma folha de papel a Luc. Em seguida anotou o número rapidamente. A voz retornou no aparelho.

— Senhora? É o código da província do Quebec. Montreal, para ser precisa.

Lucie desligou. Uma palavra ficou em seus lábios, enquanto ela fixava Luc.

— Canadá...

— Por que ele teria ligado para o Canadá? Não conhecemos ninguém por lá.

Lucie fez uma pausa para assimilar a informação. Por uma razão qualquer, Wlad Szpilman ligara para alguém que residia no país onde o filme fora fabricado. Ela rastreou as ligações anteriores, de uma semana para trás. Não havia vestígio algum daquele número.

— Seu pai fazia anotações relativas aos seus filmes, seus contatos? Fichas, cadernetas?

— Nunca vi nada. Nestes últimos anos, a vida do meu pai se resumia a poucos metros quadrados, entre aqui, a sala de cinema e seu escritório.

— Posso dar uma olhada no escritório?

Luc hesitou, terminou a cerveja.

— Muito bem. Mas terá que me explicar o que está acontecendo. Era meu pai, tenho direito de saber.

Lucie concordou. Luc levou-a a um aposento limpo, bem arrumado, com computador, revistas, jornais, estantes de livros. A policial deu uma espiada nos papéis e nas gavetas. Apenas material burocrático, um PC, nada flagrante. A estante, ao fundo, continha basicamente livros de história, sobre guerras, massacres, genocídios. Armênios, judeus, ruandeses. Havia também uma seção inteira sobre história da espionagem. CIA, MI5, teoria da conspiração. Depois, livros em inglês, cujos títulos não sugeriam nada de especial a Lucie. Bluebird, Mkultra, Artichocke. Wlad Szpilman parecia preocupar-se com a face negra do mundo no século passado. Lucie voltou-se para Luc, apontando os livros:

— Acha que seu pai lhe escondia alguma coisa grave, um segredo?

— Meu pai estava mais para o tipo paranoico. Não era de comentar esses assuntos comigo, aqui era seu jardim secreto.

Após vistoriar o aposento, Lucie encaminhou-se até a saída e agradeceu a Luc Szpilman, estendendo-lhe seu cartão, em cujo verso escreveu o número de seu celular pessoal, para qualquer eventualidade. No carro, calmamente, pegou seu celular e discou o tal número do Canadá. Quatro toques estressantes, antes de enfim atenderem. Nenhum ruído, nenhum “Alô”. Lucie então atreveu-se:

— Alô?

Um longo silêncio. Lucie repetiu:

— Alô? Alguém na linha?

— Quem é?

Voz masculina, forte sotaque do Quebec.

— Lucie Henebelle. Estou ligando de...

Clique. Desligou na cara. Lucie pensou num sujeito nervoso, com um pé atrás, desconfiado. Impressionada com a brevidade da conversa, saltou do carro e voltou a bater à casa de Szpilman.

— A senhora de novo?

— Preciso do celular do seu pai.

[A] primorar a estratégia. Surpreender o sujeito antes que ele desligasse.

Lucie deixou passar uns bons quinze minutos e voltou a discar o número, com o celular quase descarregado de Wlad Szpilman. Com um pouco de sorte, seu interlocutor reconheceria o contato pelo número e não desligaria. Não imediatamente, em todo caso.

Angustiado, andava de um lado para o outro em frente à casa do garoto belga. Ainda que ele tivesse sido solícito e compreensivo, ela não queria que Luc escutasse a conversa, caso houvesse uma.

Atenderam depois de dois toques.

— Wlad? — disse a voz canadense.

— Wlad está morto. Lucie Henebelle ao aparelho, tenente da Polícia Judiciária. Polícia francesa.

Descarregara tudo, de uma vez. Era o momento decisivo. Um interminável silêncio estendeu-se, mas não desligaram.

— Morto como?

Lucie cerrou o punho, o peixe estava fígado. Agora precisava puxar a linha suavemente, sem brusquidão.

— Vou responder. Mas antes me diga: quem é você?

— Morto como?

— Um acidente idiota. Caiu de uma escada e rachou a cabeça.

Alguns segundos se passaram. Um enxame de perguntas queimava os lábios de Lucie, mas ela receava que ele desligasse. Foi ele quem quebrou o gelo.

— Por que telefonou?

Lucie jogou limpo. Percebia que o outro, à espreita, farejaria imediatamente a mentira.

— Depois de falar com o senhor ao telefone, na segunda-feira, Wlad Szpilman subiu até o sótão para pegar um filme. Um filme anônimo de 1955, fabricado no Canadá, que está comigo. Quero entender por quê.

Evidentemente, ela o impressionara. Ouvia sua respiração, num crescendo.

— Não é policial, está mentindo.

— Ligue para o meu chefe. Polícia Judiciária de Lille, diga-lhe para...

— Fale do caso.

Lucie tentava pensar a cem por hora. Do que ele estava falando?

— Sinto muito, eu...

— Você não é policial.

— Claro que sou! Tenente em Lille, caramba!

— Então me fale desses cinco corpos, descobertos nas proximidades das fábricas. Em que pé estão as investigações? Dê-me os detalhes técnicos.

Lucie compreendeu na hora: os corpos do oleoduto. Então fora isso que desencadeara o telefonema de Wlad Szpilman. A notícia estava sendo comentada no noticiário da televisão.

— Sinto muito. Somos divididos por região, e eu trabalho no Norte. O caso não está em nossas mãos. Teríamos que ver com...

— Não estou nem aí. Interpele as pessoas encarregadas. Se você realmente for policial, obterá a informação. E, apenas no caso de querer me identificar pelo meu telefone, é um celular registrado com nome e endereço falsos. Você me obriga a destruí-lo.

Ia desligar. Lucie partiu para o tudo ou nada.

— Há alguma relação entre esse caso e o filme?

— Você sabe. Até log...

— Espere! Como posso encontrá-lo?

— Seu número apareceu na ligação anterior. Eu é que irei procurá-la... — Calou-se por um instante. — Ligarei às vinte horas, horário francês. Obtenha as informações, ou nunca mais ouvirá falar de mim.

Fim de papo. Bipe. Lucie ficou boquiaberta. Aquela fora certamente a ligação mais densa e intrigante de toda a sua vida.

Após ter agradecido a Luc pelo empréstimo do celular, afundou no assento do carro, com as mãos na testa. Pensava naquela voz que mais de seis mil quilômetros separavam da sua. Manifestamente, seu interlocutor morria de medo de ser identificado, escondendo-se atrás de números roubados, e abreviava toda tentativa de diálogo. Por que se escondia? E de quem? Como entrara em contato com Wlad Szpilman? Mas a pergunta que mais a agoniava era: que elo invisível poderia haver entre o filme anônimo e os cadáveres desenterrados na Alta Normandia?

A maléfica bobina talvez fosse a árvore que escondia a floresta.

Intrigada, Lucie percebeu que não tinha mais escolha. Sua consciência proibia-lhe de tirar o corpo fora, largar o osso. Era sempre assim, aos trancos, que resolvia seus assuntos. A mesma obsessão que a levava a portar a insígnia da polícia. A passar dos limites também, às vezes.

Não tinha um segundo a perder. Até as oito horas daquela noite tinha de descobrir o contato certo em Paris e arrancar a informação que lhe exigiam.

[O] apartamento de um esquizofrênico costuma ser um caos. A desordem íntima da personalidade — a fissura mental — traduz-se muitas vezes numa desordem exterior, de modo que alguns terminam contratando uma faxineira. Ao contrário, o apartamento de um analista comportamental pede certo rigor, espelho de uma mente pragmática, acostumada a classificar informações como se guardam sapatos em gavetas. O que significa que o apartamento de Sharko navegava entre essas duas águas. Se as xícaras de café acumulavam-se na pia, e os ternos e gravatas estavam embolados num canto do banheiro, os diferentes cômodos, muito limpos, davam a impressão de abrigar uma família sossegada. Muitas fotografias emolduradas, uma samambaia singela, um quarto de criança, com velhos bichos de pelúcia e o papel de parede amarelo atravessado por uma barra com golfinhos.

No chão deste último cômodo, uma magnífica rede ferroviária desdobrava seus trilhos e locomotivas antigas, ladeada por cenários em isopor, cortiça ou resina. Restituir vida àquele mundo em miniatura, que exigira centenas — milhares — de horas de montagem, pintura, colagem, fora a primeira coisa que Sharko fizera ao chegar de Rouen, duas horas antes. As locomotivas apitavam alegremente e emitiam um cheiro bom de vapor, ao qual misturava-se o perfume de sua mulher Suzanne, que ele adicionava no tanque. Eugénie, quem mais?, estava sentada no meio dos trilhos, sorrindo e, nesses instantes precisos, o policial ficava feliz sentindo-a a seu lado.

Quando ela decidiu ir embora, Sharko se levantou e pegou uma mala empoeirada em cima do armário. Ao abri-la, os cheiros do passado ressurgiram, carregados de nostalgia. Sharko sentiu um aperto em seu grande coração.

O voo para o Cairo estava marcado para a manhã seguinte no aeroporto de Orly, pela Egyptair. Classe econômica, a ralé. Estava acertado que o comissário de polícia lotado na embaixada francesa estaria à sua espera. Sharko consultara, na internet, a previsão do tempo local: as chamas do céu incendiavam o país, verdadeira sauna que não ajudaria em nada. Encheu a mala com camisetas lisas, dois calções de banho — quem sabe? —, duas calças de flanela e bermudas. Não esqueceu o gravador, o molho coquetel, os marrons-glacês e sua locomotiva Ova Hornby escala O, com seu vagonete preto de lenha e carvão.

Seu celular tocou no momento em que fechava a mala, cheia apenas até a metade para deixar espaço para os presentes. Era Leclerc ao telefone. Sharko atendeu com um sorriso:

— Maços de cigarro, uísque egípcio cujo nome esqueci completamente, incenso para Kathia... E agora, o que vai pedir? Uma pirâmide de papelão?

— Tem tempo de dar um pulo na Gare du Nord?

Sharko olhou seu relógio. Marcava seis e meia da noite. Em geral, jantava dali a meia hora, lendo o jornal ou fazendo palavras cruzadas, e detestava mudar a rotina.

— Depende.

— Uma colega da Polícia Judiciária de Lille quer encontrá-lo. Ela já está no TGV.

— É uma piada?

— Na verdade, tem relação com o nosso caso.

Silêncio.

— De que tipo?

— Do tipo inusitado e inesperado. Ela ligou para o meu ramal direto. Verifique se procede.

Vocês já têm uma coisa em comum: era para os dois estarem de férias.

— Está falando de uma coisa em comum.

— O trem chega às sete e trinta e um. Ela é loura, trinta e sete anos, estará vestindo uma túnica azul e uma calça corsário bege. Não importa, ela vai reconhecê-lo, pois o viu na televisão. Você é quase uma estrela, agora.

Sharko massageou a testa.

— Dispensso esse comentário. Fale-me dela.

— Estou lhe enviando algumas informações. Imprima e ponha-se a caminho.

Sharko estava com as passagens de avião eletrônicas diante dos olhos.

— Muito bem, chefe, às suas ordens. Cá entre nós, dois dias no Cairo é um tempo um pouco curto, não acha?

— Os egípcios não querem que fiquemos mais. Temos de obedecer às normas.

— Por que eu? Normas não são comigo. E depois, se eu pirar... Quer dizer, lembra-se da luzinha verde no meu cérebro?

— E é justamente quando essa luzinha acende que você é o melhor. A doença transforma sua cabeça num caldeirão, numa espécie de sopa que o faz captar coisas que ninguém mais pode sentir.

— Se dissesse isso ao chefão, talvez ele tivesse um pouco mais de consideração comigo.

— Quanto menos ele souber, melhor para nós. A propósito, é Auld Stag...

— O quê?

— O uísque egípcio é Auld Stag. Anote em algum lugar, merda. Para Kathia, traga o porta-incenso mais caro. Quero dar-lhe um belo presente.

— Como ela vai? Faz um tempão que não a vejo. Espero que não esteja com muita raiva de mim e que...

— E não esqueça o repelente de mosquito, senão vai se danar.

Desligou secamente, parecendo querer abreviar a conversa.

Quinze minutos depois, Sharko instalava-se no RER em Bourg-la-Reine, a folha de papel impressa no colo. Mergulhou no sucinto relatório feito pelo chefe. Lucie Henebelle... Solteira, duas filhas, pai morto de um câncer de pulmão quando ela tinha dez anos, mãe dona de casa. Sargento em Dunquerque no início dos anos 2000. Lotada na administração, conseguira associar-se a um caso sórdido, o do quarto da morte, que sacudira o Norte da França. Sharko conhecia a barreira hierárquica entre a patente de sargento e a de oficial da Polícia Judiciária naqueles anos. Como uma simples burocrata conseguira tornar-se a líder daquela perseguição, que envolvia psicopatas e rituais? Que forças internas haviam empurrado aquela mãe de família *para o outro lado*?

Mais tarde, fora transferida para a Polícia Judiciária de Lille, com a patente de tenente. Bela promoção. Procurava a cidade grande, onde a sorte de topar com o pior se multiplicava. Carreira impecável até o momento. Uma mulher obstinada, minuciosa, nas palavras de seus superiores, embora saindo um pouco da linha nos últimos tempos. Intervenções sem reforços, bate-bocas frequentes com a chefia e um aborrecido hábito de somente interessar-se por inquéritos com conotação violenta, em especial crimes sanguinolentos. Kashmareck, seu comandante, a descrevia como “enciclopédica, intensa, fina psicóloga em ação. Mas nem sempre controlável”. Sharko mergulhou mais fundo no dossiê. Tinha a sensação de ler a própria história. Em 2006, sinais de estafa. Uma perseguição intensa até os confins da Bretanha que a levou a pedir uma licença de três semanas por motivos de doença. O termo oficial era “sobrecarga”. Já os policiais chamavam de depressão.

Depressão... No papel, contudo, aquela mulher parecia forte. Por que a descida ao fundo do poço? A depressão prevalece quando uma investigação nos dá um soco na cara, quando o infortúnio dos outros passa a ser subitamente o nosso. O que lhe acontecera de tão pessoal?

Sharko ergueu os olhos, uma das mãos apertando o queixo. A moça estava na casa dos trinta e o lado escuro já a atraía a ponto de controlar sua vida. Que idade ele tinha quando começara a balançar? Talvez muito antes disso. E o resultado estava ali. Qualquer observador teria compreendido de imediato o seu estado: um sujeito inchado pelos remédios, que envelheceria solitariamente, estigmatizado por uma vida fragmentada, incrustada ao longo de suas rugas como uma onda de dor.

Ela desembarcou às sete e vinte numa Gare du Nord menos apinhada que de costume. Em julho, os trabalhadores eram substituídos pelos turistas, mais disciplinados e bem menos importunos. O pulso de Paris batia em câmera lenta.

Plataforma número nove. Sharko esperava em meio aos pombos, numa inclemente corrente de ar, de braços cruzados, com sua bermuda bege e uma camiseta amarela, sapatos top sider. Detestava as plataformas de estação, os aeroportos, tudo que pudesse lembrar que pessoas se separavam diariamente. Atrás dele, pais acompanhavam filhos até os trens, abarrotados, que partiam para as colônias de férias. Essa separação tinha um lado bom, pois aumentava a alegria do reencontro, mas, para Sharko, nunca mais haveria reencontro.

Suzanne... Éloïse...

A multidão de passageiros irrompeu em bloco do TGV proveniente de Lille. Cores, vozerio e o arrastar das malas com rodinhas. Sharko esticou o pescoço por entre os motoristas de táxi que erguiam cartazes com nomes. Recorrendo a uma espécie de sexto sentido, captou imediatamente a pessoa certa. Ela aproximava-se sorridente. Baixa, magra, cabelos descendo até os ombros, parecia frágil, e, não fossem o sorriso desiludido e o cansaço que encontramos em determinados policiais, ele talvez a teria tomado por uma jovem mulher chegando a Paris em busca de um emprego temporário.

— Comissário Sharko? Lucie Henebelle, Polícia Judiciária de Lille.

Seus dedos se encontraram. Sharko notou que ela passava o polegar por cima no aperto de mão. Queria controlar o terreno ou exprimir uma forma de dominação espontânea. O comissário retribuiu-lhe o sorriso.

— O Nêmo, na rua des Solitaires, na velha Lille, ainda existe?
— Acho que está à venda. Você é do Norte?
— À venda? Que droga... As melhores coisas morrem. Sim, sou do Norte, porém me mudei já faz muito tempo. Vamos ao Terminus Nord. Não tem muito glamour, mas fica bem em frente.

Saíram da estação e encontram um lugar coberto, na varanda da cervejaria. Diante deles, os táxis alinhavam-se numa interminável fila colorida. A estação dava a impressão de regurgitar a totalidade do mundo. Brancos, árabes, negros, asiáticos esbaforiam-se num enxame insuportável. Lucie acomodou sua mochila e pediu uma Perrier; Sharko, uma cerveja clara com uma rodela de limão. A jovem policial estava impressionada com o indivíduo, principalmente com seu porte: corte à escovinha, olhar de veterano, musculoso. Emanava dele a ambiguidade de um material compósito, indefinível. De toda forma, ela procurava manter-se neutra.

— Disseram que o senhor era especialista em comportamentos criminosos. Deve ser uma atividade apaixonante.

— Vamos aos fatos, tenente, está ficando tarde. O que tem para mim?

Direto como o soco de um pugilista, o sujeito. Lucie ignorava a quem se dirigia, mas sabia que ele atacaria e se esquivaria o tempo todo. Todo mundo agia assim na profissão. Você me dá, eu retribuo. Contou então sua história desde o início. A morte do colecionador belga, a descoberta do filme, as imagens pornográficas e violentas ocultas na película, o indivíduo no Fiat, que parecia querer especificamente aquele rolo. Sharko não denotava qualquer emoção. O tipo de cara que devia ter visto de tudo na carreira, atrás de uma couraça. Lucie não se esqueceu de mencionar a intrigante conversa ao telefone com o sujeito do Canadá, no início da tarde. Apoiou o indicador sobre a mesa, enquanto o garçom trazia as bebidas.

— Consultei na internet todos os noticiários da televisão da semana. Na manhã da segunda-feira, os empreiteiros descobriram os cinco corpos e no fim do dia a chacina era a principal notícia dos jornais. Fala-se em vários cadáveres enterrados com o crânio aberto.

Ela pegou uma caderneta na mochila. Sharko observou a minúcia e a paixão perigosa que a habitavam. Os olhos de um policial jamais deveriam brilhar, e os dela cintilavam enquanto ela comentava o caso.

— Anotei: naquela maldita noite de segunda-feira, a reportagem sobre os cadáveres com os crânios cortados começou às oito e três da noite e terminou às oito e cinco. Às oito e oito, o Szpilman pai fazia uma ligação para o Canadá. Verifiquei, no aparelho dele, a duração da conversa, levou onze minutos, o que o faz desligar às oito e dezenove. Por volta das oito e vinte e cinco, ele morreu, tentando apanhar o tal filme na estante.

— Conseguiu checar as outras ligações de Szpilman?

— Ainda não coloquei minha brigada a par. Teria sido um deus nos acuda para explicar tudo. A prioridade era encontrar o senhor.

— Por quê?

Lucie colocou seu celular na mesa.

— Porque esse misterioso interlocutor ligará de volta em menos de quinze minutos. E porque, se eu não tiver nada de apetitoso para ele morder, fim da linha.

— Poderia ter se informado por telefone junto à brigada. Queria encontrar um de verdade?

— Um o quê?

— Um analista de verdade. Um cara que já passou por tudo.

Lucie ergueu os ombros.

— Eu gostaria de afagar o seu ego, comissário, mas isso não tem nada a ver. Já falei. Agora é com o senhor.

Era direta, sem artifícios. Sharko gostava da luta subterrânea que ela lhe propunha. Contudo, queria espicaçá-la um pouco.

— Deve estar brincando. Acha que vou fornecer informações confidenciais a um desconhecido do país das renas? Quer cartazes espalhados nos pontos de ônibus também?

Lucie serviu nervosamente sua Perrier num copo. *Sentimentos à flor da pele*, pensou Sharko.

— Escute, comissário. Passei o meu dia na estrada e torrei quase cem euros em passagens de trem para vir tomar uma Perrier. Um amigo meu está apodrecendo no antro de um hospital psiquiátrico por causa dessa história. Estou com calor, esgotada, de férias e, como se não bastasse, minha filha está doente. Então, com todo o respeito que lhe devo, poupe-me de suas piadas duvidosas.

Sharko cravou os dentes na rodela de limão, depois lambeu os dedos.

— Todos nós temos pequenas preocupações pessoais. Tempos atrás hospedei-me num hotel sem banheira. Ano passado, acho. Isso é um verdadeiro problema.

Lucie só podia estar sonhando. Fazer uma ida e volta Lille-Paris para ouvir a pessoa disparar tolices como aquela.

— O que faço então? Levanto e vou embora?

— Sua chefia está ciente, pelo menos?

— Acabo de dizer que não.

Era igual a ele, santo Deus. Sharko tentou enquadrá-la:

— Você está aqui porque está desperdiçando a vida. Na sua cabeça, fotos de cadáveres substituem as dos filhos, certo? Faça meia-volta, senão acabará como eu. Solitário, em meio a uma turba que morre no fogo brando.

Que dramas o haviam sugado para que tantas trevas fermentassem nele? Lucie lembrava-se das imagens do noticiário em que ele aparecia no canteiro de obras do oleoduto. E da horrível impressão que lhe transmitira; a de um homem à beira do precipício.

— Eu gostaria de lastimá-lo, mas não consigo. Não faz parte dos meus hábitos sentir compaixão.

— Acho seu tom um pouco agressivo. Sabia que está se dirigindo a um comissário, tenente?

— Sinto m...

Não teve tempo de terminar a frase. O celular disparou a tocar. Lucie consultou o relógio, o homem estava ligeiramente adiantado. Apreensiva, pegou o celular. Um número, com o prefixo +1 514. Fitou Sharko, desanimada.

— É ele. O que faço?

Sharko estendeu a mão. Lucie apertou os maxilares e chapou o aparelho em sua palma.

Inclinou-se para ele a fim de escutar a conversa. O comissário atendeu sem falar. A voz, na outra ponta da linha, perguntou, bruscamente:

— Tem as informações?

— Sou o perito que talvez o senhor tenha visto na televisão. O sujeito com uma camisa que devia ser verde e que estava de saco cheio dos jornalistas e do calor. Ou seja, sou eu que tenho as informações.

Lucie e Sharko trocaram um olhar tenso.

— Prove.

— E como quer que eu faça? Devo tirar uma foto e mandar pelo correio? Vamos parar com esse esconde-esconde. A agente policial com quem você falou ao telefone está comigo. A coitada torrou cem euros de trem por sua causa. Então diga o que sabe.

— Você primeiro. É sua última chance. Juro que desligo.

Lucie deu um tapinha no ombro de Sharko, incitando-o a aceitar e moderar suas palavras. O comissário ponderou, tomando cuidado para não ir muito longe nas revelações.

— Descobrimos cinco indivíduos de sexo masculino. Jovens adultos.

— Isso eu vi na internet. Não está me dizendo nada de novo.

— Havia um asiático entre eles.

— Quando morreram?

— Entre seis meses e um ano. Sua vez. Por que se interessa por esse caso?

A tensão era palpável no chiado das vozes que transitavam de um ouvido a outro.

— Porque estou investigando isso há dois anos.

Dois anos... Quem era ele? Um policial? Um detetive particular? E o que investigava?

— Dois anos? Os cadáveres só foram desenterrados há três dias e, no pior dos casos, morreram há um ano. Como pode estar investigando há dois anos?

— Fale-me dos corpos. Dos crânios, por exemplo.

Lucie não perdia uma migalha. Sharko resolveu dispensar mais lastro, a negociação muitas vezes exige concessões.

— Os crânios haviam sido serrados, muito higienicamente, com um instrumento médico. Retiraram-lhes os olhos, bem como...

— O cérebro...

Ele sabia. Um indivíduo, a seis mil quilômetros dali, sabia. Lucie, com seus botões, fez o elo com o filme: os olhos extirpados de um lado, as incisões em forma de íris do outro. Resmungou alguma coisa para Sharko. Ele aquiesceu e prosseguiu a conversa:

— Qual a relação entre os cadáveres da Normandia e o filme de Szpilman?

— As crianças e os coelhos.

Lucie tentou se lembrar. Balançou negativamente a cabeça.

— Que crianças, que coelhos? — indagou Sharko. — O que eles significam?

— Eles são a chave, o começo de tudo. E vocês sabem disso.

— Não, não sei! O começo do quê, cacete?!

— Algo mais sobre os corpos? Possibilidade de identificá-los?

— Não. O assassino eliminou toda possibilidade de identificação. Mãos decepadas, dentes

arrancados. Um dos corpos, mais bem conservado, tinha grandes extensões de pele raspadas nos braços e nas coxas, esfoladas pelo próprio.

— Tem alguma pista?

Sharko decidiu bancar o sutil.

— Eu teria de perguntar aos meus colegas. Oficialmente, estou de férias. E vou passar uns dez dias no Egito, para os lados do Cairo.

Lucie ergueu os braços, furiosa. Sharko dirigiu-lhe uma piscadela.

— Cairo... Então vocês... Não, as coisas não podem ter andado tão depressa. Vocês... Vocês são eles!

Desligou. Sharko esmagou a boca no aparelho.

— Alô! Alô!

Um silêncio atroz. Lucie estava literalmente grudada em seu ombro. Sharko sentia seu perfume, sua tepidez, não teve coragem de empurrá-la.

Estava terminado. Sharko colocou o celular na mesa. Lucie levantou-se, furiosa:

— Não é verdade! Caramba, comissário! Férias no Cairo! E agora, o que fazemos?

O comissário anotou o número, usando um canto de guardanapo, e guardou-o no bolso.

— *Fazemos?*

— Você e eu. Cada um para o seu lado ou comemos no mesmo prato?

— Um comissário não come no prato de um tenente.

— Por favor, comissário.

Sharko molhou os lábios na cerveja. Um pouco de frescor, para ter a mente clara. Aquele dia fora particularmente carregado em matéria de emoções.

— OK. Você desiste do restaurador de filmes e despacha o rolo para a polícia técnica. Coloque sua brigada no caso. Que o dissequem. Peça também para me mandarem uma cópia. E ainda para entrarem em contato com os belgas, temos de efetuar uma busca na casa desse Szpilman. É imprescindível descobrir quem é o canadense que acabou de bater o telefone na minha cara.

Lucie concordou, com a sensação de desmoronar sob a montanha de afazeres.

— E o senhor?

Após uma breve hesitação, Sharko terminou contando sobre o telegrama, enviado por um policial chamado Mahmud Abd el-Aal. Falou das três garotas, dos crânios serrados, como na França, das mutilações. Lucie estava boquiaberta, a complexidade do caso atraía-a cada vez mais.

— Ele disse “Vocês são eles” — acrescentou Sharko. — Isso confirma que o assassino que procuro não age sozinho. Há um que corta higienicamente os crânios, e o açougueiro, que dá o golpe com machado.

Sharko refletiu por mais alguns segundos e estendeu-lhe seu cartão. Lucie fez o mesmo. Ele guardou-o no bolso, terminou a cerveja e se levantou.

— Vou tentar encontrar repelente de insetos, antes de dormir. Dizer que detesto mosquitos seria um eufemismo. Odeio-os acima de tudo.

Lucie deu uma espiada no cartão de Sharko, virou-o. Estava completamente em branco.

— Mas...

— Quando encontramos uma pessoa uma vez, sempre a reencontramos. Mantenha-me a par.

Deixou o montante exato da consumação na mesa e estendeu-lhe a mão. No momento em que Lucie a apertou, ele prendeu-lhe o polegar, passou o seu por cima. Lucie rangeu os dentes.

— Boa jogada, comissário. Um a zero.

— Todo mundo me chama de Shark, e não de comissário.

— Desculpe, mas...

— Você não vai conseguir, eu sei... Nesse caso, fiquemos no comissário. Por enquanto.

Ele sorriu, mas Lucie percebeu algo de profundamente triste em suas retinas escuras. Ele então se voltou e tomou a direção do bulevar de Magenta.

— Comissário Shark?

— O quê?

— No Egito... Cuide-se.

Ele assentiu, atravessou a rua, transpôs a entrada da Gare du Nord e desapareceu.

Solitário... Era a única palavra que Lucie extraía daquela conversa.

Um homem solitário, terrivelmente solitário. E machucado. Como ela.

Ela olhou o cartão em branco, que segurava entre os dedos, sorriu e anotou, em diagonal, num dos lados, “Franck Sharko, vulgo Shark”. Seus dedos sublinharam por alguns segundos as letras daquela identidade de consonâncias duras, germânicas. Um sujeito esquisito. Lentamente, pronunciou, separando as sílabas, Fran-ck Shar-ko. Shark... O Tubarão...

Depois guardou o cartão na carteira e se levantou. O sol vermelho e implacável dardejava a capital, disposto a incendiá-la.

Rumo ao Hospital de Lille, a duzentos e cinquenta quilômetros de distância. O grande abismo de sempre entre o trabalho e a família.

[E]ram dez da noite quando Lucie entrou no quarto de Juliette. Aquela paisagem asséptica já lhe era quase familiar. As enfermeiras nos corredores, os carrinhos carregados de fraldas, mamadeiras, o ruído das luzes frias... Sua mãe jogava um video game, a nuca recostada displicentemente no encosto da grande poltrona marrom.

Marie Henebelle nada tinha da imagem que podemos fazer de uma avó, ou mesmo de uma mãe. Cabelo curto com mechas loiras e espetadas, roupas na moda, inteirada dos últimos *gadgets* para crianças: Wii, Playstation, Nintendo DS. Ela passava longas horas jogando *Cerebral Academy* no DS e *Call of Duty* no Playstation, um jogo em que era preciso matar o maior número possível de inimigos. A contaminação do mundo virtual não respeitava mais a idade.

Marie recebeu a filha sem um sorriso, levantou-se bruscamente e pegou sua bolsa de couro vermelho.

— Juliette vomitou mais duas vezes hoje à tarde. Pode esperar a bronca do médico.

Lucie beijou sua filhinha entorpecida, frágil como uma agulha de marfim, e voltou à sua mãe. Na tela, *Call of Duty* estava no “pause”. Marie acabava de mandar pelos ares três soldados com um fuzil automático e parecia extremamente nervosa.

— Bronca? Por quê?

— Pelo chocolate e pelos biscoitos, que você dá às escondidas. Acha que eles são idiotas? Eles lidam diariamente com mães do seu tipo. Mães que não os escutam.

— Ela não está comendo outra coisa! Ver a careta dela diante desse purê nojento me dá um aperto no coração.

— O estômago dela não suporta mais um grama de gordura, você pode entender? Por que sempre tenta contornar as regras?

Marie Henebelle estava à beira de um colapso. O dia inteiro confinada, a TV, os choros, aqueles video games que enlouqueciam qualquer um. Aquele hospital estava longe de ser tão repousante quanto uma talassoterapia três estrelas em Saint-Malo.

— Você está de férias, poderia dedicar um pouco de tempo a elas. Mas não. Despacha uma para a colônia de férias e vai passear na Bélgica e em Paris, enquanto a outra se liquefaz.

Lucie não aguentava mais, aquelas últimas horas já tinham sido suficientemente aflitivas.

— Mamãe, tenho outra folga em agosto e sairemos de férias as três juntas. Está agendado e teremos um momento só para nós.

Marie encaminhou-se para a porta.

— Eu achava que você tinha prioridades na vida, mas estava enganada. E agora vou dormir. Porque, dentro de algumas horas, serei obrigada a retornar, se bem compreendi. Ainda bem que a *vovó Marie* está aqui, não é isso?

Saiu. Lucie passou a mão no rosto, cansada, e desligou o televisor. A imagem do soldado pixelizado apagou-se bruscamente. Lucie pensou nas palavras de Claude Poignet, o restaurador: a

violência das imagens imperava em toda parte, até mesmo naquele quarto de criança, no coração de um hospital. A agressividade nas ruas não bastava? Precisavam explorar tão profundamente a intimidade familiar?

A penumbra voltou a predominar, agora reconfortante.

De pijama, Lucie empurrou a poltrona até a cama e se instalou silenciosamente ao lado de Juliette. De manhã, passaria na brigada para contar a seus superiores aquela história da bobina, ainda que nenhum promotor fosse instaurar um inquérito oficial a respeito de um filme de mais de cinquenta anos antes. Aquele comissário Sharko enxergara longe: mandar o rolo de filme para a polícia técnica, fazer buscas na casa de Szpilman! Como se tudo fosse tão simples. De onde surgira aquele comissário esquisito de bermuda e sapatos top sider? Curiosamente, Lucie não conseguia se desfazer da impressão que ele lhe deixara: a de um sujeito que, embora tivesse em seu ativo mais crimes do que os que ela veria em toda a sua vida, não queria deixar transparecer nada. Que horrores aninhavam-se no fundo de sua cabeça? Qual fora seu caso mais tenebroso? Já topara com assassinos em série? Quantos?

Terminou por adormecer, com a cabeça cheia de imagens sombrias, segurando a mão da filha.

* * *

O despertar, mais uma vez, foi brutal. Luzes frias acesas sem aviso, rasgando as pálpebras. Em sua sonolência, Lucie não se deu o trabalho de abrir os olhos. Tratava-se provavelmente de uma enfermeira, passando pela enésima vez para verificar se tudo corria bem. Encolheu-se ainda mais na poltrona, quando uma voz pesada arrancou-a definitivamente do torpor.

— De pé, Henebelle.

Lucie resmungou, debilmente. Seria possível que fosse...

— Comandante?

Kashmareck estava plantado à sua frente. Quarenta e seis anos, o rigor de um pé de cabra. A luz branca esculpia-lhe as feições e escavava zonas de sombra em seu rosto quadrado. Ele balançou o queixo na direção da menina, que ainda dormia dentro dos lençóis.

— Como ela está?

Lucie escondeu-se sob um cobertor, constrangida de mostrar-se em trajes tão sumários. Adeus, intimidade.

— Não se preocupe... O senhor não veio aqui só para saber notícias dela. O que houve?

— O que acha? Estamos diante de um crime sanguinolento. Alguma coisa... incomum.

Lucie continuava sem entender o sentido de sua visita. Soergueu-se um pouco e enfiou os pés em sua pantufa de coelho.

— Tipo?

— Sangrento. Um entregador de jornais ligou hoje de manhã. Ele tinha o hábito de entrar na casa de um cliente, às seis horas, para tomar um café. Só que encontrou o cliente pendurado na luminária da cozinha, os pulsos amarrados às costas. E esfolado, entre outras coisas...

Lucie murmurava. Ainda não compreendia o que estava acontecendo.

— Desculpe, comandante, mas... O que eu tenho a ver com essa história? Estou de férias e...

— Acharam seu cartão de visita na boca da vítima.

[V]iaturas da polícia, além da van da polícia técnica, já estavam estacionadas ao longo da rua Gambetta quando Lucie chegou. Havia esperado a mãe aparecer às nove horas, e tivera uma conversa com Juliette, explicando-lhe que em breve partiriam para a Vendeia, as três juntas, que construiriam centenas de castelos de areia na praia e tomariam sorvetes.

Naquele momento, contudo, nada de castelos de areia ou sorvetes. O que havia era algo mais viscoso e doentio: o mau-cheiro de uma cena de crime.

Kashmareck já estava lá. No hospital, Lucie lhe explicara tudo a respeito do filme, como agira com o comissário Sharko. No entanto, seu encontro com o comissário parisiense, na véspera, bem como sua ligação para a Divisão de Repressão à Violência sem avisar à chefia, haviam mergulhado o comandante numa raiva surda. Acertariam as contas mais tarde.

Lucie entrou na sala de Claude Poignet, o restaurador de filmes, sentindo um nó na garganta. Era um cômodo sem vida, intensamente iluminado pelas luzes halogênicas da polícia técnica a fim de não negligenciar qualquer indício. O homem ou os homens que tinham invadido a casa de Ludovic, depois a de Szpilman, haviam finalmente abocanhado o filme. Segundo os colegas que revistavam o sótão, não restava mais nenhum vestígio do rolo misterioso. Lucie balançava a cabeça, apertando os lábios:

— Ele morreu por minha causa. Fui eu que o lancei na boca do lobo. Ele vivia aqui, pacificamente, e hoje...

Agachou-se e acariciou o gato, que veio se esfregar em suas pernas.

— Quem vai cuidar de você, agora?

Kashmareck enfiou-lhe algumas fotografias diante do nariz.

— O que está feito está feito. Não viemos aqui para nos condoer.

Triste, Lucie não contestou, interessando-se pelas fotos da cena do crime. Dezenas de retângulos mórbidos, vontade de vomitar. Enquanto apontava as fotos, Kashmareck discorria:

— Ele foi amarrado, amordaçado e enforcado ali, no gancho da luminária, com a película de filme. Não imagino uma pessoa sozinha fazendo isso. Penso, considerando o pé-direito, que foram pelo menos dois. Um para erguê-lo e outro para enganchá-lo.

— O comissário Sharko emitiu a hipótese de dois assassinos no caso de Gravenchon. Isso pode confirmar que estamos lidando com os mesmos indivíduos.

O comandante apontou o indicador para a poltrona.

— Encontramos uma lata de filme vazia sobre as almofadas. O filme que foi usado para enforcá-lo era *A árvore dos enforcados*, um velho faroeste. A vítima tinha mais de cem faroestes em suas estantes do segundo andar. *A árvore dos enforcados*, você se dá conta? Devemos admitir que esses assassinos têm um humor sinistro.

Lucie bebera apenas um café, sentia-se nauseada. Uma frase pronunciada pela vítima voltava-lhe à mente: “*Eu deixarei este mundo com uma película na ponta dos dedos, acredite em mim.*” Ele não

imaginava estar tão certo. E as preocupações com a filha e a mãe não ajudavam muito. Felizmente, o corpo já fora levado, o que tornava a cena mais impessoal, menos difícil de suportar.

Os peritos esquadrinharam os espaços menos óbvios. Era possível deslocar-se pela casa, mas apenas seguindo os caminhos balizados. No chão, sob a luminária, sangue aos borbotões. As gotas espalhavam-se como se esguichadas de um chafariz. Ladrilho, rodapés, pés da mesa.

— Depois de pendurado, limparam-no como se fosse um peixe. Em seguida rechearam seu bucho com película de filme, no lugar dos intestinos. O legista é categórico nesse ponto: a vítima já estava morta nesse momento. Morto por asfixia. Ainda ignoramos se foi resultado do enforcamento.

O gato esgueirou-se na direção da porta de entrada e miou para sair. Lucie abriu para ele, depois examinou uma das fotografias. O velho, aberto do pescoço ao púbis. Suas entranhas espalhadas no chão, caídas de mais de um metro de altura. Sem olhos. Outro caso de enucleação. No lugar, dois fragmentos de celuloide aplicados nas órbitas, evocando óculos escuros.

— Os olhos...

— Evaporados.

Lucie compreendeu imediatamente. Mais um ponto em comum com o caso de Sharko e os cadáveres de Gravenchon. A importância do olho, como no filme... Cada vez mais provável que os indivíduos que haviam enterrado os cinco sujeitos na Alta Normandia fossem os assassinos de Poignet. Kashmareck passou a mãos no cabelo raspado, suspirando. Pegou um saquinho lacrado e o estendeu para Lucie, que usava luvas de látex. Dentro do saco transparente, dois fotogramas quase idênticos, recortados de um filme. Lucie franziu a testa e passou os retângulos sob a luz.

— Não dá para ver muita coisa... Eu diria... um close da superfície do chão. Conseguiram identificar o filme de onde essas imagens provêm?

— Dessa vez, não. Vamos enviá-las para nossos técnicos em informática. Eles ampliarão. Requisitaremos especialistas em cinema se for o caso. Isso deve significar alguma coisa.

Lucie cravou novamente os olhos nos retângulos perfurados.

— Dezesseis milímetros. Como o filme roubado.

Com o indicador, o comandante apontou para a boca do cadáver.

— Seu cartão na boca dele sugere uma ameaça. Podemos colocar uma equipe no seu prédio por alguns dias.

Lucie balançou a cabeça.

— Não é necessário. Eles são como uma matilha de lobos. Estão nos monitorando, a mim e a Ludovic, progrediram no nosso rastro... Minha fechadura estava agarrando, ontem. Provavelmente invadiram minha casa, como fizeram na casa de Ludovic e aqui.

Esse pensamento deu-lhe um calafrio. O que teria acontecido se estivesse em casa naquele momento?

— No fim, eles terminaram nos passando a perna, conseguindo o filme, e então quiseram que todos soubessem. Marcaram território. Agora que detêm o que procuravam, periga desaparecerem e caírem novamente no esquecimento.

Ela olhou para os técnicos da polícia que trabalhavam com suas pinças, seus grãos de poeira.

— Encontraram vestígios, impressões digitais?

— Da vítima, provavelmente. Nada muito flagrante, por enquanto. Temos poucas chances com a vizinhança, a rua é muito comercial, com um número ínfimo de moradores. Pouco frequentada à noite.

— Hora estimada da morte?

— Entre meia-noite e três da manhã, pelas primeiras constatações. A fechadura praticamente não foi forçada. A vítima ainda não tinha ido dormir, aparentemente, uma vez que a cama não estava desfeita.

Na sala, tudo continuava arrumado, nenhum sinal de luta. Lucie imaginava perfeitamente dois brucutus atacando aquele velho indefeso. Poderiam muito bem ter se apoderado do filme e ido embora. Mas quiseram “limpar” tudo, não deixar nenhum vestígio, nenhuma testemunha. E conceder-se um pequeno extra, com sua cenarização digna de um filme de David Fincher. Matar a sangue-frio não é um ato fácil. É preciso controlar suas pulsões, combater o que a sociedade, a religião e a consciência proíbem. Recalcar os próprios fundamentos do espírito humano. Mas eles tinham eliminado, retirado os olhos e estripado um homem, permitindo-se inclusive demorar-se vasculhando seus *westerns* para criar um efeito mais forte. Que tipo de desajustado escondia-se por trás daquele crime? Qual a sua motivação para transgredir os limites àquele ponto?

Lucie subiu ao primeiro andar. As molduras, na escada, não haviam se mexido. A policial evitou encarar os olhos daquela mulher, nas fotos. Marilyn...

Os colegas revistavam os cômodos. Lucie passou pelo laboratório de revelação. Numa prancheta, velhas câmeras, bobinas, produtos para revelação. Entrou então na oficina de restauração, seguida pelo comandante. A cadeira, em frente à moviola, estava tombada.

— Três horas da manhã, você me disse... O que Poignet descobrira para ficar trabalhando até essa hora?

Ela se posicionou junto à máquina, tomando cuidado para não penetrar na zona delimitada pelas fitas amarelas e pretas da polícia. Um técnico continuava a dispor papéis numerados diante dos objetos e a fotografá-los.

— O contador de tempo da moviola marcava zero, tiveram que rebobinar o filme para poder levá-lo. Poignet devia estar no meio de sua perícia.

Lucie voltou-se para o fundo da oficina. Os cabos arrancados, escâner destruído.

— Merda!

— O que há?

— Claude Poignet ia digitalizar o filme para mim, era minha esperança. Mas o laptop desapareceu.

Estalou os dedos.

— Quem sabe ele não teve tempo de enviar o arquivo ou um link internet para que eu fizesse o download? Preciso verificar meus e-mails. Seu celular tem internet?

— É um iPhone do último modelo.

Estendeu-lhe a engenhoca. Lucie rezou para que Poignet tivesse lhe enviado o filme. Queria

prolongar a viagem com a mulher mutilada, a garotinha no balanço, queria ir além do que as imagens haviam mostrado. Entranhar-se no espírito do cineasta, compreender sua loucura artística e talvez bem real. Entrou em sua conta. Algumas mensagens do namoro.com, mas só. Sentiu-se impotente.

— Nada...

Suspirou e, com uma voz sumida, declarou:

— Temos de entrar em contato com os belgas. Precisamos interrogar o filho, fazer os retratos falados, vasculhar a casa de Szpilman de cima a baixo e saber onde ele garimpou o filme. Remontar à fonte. É, no momento, o único meio de rastrear essa maldita bobina.

— Vamos nos encarregar disso.

Seus olhos pousaram na moviola, com os pratos agora vazios, o cestinho, com os cartões de visita que as equipes não demorariam a recolher.

— A menos que...

Voltou-se para o telefone, ao fundo.

— Sei o que está pensando — disse Kashmareck. — Já levantamos a lista das ligações feitas e recebidas pela vítima. Seguimos as normas. Vamos investir nisso, contatar essas pessoas, cada coisa a seu tempo.

— Muito bem. Entre elas, há um historiador do cinema. Temos uma chance, caso ele tenha conseguido reconhecer a atriz do olho perfurado. E também... — puxou um cartão do bolso e o estendeu a seu comandante —, esse cara, Beckers. É um especialista no impacto da imagem no cérebro, com quem Poignet ia falar.

Kashmareck guardou o cartão no bolso.

— Cuidaremos disso.

— Esse filme diabólico varre do caminho todos que se aproximam dele. Wlad Szpilman, Ludovic Sénéchal, agora Poignet. É fundamental colocarmos as mãos nele.

— E suas férias?

— Encerradas. Vou dar um pulo em casa para me trocar e correr para avisar Ludovic Sénéchal de que seu amigo está morto. Feito isso, vamos à luta. Quero encontrar esses porcos.

[Q]uando a porta dianteira do A320 abriu-se para a pista do aeroporto internacional do Cairo, Sharko teve a sensação de receber uma onda de fogo no rosto. Um ar sufocante, carregado de fumaça e querosene, que irritava a garganta. O comissário de bordo anunciara uma temperatura externa de 36°C, o que provocara um amplo clamor entre os passageiros, turistas em sua maioria. No mesmo segundo em que colocou os pés em solo egípcio, o policial soube que ia detestar aquele país.

Como combinado, Mickaël Lebrun o esperava embaixo da passarela. O homem impunha respeito. Enfiado numa calça bege-clara e numa camiseta de mangas curtas, rosto reto como a base de uma pirâmide, detalhava de forma meticulosa o fluxo colorido que se espalhava pelos meandros do aeroporto. Moreno, pele bronzada, cabelo curto, poderia ser facilmente confundido com um agente da alfândega. Os dois homens trocaram um firme aperto de mão — o polegar de Sharko por cima —, depois Lebrun se afastou ligeiramente.

— Espero que tenha feito boa viagem. Apresento-lhe Nahed Sayyed, uma das intérpretes da embaixada. Ela o acompanhará por ocasião de seus deslocamentos pela cidade e facilitará suas entrevistas com a polícia.

Sharko cumprimentou-a. Suas mãos eram macias, delicadas, e as unhas, cortadas rentes. Longos cabelos negros, finos e esvoaçantes, emolduravam olhos sedutores. Devia ter uns trinta anos e estava longe da imagem que Sharko fazia das mulheres egípcias, de véu, submissas, vivendo à sombra do marido.

Nos intermináveis corredores refrigerados, questões burocráticas antes de tudo. Lebrun aconselhou-o a retirar libras egípcias nas máquinas do aeroporto, uma vez que na cidade era difícil conseguir troco, obrigatório para turistas. Após falarem sobre amenidades — entre elas a interpelação de um agente da alfândega a respeito da presença de uma locomotiva miniatura, bem como de um pote de molho coquetel em sua bagagem —, o comissário pôde finalmente recuperar seus pertences. Uma breve conversa esclareceu-o acerca da função de Mickaël Lebrun naquele país. Braço direito do embaixador da França para assuntos de segurança no Egito, atuava igualmente como conselheiro técnico junto ao diretor da polícia do Cairo, um general estrelado. Sua especialidade o orientava mais para os casos de terrorismo internacional. Nahed, por sua vez, escutava, ligeiramente retraída, quase apagada.

A explosão de ruídos, o alvoroço da multidão e o calor quase fizeram o policial francês voltar atrás. Rezou para Eugénie ficar no canto dela, longe, no fundo de sua cabeça. Entretanto, considerando as circunstâncias e seu desinteresse pela arquitetura egípcia, parecia evidente que ela não demoraria a sair da toca para espezinhá-lo.

Embarcaram num Mercedes sedã, o maior modelo do país. Apesar da insistência do comissário Sharko, Nahed fez questão de ocupar o banco traseiro. O potente automóvel deixou Heliópolis e se embrenhou na autoestrada Salah-Salem, que ia injetá-los nas entranhas do Cairo.

Bem em frente, a massa escura da cidade vibrava sob um céu de cobre.

No trajeto, Lebrun estendeu uma garrafa d'água a Sharko, que ressuscitava, inalando profundamente o reciclado ar-condicionado.

— Seu superior, Martin Leclerc, não quer que senhor perca muito tempo, uma vez que o retorno está programado para amanhã à noite. Ele sugeriu que vá ao comissariado hoje. Pessoalmente, eu teria preferido esperar um pouco, a fim de que repousasse e pudesse desfrutar da cidade, mas...

— Martin Leclerc ignora o significado da palavra repouso. Como faremos?

— Deixo-o em seu hotel, à rua Mohamed-Farid, não muito longe do comissariado. Nahed aguardará no saguão. A propósito, ela o acompanhará aonde desejar. Não se apresse, recupere-se. Em seguida, alguém o pegará no local, será por volta das quatro da tarde, penso. O inspetor-chefe Hassan Nureddin, da brigada, irá recebê-lo.

— No comissariado, terei acesso a todas as informações?

Mickaël Lebrun reagiu friamente. Ao redor, o tráfego piorava. Ônibus e táxis lotados ultrapassavam de todos os lados numa zoeira infernal.

— Nesse momento estamos numa situação delicada em função do abate dos porcos. Com a propagação do vírus da gripe A, vários deputados da Assembleia do Povo obtiveram ganho de causa para a erradicação dos animais. Desde o final de abril, são incontáveis os conflitos entre os criadores e as forças da ordem. O senhor chegou em má hora e, infelizmente, minhas relações com o inspetor-chefe não são as melhores do mundo. Ele tem autoridade suprema sobre a área de Kasr-el-Nil, que administra com mão de ferro. Mas, creia, Nahed irá ajudá-lo da melhor forma possível, Nureddin a conhece especialmente bem.

Sharko deu uma espiada no retrovisor interno. Nahed mantinha-se reta como uma esfinge entre os encostos de couro. Quando seus olhares se cruzaram, ela desviou os olhos para o vidro. Sharko julgou compreender, num segundo, o que Lebrun queria dizer com “a conhece especialmente bem”.

O Cairo revelava finalmente seu coração ardente, esse músculo pulsante que Suzanne tanto teria apreciado tocar com as próprias mãos. Sharko deixou um olho triste arrastar-se pelos minaretes requintados que ladeavam as universidades, as mesquitas com telhados de ouro reluzindo na poeira levantada pela fúria dos carros, os campos dos clubes de futebol, apagados atrás das gigantescas bancadas de frutas. Reinava um frenético caos urbano, que fazia Paris parecer uma aldeia. Vinte milhões de habitantes que davam a impressão de fervilhar dentro de um lenço de bolso. Vendedores de peças para automóveis precipitavam-se em meio às vias atulhadas, pessoas atravessavam em qualquer lugar, às vezes auxiliadas por *atravessadores de rua*. Nada de profissões idiotas, ali. Empurravam-se carrinhos de tijolos, asnos cansados rebocavam montanhas de panos ao lado de velhos táxis pretos Nasr 1300. Nas perigosas calçadas, criaturas de véu corriam e telefonavam ao mesmo tempo, o celular encaixado entre a face e o *hijab*, já não tão branco.

— Como pode notar, o pedestre é soberano — observou Nahed, recuperando o sorriso. — O pedestre que está dentro de um carro, naturalmente. Sem buzina, impossível avançar no Cairo. E sem uma boa audição, impossível atravessar.

Era a primeira vez que Sharko ouvia sua voz, uma bela mistura de francês com sabores orientais.

— E como é possível viver nesse meio ambiente, no dia a dia?

— Oh! O Cairo tem muitos outros rostos. É em suas artérias mais profundas que ouvirá seu coração bater.

— Nessas mesmas artérias onde foram encontradas as três garotas assassinadas, há dezesseis anos?

Sharko sempre tivera o dom de esfriar as conversas; diplomacia não era seu forte. Apontou Lebrun com o queixo.

— Poderia esclarecer melhor essa história, uma vez que é por essa razão que estou aqui?

— Minha missão no Egito começou há apenas quatro anos. Nossas funções exigem que viajemos muito. E, para resumir, ainda não vi o inquérito.

Sharko compreendeu imediatamente que seu interlocutor não queria se envolver. Um diplomata...

— Esse Nureddin vai me levar ao local dos crimes, se necessário? — o policial francês mostrou-se esperançoso.

— O senhor precisa saber de uma coisa, comissário. O país avança e os governantes egípcios detestam voltar atrás. O que espera, após tanto tempo?

— O senhor se encarregará disso, em último caso?

O comissário Lebrun buzinou por sua vez, sem motivo aparente. Um sujeito estressado, mas como não ficar estressado naquele ciclone de aço e barulho?

— Fora de questão tocar o barco sem o consentimento de Nureddin. Por um lado, a embaixada não aprecia esse tipo de improvisação, o planejamento e os assuntos tratados pela polícia do Egito estando sob a responsabilidade do secretário de Defesa. Por outro lado, não terá tempo para isso.

Sharko sorriu, contrariado.

— Eu pensava que era este o motivo de meus dois diazinhos de viagem... E suponho que Nahed não estará ao meu lado apenas para traduzir. — Voltou-se para a moça. — Não é mesmo, Nahed?

— O senhor tem a imaginação fértil, comissário — replicou Lebrun, num tom seco.

— Não imagina quanto.

Rua Mohamed-Farid. O Mercedes parou em frente ao hotel Happy City, um três estrelas com a fachada cor-de-rosa e preta.

— Limpo e típico — comentou Lebrun —, quase todos os hotéis da capital estão lotados. Julho no Cairo é um período bastante turístico.

— Contanto que tenha uma banheira...

O comissário da embaixada estendeu seu cartão.

— Espero o senhor à noite no restaurante Maxim, do outro lado da praça Talaat-Harb, não longe daqui, às sete e meia. Lá cantam Piaf e bebe-se vinho francês. O senhor me fará um relato de seu encontro com Nureddin, se lhe aprouver.

Haviam decidido não deixar nada por conta do acaso. Uma vez do lado de fora, Sharko

recebeu o bafo quente e começou a suar. O ronco dos motores, o silvo estridente das buzinas e o cheiro dos escapamentos eram insuportáveis. Num suspiro, pegou a mala no bagageiro. Quando se voltou, Eugénie estava defronte ao hotel, de braços cruzados, sempre com a mesma roupa. Emburrada, olhava os veículos se debaterem na via, digna da avenida dos Champs-Élysées.

— ...missário?

Lebrun esperava, a mão estendida à frente. Sharko foi até ele e apertou-a nervosamente. O adido da embaixada olhou de relance na direção que o policial francês fixava segundos antes. Não havia ninguém.

— Um último conselho. Nureddin é linha-dura. Discordar dele é trair o Egito, se é que me entende. Portanto, não se exalte e mantenha-se *low profile*.

— Não deve ser muito complicado, *low profile*, no país dos hieróglifos...

[O] comissariado central da jurisdição de Kasr-el-Nil parecia o palácio malconservado de um sheik falecido. Protegido por grades altas e pretas, sua fachada escura dava para um jardim onde se misturavam palmeiras e viaturas policiais, que mais pareciam caminhonetes de quitandeiros. A única diferença eram as grandes sirenes azuis, em dois tons. Ao pé de uma escadaria, seis soldados — camiseta branca, quepe, tendo como insígnia uma águia igual à da bandeira nacional, fuzil MISR a tiracolo — estalararam as mãos no peito quando um homem corpulento saiu, exibindo três estrelas nas dragonas, na altura dos ombros.

Hassan Nureddin encaixou os dedos gordurosos nos quadris e inalou o ar saturado de gás e poeira. Bigodinho preto, olhos escuros como tâmaras passadas do ponto sob sobranceiras grossas, faces encovadas. Esperou que Sharko e Nahed Sayyed chegassem onde estava para cumprimentá-los. Apertou educadamente a mão do colega francês, concedendo-lhe inclusive um apático “bem-vindo”. Interessou-se mais pela moça, com quem trocou algumas palavras em árabe. Esta inclinou-se para a frente, forçando um sorriso. Em seguida, o homem se voltou, empertigado, e mergulhou no interior do prédio. Sharko trocou com Nahed um olhar que dispensava comentários.

No gigantesco saguão, com mesas de escritório espalhadas aqui e ali, escadas vigiadas por policiais levavam ao subsolo. Ouviam-se clamores, cânticos árabes, ladainhas entoadas por mulheres em coro. Sharko esmagou um mosquito no antebraço. O quinto, a despeito da tonelada de repelente com que se lambuzara. Aqueles demoniozinhos estavam em toda parte e pareciam imunizados contra qualquer forma de proteção.

— O que as mulheres estão cantando?

— “A prisão nada pode contra as ideias” — murmurou Nahed. — Estudantes. Protestam contra a proibição imposta à Fraternidade Muçulmana, impedindo-a de apresentar candidatos nas eleições.

Sharko deparou-se com uma polícia moderna e bem equipada — computadores, Internet, especializações técnicas, como a de confecção de retratos falados —, mas que ainda parecia funcionar à moda antiga. Um formigueiro de homens e mulheres — a maioria de véu — esperava no saguão, as portas das salas abriam e fechavam, e os mais rápidos — a noção de “fila” não existia — entravam na frente.

Sharko e a intérprete foram obrigados a deixar seus celulares — para que não tirassem fotos ou gravassem conversas — e chegaram a um gabinete digno de um salão do castelo de Versalhes. O exagero imperava. Mármore no chão, vasos canópicos e minoicos, papéis de parede estampados, bronzes dourados. Um imenso ventilador girava no teto, espalhando o ar viscoso. Sharko sorriu intimamente. Patrimônio nacional, tudo pertencia ao Estado, não ao gordo presunçoso que se instalava pesadamente em sua poltrona, baforando um charuto local. Embora muitos caiotas passeassem suas panças com desenvoltura, não era o caso daquele sujeito.

O egípcio estendeu as palmas abertas das mãos na direção de duas cadeiras, onde se instalaram Sharko e Nahed, que se munuiu de um bloquinho e uma caneta. Ela usava um vestido comprido de tecido cáqui e uma túnica combinando, que revelava um pouco da nuca bronzeada.

O inspetor-chefe cravou seus grandes olhos suínos e despudorados em Nahed. Ali dentro, era possível mostrar admiração pelas mulheres, o que não acontecia na rua, onde os *tssss*, *tssss* pejorativos dardejavam assim que uma espécime feminina sem véu cruzava o caminho de um muçulmano. O inspetor cofiou o bigode, depois ergueu um papel à sua frente. À medida que ele falava, Nahed ia cobrindo seu bloquinho com símbolos estenográficos, antes de traduzir:

— Ele diz que o senhor é um especialista em assassinos em série e crimes complicados. Mais de vinte anos a serviço da polícia francesa, no departamento de Homicídios. Diz que isso é impressionante. Pergunta como vai Paris.

— Paris tem dificuldade para respirar. E como vai o Cairo?

O inspetor-chefe esmagou o seu Cleópatra entre os dentes, sorrindo e falando ao mesmo tempo.

Vez de Nahed.

— O paxá Nureddin diz que o Cairo treme no ritmo dos atentados que sacodem o Oriente Médio. Diz que o Cairo está sufocado pelas redes muçulmanas, bem mais perigosas que a gripe suína. Diz ter se enganado de alvo, queimando todos aqueles porcos nos fossos da cidade.

Sharko lembrou-se das fumaças pretas ao longe, vislumbradas na periferia da cidade: porcos sendo incinerados. Respondeu mecanicamente, quase vomitando:

— Concordo com o senhor.

Nureddin balançou a cabeça, continuou a bradar por alguns instantes antes de empurrar uma pasta velha na direção do comissário.

— No que se refere ao seu caso, ele diz que está tudo aí, à sua frente. O inquérito de 1994. Nada informatizado, é muito antigo. Ele diz que você tem sorte, não foi fácil encontrar.

— Devo agradecer-lhe, suponho?

Nahed traduziu, afirmando que Sharko agradecia infinitamente.

— Ele diz que o senhor pode consultar aqui mesmo e voltar amanhã, se quiser. As portas estão abertas para o senhor.

As portas, sim, mas blindadas, com guardas que vigiariam todos seus passos e atitudes. Sharko obrigou-se a agradecer-lhe com um meneio do queixo, puxou os elásticos e abriu. Fotografias de cenas de crime amontoavam-se num plástico transparente. Havia também diversos relatórios, fichas das adolescentes com suas identidades, provavelmente as vítimas. Dezenas e dezenas de páginas redigidas em árabe.

— Peça-lhe para descrever o caso, por favor... Só de pensar que a senhorita terá de me traduzir tudo isso me dá náuseas.

Nahed obedeceu. Nureddin bombeou languidamente seu charuto e expeliu uma nuvem de fumaça.

— Ele diz que isso aconteceu há muito tempo e não se lembra mais direito. Está pensando.

Sharko tinha a sensação de evoluir no âmago de uma das histórias de Tintim, *Os charutos do*

faraó, com o rotundo Rastapopoulos à sua frente. Beirava o ridículo.

— Garotas com o corpo todo mutilado, com os crânios abertos... disso ninguém se esquece.

Nahed limitou-se a fazer uma cara feia para o comissário. O oficial egípcio pôs-se a falar lentamente, fazendo pausas para que a moça traduzisse.

— Ele está se lembrando vagamente, agora, ele já era o chefe da brigada. Diz que elas morreram com um ou dois dias de intervalo. A primeira morava no bairro Shubra, no Norte da cidade. Outra num bairro irregular, perto das fábricas de cimento Tora, no limiar do deserto. E a terceira, nas proximidades da favela de Ezbet-El-Naghl, área dos catadores de lixo... Ele diz que a polícia nunca estabeleceu vínculos entre elas. Elas não se conheciam e cursavam escolas diferentes.

Para Sharko, aqueles nomes de bairros não significavam rigorosamente nada. Agitou a camisa para secá-la. O suor escorria por suas costas. O ar frio lhe fazia bem, mas estava morrendo de sede. A hospitalidade não parecia estar entre os primeiros atributos daqueles policiais.

— Suspeitos, testemunhas?

O gordo balançou a cabeça e falou. Nahed pareceu hesitar, antes de traduzir suas palavras.

— Nada de muito preciso. Sabemos apenas que as garotas foram mortas à noite, quando voltavam para casa, e que foram encontradas nas proximidades do local de seu rapto. Todas elas, a poucos quilômetros de suas casas. Nas margens do Nilo, nas portas do deserto, nos canaviais. Todos os detalhes estão nos relatórios.

Nada mal para um desmemoriado. Sharko refletiu. Locais isolados, onde o assassino podia agir tranquilamente. Quanto ao *modus operandi*, existiam tantos pontos em comum quanto diferenças com relação aos cadáveres de Notre-Dame-de-Gravenchon.

— Poderia me fornecer um mapa da cidade?

— Ele diz que lhe entregará agora mesmo.

— Obrigado. Gostaria de estudar esses relatórios no hotel, hoje à noite, é possível?

— Ele diz que não. Eles não podem sair daqui. É a norma. Em contrapartida, pode fazer anotações, e eles passarão por fax os documentos que lhe interessarem, após inspeção, naturalmente.

Sharko resolveu apertar um pouco mais, queria sondar os limites de seu território de investigação:

— Amanhã, eu gostaria de visitar os lugares onde aconteceram os crimes e os raptos. Indica alguém para me acompanhar?

O homem encolheu seus ombros encardidos e estrelados.

— Ele diz que seus homens estão muito ocupados. E que não compreende por que deseja ir a lugares que certamente não existem mais. O Cairo estende-se como... Estende-se como um campo minado.

— Um campo minado?

— São seus termos... Ele pergunta por que os senhores, os ocidentais, não confiam neles e precisam refazer o trabalho do próprio jeito.

O tom do egípcio continuava informal, opressivo, mas ganhava nuances. As da dominação e da autoridade. Ali era a casa dele, seu território.

— Só quero entender como as pobres garotas foram parar nas mãos de um assassino da pior espécie. Sentir como esse predador pôde se deslocar por essa cidade. Todos os assassinos deixam cheiros, mesmo anos depois. Os do vício e da perversão. Quero aspirá-los. Quero me mover no espaço onde ele matou.

Sharko fixava Nahed com olhos sinistros, como se lhe falasse diretamente. A jovem egípcia transcreveu suas palavras. Nureddin esmagou com um gesto firme o charuto quase inteiro num cinzeiro e se levantou.

— Ele diz não compreender nem sua profissão, nem seus métodos. Os policiais daqui não ficam por aí fuçando como cães, eles agem, erradicam a escória. Ele não tem interesse em voltar a coisas soterradas no passado, nem reabrir feridas que o Egito quer esquecer. Nosso país já tem problemas suficientes com o terrorismo, os extremistas e as drogas. — Ela apontou o queixo para o magro dossiê. — Está tudo aí, ele não pode fazer mais nada. Esse caso é muito antigo. Há uma sala ao lado. Ele pede que se levante e se acomode por lá.

Sharko obedeceu, não sem antes enfiar a cópia do telegrama da Interpol no nariz do inspetor-chefe. Dirigiu-se a Nahed, que repetiu suas palavras em árabe egípcio:

— Um inspetor chamado Mahmud Abd el-Aal havia despachado esse telegrama. Era o responsável pela investigação, na época. O comissário Sharko gostaria de falar com ele.

Nureddin congelou e, empurrando o impresso para fora seu campo de visão, cuspiu uma sopa de palavras indigestas.

— Transmito palavra por palavra: “Esse filho do cão Abd el-Aal está morto.”

Sharko sentiu como se levasse um chute no saco.

— O quê?

O chefão egípcio falava mostrando os dentes. Por cima do colarinho apertado da camisa, as veias de seu pescoço latejavam.

— Ele diz que o encontraram queimado no fundo de um beco sórdido do bairro Sayeda Zenab, poucos meses depois desse caso. Um acerto de contas entre muçulmanos extremistas. Paxá Nureddin conta que, quando os policiais foram ao apartamento de Abd el-Aal, depois do drama, descobriram o programa da ação muçulmana escondido em seus pertences, com passagens sublinhadas pelo punho de Abd el-Aal. Era um traidor. E em nosso país os traidores terminam “estourados” como cães.

No saguão, Nureddin ajeitou sua boina com firmeza. Debruçou-se no ouvido de Nahed, colocando a mão sobre seu ombro. A jovem largou o bloquinho. O inspetor-chefe falou com ela demoradamente, depois tomou a direção das escadas, de onde vinham os cânticos.

— O que ele disse? — perguntou Sharko.

— Que há um mapa da região, na sala para onde vamos.

— Ele pareceu falar muito mais.

Ela afastou nervosamente seus cabelos para trás dos ombros.

— Foi só uma impressão...

Ela o conduziu para um recinto que continha o mínimo necessário. Mesa, cadeiras, quadro, pequeno material burocrático. Uma janela fechada dava para a rua Kasr-El-Nil. Sem computador. Sharko apertou um interruptor, que supostamente acionaria o ventilador no teto.

- Não funciona. Eles nos enfiaram de propósito nesta sala.
- Como pode pensar uma coisa dessas? Pura coincidência.
- Está bem, coincidência. Não existe isso com essas pessoas.
- Desde que chegou, sinto que... desconfia um pouco da gente, comissário.
- É só uma impressão...

O policial observou a presença de uma sentinela, não muito longe da porta. Estavam sendo vigiados. Evidentemente, seguindo instruções.

— Podemos fazer cópias?

— Não. Tudo está protegido por códigos. Apenas os computadores dos oficiais têm entrada USB ou leitores de CD. Nada nunca sai daqui.

— Questão de segurança, evidentemente. Bom, trabalharemos com o que temos.

Sharko abriu o dossiê. Mergulhou a mão no compartimento das fotos e hesitou antes de espalhá-las à sua frente. Não estava em sua melhor forma, e Nahed, por sua vez, parecia perturbada.

— Vai aguentar? — perguntou ele.

Ela assentiu sem responder. O comissário dispôs as fotografias à sua frente. A moça tentou vê-las, levando a mão à boca.

— É monstruoso.

— Eu não estaria aqui se não fosse.

Dezenas de fotografias representavam a morte, sob todas as suas faces. Os corpos certamente haviam sido fotografados poucas horas após a morte, mas o calor ampliara os estragos. Sharko dissecou o horror. Os despojos haviam sido largados de maneira selvagem, lacerados, mutilados a faca, sem vontade especial de criar um cenário. O policial passou às fichas de identidade, observando atentamente as fotos das vítimas fornecidas pela família. Fotos de má qualidade, tiradas na escola, na rua, em casa. As adolescentes eram realmente alegres, risonhas, e tinham pontos em comum. A idade — quinze ou dezesseis anos —, os olhos e os cabelos pretos. O comissário estendeu as fichas a Nahed e pediu-lhe que traduzisse. Paralelamente, considerou o mapa do Cairo espetado na parede, com todos os nomes das ruas em árabe. Um monstro de civilização, aquela cidade, rasgada de norte a sul pelo Nilo, limitada a leste e sudeste pelas colinas de Mokattam, mordida ao sul por uma vasta extensão arenosa semeada de ruínas da cidade velha.

O policial espetou alfinetes nos lugares-chave indicados pela moça. Os corpos das vítimas haviam sido descobertos a uma distância de cerca de quinze quilômetros um do outro, ao longo de um arco em torno da aglomeração. O bairro dos catadores de lixo a nordeste, as margens entre as quais o Nilo corre para noroeste — a cinco quilômetros do posto policial —, o deserto branco ao sul. Estudantes, de classe baixa. Nahed conhecia o Cairo como a palma da mão. Foi capaz de apontar as escolas e bairros de cada uma. Sharko se interessou pelo incrível espaço ocupado pelas fábricas de cimento Tora, as maiores do mundo, em cujas proximidades morava uma das vítimas.

— Ainda há pouco você falou em bairro irregular nos arredores das fábricas de cimento. O

que significa isso?

— Trata-se de bairros com alojamentos precários construídos para os pobres, sem levar em conta regras de urbanismo ou oferecer serviços públicos. Sem água potável, esgoto, coleta de lixo. Eles são numerosos no Egito, incham as cidades. O Estado disponibiliza cerca de cem mil alojamentos por ano, quando seriam necessários setecentos mil para absorver o ritmo do crescimento demográfico.

O policial fazia anotações enquanto isso. Nomes das garotas, locais das descobertas, situação geográfica...

— Esses bairros são como de favelas?

— As favelas do Cairo são piores. É preciso ver para crer. A segunda vítima, Bussaina, vivia nas proximidades de uma...

O comissário continuou a examinar atentamente as fotografias. Fisionomias, particularidades físicas. Recusava-se a acreditar em acaso. O assassino se deslocara, para ir de um bairro a outro. Garotas pobres, não especialmente bonitas, que não chamavam a atenção. Por que essas três garotas? Estaria acostumado a conviver com a miséria, devido à sua atividade? Já as encontrara anteriormente? Um ponto em comum... Havia certamente um ponto em comum.

Por uma hora, Nahed souou para destacar as principais características do relatório de necrópsia, técnico e complicado para um tradutor. Revelou que vestígios de cetamina, um anestésico poderoso, haviam sido encontrados nos três organismos. As estimativas para o horário das mortes apontavam para uma intervenção nas profundezas da noite. Quanto à causa original da morte, isso era, sem dúvida, o mais perturbador. As mutilações provinham de facadas, mas desferidas *post mortem*. A morte parecia ter sido causada pelos danos decorrentes da abertura crânio e, evidentemente, a retirada do cérebro e dos olhos. Os crânios deviam ter sido abertos enquanto as garotas estavam vivas. E as múltiplas facadas, desferidas depois.

Sharko esfregou a testa com um lenço, enquanto Nahed naufragava no silêncio, olhos vazios. O policial imaginava o procedimento. O assassino primeiro raptara as garotas, à noite, anestesiando-as, para levá-las a um local ermo e proceder aos horrores, armado com seu equipamento mortífero. A serra de legista, bisturis para a enucleação dos olhos, a faca de lâmina larga para as mutilações. Seguramente dispunha de um carro, conhecia a cidade e fizera estudos de localização. Por que as mutilações *post mortem*? Uma necessidade irreprimível de desumanizar os corpos? Possuí-los? Sentia um ódio pessoal tão intenso que precisava extravasá-lo numa atitude radical e destrutiva?

No ar sufocante e pesado do escritório, o comissário pelejava para associar o *modus operandi* àquele praticado na França. No Egito, de toda forma, havia um ritual claro, organização, sem uma preocupação especial em dissimular os corpos. Além disso, o assassino abria os crânios com as vítimas vivas. Já na França, a maioria fora morta a bala, aleatoriamente, considerando os locais de impacto dos projéteis. Sem falar na minúcia em descaracterizar os cadáveres: mãos cortadas, dentes arrancados.

Duas séries de assassinatos próximas e distantes ao mesmo tempo. No tempo e no espaço. Existia realmente um elo? E se ele houvesse se enganado desde o início? E se no fim o acaso tivesse sua palavra a dizer nessa história? Dezesseis anos... Dezesseis longos anos...

Ainda assim, Sharko sentia uma conexão impalpável, a mesma vontade diabólica de atacar e extirpar os órgãos mais preciosos do corpo humano: o cérebro e os olhos.

Por que aquelas três garotas no Egito?

Por que os cinco homens na França, um deles asiático?

O policial engolia os copos d'água que Nahed ia lhe trazendo e, enquanto os raios de Rá martirizavam-lhe as costas, embrenhava-se cada vez mais nas trevas. Desfazia-se em suor. Do lado de fora, era um inferno de areia e nuvens de mosquitos, e ele já sonhava com o ar-condicionado do quarto, entrincheirado sob seu mosquitoireiro.

Desafortunadamente, o restante da papelada não passava de mistificação e papo furado. Nada fora feito com seriedade. Algumas folhas esparsas, manuscritas, carimbadas pelo promotor, baseadas no depoimento dos pais ou dos vizinhos. Duas das garotas voltavam do trabalho, a terceira, de um bairro aonde costumava trocar leite de cabra por tecido. Existia também a lista dos objetos confiscados, inútil. Naquele país, os casos de assassinato pareciam ser investigados como seria, na França, o roubo de um rádio de carro.

E era justamente por isso que não sentia firmeza.

Sharko dirigiu-se a Nahed:

— Diga-me, a senhorita viu o nome de Mahmud Abd el-Aal em algum lugar nesses relatórios? Observou anotações assinadas de próprio punho, afora essas poucas páginas?

Nahed percorreu rapidamente as caligrafias e balançou a cabeça em negativa.

— Não. Mas não se espante com a inconsistência desses dossiês... Aqui, preferem-se os atos aos papéis. Repressão à reflexão. Tudo é deturpado, contaminado pela corrupção. Não pode imaginar.

Sharko pegou a cópia do telegrama da Interpol.

— Veja, a Interpol recebeu esse telegrama mais de três meses após a descoberta dos corpos. Só um inspetor aplicado e interessado foi capaz de enviá-lo. Um policial íntegro, com valores, que talvez quisesse ir até o fim.

Sharko levantou as folhas e deixou-as cair à sua frente.

— E querem me fazer acreditar que o inquérito resume-se a isso? Ao formal? Nenhuma anotação pessoal? Nem sequer a cópia desse maldito telegrama? Onde foi parar o restante? As investigações junto às farmácias ou hospitais para a cetamina, por exemplo?

Nahed limitou-se a encolher os ombros. Seu semblante pareceu grave. Sharko balançava a cabeça, uma das mãos na testa.

— E sabe o que é mais perturbador? É que, estranhamente, Mahmud Abd el-Aal está morto.

A moça virou-se e caminhou até a porta envidraçada. Deu uma espiada no saguão. A sentinela não se mexera.

— Não sei o que responder, comissário. Estou aqui apenas para traduzir e...

— Observei o jeito que Nureddin a assediava e como a senhorita tentava se esquivar por todos os meios, sem sucesso. O que é isso? Uma troca de gentilezas? Um costume do seu país, que a obriga a curvar-se às exigências desse balofo?

— Nada disso.

— Vi-a tremer várias vezes, diante dessas fotos, da descrição dos elementos do caso. A

senhorita tinha a idade dessas garotas quando elas foram mortas. Estava na escola, como elas.

Nahed contraiu os lábios. Suas mãos crispavam-se uma na outra. Inquieta, olhava o relógio.

— Daqui a pouco teremos nosso encontro com Mickaël Lebrun e...

— E eu não irei. Terei todo o tempo do mundo para tomar vinho francês na França.

— O senhor pode gerar um mal-estar.

Ele pegou a foto de uma das adolescentes sorridentes e a empurrou para Nahed.

— Estou me lixando para a diplomacia e os salgadinhos. Não acha que essas garotas merecem que nos interessemos por elas?

Um silêncio opressivo. Nahed era de uma beleza acima da média, e Sharko sabia que geralmente as mulheres bonitas possuíam um coração frio. Mas sentia uma mágoa na egípcia, uma ferida viva que às vezes entristecia seu olhar de azeviche.

— Muito bem. O que deseja que eu faça pelo senhor, comissário?

Sharko aproximou-se das persianas e desceu um tom.

— Nenhum dos policiais presentes nesse comissariado falará comigo. Lebrun está com as mãos atadas pela embaixada. Arranje-me o endereço de Abd el-Aal. Ele deve ter uma mulher, filhos ou irmãos. Quero conversar com eles.

Após um longo silêncio, Nahed abdicou.

— Vou tentar, mas preste atenção...

— Sigilo absoluto, conte comigo. Quando eu estiver novamente com meu celular, ligarei para Lebrun pedindo desculpas e alegando um mal-estar. O calor, o cansaço... Direi que amanhã virei passar mais um tempo aqui, a fim de fechar a viagem. Encontre-me no hotel às vinte horas, com o endereço, de preferência.

Ela hesitou.

— No hotel, não. Pegue um táxi e... — rabiscou algumas palavras num pedaço de papel, que lhe estendeu — entregue este papel ao motorista. Ele saberá aonde levá-lo.

— Onde é?

— Em frente à igreja de Santa Bárbara.

— Santa Bárbara? Não é um nome muito muçulmano.

— A igreja fica no bairro copta da cidade velha, ao sul do Cairo. O nome é de uma jovem que foi martirizada por tentar converter o pai ao cristianismo.

[F]reyrat, nas entranhas do hospital de Lille, fim da tarde. O antro da psiquiatria. Um monstro de cimento, de dois andares, encruzilhada de todos os desvios mentais. Esquizofrênicos, paranoicos, traumatizados, psicóticos. Lucie entrou no prédio austero e, na recepção, perguntou pelo quarto de Ludovic Sénéchal. Queria anunciar-lhe pessoalmente a morte de seu velho amigo Claude Poignet. Foi encaminhada à unidade Denecker, no primeiro andar.

O quartinho seria capaz de deprimir um palhaço. O televisor, inacessível, estava ligado. Ludovic mantinha-se deitado em seu leito, as mãos atrás da cabeça. Voltou lentamente o rosto para ela e sorriu.

— Lucie...

Surpresa, ela se aproximou.

— Consegue enxergar?

— Distingo formas, cores. As pessoas sem jaleco com certeza são visitas. Que outra mulher a não ser você poderia vir me visitar?

— Fico feliz com sua melhora.

— O Dr. Martin afirmou que minha visão voltará progressivamente. Coisa de dois ou três dias, agora.

— Como eles fizeram?

— Hipnose... Compreenderam o que não funcionava. Quer dizer, compreenderam sem compreender.

Lucie sentia-se constrangida. Detestava aquele difícil papel de mensageira da morte. Enfrentar o olhar dos próximos às vítimas era sem dúvida o aspecto mais difícil de sua profissão. Fez de tudo para postergar o momento do anúncio. Ludovic era um sujeito sensível, e não estava em sua melhor condição.

— Explique-me.

Ele soergueu-se na cama. Suas pupilas haviam recuperado uma mobilidade tranquilizadora.

— O psiquiatra me explicou tudo. Ele me colocou em estado de hipnose, depois pediu que eu descrevesse o que havia acontecido nas horas e minutos antes de eu ficar cego. Conte então o desenrolar do meu dia. Minhas aquisições do velho colecionador de Liège, o rolo misterioso, descoberto no porão. Eu, sozinho, no cine-pocket, projetando filmes a noite inteira. Em seguida, as imagens do curta-metragem anônimo, que irrompem. O olho rasgado, os planos sobre a garota, no balanço. Foi nesse momento que, bizarramente, sem mais nem menos, dei para falar do meu pai. Das mulheres que ele levava para casa, na minha infância, alguns anos após a morte da minha mãe.

— Você nunca me contou nada disso.

Uma risadinha seca atravessou o quarto.

— É você quem diz isso? Passamos semanas conversando pela internet, sete meses saindo

juntos, e não conheço quase nada da sua vida particular. Sim, sei que é policial, que tem duas filhas que gostam muito de mim, mas, além disso, o que há?

— Estamos fugindo do assunto.

Ele suspirou, entristecido.

— Com você, esse nunca é o assunto. Enfim, resumindo... Aconteceu de repente, durante a hipnose. As mulheres nuas, que eu via às vezes saindo do quarto de meu pai. Todas aquelas... respirações que eu ouvia através das paredes. Eu ainda não completara dez anos. O psiquiatra compreendeu que o bloqueio poderia vir daí. Alguma coisa, uma imagem provavelmente, fomentara aquelas recordações e desencadeara a cegueira histérica.

Lucie se perguntava se tinha a ver com as imagens subliminares. Sem a censura da consciência, elas haviam se chocado com zonas mais profundas dentro do psiquismo de Ludovic e semeado a discórdia.

— Mas não foi isso que me deixou cego, porque eu ainda era capaz de descrever a continuação do filme. Falar daquela garota. Quando ela comia, dormia. Quando rechaçava a câmara com a mão, como se estivesse com raiva. Em seguida, bruscamente, o psiquiatra me contou que eu gritara durante a hipnose e ele quase me acordou. Consegui me acalmar, depois perguntou o que se passara. Comecei então a narrar o episódio do coelho.

Lucie reagiu imediatamente. O misterioso homem do Quebec, ao telefone, também mencionara coelhos. Afirmara que o ponto de partida de toda aquela história eram as crianças e os coelhos.

— Coelho?

Ludovic contraiu-se e puxou os joelhos para o peito.

— Eu devia ter oito ou nove anos. Um dia, meu pai me levou à sua oficina, onde guardava todas as ferramentas. Havia um coelho, que se refugiara no fundo de um velho cano. Um coelho gordo. Eu podia passar pelo cano para resgatá-lo, meu pai não. Então ele me ordenou que fosse. Foi o que fiz. Engatinhei e obriguei o animal a sair da toca. Meu pai agarrou-o pelas orelhas. O coelho sangrava nas patas traseiras, debatia-se em todas as direções. Gritei para que o soltasse, mas... meu pai estava fora de si. Pegou um machado e...

Chapou as duas mãos no rosto, como se acabasse de receber um esguicho de sangue.

— Essa cena... Até a hipnose, eu não me lembrava mais dela, Lucie. Ela tinha saído completamente de minha cabeça.

— Estava soterrada, na verdade. Tão profundamente que nada jamais foi capaz de trazê-la à superfície. Você viu coelhos nesse filme anônimo?

— Não, não...

A policial continuava sem compreender. Poignet dissecara as imagens sem perceber nada. E agora?

Ludovic pegou desajeitadamente sua garrafa d'água e tomou alguns goles.

— Você viu o filme, conte-me suas descobertas. Consegui entregá-lo ao meu amigo restaurador?

— Claude Poignet está morto.

As mãos de Ludovic amarfanharam os lençóis. Um longo silêncio.

— Como assim?

— Foi assassinado. Os assassinos estavam em busca do filme.

Ludovic levantou-se e alisou os cabelos para trás, desalentado. Estava à beira das lágrimas.

— Ele não... Claude não... Era um velho inofensivo.

Ludovic foi tateando até uma janela de acrílico, o olhar vazio. Lucie pôde ver, pelo reflexo do vidro, que ele chorava.

— Garanto que vamos encontrar os responsáveis e entender o que aconteceu.

Ela ficou mais um pouco com ele e descreveu o início de sua investigação. Chegou a contar o episódio do desconhecido que revirara sua coleção de filmes. Ludovic precisava saber toda a verdade.

— Sinto-me tão sozinho, Lucie...

— Os psiquiatras vão ajudá-lo.

— Estou me lixando para os psiquiatras.

Ele suspirou.

— Por que a gente não deu certo?

— Não foi culpa sua. Para falar a verdade, comigo, nunca funcionou com ninguém.

— Por quê?

— Porque cedo ou tarde alguém sempre tem que me perguntar “por quê”...

Sentia-se incomodada, o calor só fazia aumentar sua irritação. E aqueles cheiros de produtos químicos...

— O homem com quem passarei a minha vida deverá me aceitar tal como sou agora. E não insistir em trazer o passado ao primeiro plano. Perguntando sobre isto ou aquilo. Sou policial porque sou policial, é assim, é pegar ou largar. O que passou, passou. Enterrado, concorda?

Ludovic deu de ombros.

— Tudo bem, pode ir. Certamente tem outras coisas a fazer.

— Voltarei mais tarde.

— Está bem, já que é assim...

Ele pressionou a testa no vidro da janela. Triste, Lucie saiu e aspirou uma grande golfada de ar fresco. Odiava-se por ter sido tão rude com ele, e com os homens em geral. Mas isso era o carma de seus sofrimentos passados. O primeiro homem que amara de verdade abandonara-as num clima de grande violência, a suas filhas e ela.

Já entardecia quando retornou à Polícia Judiciária, no bulevar de la Liberté, a uns cem metros do centro de Lille. Lá em cima, pipocavam informações entre a Divisão de Repressão de Paris, a Polícia Judiciária de Rouen e as equipes de Lille. Por enquanto, estavam nos e-mails e no telefone. Os diferentes dados logo seriam inseridos nos cadastros informatizados, acessíveis a todos os oficiais. Após esse entrecruzamento, a informação circularia mais limpa. Todas as chances deveriam estar do lado das forças da ordem.

Lucie entrou no gabinete de seu comandante. Kashmareck conversava com o tenente Madelin. O jovem lobo, no auge de seus vinte e cinco anos, cara de nerd, acabava de digerir a necrópsia de Claude Poignet. A tripla fratura do osso hioide indicava estrangulamento, e a irrupção da lividez — um acúmulo de sangue nos pontos de pressão entre o solo e corpo —

sobre o deltoide e o quadril esquerdos provava que Poignet morreria numa posição lateral: os assassinos o deitaram no chão pelo menos uma hora antes de enforcá-lo.

Kashmareck esvaziou a xícara de café. Funcionava à base de cafeína, como outros com água.

— Meia hora... O tempo de rebobinar o filme, fazer uma rápida pesquisa de modo a preparar o cenário. Assassinos com sangue-frio, que não entram em pânico.

Lucie mergulhou nas ponderações dos companheiros:

— Então Poignet não morreu por enforcamento, mas estrangulado.

O comandante pegou uma fotografia da oficina e apontou para o assoalho, num canto do recinto.

— Sim, nesse local. Encontramos gotas de sangue. Provavelmente um escorrimento nasal devido à asfixia. O que mais havia na necrópsia?

Madelin compilou suas anotações:

— Faca para a abertura do peito, pouco importa a lâmina, afiada, isso é certo. Segundo o legista, a enucleação dos olhos foi muito... profissional. Leio: abertura circular da membrana translúcida que cobre o olho, secção dos músculos oculomotores depois do nervo óptico, e, por fim, retração do globo ocular. Não muito diferente de uma cirurgia.

O comandante aprovou a comparação.

— Isso coincide efetivamente com os dados que começo a receber de Rouen. Os crânios daqueles cinco cadáveres, serrados de maneira profissional... O que dá crédito à teoria dos mesmos assassinos. Continue.

— Quanto ao restante... É técnico, mas nada de muito definitivo. Amostras foram enviadas para a toxicologia, por via das dúvidas. Mas desconfio que Poignet tenha sido drogado.

— Bom. Todos leremos o relatório. Estamos à espera da carta rogatória internacional do juiz, o requerimento para as buscas na casa de Szpilman está em curso junto às autoridades belgas. Lá, não apitamos nada, eles comandam, nós observamos, mas é o que temos... O que mais? Ehh... Estamos verificando os números de telefone canadenses que você forneceu, Henebelle, para checar se damos um jeito de encontrar o seu corvo de Montreal.

Ele apoiou a cabeça nas mãos e respirou, dando uma espiada em suas anotações com marcador sobre um quadro que deixara de ser branco. Um labirinto de setas.

— Madelin, descubra para mim as ligações que Poignet fez ou recebeu nas últimas vinte e quatro horas antes de morrer. Você, Henebelle, corre paralelamente. Os peritos fizeram ampliações dos pedaços de película que a vítima tinha no lugar dos olhos. Traga as informações para cá, veja o que mais eles têm a nos dizer. Impressões digitais, vestígios... Vou falar com os caras incumbidos dos interrogatórios, ver o que eles têm de novo. Esta noite, misturamos tudo num caldeirão e cruzamos os dedos. No momento, preciso de coisas concretas, materiais, uma pista para farejar.

[A] imagem que Sharko fazia do Cairo mudava como as cintilações da água na superfície do Nilo. O motorista de táxi, um *osta bil-fitra* — um taxista nativo — que falava um pouco de francês, circulara com ele pelas ruelas da cidade. O povo egípcio vivia do lado de fora, na efervescência e na despreocupação. Os menores gestos do cotidiano eram pretexto para a comunicação. Os açougueiros cortavam a carne na calçada, as mulheres descascavam os legumes na porta de casa, o pão era vendido na rua, no chão mesmo. Sharko tinha a impressão de evoluir num quadro vivo quando, no meio do trânsito caótico, sentia-se tragado pelo movimento perfeito de uma *djellaba* de algodão, pelo ritmo do andar cheio de nobreza de seu proprietário. Sentia a respiração do islã nas ruas escaldantes, as mesquitas irradiavam beleza desmedida e apontavam o olho para seu deus único. Não existe outro deus a não ser Alá.

Surgiu então o Cairo copta. Região onde os jovens, calçando simples sandálias de couro, não pediam nada em troca por imagens da Virgem Maria. Os muros lembravam a Roma antiga, onde a Bíblia parecia desfolhar seus textos apergaminhados. Ruas ocre, sossegadas, onde sibilavam apenas os grãos de areia trazidos pelo sopro quente do Khamsin. No coração da cidade mais povoada da África, Sharko sentia-se finalmente em paz. Sozinho no mundo. Captava agora toda a ambiguidade da cidade.

Pediu que o motorista parasse — um sujeito incrível, cheio de histórias engraçadas para contar — e ligou para Leclerc a fim de informá-lo a respeito do andamento das investigações. Soube então da morte do velho restaurador de filmes e do roubo da bobina. As coisas estavam bem agitadas na França, mas não no sentido que ele gostaria. O inquérito assumia proporções apocalípticas, os cadáveres se multiplicavam, o mistério se adensava.

Juntou-se a Nahed, que o esperava em frente à igreja de Santa Bárbara, elegante em sua túnica fina, pregueada, de cores neutras. Devia ser linho. Seus olhos pareciam maquiados em excesso, e um lenço diáfano espalhava-se sobre seus ombros, como uma capa. Sharko aproximou-se, apontando com o queixo em direção à igreja:

— É este o coração da sua cidade, que você evocava no carro de Lebrun?

— Gosta?

— Estou surpreso.

Nahed exibiu seus dentes magníficos. Sharko foi obrigado a admitir que qualquer homem gostaria de se perder em sua companhia pelo labirinto da capital. E aquela noite, ele era um.

— Cada bairro do Cairo é uma cidadezinha tranquila. Um espaço com seus códigos e tradições. Espero que note.

Ela juntou suas mãos à frente, timidamente.

— Meu carro está um pouco adiante. Tenho o que lhe interessa.

— O endereço de Abd el-Aal?

— Mahmud morava sozinho, quase ao lado do irmão, no outro extremo da rua Talaat-Harb.

O irmão chama-se Atef Abd el-Aal e continua morando lá.

— Talaat-Harb... Não foi lá que Lebrun marcou nosso encontro?

— Exatamente. Talaat-Harb é uma rua da Belle Époque, cheia de história e nostalgia. Seu colega certamente queria se exhibir. Tive oportunidade de estar com ele, depois do nosso trabalho no comissariado. Para falar a verdade, ele recebeu bem a sua ausência.

— Melhor assim. Agradeço-lhe mais uma vez.

Conversaram, passaram pelo cemitério copta. Nahed comentou que seu pai, jornalista no diário *O Cairo*, ficara com um problema na perna em consequência de um confronto entre coptas e muçulmanos, em 1981. A mãe, de origem francesa, morara em Paris, antes de largar tudo para vir como missionária, junto aos dominicanos da cidade. Seus pais haviam se conhecido, Nahed nascera num bairro modesto e nunca deixara o país. Frequentara escolas bilíngues para estudar francês na universidade, com professores incompetentes que falavam o idioma pior do que ela. Terminara na embaixada da França, graças ao apoio do dono do jornal, um egípcio poderoso. Emprego bom, salário baixo, ela não reclamava. Ali, um trabalho — honesto, enfatizou, insistindo na palavra — não permitia escapar à miséria profunda, tenaz, do Egito, mas atenuava-a e alimentava ilusões.

Convidou-o a entrar num autêntico Peugeot 504, estacionado no limite do Cairo copta, próximo à mesquita de Amr. Seguiram a margem direita do Nilo pela rua Kourneesh. A luz do céu declinava. Os minaretes das mesquitas ao longe, os barcos-casas, ou Awama, se iluminavam. Passeava-se em família e compravam-se favas amarelas com limão. Sharko sentia a força do rio e a necessidade do povo de glorificá-lo.

Conversaram mais um pouco. Quando Nahed lhe pediu que falasse da esposa, Sharko encostou a sobrancelha no vidro, os olhos cravados nas águas sossegadas, dizendo simplesmente que sentia falta da esposa e da filha e que não as veria nunca mais, a não ser em sonhos. Não abriu mais a boca. Para quê? O que contar? Que não havia uma noite em que a saudade não o asfixiasse a ponto de arrancá-lo do sono, à beira do colapso? Que sua profissão destruía a vida de sua família e o arrastava lenta e inexoravelmente para os abismos de uma velhice sem sol? Não, não, não havia nada a contar. Não ali, não naquele momento. Não com ela.

Dez minutos mais tarde, chegaram à rua Talaat-Harb. Lojas de roupas a perder de vista, bares, cinemas com nomes franceses, velhos prédios de aspecto haussmaniano, com suas colunas e janelas decoradas com estátuas neoclássicas, lembrando que a elite egípcia queria transformar o centro do Cairo, nos anos 1900, num bairro europeu. Quase conseguiram. Turistas perambulavam em hordas desorganizadas. Americanos, franceses, italianos. Nahed arranhou uma vaga numa rua secundária e no instante seguinte entregava um *bakchich* ao zelador do prédio, simplesmente porque abrira a porta para eles. O *bau ab*, com a barba tingida de hena, miserável com suas alpargatas furadas, exercia as funções de porteiro, lavador de carros e carregador de compras, contrastando terrivelmente com o interior sofisticado do lugar. Um prédio de ricos, parecia, irradiando grandiosidade.

Uma vez a sós com Sharko no elevador, a moça cobriu a cabeça e colocou o véu. Transformou-se em feiticeira enigmática, cheia de segredos. Viam-se apenas seus olhos, magníficos porta-joias, ao passo que a boca, sugerida na transparência do tecido, dizia com uma

voz pura:

— Seria uma pena se Atef Abd el-Aal fosse abatido por motivos de religião.

Sharko estava subjugado, quase enfeitiçado.

— Como sabe que ele é muçulmano?

— É mais provável que seja.

— O que sabe a respeito dele?

— Os arquivos da embaixada não revelaram muita coisa. Era vendedor, e hoje dirige dois ateliês de artesãos camiseiros, um negócio próspero que ele começou a desenvolver um ano após a morte do irmão. Roupas que ele vende no atacado nas lojas de Alexandria. Ele e o irmão morto têm origens no Alto Egito. Pais pobres, vindos do campo. Vieram para o Cairo na adolescência, com um tio.

Ela bateu a uma porta, outra se abriu e foi possível ver o rosto calejado de uma velha senhora. Nahed pôs-se a conversar com ela, antes de dirigir-se ao comissário:

— A vizinha diz que ele está no terraço, toma sempre o chá lá em cima nesse horário, antes da prece da tarde. Será fácil identificá-lo, está lendo *Al-Ahram*, um jornal independente.

Quando Sharko chegou ao terraço, ficou chocado. Pessoas moravam no telhado do prédio, do lado de fora, e em minúsculas casinhas de ferro. Lâmpadas multicoloridas penduradas em fios dançavam como velas de falucas. Havia pessoas sentadas em poltronas ou deitadas em colchões ao ar livre. Televisores ligados perfuravam o crepúsculo aqui e ali. Era uma espécie de formigueiro luminoso ao ar livre, esmagado pela precariedade. Nahed aproximou-se do ouvido de Sharko.

— Antes, a fina flor da sociedade residia nesses prédios da rua Tallat. Latifundiários, paxás, ministros. Essas casinhas eram usadas por eles para armazenar gêneros alimentícios, lavar roupa ou alojar os cães. Depois da revolução de 1952, tudo mudou. Hoje, os *sufragi*, os ex-criados da época, ocuparam as dependências do prédio e alugam esses pardieiros para os pobres.

Era difícil de acreditar, mas aquelas pessoas viviam realmente em cubículos de menos de cinco metros quadrados, bem no meio da rua mais comercial do Cairo. A miséria não estava no chão nem no metrô, como em Paris, mas nos telhados. Nahed apontou o indicador para o fundo do terraço.

— Lá está ele...

Olhares desconfiados voltaram-se em sua direção. Homens esguios, olhos injetados, preparavam o “carvão”, uma pedra de ópio, que aqueciam e colocavam sob a língua, enquanto outros fumavam seu *muassel* misturado com haxixe em seus velhos narguilés. Crianças jogavam dominó, outras estudavam, as mulheres cozinhavam. Sharko e Nahed abordaram Atef Abd el-Aal, sentado numa cadeira de palhinha de frente para a rua Talaat-Harb.

Vestia um terno bem cortado, sapatos engraxados. Cabelo cheio de gel penteado para trás, quarenta e cinco anos no máximo. Sua xícara de chá fumegante repousava sobre a amurada de pedra branca. Não se levantou para cumprimentá-los, proferindo duas palavras secas, que Sharko não compreendeu. Nahed replicou com uma longa digressão em árabe, expondo a situação. Disse que o homem ao seu lado era um comissário de polícia francês que queria lhe fazer algumas perguntas a respeito de seu irmão e de uma antiga investigação criminal que apresentava

semelhanças com um inquérito em curso.

Atef dobrou cuidadosamente o jornal sobre os joelhos, analisou Nahed da cabeça aos pés e pôs-se a debulhar lentamente um rosário de âmbar. Mais uma vez, a intérprete fez a ponte entre os dois homens.

— Ele não quer mais falar do irmão.

— Diga-lhe que, pouco antes de morrer, Mahmud trabalhava num caso de assassinatos. Três adolescentes, mortas quatro meses antes de sua própria morte. Pergunte-lhe se estava sabendo.

Atef fez um instante de silêncio antes de falar.

— Ele quer ver seu distintivo de policial.

Sharko obedeceu. Atef examinou atentamente, correu o indicador pelas cores da bandeira francesa e devolveu-a ao comissário. Falou então mais alguma coisa.

— Ele diz que o irmão era muito fechado. Não falava de suas investigações. Foi por essa razão que Atef nunca suspeitou que ele pertencesse às redes extremistas.

Sharko deixou seu olhar vaguear na direção das luzes da cidade. O ar estava finalmente mais limpo, os egípcios voltavam para suas ruas, suas raízes, a calma de suas mesquitas e de suas igrejas.

— Ele às vezes carregava os autos do inquérito com ele? Vocês moravam um ao lado do outro, acontecia de ele vir trabalhar no seu apartamento?

— Ele diz que não.

— Conhece Hassan Nureddin? Ele já veio à sua casa?

— Também não... Considerando a maneira como ele responde, acho que não sabe de nada.

Sharko pegou a fotografia de uma das vítimas no bolso e a colocou diante dos olhos do egípcio. Nahed deu uma espiada, irritando-se ao perceber que Sharko devia tê-la subtraído no comissariado enquanto ela ia pegar copos d'água para ele.

— E ela? — rosnou o policial. — Ela também não lhe diz nada? Não me diga que seu irmão nunca lhe mostrou o rosto dela.

Atef desviou seus olhos cor de mel, mordendo o lábio. Levantou-se e deu um empurrão no peito do comissário.

— *Izhab mine huna! Izhab mine huna! Sawf attacilu bil churta!*

Olhou para Nahed e apontou para seu celular. Alguns moradores do terraço voltaram os olhares em sua direção.

— Ele está nos mandando embora, senão vai chamar a polícia. Desista, não arrancaremos nada dele.

O policial hesitou, não queria largar a presa. A reação violenta do árabe talvez escondesse alguma coisa. Atef aproximou-se e o empurrou de novo, ainda agressivo.

— *Izhab mine huna!*

A vontade de Sharko era dar-lhe um soco na cara, mas os homens do terraço haviam se levantado e se aproximado perigosamente. Homens de ossos finos, feições nervosas. O tom subia. Sharko, que se voltara para os potenciais agressores, sentiu subitamente uma mão no bolso de trás de sua calça. Seu olhar cruzou então com o de Atef. Em uma fração de segundo, compreendeu que o homem enfiara alguma coisa em seu bolso e lhe pedia silêncio.

Sharko agarrou a mão de Nahed.

— Venha, vamos embora.

Pelejaram para abrir caminho. Usavam cotovelos, ombros, os olhos penetrados pelo ópio escureciam. *Tsss, tsss* partiam de todos os lados. Fugiram rapidamente pelas escadas. Nahed vociferava:

— O senhor não podia ter roubado essa fotografia! Quantas ainda tem?

— Algumas.

— Esteja certo de que Nureddin perceberá e informará à embaixada. Onde estava com a cabeça?

— Continue andando.

Nahed caminhava à sua frente. Sharko vasculhou em seu bolso e encontrou um papel. Enquanto caminhavam, desdobrou discretamente o pedaço de folha de jornal e leu o texto escrito em francês:

— Cairo Bar, bairro Tewfikieh, em uma hora. Descrição. Ela o vigia.

Meteu-o imediatamente de volta no bolso e, ressentido, fitou Nahed. Dentro de suas roupas finas, a moça serpenteava maravilhosamente, engolindo os degraus. Ela o traía. Quando chegaram à rua e começaram a percorrê-la, a moça tirou o véu, que jogou sobre os ombros. Sharko mirou-a:

— É muito curioso. Sem o véu, seu rosto muda completamente. A criatura misteriosa, ambígua, recupera de repente a pele clara da mulher moderna. Quantas personalidades escondem-se em você, Nahed?

— Uma só, comissário...

Ela pareceu ruborizar, procurou as palavras.

— E agora, o que faremos?

Sua estratégia não era mais segredo para Sharko. Depois do bilhete de Atef, tudo parecia mais claro. A opção de Nahed, de ajudá-lo, a despeito dos riscos com seu superior. As coordenadas e os detalhes sobre Mahmud Abd el-Aal, que ela conseguira obter... Iam lhe dando corda, enquanto o vigiavam. Por enquanto, decidiu aparentar tranquilidade, teria muito tempo de interrogá-la mais tarde.

— Acho que vou me recolher, tomar outro banho e me deitar. Foi um dia muito longo desde que acordei na França, hoje de manhã.

— O senhor nem jantou. Podemos ir a um pequeno restaurante típico de Mohandessin, às margens do Nilo. Lá servem um peixe excelente e vinho suíço, não francês.

Nahed queria segurá-lo o máximo de tempo possível. Sharko chegou a pensar que ela traduzira erradamente algumas palavras no terraço ou mesmo no comissariado. Como Hassan Nureddin, ela controlava o terreno e ele não podia fazer rigorosamente nada. Quem estava por trás de tudo aquilo? A polícia? A embaixada? Em que ninho de vespas se metera?

— Eu adoraria, mas estou sem fome, obrigado... Muito calor, muito cansaço, muitos mosquitos.

Pegou um mapa que conseguira no hotel.

— Posso encontrar sozinho o hotel, é bem pertinho. Marquemos um encontro amanhã, às

dez horas, em frente ao comissariado, que tal? Não estou mais com pressa. As portas estão se fechando uma atrás da outra, já enfiei na cabeça que voltarei à França de mãos abanando. Esse caso não é para mim.

Ela baixou os olhos, aparentemente desolada. A vontade de Sharko era arrancar-lhe a língua. Uma tremenda mentirosa.

— Está bem... — concordou ela. — Até amanhã, então.

Antes que ele se fosse, ela acrescentou:

— Aquele porco gordo do Nureddin nunca encostou a mão no meu corpo. E jamais fará isso.

Seus caminhos se separaram. Sharko deixou que ela se afastasse e viu-a voltar-se, várias vezes. O que apenas confirmava suas suspeitas. Caminhou então lentamente na direção da rua Tharwat, transversal à rua Mohamed-Farid. Porém, logo após dobrar a esquina, desapareceu correndo por uma ruela escolhida ao acaso.

O vira-lata bonzinho acabava de arrebentar a coleira.

Agora, o Cairo e sua noite escaldante lhe pertenciam.

Sentiu uma satisfação infinita.

[N]o departamento de informática da polícia técnica, a dois passos da brigada, Lucie manipulava as ampliações dos fragmentos de filme encontrados no lugar dos olhos de Claude Poignet. Duas superfícies de papel brilhante, granuladas, em preto e branco. As imagens eram quase idênticas. Via-se, numa posição um pouco torta, como se a câmera estivesse de cabeça para baixo, a barra de uma calça jeans e a ponta de um sapato, que Lucie não percebera da primeira vez. O fundo estava mergulhado na penumbra, mas adivinhavam-se os pés de uma mesa, bem como uma parede. O piso era de madeira.

— Seriam realmente coturnos?

Lucie dirigia-se ao técnico sentado diante do computador, a seu lado. Julien Marquant, quarenta e poucos anos, era um dos fotógrafos de cenas de crime. A cada homicídio, oferecia aos oficiais o pior impresso em papel brilhante. Havia quem fotografasse top models; no caso dele, eram cadáveres. Cabeças de suicidas arrebatadas por balas calibre 22, afogados inchados de água, enforcados... Julien era um excelente fotógrafo, cujo talento não saíria dos escaninhos da polícia. Considerando a hora tardia, era a pessoa mais capacitada para esclarecer a brigada.

— Parece.

Ele mostrou-lhe as fotos que ele mesmo fizera na casa da vítima. Sobretudo as do sangue encontrado no chão do laboratório, no primeiro andar. Lucie fez uma constatação, que agora lhe parecia evidente:

— É na casa dele... Na casa de Claude Poignet. Ele possuía câmeras, películas. O filme foi rodado em sua própria casa. Merda...

— Exatamente. As duas imagens encontradas nos olhos eram negativos, provinham de uma película original, e não de uma cópia, quase sempre feita em positivo.

Lucie lamentava não ter reagido antes. Poignet lhe explicara aquelas histórias de filmes positivos e negativos, de original e cópia. Julien Marquant bateu com o indicador numa das fotos.

— Quer saber o que acho? Creio que foram os assassinos que empunharam a câmera. Eles devem, não sei... ter se posicionado bem ao lado do corpo estendido da vítima. Como se para capturar as últimas imagens que ele teria visto antes de morrer.

Lucie sentiu um calafrio ao examinar as fotos. Os últimos segundos da vida de Poignet achavam-se à sua frente, diante de seus olhos. O pobre homem partira com aquelas imagens... Imagens de um desconhecido calçando coturnos e assistindo à sua morte, enquanto outro o estrangulava.

— Como se... o próprio Claude Poignet fosse a câmera. Esses tarados queriam entrar dentro dele.

— Exatamente. Você mesma falou que a vítima possuía um laboratório de revelação, uma velha câmera 16mm, rolos de filme virgem. Os assassinos se aproveitaram. Filmaram, depois

foram até a câmara escura e mergulharam no banho de revelação as imagens que lhes interessavam. Em seguida, recortaram-nas para colocá-las nos globos oculares da vítima. A operação, cheia de técnica, deve ter levado pelo menos uma hora.

Lucie mordeu o lábio. Aqueles dois doentes não tinham se contentado em roubar a película, haviam elaborado um roteiro digno de um filme de terror, chegando inclusive a propor charadas à polícia. Indivíduos calculistas, organizados, tão seguros de si que se haviam permitido permanecer no local do crime para criar uma “cena”. Lucie expôs seu pensamento:

— Muito gentilmente, eles nos oferecem dois elementos. A posição exata do corpo antes de ser enforcado e os sapatos. *Coturnos...* isso confirma que o homem que foi à casa de Szpilman e o homem que participou do assassinato de Poignet são o único e mesmo indivíduo. Um militar, talvez?

— Ou alguém tentando se passar por militar... Ou nem uma coisa nem outra, qualquer um pode ter coturnos em casa. Eu acrescentaria ainda que são peritos em cinema. Um deles sabe filmar, retirar um filme de uma câmera no laboratório, revelar. Acredite, sem alguma noção, ninguém consegue fazer funcionar essas velharias.

— Os técnicos em impressões digitais não descobriram nada na câmara escura, além das mãos da vítima. Temos de enviar mais gente para lá, visando o material e as câmeras. Os assassinos certamente deixaram seu DNA, ainda mais se o olho esteve em contato com o visor. Impossível não terem cometido erros. Ninguém brinca com a morte desse jeito...

Ela recolheu as fotos e agradeceu-lhe. Na rua, caminhou lentamente, tentando refletir. Depois do como, o porquê. Por que os assassinos haviam deixado aquelas imagens no lugar dos olhos? O que queriam mostrar aqueles sádicos?

Mergulhada em questões puramente psicológicas, pensou em Sharko, aquele curioso sujeito encontrado fugazmente em frente à Gare du Nord. Seria ele capaz de descobrir a resposta, com seus conhecimentos, seus anos na profissão? Seria ele melhor que ela, diante daquela cena de crime particularmente truculenta e insólita? Ardia de vontade de lhe contar sobre o novo homicídio, ver como ele se sairia, do alto de seus mais de cinquenta anos.

Por associação de ideias, Lucie tentou fazer uma analogia com o caso de Gravenchon. Lá, também, as vítimas tiveram os olhos retirados. Um médico, alguém do ramo, nas palavras de Sharko. Agora, acrescentava-se a competência de “cineasta”. O perfil se delineava, ainda que nada de preciso se revelasse de fato. Por que a retirada dos olhos? Que importância tinham para quem os subtraía? O que faziam com eles em seguida? Eram conservados como um troféu? Lucie lembrava-se também daquela obsessão pela retina, pela íris, no curta-metragem. O golpe de bisturi na córnea, os tremores das pálpebras... Lembrou-se igualmente da observação de Poignet: “O olho não passa de uma simples esponja que capta a imagem.”

Uma esponja...

Alvorçada, Lucie pegou seu celular, buscou em seus contatos o número do médico-legista e fez a ligação.

— Doutor? É Lucie Henebelle. Incomodo?

— Espere, vou perguntar ao negão bem conservado que está na minha mesa... Não, tudo certo. Pergunte, Lucie.

Lucie sorriu, o legista a conhecia bem. Convém dizer que ela era uma “boa cliente”.

— Posso parecer estúpida, mas... É um negócio de que ouvi falar, e eu gostaria de confirmar: o olho pode conservar uma marca qualquer do que acontece logo antes da morte?

— Perdão? Como assim?

— Uma imagem violenta, por exemplo? A derradeira imagem antes da interrupção das funções vitais? Um conjunto de grãos de luz que seria possível reconstruir, não sei, analisando as células fotorreceptoras excitadas, ou partes do cérebro que houvessem preservado a informação em algum lugar?

Silêncio. Lucie sentia-se um pouco constrangida, ele com certeza cairia na risada.

— A fantasia do optograma...

— O quê?

— Você está me falando da fantasia do optograma. No final do século XIX, a crença popular dizia que um assassinato, por sua violência e caráter instantâneo, podia ficar gravado na retina do morto como um filme sensibilizado...

Filme sensível, olho, película... Palavras que voltavam alternadamente desde o início daquele caso.

— Os médicos da época debruçaram-se sobre o assunto. Julgavam ser possível extrair da retina de um cadáver o retrato de um criminoso. A fantasia do optograma supõe o registro direto do assassinato pelo corpo no qual ele é perpetrado. Na época, médicos realmente tentaram fotografar o globo ocular retirado de sua órbita e livre de seu cristalino, a fim de poder interpretar provas tangíveis de um crime. Houve de fato quem empregasse esse método para ajudar a polícia. Pessoas chegaram a ser presas. Provavelmente inocentes.

— E... é plausível essa impressão retiniana?

— Não, não, evidentemente. Como o nome sugere, isso pertence à esfera da fantasia.

Lucie fez-lhe uma última pergunta.

— E em 1955? Ainda se acreditava nisso?

— Não. Eles não eram tão atrasados em 1955, sabia?

— Obrigada, doutor.

Despediu-se e desligou.

A fantasia do optograma...

Fantasia ou não, os assassinos queriam chamar atenção para a imagem, seu poder, sua relação com o olho. Esse órgão sensorial devia ser importante para eles, simbólico. Tal incrível instrumento era o poço que oferecia luz ao cérebro, o túnel que lhe trazia o conhecimento do mundo físico. Era também, de um ângulo artístico, o ponto de partida do cinema. Sem olho, não há imagem, não há cinema. A relação era tênue, mas existia. Lucie considerava agora o assassino uma personalidade dividida entre o que é médico — o olho enquanto órgão que se diseca — e o que é artístico —, o olho como veículo e portador de imagens. Se fossem mesmo dois assassinos, talvez cada um dominasse um campo. *Um médico e um cineasta...*

Ainda mergulhada em suas reflexões, Lucie parou diante de uma lanchonete. Seu celular vibrou. Era Kashmareck. Ele atacou, sem rodeios:

— Onde você estava?

— Acabo de sair da polícia técnica, tenho novidades.

— Isso vem bem a calhar. Sei que é tarde, mas vamos dar um pulo na clínica universitária São Lucas, nos arredores de Bruxelas.

Lucie comprou um sanduíche e voltou à calçada.

— Bélgica de novo?

— É. Examinamos as ligações feitas pela vítima. Poignet telefonou para uma pessoa chamada Georges Beckers, especialista em imagens e cérebro. Você tinha me dado o cartão dele. Ele trabalha com neuromarketing. Eu nem sabia que essa profissão existia. Logo após escanear o filme, Claude Poignet enviou-lhe o endereço do servidor no qual depositara uma cópia, pedindo-lhe que a analisasse. Temos o filme digitalizado, Lucie. Nossos serviços estão fazendo o download. Vou colocar uma especialista em leitura labial na jogada agora, bem como profissionais da imagem. Vamos dissecá-lo.

Lucie expirou, em silêncio. Os assassinos tinham sido ultrapassados pela tecnologia. Havia matado para guardar seu segredo, mas este último se propagava agora em todos os computadores da polícia.

— E esse Beckers, ele descobriu alguma coisa?

— Segundo ele, o velho Wlad Szpilman já estivera em seu centro de pesquisas, com esse mesmo filme, já se vão mais de dois anos. Szpilman conhecia bem o diretor na época, morto em decorrência de um infarto há alguns meses.

Lucie refletiu, antes de responder.

— Wlad Szpilman deve ter tido a mesma intuição que o nosso restaurador. Segundo seu filho, ele era do tipo que assistia dezenas de vezes ao mesmo filme, tinha um olho de especialista. No fim, deve ter desconfiado de que houvesse algo de muito estranho oculto no filme. Então, mandou-o para análise. Dois anos é muito tempo, de toda forma.

— Vamos apurar. Beckers está avisado e à nossa espera. Tudo bem para você?

Ela consultou seu relógio. Já passava das oito.

— Antes preciso passar no hospital. Quero explicar à minha filhinha por que não vou dormir com ela, dessa vez.

[S]harko hesitava em voltar ao Cairo Bar, um estabelecimento sórdido e sem iluminação num beco do bairro Tewfikieh. Ao longo de todo o beco, carroças dormitavam, cobertas com um simples lençol, e gatos pretos, os *Mau*, saltavam em cima dos muros caiados. Sharko subiu correndo os poucos degraus que levavam ao café. Para entrar ali, tinha-se de gostar muito, mas muito mesmo, de sensações fortes. Uma tabuleta desbotada indicava *Coffee shop*, os amplos vidros eram revestidos com folhas de jornal coladas umas nas outras, impedindo a visão do que se tramava no interior. A fachada era tão triste quanto as das fétidas sex-shops que proliferam nas ruas de Paris.

O policial certificou-se pela última vez de que estava com seu distintivo da polícia, ainda que duvidasse sinceramente de sua utilidade ali, e se atirou na boca do lobo. Um cheiro enjoativo de haxixe, misturado aos de hortelã e do *muassel* dos narguilés, impregnou-o. Luz baixa, ar-condicionado roncando, poderoso. As mesas em madeira de lei, as luminárias antigas ao estilo vienense, os objetos de arte em bronze pendurados na parede e as grandes canecas de cerveja sugeriam um pub inglês. Uma garçonete, ocidental e de minissaia, circulava por entre as silhuetas, a bandeja carregada de copos cheios até a boca. Sharko esperava topar com rostos bexiguentos, carcomidos pela droga e pelo álcool. Ficou espantado diante do aspecto distinto dos clientes, jovens, em sua maioria. E enfeitados como damas.

Gays. Pusera os pés um ninho de gays.

Só me faltava essa!

Enquanto era avaliado por um par de olhos cor de mel, Sharko avançou num passo firme na direção do balcão, atrás do qual estava um sujeito de pele branca, olhos azuis e cabelos louros. O policial consultou seu relógio — o táxi deixara-o ali dez minutos antes da hora marcada — e apontou com o queixo para uma garrafa cor de âmbar, com a marca Old Brent.

— Uísque, por favor...

O barman fitou-o com uma insistência incomum antes de servi-lo. Sharko foi imediatamente abordado pela direita. Começaram as preliminares! O sujeito tinha uns vinte anos, pele morena, cabelos cortados como os de um presidiário. Amarrara ao redor do pescoço um xale cor-de-rosa, que superpunha-se a uma camisa amarela. Sussurrou-lhe ao ouvido:

— *Kudiana* ou *barghal*, *s'il te plaît...*

— Absolutamente nada. Deixe-me em paz, *s'il te plaît?*

O policial pegou seu copo — as doses ali eram cavaleares — e foi sentar-se num canto. Inspeccionou os clientes, observou as maneiras dos ricos em roupas de grife e sapatos importados, à espreita, e os pobres, bem mais efeminados, de uma beleza estonteante em suas roupas modestas. O sexo ou a prostituição deviam ser, ali, como em outros lugares, um meio de sair da miséria por uma noite e algumas cédulas. Cumprimentavam-se à moda egípcia, quatro beijinhos e mãos batendo nas costas, sem beijo na boca, mas as intenções eram claras. Sharko levou seu

copo aos lábios, dando um suspiro, quando uma voz chegou até ele, por trás:

— Se eu fosse o senhor, não beberia isso. Dizem que um jovem pintor perdeu a visão aqui, após ingerir esse uísque. O dono, o inglês, fabrica pessoalmente seu álcool, para duplicar os lucros. Sharko empurrou o uísque fazendo uma careta, sem lhe haver tocado.

— Você fala um francês impecável.

— Convivi muito com um amigo de seu país. E trabalho com muitos compatriotas seus instalados em Alexandria. Os franceses são muito bons nos negócios.

Curvou-se por cima da mesa. Sublinhara os olhos com uma risca de *khôl*, penteara para trás seus cabelos finos. Suas pupilas estavam sutilmente congestionadas em consequência do haxixe, provavelmente consumido antes de chegar ao bar.

— Ninguém o seguiu?

— Não.

— Só aqui podemos conversar sossegados. A polícia nunca dá as caras, algumas pessoas à nossa volta são poderosos homens de negócios e controlam o bairro. Agora, com a polícia sabendo que nos encontramos no terraço, seremos vigiados. Tive de atravessar os telhados para sair de casa.

— Por que esse controle todo em relação a você e a mim?

— Para evitar que você meta o nariz onde não foi chamado. Devolva-me o papel que escrevi no terraço. Não quero deixar vestígio algum do nosso encontro neste estabelecimento.

Sharko desconversou, apontando com o queixo para as caras mergulhadas na penumbra:

— E essas pessoas em volta? Elas nos viram juntos.

— Aqui, estamos à margem da lei e das regras sociais. Somos conhecidos por nomes femininos, temos nossos códigos, nossa linguagem. O único objetivo dos encontros é a *wasla*, a prática homossexual entre os *kudiana*, os submissos, e os *barghal*, os que dominam. Negaremos de pés juntos ter visto um dos nossos aqui, aconteça o que acontecer. É a regra.

Sharko, no embalo da noite, tinha a impressão de descer nas entranhas desconhecidas e secretas da cidade.

— Gostaria de mais pormenores sobre a razão de sua vinda ao Egito — disse Atef.

Sharko fez um apanhado da situação, sem revelar os elementos confidenciais do inquérito. Falou, sem entrar em detalhes, dos corpos descobertos na França, das similitudes no *modus operandi* com as jovens vítimas egípcias, do telegrama enviado por seu irmão. A fisionomia de Atef enfureceu-se. Seus olhos pareciam vitrificados.

— Acha realmente que essas duas histórias, tão distantes no tempo e no espaço, estão relacionadas? E as provas?

— Não sei de nada. Mas sinto que me escondem coisas, que faltam papéis no inquérito. Estou de pés e mãos atados.

— Quando vai embora?

— Amanhã à noite... Mas garanto que, se for preciso, voltarei como turista. Encontrarei as famílias dessas pobres garotas e vou interrogá-las.

— Que obsessão! Por que o interesse pelo destino funesto de quatro jovens egípcias miseráveis, mortas há tanto tempo?

— Porque sou policial. Porque o tempo não deve extinguir o horror de um crime.

— Belas palavras de justiceiro...

— Sou apenas um pai e um marido. E gosto de ir ao fundo das coisas.

A garçonete trouxe duas cervejas importadas e *mezzes* quentes. Atef convidou Sharko a se servir e falou em voz baixa:

— Você está de pés e mãos atados porque todo o sistema policial egípcio é corrupto. Em suas fileiras, eles recrutam pobres, ignorantes, a maioria oriunda do campo ou do Alto Egito, para que não se oponham ao sistema. Dão-lhes apenas o mínimo para sobreviver, a fim de que também sejam obrigados a se corromper. Fornecem documentos falsos em troca de dinheiro, extorquem os motoristas de táxi, os donos de restaurantes, ameaçam explodir seus estabelecimentos. Do Cairo a Assuã, a violência policial está na ordem do dia. Não muitos anos atrás, eles nos condenavam por homossexualidade. Mofávamos na cadeia, acredite. Com menos de cem libras por mês para viver, trinta euros de vocês, eles se tornam o sistema. Recebem ordens para reprimir, reprimem. Mas meu irmão não era dessa laia. Tinha os valores do homem do Said. O orgulho, o respeito.

Atef pegou uma fotografia em sua carteira e estendeu-a para Sharko. Nela, via-se um homem aprumado, jovem, enérgico em seu uniforme. Irradiava a beleza indômita dos povos do deserto.

— Mahmud sempre sonhou em ser policial. Antes de sua admissão, fazia musculação na casa da juventude de Abdin, queria estar à altura das provas de ginástica da academia de polícia. Passou com oito nas provas de admissão. Era brilhante. Chegou lá, sem dinheiro, sem propinas. Nunca foi extremista, não tinha nada a ver com aquela gangrena. Foi uma armação para dar sumiço nele.

Sharko colocou delicadamente a foto sobre a mesa.

— Uma armação da polícia, você quer dizer?

— Exatamente. Foi Nouredin, esse filho do cão.

— Por quê?

— Nunca soube por quê. Até hoje, quando finalmente compreendi, graças a você, que tudo estava ligado a esse maldito inquérito. Aquelas garotas barbaramente assassinadas...

O olhar de Atef mirava o vazio, sua latinha de cerveja. Maquiado daquele jeito, exalava uma sensualidade totalmente feminina.

— Mahmud não descansava com esse caso. Levava sempre dossiês, fotografias e anotações pessoais para casa. Confidenciou-me que o caso fora arquivado às pressas e ele, transferido para outra investigação por seus superiores. No Cairo, investigar muito tempo o assassinato de pobres não gera qualquer forma de propina, compreende?

— Começo a compreender, de fato.

— Mas Mahmud continuou com as averiguações, discretamente. Quando a polícia veio fazer as buscas, após a descoberta de seu corpo carbonizado, recolheu tudo. E agora você me diz que esses elementos não existem mais. Alguém tinha interesse em dar sumiço neles.

Ao menor barulho, Atef observava em volta. A fumaça expelida pelos narguilés turvava os rostos, encobria os gestos atrevidos. Alguns homens saíram. Naquele lugar, entrava-se sozinho,

mas saía-se acompanhado, para uma noite movimentada.

Sharko deu um gole na cerveja. A atmosfera correspondia à situação: tensa...

— E seu irmão, não lhe contou nada? Detalhes? Pontos em comum entre as garotas assassinadas?

O árabe negou com a cabeça.

— Faz tempo, comissário. E com meias palavras o senhor realmente não me ajuda.

— Nesse caso, vou refrescar sua memória.

Sharko espalhou as fotos das vítimas sobre a mesa. Dessa vez, contou precisamente o que Nahed lhe traduzira no gabinete sem ventilador do comissariado. A descoberta dos corpos, os dados precisos do relatório de necrópsia. Atef escutava atentamente, sem tocar em sua bebida nem nos *mezzes*.

— Ezbet-El-Naghl, o bairro dos catadores de lixo... — repetiu ele. — Agora que o senhor falou... Sim, acredito que meu irmão tenha ido lá para investigar. Depois Shubra... Shubra... As fábricas de cimento. Lembro-me vagamente.

Fechou os olhos por alguns segundos, pegou uma foto e observou-a com atenção.

— Acho que meu irmão estava convencido da existência de um elo entre essas garotas. Os crimes foram muito próximos no tempo, muito similares, para que o assassino agisse aleatoriamente. Ele com certeza tinha um plano, um caminho traçado.

Sharko sentiu um nó na garganta. Mahmud farejara o assassino, agira como era preciso, partindo do princípio de que raramente se atacava assim ao acaso. Um investigador ao estilo europeu, o único sem dúvida naquela cidade gigantesca.

— Que tipo de plano?

— Não faço ideia. Meu irmão não me contava muita coisa, porque... eu não gostava do que ele fazia. Mas sei com quem ele deve ter sido mais claro.

— Com quem?

— Meu tio. O que nos tirou da miséria, muito tempo atrás. Eles eram muito ligados e trocavam confidências.

Atrás deles, as garrafas de bebida circulavam, o ambiente esquentava. Mãos se aproximavam, viam-se dedos acariciando pulsos, demonstrando desejo. Sharko debruçou-se por cima da mesa:

— Vamos falar com seu tio.

Atef hesitou longamente.

— Quero muito ajudá-lo, em memória do meu irmão. Mas irei sozinho. Prefiro continuar prudente e não circular com o senhor por aí. Vamos nos encontrar amanhã, em frente à cidadela de Saladino, na Cidade dos Mortos, uma hora e meia antes do chamado para a prece. Às seis da manhã, ao pé do minarete da esquerda. Estarei lá com suas informações.

Atef engoliu metade da cerveja.

— Vou ficar mais um pouco. Agora, vá. E não se esqueça...

Sharko pegou finalmente seu copo de uísque e esvaziou-o de um trago.

— Eu sei, bico calado. Até amanhã.

Uma vez do lado de fora, o policial deixou-se perder pelas ruas do Cairo, arrastado por ondas humanas, cores e cheiros.

Talvez tivesse encontrado uma pista.

A temperatura caía dez graus. Sharko não queria voltar para sua câmara mortuária e enfrentar seus demônios. A cidade o carregava, o guiava por seus turbilhões de mistérios. Descobriu cafés improváveis, escondidos entre dois prédios, locais para fumar narguilé, iluminados por lampiões, por onde se esgueiravam carregadores de brasas, cruzou com vendedores ambulantes de carteiras de couro sintético e lenços de papel, mergulhou em ambientes de cuja existência nem sequer suspeitava. Fumou e bebeu sem se preocupar com a água de que o chá era feito, escapando à “turistada”. Num lugar qualquer do Cairo muçulmano, exaltado pela bebida, assistiu à execução de três jovens touros, degolados no meio da rua, que açougueiros destrincharam antes de embalar os nacos em sacos plásticos prontos para serem distribuídos. Noite alta, ondas humanas irromperam, pobres, crianças descalças, mulheres de véu preto, diante de um rico de terno que distribuía panfletos políticos. Os sacos de carne eram atirados junto com uma propaganda, todos se acotovelam, berravam. A cidade inteira vibrava em uníssono.

Em sua euforia, Sharko sentiu-se bruscamente nauseado e semicerrou os olhos. Mais à frente, afastado da multidão, um homem, mergulhado na escuridão, com seu bigode e chapéu em forma de boina.

Hassan Nureddin.

O homem deu um passo para o lado e desapareceu na rua.

O francês quis abrir passagem em sua direção, mas ondas humanas obstruíam o caminho. Rasgou a multidão à força e pôs-se a correr após atravessar a maré de braços. Quando chegou ao local, o inspetor-chefe havia desaparecido. Continuou a avançar por becos desertos, ao acaso, até finalmente parar, sozinho em meio às habitações silenciosas.

Fora seguido. Até mesmo ali. Que significava aquilo?

E se fosse apenas um delírio? Se aquela silhueta não passasse de uma visão, como Eugénie?

Sharko deu meia-volta. O ar parecia congelado. Aquele silêncio, aquela escuridão, as fachadas encardidas. Acelerou e reencontrou finalmente a agitação da rua principal. Mais ao longe, o burburinho intensificava-se, os cânticos inimitáveis das mulheres ressoavam, ao ritmo de castanholas que estalavam, além de *tablas*. Sharko estava no Egito, descobria aquelas pessoas simples, que à mesa bebiam no mesmo copo, viviam ao ar livre e assavam o pão na calçada.

Contudo, em meio àquela festa sem fim, um monstro atacou.

Um ogro sanguinário, que se deslocara de bairro em bairro para espalhar as trevas.

Isso acontecera quinze anos atrás.

Sozinho no quarto dezesseis, que dava para a rua Mohamed — Farid, enrolado à moda egípcia em seus lençóis por causa dos mosquitos, Sharko tapou os ouvidos com as mãos. Eugénie esguichava molho coquetel pelas paredes, repreendendo-o. Não queria mais cadáveres nem horrores, chorava e puxava os cabelos, berrando, possessa. E, quando Sharko estava prestes a naufragar, desmoronando de cansaço, ela batia as mãos e ele voltava a sobressaltar-se.

— Todas essas pessoas o estão vigiando. Estão nos espionando, querido Franck, pela janela, pelo buraco da fechadura. Eles nos seguem, farejam nossos cheiros. Precisamos voltar para casa, eles podem nos machucar. Você quer que me torturem como fizeram com Éloïse e Suzanne?

Lembre-se de Suzanne, nua, visivelmente grávida, algemada sobre uma mesa de madeira. Seus gritos, ela lhe suplicava, Franck. Suplicava... Por que não foi lá para salvá-la? Por que, querido Franck?

A área de Wernicke do cérebro de Sharko latejava. Ele se levantou, deu uma espiada na rua. Viu cabeças e túnicas brancas oscilando na atmosfera carregada. Nem sinal do gordo e ilustre policial. Em seguida, certificou-se de que a porta e as janelas estavam bem fechadas. A paranoia persistia, incrustava-se em sua carne, e Eugénie continuava recusando-se a ir embora. Já quase sem forças, o policial esquizofrênico precipitou-se na direção do frigobar, recolheu todos os cubos de gelo e os jogou na banheira. Trancado no banheiro, deixou a água mais fria correr e mergulhou, prendendo a respiração, o corpo gelado. As beiradas altas da banheira de louça ergueram muralhas familiares, que o reconfortaram. O mundo então pareceu retrair-se sob seu corpo, pulverizando tudo em volta.

Terminou dormindo na banheira vazia, encolhido e tremendo como um cachorro velho, sozinho, tão longe de casa, com seus fantasmas. Apertava contra o peito a pequena locomotiva Ova Hornby escala O, com seu vagonete preto para lenha e carvão.

Com uma lágrima escorrendo pelo rosto.

[O] trem para o subúrbio de Bruxelas, permanentemente apinhado, despejava seus últimos trabalhadores na periferia da cidade. Por causa do forte calor dos últimos dias, um véu amarelado embaçava o céu, a despeito dos diferentes projetos antipoluição. Equipados com seu GPS, Lucie e o comandante Kashmareck chegaram sem maiores dificuldades à clínica universitária São Lucas, situada nos arredores da capital belga. Com suas vizinhanças arborizadas, os prédios de arquitetura linear e esmerada transmitiam uma sensação de paz e força ao mesmo tempo. Pelo que Kashmareck entendera, a clínica dedicava-se, paralelamente à sua função de hospital, a estudos altamente especializados, amparada por uma infraestrutura tecnológica de ponta. Entre outras coisas, o neuromarketing. *Grosso modo*, tratava-se de compreender melhor os comportamentos dos consumidores graças à identificação dos mecanismos cerebrais em ação por ocasião de uma compra.

Georges Beckers esperava os policiais no departamento de imagética cerebral, no subsolo do hospital universitário. O homem, baixo e inchado, tinha uma fisionomia jovial, uma longa barba loura e bochechas redondas. Nada sugeria que fosse uma sumidade em neuroimagem cerebral, se é que existe um estereótipo de pesquisador da área. Explicou-lhes sucintamente que seu departamento permitia, após as consultas médicas, a utilização de tomógrafos com fins publicitários, mediante pagamento. Atividade terminantemente proibida em território francês.

Enquanto caminhavam pelos corredores, o comandante dirigiu a conversa para o caso em questão.

— Quando conheceu Claude Poignet?

Beckers respondeu:

— Já se vão uns dez anos, por ocasião de um colóquio em Bruxelas sobre a evolução da imagem desde o século iluminista. Claude interessava-se muito pela maneira como a imagem era veiculada através das gerações. Por meio do livro ilustrado, do filme e da fotografia, bem como da memória coletiva. Eu estava lá pela ciência, ele pelo cinema. Simpatizamos imediatamente. Horrendo o que lhe fizeram.

Os dois policiais concordaram.

— Vocês se encontravam com regularidade?

— Eu diria duas ou três vezes por ano. Mas nos falávamos regularmente por e-mail ou telefone. Ele acompanhava meus trabalhos sobre o cérebro e me ensinou muita coisa sobre cinema.

No fim do corredor, pararam diante de amplas vidraças. Do outro lado, repousava um cilindro, posicionado no centro de uma sala branca. Diante do tomógrafo, havia uma espécie de mesa sobre trilhos, equipada com uma armação redonda que devia amparar a cabeça.

— Esse tomógrafo é uma das máquinas mais avançadas do mundo. Três telas de campo magnético, captação de uma representação do cérebro a cada meio segundo, poderoso sistema

de análise estatística... Por acaso sofre de claustrofobia, comandante?

— Não, por quê?

— Nesse caso, faça a gentileza de instalar-se na máquina.

Kashmareck fez cara de poucos amigos.

— O motivo de nossa visita resume-se ao filme. Ao telefone, o senhor parecia ter descoberto alguma coisa.

— É verdade. Mas as melhores explicações residem na demonstração. A máquina está livre esta noite, aproveitemos. Uma sessão de tomografia cerebral num dispositivo de alguns milhões de euros; não é todo dia que podemos nos dar a esse luxo.

O homem parecia sedento de ciência, ansioso para usar seus brinquedinhos. Não havia saída: Kashmareck ia servir de cobaia e provavelmente alimentar as estatísticas, mania de todos os pesquisadores. Lucie deu um tapinha no ombro do chefe, sorrindo.

— Ele tem razão. Nada como um bom banho de radiação.

O comandante emitiu um rosnado e curvou-se ao protocolo.

— Já viu o tão badalado filme?

— Ainda não tive tempo, acabam de baixá-lo nos computadores. Mas minha colega me descreveu seu teor, durante a viagem.

— Ótimo, será uma oportunidade para assistir-lhe. Mas fará isso no interior do tomógrafo. Meu assistente o aguarda. Alguma prótese dentária, piercing?

— Ehh... Sim...

Olhou para Lucie, hesitante.

— Aqui, no umbigo...

Lucie levou a mão à boca para não rir. Voltou-se e fingiu examinar os aparelhos, enquanto o cientista continuava a explicar.

— Retire-o. O senhor será instalado e receberá óculos que na verdade são duas telas pixelizadas. Durante a projeção do curta-metragem, os aparelhos registrarão sua atividade cerebral. Por gentileza...

Kashmareck suspirou.

— Se minha mulher souber, sai de baixo!

O policial afastou-se e foi na direção de um homem de jaleco, que se encontrava um degrau abaixo. Lucie e o pesquisador encaminharam-se para uma espécie de sala de comando, atulhada de monitores, computadores e botões coloridos. Parecia o interior da *Enterprise*, de *Jornada nas estrelas*. Enquanto instalavam Kashmareck, Lucie fez a pergunta que lhe queimava os lábios:

— O que vai acontecer?

— Vamos assistir ao filme ao mesmo tempo que ele, mas diretamente, no interior de seu cérebro.

Beckers divertiu-se com o espanto de sua interlocutora.

— Hoje, minha cara tenente, estamos em vias de desvendar importantes mistérios do cérebro, notadamente no que se refere à imagem e aos sons. O truque de cartas mais velho do mundo, a adivinhação, está prestes a ser relegado ao fundo do sótão.

— Isso significa...

— Se a senhorita mostrar uma carta de baralho a seu colega enquanto ele está sob esse tomógrafo, estou em condições de adivinhar que carta é essa apenas observando a atividade de seu cérebro.

Embaixo, o comandante deitava-se na mesa, um tanto inseguro. O assistente acabava de paramentá-lo com estranhos óculos de armação quadrada e lentes opacas.

— O senhor não está querendo me dizer que... consegue ler os pensamentos das pessoas?

— Digamos que isso não é mais uma quimera. Hoje em dia somos capazes de projetar pensamentos visuais simples em telas. Quando a senhorita vê uma imagem específica, milhares de pequenas zonas do córtex visual, que denominamos *voxels*, se acendem e identificam de maneira praticamente única a imagem em questão. Graças a tratamentos matemáticos complexos, estamos em condições de associar uma imagem a uma cartografia cerebral, e registramos o conjunto num banco de dados. Portanto, a qualquer momento, podemos utilizar o sistema na outra direção: cada conjunto de *voxels* visualizado pelo tomógrafo corresponde teoricamente uma imagem. Se esta constar de nosso banco, somos capazes de restaurá-la, e por conseguinte... exibir seus pensamentos.

— É assombroso.

— Não é para menos. Infelizmente, nossa unidade mais fina, o *voxel*, equivale a cinquenta milímetros cúbicos e contém cerca de cinco milhões de neurônios. A despeito da potência de nosso tomógrafo, é como se víssemos de uma cidade do céu, sem poder presumir a organização de suas ruas ou a arquitetura de seus prédios. Mas já é um passo gigantesco. Depois que um cientista genial teve, há muitos anos, a ideia de fazer alguns voluntários beberem Coca-Cola ou Pepsi dentro de um tomógrafo, não existem mais limites. Eles tiveram os olhos vendados e, antes de provar, eram intimados a responder que refrigerante preferiam. A maioria respondia Coca-Cola. Contudo, nesse experimento às cegas, essas mesmas pessoas afirmavam preferir o gosto da Pepsi. O tomógrafo mostrou que uma zona no cérebro, chamada putâmen, reagia mais à Pepsi que à Coca. O putâmen é a sede dos prazeres imediatos, instintivos.

— Então a campanha publicitária da Coca-Cola faz com que as pessoas julguem preferi-la, quando no fundo seu organismo prefere a Pepsi.

— Exatamente. Hoje nossos tomógrafos são disputados por todas as grandes firmas de publicidade. O neuromarketing permite intensificar a preferência por certas marcas, maximizar o impacto de uma mensagem publicitária e otimizar sua memorização. Conseguimos detectar as zonas do cérebro em ação durante o processo de compra, como a ínsula, que é área da dor e do preço, o córtex pré-frontal mediano, o putâmen ou o cuneus. Em breve, bastará que uma propaganda entre em nosso campo visual ou sonoro para que sejamos influenciados. Mesmo se olhos e ouvidos não prestarem atenção, ela será programada de maneira a estimular os circuitos de memorização e os processos de compras.

— Isso é terrível.

— É o futuro. O que faz quando está cansada, cara tenente? A vida é cada vez mais exigente, estressante. A senhorita se refugia em casa, diante da TV, e relaxa. Abre seu cérebro para a imagem, tal qual uma válvula, com uma consciência reduzida, quase adormecida. É nesse momento que se torna um alvo perfeito e lhe injetam tudo que quiserem na cabeça.

Era ao mesmo tempo sensacional e hediondo. Um mundo governado pela imagem e o controle dos inconscientes, sem passar pela barreira racional. Seria possível continuar falando em liberdade? Vendo todos aqueles instrumentos de última geração atuar sobre os cérebros, Lucie voltou a pensar na fantasia do optograma: estavam no cerne da questão, no fim das contas nada fantasiosa.

— Quer dizer que não estou errada se disser que uma imagem pode deixar uma impressão no cérebro...

— É literalmente isso, a senhorita compreendeu o fundamento de nosso trabalho. Vocês estudam as impressões digitais e nós, as impressões cerebrais. Toda ação deixa um rastro, seja ele qual for. Tudo está em saber detectá-lo e possuir instrumentos que permitam sua exploração.

Lucie pensou em todas as técnicas de investigação da polícia técnica, mobilizadas pelo crime. Ali, fazia-se a mesma coisa, mas com a massa cinzenta.

— Evidentemente, ainda estamos na Idade Média da técnica, mas não resta dúvida, daqui a poucos anos disporomos de aparelhos que permitirão visualizar os sonhos. Sabia que nos Estados Unidos já está em questão se devem instalar tomógrafos cerebrais nos tribunais? Imagine essas máquinas projetando as recordações de um réu. Fim das mentiras, de agora em diante apenas vereditos confiáveis... Isso para não falar em outros domínios, como a medicina, a psiquiatria, a tomada de decisões nas empresas. Entra em pauta igualmente a neuropolítica, que oferece a possibilidade de acessar os sentimentos íntimos despertados nos eleitores por este ou aquele candidato.

Lucie lembrou-se do filme *Minority Report*. Era vertiginoso, mas tratava-se da realidade amanhã. Um estupro das consciências. O cineasta de 1955, com suas imagens subliminares, já estava no processo. Talvez houvesse compreendido, muito antes da hora, o funcionamento de certas zonas do cérebro.

Do outro lado do vidro, o desafortunado comandante soçobrava no túnel magnético. Lucie não escondia a felicidade por ter escapado àquele tenebroso programa. Assistir ao filme já fora por si só suficientemente doloroso.

— O que acha do filme de 1955? — perguntou.

— Impressionante, sob todos os pontos de vista. Ignoro a identidade do diretor, mas é um gênio, um precursor. Mediante o sistema das imagens subliminares e das sobre-exposições, ele já atuava nas zonas do cérebro primitivo. O prazer, o medo, o desejo de transgredir o tabu. Em 1955, esse procedimento era completamente inovador. Até os publicitários chegaram depois. E quem ultrapassa os publicitários é necessariamente um gênio.

Essas mesmas palavras haviam saído da boca de Claude Poignet.

— E a mulher mutilada, e o touro? Trucagens?

— Não faço ideia. Não é minha especialidade e estou mais interessado no caráter misterioso da construção do filme, não verdadeiramente em seu conteúdo... Desculpe-me, mas meu assistente está sinalizando que está tudo pronto.

Beckers encaminhou-se na direção dos monitores. Lucie percebeu, na tela, o que deveria ser o cérebro do comandante. Uma bolha palpitante, sede das emoções, da memória, do caráter, da vivência. Em outra tela, Lucie pôde perceber a primeira imagem do filme digitalizado,

posicionado em pause. O cientista fez os ajustes necessários.

— Vamos lá... O princípio é simples. Quando solicitados, nossos neurônios consomem oxigênio. O tomógrafo simplesmente coloriza esse consumo.

O filme começou. A atividade cerebral do comandante foi ganhando cores, o órgão pareceu deslizar para dentro de um arco-íris que ia do azul ao vermelho. Determinadas zonas acendiam, apagavam, se deslocavam, como fluidos em tubos translúcidos.

— Acredita que Szpilman tenha feito a mesma coisa com seu ex-diretor, há dois anos? — perguntou Lucie. — Que ele usou essas máquinas para dissecar o filme?

— É provável. Como expliquei a seu chefe pelo telefone, meu ex-diretor comentou brevemente comigo sobre esse experimento na época. E de um filme um tanto estranho. Mas acabei não procurando saber mais.

Beckers voltou à sua tela e se encarregou de fazer os comentários em tempo real:

— Toda imagem que penetra em nosso campo visual é eminentemente complexa. Primeiro ela é tratada pela retina, depois transformada num fluxo nervoso, que o nervo óptico conduz à parte posterior do cérebro, no nível do córtex visual. Nesse estágio, diversas áreas especializadas analisam as diferentes propriedades da imagem. Cores, formas, movimento e também conteúdo: se tem caráter violento, cômico, neutro, triste. O que a senhorita vê aqui não nos permite de forma alguma adivinhar a imagem que a testemunha observa; os dados permitem determinar algumas dessas características que acabo de citar. Em nossos dias, especialistas em neuroimagem divertem-se tentando adivinhar a natureza de um filme exclusivamente mediante a análise dessa mistura de cores. Comédia, drama, um filme angustiante.

— E qual é a análise desse filme?

— Globalmente, de uma violência extrema. Concentre-se nessas zonas aqui...

Apontou o dedo para determinados pontos da representação elétrica do cérebro.

— Eles se acendem intermitentemente — constatou Lucie. — Imagens subliminares?

— Sim. Cronometrei os momentos em que aparecem. Sempre há uma imagem oculta quando essas zonas se acendem. Neste momento, trata-se dos centros de prazer... Fácil adivinhar por quê. A atriz, nua, em posições sexuais ousadas. As mãos enluvadas acariciando-a.

Lucie sentiu-se constrangida ao penetrar, de certa forma, na intimidade profunda de seu superior hierárquico. O comandante não desconfiava que, naquele exato momento, via imagens subliminares da atriz nua em pelo. Menos ainda que seu cérebro saciava-se, perigando deflagrar uma reação psicológica incômoda.

O filme digitalizado continuou a rodar. Lucie lembrou-se do que lhe mostrara Claude Poignet na moviola. Aproximavam-se do outro tipo de imagens: o corpo da atriz chacinado na pastagem, com o olho arregalado rasgado no ventre. Beckers moveu o indicador pela tela.

— Estamos aqui. Eis a ativação do córtex pré-frontal mediano e órbito-frontal, bem como da junção temporal-parietal. As imagens chocantes acabam de chegar, habilidosamente dissimuladas em cenas à primeira vista inofensivas. Até agora, tudo se encaixa. Mas aguardemos mais um pouco...

O filme em preto e branco já estava em três quartos de sua duração. A garotinha acariciava um gato, sentada na relva, sempre cercada por aquela estranha cerração úmida e um céu escuro.

Uma cena neutra, que *a priori* não suscitava emoção alguma.

— Começou... Os sinais no cérebro animam-se, mesmo um pouco defasado do ritmo que estabeleci para cada imagem oculta. Acontece o mesmo com a amígdala e as partes do córtex cingulado anterior. O organismo prepara-se para uma reação violenta. Foi esse mal-estar que a senhorita deve ter sentido ao ver o filme. Uma vontade de fugir, talvez, de parar tudo.

Foi muito antes do touro que as cores explodiram no cérebro de Kashmareck. Cintilavam em toda parte. Alguns segundos mais tarde, uma atividade mais calma voltou a vigorar. Beckers agitou suas anotações.

— É exatamente a onze minutos e três segundos que os circuitos de reação às imagens violentas são ativados, e isso dura um minuto. Ora, nessa parte do filme, não há uma única daquelas imagens subliminares que foram coladas na película original. Nem a mulher nua, nem a mulher mutilada. Absolutamente nada.

— Do que se trata, então?

— De um procedimento complexo de fotogramas ocultos, jogando com a sobre-exposição, os contrastes e a luz. Creio que as imagens subliminares, bem como esse círculo branco, no alto à esquerda, são apenas iscas. A evidência que permite dissimular a verdadeira imagem escondida. De forma inconsciente, o olho é permanentemente atraído para esse ponto incômodo, evitando concentrar-se demais em outras partes da imagem e ter uma chance de detectar o estratagema. O cineasta tomou suas precauções para iludir os mais observadores.

Lucie não se continha mais. O filme a aspirava, a possuía.

— Mostre-me essas imagens ocultas.

— Deixemos primeiro seu comandante juntar-se a nós.

Lucie não pôde evitar assistir novamente à cena do touro, enquanto Beckers instalava-se diante de outro computador. A policial sentiu um calafrio, sobretudo quando um plano aproximado detalhou o olhar da garotinha, vazio de qualquer sentimento. Um olhar de estátua antiga.

Alguns minutos mais tarde, Kashmareck chegou. Estava tão branco quanto o revestimento do tomógrafo.

“Um filme curioso” foram suas únicas palavras. Ele também havia sido revirado, manipulado, impactado, e provavelmente buscava explicações para seu estranho estado. Beckers transcreveu brevemente as frases que acabara de trocar com Lucie, digitando-as no teclado. Um programa de tratamento de vídeo surgiu. O cientista baixou o filme digitalizado e moveu-o até as imediações de onze minutos e três segundos. Imagens quase idênticas surgiram sucessivamente, como numa película de filme que observássemos sob uma lâmpada. Com o mouse, Beckers apontou para uma zona da primeira imagem, em sua parte inferior esquerda.

— É sempre nas partes de pouco contraste que isso acontece. Na neblina, no céu escuro, nas zonas muito escuras, onipresentes nesse momento do filme. Astúcias visuais que permitem ao nosso cineasta exprimir sua linguagem secreta.

Ele fazia o cursor do mouse passar rapidamente pelo monitor, fundamentando assim suas explicações:

— Se a senhorita olhar essa imagem tal qual, o que vê? Uma garotinha, sentada na relva,

acariciando um gato. Em volta, essa cerração e essas amplas extensões lisas e escuras, nas laterais e no céu. Se ignorarmos que há alguma coisa a ser descoberta, passamos direto. Foi o que aconteceu com Claude, que se concentrou exclusivamente nas imagens sobrepostas, manifestamente diferentes das do filme.

Lucie aproximou-se, ergueu as sobrancelhas.

— Agora que prestei atenção, parece que há... rostos, ao fundo da neblina. E... e em todas as zonas escuras em torno da imagem.

— Rostos, sim. Um monte de rostos de crianças...

A cena era estranha, os rostos apenas sugeridos circundavam a garotinha como demônios cruéis. Quanto mais o olho de Lucie se acostumava, mais detalhes ela discernia. Pezinhos enfiados em meias, tênues uniformes parecendo pijamas de hospitais, um chão liso, tipo linóleo. Um mundo paralelo, sugerido, delineava-se lentamente. Lucie pensou nas ilusões de óptica. A imagem do que parece ser um vaso, por exemplo, que pedem para você observar por um minuto. No fim, você termina vendo um casal fazendo amor.

No menu, Beckers selecionou a opção “contraste e luminosidade” e abriu uma caixa de diálogo para ajustar os parâmetros.

— Suponha que estamos em 1955 em plena sala de projeção. E que acrescentamos um filtro na lente do aparelho que projeta o filme. Um filtro para melhorar os contrastes. Em seguida, aumentamos igualmente a luminosidade. Simbolizo essas manipulações aplicando diferentes valores que testei. Agora, observe...

Ele executou. Produziu-se então uma curiosa mudança na imagem. Aquela inicialmente visível ganhava a superfície, em detrimento da cena manifesta, mostrada no filme, que se apagava na alvura da luz.

— Em função da iluminação mais intensa, a imagem principal, a garotinha acariciando o gato, fica superexposta, quase branca. Mas a situada nos recantos escuros, subexposta no início, assume toda a sua dimensão.

As duas imagens misturadas produziam um efeito bizarro, mas dessa vez via-se claramente várias crianças de pé, ao redor de coelhos agrupados num canto.

Lucie engoliu a saliva com dificuldade. Lá estavam: os coelhos e as crianças. Ao telefone, o canadense dissera que tudo partira dali.

Kashmareck coçava a testa.

— É estarrecedor. Como o cineasta fez esse negócio?

— Difícil explicar precisamente as técnicas, mas acho que ele jogou principalmente com a sobre-exposição, utilizando também um jogo de filtros adaptáveis na lente de sua câmera. Uma película, seja ela para fotografia ou cinema, obedece a um princípio básico: ela permanece suscetível a receber outra impressão enquanto não aplicarmos o fixador no laboratório. *Grosso modo*, podemos gravar vários filmes na mesma película, basta rebobiná-la sem abrir o chassi da câmera. Caso a pessoa não siga o procedimento correto, tudo se mistura horivelmente e não se vê mais nada, porém, com técnica, habilidade e conhecimento sobre a luz, os planos e o enquadramento, é possível realizar coisas notáveis. Claude Poignet admirava a obra de Méliès.

Ele me contou que o cineasta chegava a utilizar nove sobre-exposições sucessivas para construir certos efeitos especiais. Um trabalho ao mesmo tempo de mágico e ourives. Não resta dúvida de que esse filme é do mesmo quilate e que seu realizador está efetivamente à altura de Méliès!

Lucie analisava cautelosamente os rostos na tela. Garotinhas de sete ou oito anos, feições severas, tensas. Nenhuma delas ria, ao contrário, um medo irreprimível parecia habitá-las. O que temiam?

Seu coração disparou. Aproximou o indicador da tela.

— Esta, um pouquinho à frente. Parece a garotinha do balanço.

— É ela.

O quarto onde as crianças estavam parecia minúsculo, sem janelas. Beckers passou os dedos em seus lábios carnudos, num suspiro.

— Nosso cineasta não queria apenas esconder imagens bizarras em seu filme; queria dissimular outro filme dentro dele, diferente, totalmente delirante. Uma monstruosidade.

— Um filme dentro de um filme, que nenhum olho vê?

— Sim. Um fluxo direto injetado no cérebro, sem qualquer censura consciente. Sem a possibilidade de desviar os olhos. Observe com atenção.

Fez os cinquenta fotogramas sucessivos desfilarem, os quais perfaziam, na realidade, um segundo de filme.

— As imagens em sobre-exposição aparecem apenas a cada dez fotogramas. O que dá, para um segundo de projeção, cinco imagens sobre-expostas, spacejadas por dois décimos de segundo. É muito pouco, em meio à quantidade de imagens, para que o olho perceba alguma coisa, mas quase suficiente para transmitir uma sensação de movimento. Movimento que se imprime no cérebro... O cérebro vê o filme, os olhos, não.

Lucie procurava compreender: era sem dúvida o que justificava a escolha de cinquenta fotogramas por segundo. Ele queria insinuar um máximo de imagens ocultas sem que, no entanto, o olho as percebesse.

— Agora verão outra coisa — prosseguiu Beckers. — Temos à nossa frente o projetor de cinema, com um filtro e luminosidade suficientes para detectar essas imagens invisíveis.

Com um clique, abriu uma janela para ajustar os parâmetros de projeção do filme.

— Imaginem agora que vocês regulam o obturador do projetor na velocidade de cinco fotogramas por segundo, como permitem a maioria das velhas máquinas, enquanto a bobina, por sua vez, continua a desfilir à velocidade de cinquenta fotogramas por segundo. Isso significa que as imagens projetadas na tela, diante dos senhores, são as únicas que nos interessam, as demais são obstruídas pela aba do obturador.

Beckers levantou-se e apagou as luzes. Cintilavam agora apenas diversas telas onde dançavam os cortes de cérebro.

— O filme que veremos será intermitente, uma vez que projetado a cinco fotogramas por segundo, ao passo que a impressão de movimento só se dá com clareza a aproximadamente dez ou doze fotogramas por segundo. Isso, contudo, é suficiente para... — sua voz era neutra — para compreender. Acho que, muito antes de todo mundo, o homem que procuram percebeu determinadas coisas sobre o cérebro.

Interrompeu o movimento do mouse encarou seus interlocutores. Tinha o semblante grave.

— Por favor, se um dia compreenderem o sentido de tudo isso, não se esqueçam de me informar. Não quero que essas imagens permaneçam na minha cabeça sem resposta até o fim de meus dias.

O filme começou.

Motor. Ação.

[S]harko lutava para emergir do sono quando um dos três muezins do Cairo convocou os fiéis para a prece da manhã. A voz, potente e misteriosa, parecia descer dos céus como um oráculo. O policial se lembrou dos alto-falantes, onipresentes nas ruas. O sol ainda não nascera e a cidade inteira já vibrava sob os ensinamentos do Corão.

O comissário alongou as costas, estava com a coluna em frangalhos. Provável contratura das vértebras L1 e L2, decretara o médico, certo dia. Envelhecia, cacete, e passar algumas horas adormecido na banheira, curvado, não era mais para sua idade. Quanto às picadas de mosquitos... Enxameavam sua pele a ponto de fazê-lo pensar em se coçar com uma faca. Lambuzou o corpo todo com uma boa camada de pomada anti-inflamatória, soltando um suspiro de alívio.

Tomou seu comprimido de Zyprexa, que deixava muito a desejar em matéria de eficácia numa cidade tão quente e estressante, depois fez as malas. O voo para Paris estava previsto para as cinco da tarde. Mal chegara, já ia embora. E ansioso para reencontrar o “frescor” parisiense, com seus vinte e oito ou vinte e nove graus Celsius.

Após comprar bolinhos de vagem na esquina, Sharko chamou o primeiro táxi que avistou e pediu que o levasse à cidadela de Saladino.

Quinze minutos depois, o Nasr deixou-o diante da imponente fortaleza, encarapitada nas colinas da cidade. Os primeiros raios de sol iluminaram, na direção do horizonte, as planícies em torno de Heliópolis e, atrás, as vertentes das colinas do Mokattam, em cujo sopé estendia-se a mítica Cidade dos Mortos. Enquanto degustava seu bolinho, Sharko admirava-se com a vista. Os túmulos consagrados às três dinastias de califas e sultões que governaram o Egito há mais de mil anos ganhavam as cores da aurora. Vermelhos, amarelos e azuis prestavam homenagem à imensa necrópole, hoje habitada por miseráveis. Sentado ao pé de um dos minaretes como se dominasse o mundo, Sharko se dava conta do fosso que dividira o Egito ao longo dos anos: o passado majestoso, irrefutável, de um lado, com seus faraós, mesquitas, madraçais, e, do outro, um futuro muito menos brilhante, devorado pela pobreza e pelo caos de um mundo que se expandia vertiginosamente.

Um carro apareceu subitamente no acostamento da estradinha, a uns vinte metros. Sharko aproximou-se, enquanto Atef surgia e abria o porta-malas de seu robusto 4x4. Os dois homens apertaram-se as mãos.

— Ninguém o seguiu? — perguntou o árabe.

— O que acha?

Atef vestia uma roupa cáqui, que o fazia parecer um explorador. Camisa larga, calça com amplos bolsos na frente, botas de marcha. Sharko, por sua vez, escolhera a opção turista: bermuda, sapatos top sider e camisa cor de areia.

— Obtive informações — disse Atef. — Vamos até o bairro dos catadores de lixo. Lá, há um hospital, o centro Salam.

— Um hospital?

— O senhor estava procurando um ponto em comum entre as vítimas: é este. Todas as garotas estiveram em hospitais da cidade, quase ao mesmo tempo. Foi no ano anterior ao de suas mortes, em 1993. E uma delas, Bussaina Abderrahman, foi encaminhada precisamente para o centro Salam.

— Por que razão?

— Meu tio ignora; Mahmud não foi muito preciso a respeito. Mas não vamos demorar a saber.

Sharko pressentira: o assassino tinha um elo com o mundo da medicina. A serra de legista, o procedimento de enucleação dos olhos, a cetamina. E, agora, os hospitais. A pista ganhava corpo.

O árabe pegou a manivela do macaco, que esfregou com um pano.

— Falta de sorte, acabo de furar o pneu dianteiro esquerdo. Raro acontecer isso com esses carros japoneses. Vou trocar e partimos.

Sharko abaixou-se para checar o tamanho do estrago.

Nesse instante, seu crânio pareceu se despedaçar.

Um soco acabava de derrubá-lo.

Zonzo, ainda tentou se reerguer, mas menos de dez segundos depois suas mãos estavam juntas às costas. Ouviu a fita isolante ser rasgada. Atef imobilizou-lhe os pulsos e lhe enfiou um pano na boca, ao qual aplicou vários pedaços de fita isolante. Confiscou-lhe o celular.

Empurrado para o fundo do porta-malas, Sharko ouviu, antes que o muro de aço apagasse definitivamente a luz:

— Você vai encontrar o meu irmão, filho do cão.

O veículo arrancou.

Nesse momento, Sharko compreendeu que ia morrer.

[L]ucie não pregara o olho a noite toda. Como tirar da cabeça os horrores presenciados na unidade de neuroimagética? Como dormir serenamente após tão devastadora torrente de trevas? Encolhida num canto do quarto de hospital com seu laptop, via e revia o filme misterioso, que Becker salvara num DVD para ela.

O filme dentro do filme, gravado segundo os parâmetros corretos de contraste, velocidade e luz.

O filme dos coelhos e das crianças.

Crianças, santo Deus...

Mais uma vez, clicou no pause, sentindo necessidade de, deixando de lado as imagens, compreender o que pudera se passar naqueles remotos anos esquecidos.

Os fotogramas sucediam-se ao ritmo de cinco por segundo. Isso gerava uma projeção engasgada, com uma lacuna de informações entre cada plano. Mas a sensação de movimento e continuidade estava quase toda ali, aflorando, no limite dos sentidos. Com as reiteradas projeções, o olho de Lucie aprendera a focar na cena que a interessava e a abstrair da imagem inicial, superexposta, parasita. Agora só via um único filme: o oculto.

Doze crianças, meninas, mantinham-se de pé, espremidas umas contra as outras, mãos juntas no peito. Todas usavam pijamas brancos, um pouco largos para suas silhuetas franzinas. Os olhos revolviam-se nas órbitas, quase todos os rostos esgarçavam-se sob um medo espesso e tenaz. Era como se uma grande tempestade negra, carregada de monstros, rugisse acima delas.

Quase todos os rostos. Porque o da garotinha do balanço congelava-se numa expressão fria, o mesmo olhar vazio de quando se viu diante do touro. Posicionava-se à frente do grupo, liderando a fila, não se mexia.

Trinta ou quarenta coelhos, animais ainda não completamente adultos, tremiam num canto. Orelhas arriadas, pelos eriçados, bigodes agitados. O cineasta posicionava-se provavelmente num outro canto, o que lhe permitia manter garotas e animais no campo da câmera, a cinco ou seis metros.

A menina do balanço voltou de súbito o olhar para a esquerda. Seguramente observava alguém invisível para o espectador. A mesma presença misteriosa que pairava em toda parte dissimulava-se fora da cena e parecia coordenar o conjunto.

Quem é você? pensou Lucie. Por que se esconde? Para você, é fundamental ver sem ser visto.

De repente, os lábios da garota se arreganharam, até revelar os dentes. Suas feições se crisparam. Lucie teve a brusca impressão de enfrentar uma das encarnações do mal absoluto. Como um guerreiro, a criança pôs-se a correr na direção dos coelhos, que saíram pulando. Com um gesto impetuoso, agarrou um pela pele do dorso e, numa careta de que devia ser acompanhada de um grito, arrancou a cabeça do corpo.

O sangue esguichou em seu rosto.

Ela abandonou o animal decapitado e atacou outro, sempre berrando. Lucie cerrou os punhos. Embora o filme fosse mudo, era possível presumir a força, a raiva, no uivo da criança.

Numa cacofonia que a policial pôde presumir facilmente, todas as meninas entraram em pânico. Apertaram-se mais umas contras as outras, enquanto os coelhos aterrorizados esgueiravam-se por entre suas pernas. Seus rostos dirigiram-se para o canto onde a menina do balanço aparecera pela primeira vez. Lucie tinha certeza de que havia alguém ali, falando. Alguém que o *cameraman* jamais focalizava. Sem dúvida o idealizador daquelas aberrações. O guru. O monstro.

As feições das crianças crispavam-se ainda mais, os ombros se curvavam, o medo e o pavor extravasavam. Uma das meninas saiu da fila, berrando, e precipitou-se na direção do animal que cabriolava à sua frente. Agarrou-o pelas orelhas e o atirou contra a parede.

As imagens seguintes desafiavam tudo que o espírito humano é capaz de conceber.

Carnificina, hecatombe, loucura, não havia palavras para descrever a ignóbil sequência. Sucessivamente, as garotinhas puseram-se a massacrar os animais. Era uma explosão de gritos mudos, sangue, corpos voando, arrebatados contra as paredes, pisoteados. O horror e a barbárie não tinham limites. A imagem oscilava, a câmera hesitava, não sabendo mais onde focar. O *cameraman* procurava capturar as fisionomias e os gestos das garotas, transcrever, com closes e planos amplos, a vertigem da cena.

Em menos de um minuto, os cerca de quarenta coelhos haviam sido massacrados. Manchas escuras poluíam os rostos e as roupas. As crianças ofegavam, de pé, de quatro, de cócoras, completamente alheias umas às outras. Com as fisionomias atônitas, seus olhos não se desprendiam das tripas e do sangue.

O filme terminou. A tela do computador ficou escura.

Lucie abaixou a tampa do laptop num longo suspiro. Abriu as mãos, as palmas esticadas diante do rosto: seus dedos continuavam tremendo. Tremores incontrolláveis, que não a deixavam desde a véspera. Mais uma vez, sentiu necessidade de tocar na filha. De pijama, precipitou-se para o leito de Juliette e apertou nos braços a menina adormecida. Afagou-lhe os cabelos, carinhosamente, à beira das lágrimas. Raramente chorava naqueles últimos anos. Choramos tanto durante uma fase de depressão, que temos a sensação de esgotar nosso estoque de água e sal para sempre. Mas naquele momento ela sentia que as comportas ameaçavam abrir-se novamente, que uma inundação de dor podia fazê-la naufragar. O equilíbrio de um policial é muito frágil. É como uma casca de noz que se abre gradualmente, a golpes de perseguições e cenas de crime.

Não se contendo mais, Lucie levantou-se bruscamente, abriu seu celular e digitou o número de Sharko, obtido junto aos serviços administrativos. Precisava comentar o caso com alguém. Expulsar tudo para um ouvido compreensivo, capaz de escutar, que vibrasse na mesma sintonia que o seu. Pelo menos era o que esperava. Caiu na caixa postal, para sua grande aflição. Tomou fôlego e disparou:

— Henebelle falando. Temos novidade com relação ao filme, gostaria de conversar. E o senhor? Sua pista no Egito? Ligue, quando quiser.

Desligou, deitou-se de costas e fechou os olhos. O filme atormentava-a, as imagens ardiam

em sua cabeça. Kashmareck tampouco insistira no caminho de volta. Embora deveriam ter discutido longamente o caso, ambos preferiram perder-se no asfalto, mergulhados em seus pensamentos. O comandante dissera apenas: “Amanhã conversamos, Lucie. Amanhã, tudo bem?”

Tudo bem, amanhã. Já era amanhã. Noite em claro, de monstruosidades.

Juliette mexeu-se subitamente e aconchegou-se no peito da mãe.

— Mamãe...

— Está tudo bem, meu amor. Volte a dormir, ainda é cedo.

Voz de sono, cheia de ternura.

— Você fica comigo?

— Fico com você. Sempre.

— Estou com fome, mamãe...

O rosto de Lucie iluminou-se.

— Está com fome? Mas isso é ótimo! Quer que...

A menina dormiu novamente. Lucie deu um suspiro de alívio. Talvez o fim do túnel. Pelo menos desse lado.

Crianças, pensou, voltando ao caso. Só um pouquinho mais velhas que Juliette. Que monstro pudera obrigá-las a agir daquela forma? Que mecanismo pudera desencadear aquela violência toda? Lucie ainda visualizava o aposento, os trajes, o ambiente asséptico. Um hospital de pediatria, como ali? Aquelas garotinhas seriam pacientes vítimas de uma doença qualquer ou de um distúrbio psicológico grave? O homem que permanecia o tempo todo fora do campo de visão era um médico? Um pesquisador?

O médico e o cineasta. Dupla maldita, que agira há cinquenta e cinco anos. E cujos fantasmas talvez estivessem de volta...

Essas interrogações sem resposta rodopiavam sem parar dentro da cabeça de Lucie. Flashes cintilavam diante de seus olhos, ao passo que, progressivamente, a aurora espalhava suas primeiras camadas sobre o aço e o cimento do hospital.

Quem criara aquele filme bizarro, e com que finalidade?

Que maus-tratos infligira àquelas pobres meninas, perdidas no anonimato ingrato de imagens ocultas?

Se houvesse uma grande caverna nas proximidades, Lucie teria se refugiado em seu recanto mais escuro, os joelhos grudados no peito, a refletir, refletir, refletir. Teria procurado dar um rosto ao assassino, dar-lhe carne por trás da silhueta. Gostava de farejar o homem que ela perseguia, inalar o cheiro que ele abandonava em seu rastro. E era boa nesse jogo, Kashmareck era testemunha. Beckers certamente teria visto em seu cérebro, com seus tomógrafos, uma zona que não devia se acender em nenhuma outra pessoa confrontada com uma cena violenta: a do prazer e da recompensa. Não que sentisse prazer: na verdade, sua vontade era vomitar a cada investigação. Vomitar até a morte diante dos horrores que o ser humano era capaz de consumir. Mas um anzol invisível sempre a fisgava. Um gancho que penetrava sua garganta e destruía suas vísceras, sem que fosse possível desvencilhar-se.

Nesse caso, não havia sido uma pequena vara de pescar trutas que a fisgara.

Não, a linha era muito mais grossa.
Ideal para caçar tubarões.

[R]odaram por aproximadamente meia hora. Desde que o carro começara a sacolejar, Sharko não percebia mais o barulho do tráfego. Apenas o atrito sob os pneus. Depois, cada vez mais, pareceu-lhe que o fim do mundo se aproximava, atrás da lataria da viatura. Um vento demoníaco roncava, uma chuva inclemente fustigava tudo com uma espécie de retinir.

Uma tempestade de areia.

Atef o estava levando para o deserto.

Fez de tudo para libertar-se, sem sucesso. A grossa fita isolante rasgava-lhe os pulsos. O pano imundo esmagado no fundo de sua garganta dava-lhe ânsia de vômito. Havia um barril cheio de um combustível que se agitava, à sua frente. Então morreria como um cão? De que maneira? Despejariam gasolina na sua cabeça e ele seria incinerado, como teriam feito com Mahmud? Estava se borrando de medo, um medo atroz de sofrer antes de passar para o outro lado. Podia suportar muita coisa, e morrer fazia parte das regras, mas não o sofrimento. Agora as garras afiadas das trevas pareciam fechar-se sobre ele tal como um sarcófago.

Reencontrar Suzanne e Éloïse, na contramão da estrada.

O 4x4 parou. Quando uma luz cinza se espalhou, quilos de areia foram tragados pelo cubículo e lhe esbofetearam o rosto. O vento gemia. Com o nariz coberto pela roupa, Atef Abdel-Aal arrancou-o do porta-malas e puxou-o pelos braços. Tinha a impressão de que lhe chicoteavam as faces, a testa, os olhos. Caminharam por dois minutos, em linha reta. Na nuvem de poeira e areia, Sharko percebeu uma ruína de pedra, com o telhado em petição de miséria, castigado pelas tempestades e pela corrosão. Uma casa há muito abandonada.

Seu túmulo. O lugar mais miserável e anônimo do mundo.

No interior, Atef soltou-o. Ele desabou, tossindo na mordaça.

Chicotada na cara. A areia escorria por seu pescoço. Atef praguejava em árabe.

O egípcio rasgou sua camisa e passou várias vezes a fita isolante em volta de seu peito, de maneira a prendê-lo a uma cadeira de metal. Sharko respirava penosamente pelas narinas. A sede devorava-lhe as estranhas. Atef arrancou a mordaça. O policial cuspiu demoradamente, antes de deixar escapar, num filete de baba:

— Por quê?

Atef desferiu-lhe um soco no nariz. O ódio deformava seus traços.

— Porque me pediram. E porque me pagaram como a um sultão.

Agitou o celular de Sharko.

— Você recebeu uma mensagem.

Ele escutou-a e desligou apressadamente.

— Uma mulher do seu país, bonita voz... Você trepa com ela? Ela é gostosa, filho do cão?

Desatou numa grande gargalhada e começou a bisbilhotar a lista de mensagens.

— Você não ligou para ninguém desde ontem, ótimo, é um homem de palavra, coisa rara

nos ocidentais. E, para seu governo, meu tio morreu há dez anos.

O torturador desapareceu por outro cômodo. Do lado de fora da construção, o vento zunia, a pele do deserto grudava nos buracos e se insinuava nas fissuras. Vigas estavam quebradas, telhas juncavam o chão, vergalhões saíam das paredes, como punhais. Sharko sentiu a fita isolante em volta dos punhos, queimando-o.

O egípcio retornou com uma pesada bateria, pinças elétricas, facas de ponta curva, além de um galão de gasolina. O policial percebeu na hora que ia sofrer. Debateu-se e recebeu um soco na barriga. Ergueu lentamente o queixo. Seu nariz começava a expelir sangue.

— Seu irmão... Foi você...

— Ele nunca tolerou minha homossexualidade. Por causa dele passei quatro dias nas cadeias pútridas de Kasr-El-Nil. Há uma coisa que eles apreciam muito, por lá. Pendurar você no *falaka*, açoitar a sola dos seus pés com um rebenque e enfiar o cassete no seu rabo.

Tirou de um saquinho um gravador portátil e um cantil com água. Deu um gole.

— Cuidei pessoalmente dele. Brincadeira de criança. Ele precisava parar de meter o nariz nessa história.

— Quem dá as ordens?

— Você não acreditaria se eu lhe dissesse que não faço a mínima ideia. Paciência. Essas pessoas me deram uma vida. Permitiram que eu virasse alguém respeitado. Agora você vai contar nessa fita tudo que a polícia francesa sabe sobre esse caso. Vai responder às minhas perguntas. Caso contrário, vai se arrepender de ter nascido.

Esfregou a boca, o olhar demente. Os grãos de areia atravessavam o recinto, atingindo as paredes. Ele berrou em árabe, depois ligou a bateria. As pinças gargalharam num feixe de fagulhas, o ar parecia latejar. Sem avisar, o egípcio grudou-as no peito de Sharko.

Um uivo misturou-se às lamentações do deserto.

Atef apertou no botão do gravador. O escroto estava se divertindo.

— Fale dos corpos desenterrados. Tiveram como identificá-los?

— Vá... vá se foder. Pode acabar comigo... Estou me lixando.

Atef agitou o barril de combustível.

— Vou queimá-lo um pouco, brincar com minhas facas, depois abandoná-lo no deserto, vivo. As hienas e os abutres o engolirão em poucas horas. Nunca encontrarão seu corpo.

Golpeou Sharko no meio da cara com o galão.

Um estalo, um esguicho de sangue.

— Eles querem as gravações, compreende? Preciso provar que fiz direito meu trabalho, que podem confiar em mim. Se você não fosse tão cabeça-dura, nada disso teria acontecido. Mas se for como meu irmão, teria ido até o fim. Era só fuçar um pouco, interrogar as pessoas certas, ia terminar descobrindo por conta própria a pista dos hospitais.

O ponteiro de voltagem da bateria percorreu o mostrador num décimo de segundo. Sharko se contorceu, cerrando os dentes. Uma veia grossa saltou em sua testa, seus órgãos pareciam querer deixar seu corpo. Quando a tempestade elétrica passou, sentiu sua cabeça adernar. Um bofetão trouxe-o de volta à realidade.

— O que sabe sobre a síndrome E?

O comissário ergueu o queixo, no limiar da inconsciência. O corpo inteiro sofria.

— Mais do que... pode imaginar.

Outro bofetão. Seus olhos mergulharam no fundo do aposento. Eugénie estava sentada com as pernas cruzadas num canto e deixava escorrer areia por entre os dedos. Fitava-o com seu olhar mais duro.

— Posso saber que diabo estamos fazendo aqui, querido Franck?

Sharko via tudo turvo, lágrimas o inundavam. Seus lábios se descerraram, revelando um sorriso triste. Havia sangue começando a esvaír-se por suas narinas e gengivas.

— Acha realmente que tive escolha?

Atef franziu o cenho. Aproximou novamente as pinças de maneira ameaçadora.

Eugénie levantou-se, os olhos cheios de raiva.

— Sempre temos escolha.

— Não com as mãos amarradas às costas.

Os globos oculares de Sharko revolviam-se nas órbitas, à medida que a garota se deslocava. Atef recuou um passo e se voltou. Então o comissário ergueu-se e, preso à sua cadeira, arrojou-se sobre ele, primeiro a cabeça. Golpeou Atef, com todas as suas forças, no meio do abdome. O choque impulsionou o árabe para trás. Houve um barulho de aspiração quando ele se chocou com a parede. Um vergalhão saiu pelo lado esquerdo de seu peito. Os membros se distenderam, mas ele não estava morto. Seu rosto contorcia-se de dor, sua boca não emitia mais som algum. Ele estendeu as mãos para a o vergalhão, sem encontrar forças para continuar. O sangue começou a borbulhar de seus lábios. Pulmão perfurado, com certeza.

Sharko deixou-se cair de lado, esgotado, a coluna vertebral esstraçalhada. Eugénie aproximara-se de Abd el-Aal, observando-o com uma careta.

— Sua vida se resume a isso. Mortos, medo, sofrimento... Não tenho nem dez anos, querido Franck, e veja o espetáculo que você me oferece há tanto tempo. É nojento.

Numa posição grotesca, Sharko rastejara até as facas, que seus dedos agarraram.

— Nunca segurei você. Nunca obriguei-a a me acompanhar. Não diga o contrário.

Conseguiu livrar-se das amarras sem dificuldade. Pôs-se de pé e correu até o volumoso cantil que Atef trouxera. Bebeu até saciar a sede. O líquido escorreu por seu queixo, seu torso, onde tufo de pelo haviam sido queimados. Cheiravam a fuligem. Esfregou um pedaço de pano no nariz e aproximou-se de Atef, que ainda respirava. Revistou os bolsos do torturador. Papéis, carteira, um isqueiro. Pegou as chaves do carro, seu próprio celular, despejou gasolina na cabeça do árabe. Os olhos do moribundo ainda encontraram forças para se esbugalhar.

Sharko apontou o queixo para Eugénie, sentada em seu canto.

— Você não é obrigada a olhar.

— Mas eu quero. Quero ver os horrores de que se alimenta para viver.

— Ele merece. Não consegue entender?

Sharko contraiu o maxilar, hesitou. Lentamente suas retinas fulminantes ergueram-se na direção das de Atef. Chegou a dez centímetros de seus lábios.

— Passei a vida caçando canalhas feito você. Teria matado todos, se pudesse. Vocês me dão engulhos.

Girou a pedra do isqueiro e sorriu:

— Obrigado pela pista dos hospitais. E isso é pelo seu irmão, filho do cão.

Ficou ali, imóvel, queria que o árabe partisse para o inferno levando seu rosto como última imagem. Sorriu novamente quando Atef se contorceu num último suspiro e sua pele começou a estalar. Em seguida, não se preocupou mais com Eugénie e saiu correndo em linha reta, de cabeça baixa. Em volta, era o apocalipse. O deserto embaralhava-se, não se enxergava dez metros à frente. A fumaça preta misturou-se à areia. Sharko avistou o 4x4 e refugiou-se dentro dele. Teve de esperar meia hora antes do fim da tempestade, que se afastava para oeste como um rolo compressor gigantesco. A revista do carro não dera em nada. Nem celular, nem informações manuscritas. Apenas uma caneta e post-it. Aquele porco havia sido prudente. Quanto à mensagem no seu próprio celular, era apenas Henebelle. Sharko ligaria de volta quando retornasse a Paris.

O veículo possuía um GPS, era possível ajustá-lo para a língua inglesa. O policial tentou “Cairo center”. E, inesperadamente, a engenhoca calculou a rota e indicou uma direção. Cerca de quinze quilômetros a percorrer, dez sobre as pedras ardentes do deserto. Levaria muito tempo até descobrirem o que sobrara de Abd el-Aal.

Examinou as mãos, não tremiam. Havia incinerado a sangue-frio o rosto de um homem, sem repulsa. Apenas estimulado por um ódio perigoso. Não se julgava mais capaz disso, mas as trevas continuavam enraizadas dentro dele, bem vivas. Inextirpáveis.

Antes de arrancar, Sharko anotou cuidadosamente as coordenadas de sua posição, embora duvidasse que fosse retornar àquele lugar...

Não demorou a reconhecer os primeiros contrafortes das colinas do Mokattam, bem com a cidadela de Saladino. Uma vez na cidade, jogou o GPS pela janela e abandonou o 4x4 num local deserto, nas proximidades da Cidade dos Mortos, as portas abertas. Considerando o bairro e a quantidade de vendedores de peças de automóvel por metro quadrado, em menos de uma hora o veículo seria completamente depenado.

Estava com sorte. Na França, dificilmente escaparia de um crime daquele, com os recursos técnicos e a obsessão das unidades policiais em descobrir a verdade. Mas ali... Calor, deserto, abutres e, acima de tudo, policiais incompetentes.

A pé, Sharko encaminhou-se para as artérias mais largas, do outro lado da cidadela. O barulho do tráfego tinha, pela primeira vez, um efeito tranquilizador. Um táxi buzinou, Sharko ergueu o braço. O motorista olhou-o com estranheza quando ele se instalou no banco de trás.

— *That's OK?*

— *That's OK...*

Sharko indicou o centro Salam, no bairro de Ezbet-el-Naghl.

— *Are you sure?*

— *Yes.*

Passou um lenço no rosto e o afastou, coberto de sangue e areia. Tudo rangia ao menor gesto seu, até os sapatos.

Num primeiro momento, pensara em contar tudo a Lebrun, depois reconsiderara. Não se imaginava comunicando à embaixada da França que matara um homem, em legítima defesa, em

território egípcio. Ninguém acreditaria em sua história e Noureddin tinha-o na mira. Não seriam bonzinhos com ele, ele poderia provocar um incidente diplomático, terminar na prisão. A cadeia egípcia, não, obrigado, já tivera sua cota de tortura. Não havia escolha, tinha de guardar o segredo, agir sozinho. E, por conseguinte, deixar escapar a chance de obter informações vasculhando o passado de Atef Abd el-Aal.

No percurso, tentou colocar ordem naquela história mirabolante.

Quinze anos antes, um assassino com conhecimento de medicina abate violentamente três adolescentes, sem deixar qualquer pista palpável. O caso é arquivado, mas um policial egípcio, minucioso, obstina-se, descobre uma pista, passa um telegrama para a Interpol. O assassino ou as pessoas em contato com o assassino estão cientes. Seriam policiais? Políticos? Altos funcionários com acesso a esse tipo de informações? Resumindo, essas pessoas decidem dar um sumiço em Mahmud e no inquérito. Para agir, utilizam seu irmão o que, de certa forma, passa a ser seu vigia em território egípcio. Aqui, tudo se compra com dinheiro. Os mandantes sabiam do ódio que separava os irmãos... O tempo passa. A descoberta de Gravenchon volta a deixar o formigueiro em polvorosa. O elo com o Egito, por mais tênue que fosse, estava estabelecido. Sharko desembarca, o árabe avisa a seus contatos, provavelmente após o encontro no terraço do prédio. “Alguém” lhe pede para ir mais fundo, tentar saber o que o policial francês pretende. E decerto lhe dão uma última instrução: eliminar o policial caso ele insista em fuçar o inquérito. Para iludir Sharko e fazê-lo cair em suas malhas, Abd el-Aal fala de seu tio, antes de tentar matá-lo, no dia seguinte.

Durante seu interrogatório, o árabe mencionara a síndrome E. “O que você sabe sobre a síndrome E?”, ele perguntara. O que haveria para descobrir sobre esse termo bárbaro? E que descoberta receavam os homens que estavam por trás dessa história?

Num suspiro, Sharko apalpou os braços e a face. Estava efetivamente ali, vivo. Tudo bem, seu cérebro periclitava, mas sua carcaça ainda tinha combustível no motor. E, apesar dos pneuzinhos, que haviam se instalado confortavelmente, e de seus ossos, que rangiam, tinha orgulho daquele corpo, que nunca o deixara na mão.

Agora voltara a ser um policial de rua.

Um fora da lei.

[O]s assassinos de Claude Poignet não haviam escapado ao princípio de Locard, que dizia: “Qualquer um, ou qualquer coisa, que esteja presente no local de um crime leva consigo algo desse local e deixa alguma coisa para trás quando parte.” Ninguém é infalível ou invisível, nem mesmo o mais consumado dos canalhas. Na câmara escura, os técnicos haviam encontrado um minúsculo fio de sobancelha louro, bem como vestígios de suor em torno da ocular de uma das câmeras 16mm utilizada para filmar a noite do assassinato. Mesmo evaporado, o suor largara células de pele escamadas, reveladas no CrimeScope, o que permitiria uma análise de DNA. Poucas chances de que o nome do assassino aparecesse no cadastro de impressões genéticas, mas, pelo menos, disporiam de um perfil genético, que permitiria uma comparação em caso de futuro indiciamento.

Tudo agora fazia parte de um mesmo desafio.

Polícia Judiciária de Lille. Com os olhos pesados, Lucie terminava seu terceiro café daquela manhã, forte e sem açúcar, sentada a uma mesa ao redor da qual estavam os principais investigadores envolvidos no caso, engenhosamente apelidado, internamente, de “Rolo Mortífero”. O filme acabava de ser projetado em suas duas versões. Primeiramente a versão “oficial”, depois a versão “crianças e coelhos”. À sessão, sucederam-se fotos com as imagens subliminares evidenciadas: a mulher nua, depois mutilada, com seu olho arregalado na barriga.

O bom humor que em geral animava as equipes, sobretudo nos meses de verão, extinguiu-se rapidamente. Suspiros, sussurros, caras fechadas. Todos ruminavam a complexidade do caso, estimavam a perversidade dos assassinos e emitiam comentários. O comandante Kashmareck reassumiu o controle das tropas:

— Possuímos uma cópia digitalizada desse filme e os assassinos ignoram isso. Peço-lhes, portanto, que não vazem a informação. Esses indivíduos mataram para apoderar-se do filme, o que significa que seu conteúdo oculto obrigatoriamente leva a algum lugar. Ideias com relação ao que acabam de ver?

Começou um tumulto. Dentre todas as frases emitidas, que iam do muito construtivo “É repulsivo!” a “Essas crianças estão completamente loucas”, não houve nenhuma observação digna de um episódio de *Columbo*. Kashmareck pôs fim ao falatório, que ressoava de todas as direções.

— Duas coisas importantes. Primeira, estamos em contato com um historiador do cinema dos anos cinquenta, que a vítima Claude Poignet procurara. Esse homem negligenciara o pedido do velho restaurador, mas, quando soube de sua morte, voltou imediatamente ao trabalho, a fim de tentar descobrir a identidade da atriz. Estamos de dedos cruzados. Por nosso lado, vamos tirar cópias da imagem dessa mulher... atriz, faço força para chamá-la de “atriz”, e enviar para todos os centros cinematográficos, sabe-se lá. Segunda coisa, daqui a um minuto receberemos nesta sala uma ex-especialista em psicomorfologia, hoje especializada em leitura labial. Ela sabe fazer os

filmes mudos falarem e vai nos transcrever todas as palavras saídas dos lábios da garota. Madelin, verificou com a Kodak e o laboratório canadense que fabricou o filme?

O jovem policial abriu seu caderno, suspirando.

— Não existe mais, há um McDonald's no lugar. Mas consegui descobrir os ex-donos. Estão mortos.

— Tudo bem. Morel, você vai procurar o Szpilman filho, intimá-lo a comparecer à nossa sede e tentar estabelecer um retrato falado do indivíduo de coturnos que foi à casa dele. Você, Crombez, fique no pé da divisão técnica para que eles nos forneçam o DNA e tudo o mais. Senão... Temos o mandado do juiz internacional, busca na casa de Szpilman às duas horas da tarde, junto aos belgas. Precisamos de alguém lá. Henebelle pode se encarregar?

— Sim, sou *habituée* da Bélgica. Eles interrogaram o centro arquivístico onde estava o filme para descobrir o doador do rolo mortífero?

— Está em andamento.

Lucie virou o queixo para Madelin.

— Os números do telefone do informante canadense... Isso deu em quê?

— Fui mais uma vez até a Sûreté para obter a informação. Dos dois números que você forneceu, o primeiro provinha de uma cabine do centro da cidade e o outro, o celular, nos leva a um nome e um endereço inexistentes.

Lucie balançou a cabeça. O informante dera provas de uma desconfiança exemplar. O comandante, que manipulava nervosamente um cigarro, retomou a palavra:

— Tenho uma reunião em Paris, amanhã de manhã com os chefões da polícia. Péresse, de Rouen, Leclerc, da Divisão de Repressão à Violência, e Sharko, um analista comportamental.

Sharko... Lucie cerrou os lábios. Ele não se dignara a retornar sua ligação.

— Notícias do Egito? — perguntou.

— Nada por enquanto. Esse Sharko provavelmente não conseguiu nenhuma com a viagem. Bom, amanhã, eu gostaria de ter o que dizer. Após a intervenção da nossa especialista em linguagem labial, Caroline Caffey, mãos à obra.

Kashmareck saiu, retornando alguns segundos mais tarde com uma mulher que incendiou os olhares dos homens. Na casa dos quarenta, tinha pernas longas e rosto de boneca russa. Loura. Percorreu rapidamente os presentes, instalou-se numa cadeira que parecia lhe estender os braços e abriu um caderno. De gestos firmes e decididos, a mulher devia estar acostumada a subjugar as tropas. Explicou brevemente, num tom de discurso, que trabalhava para os militares, as alfândegas e a polícia, sobretudo na luta antiterrorista e na negociação. Uma sumidade no gênero. Lucie nunca experimentara de uma atenção como aquela. A testosterona subia. Pelo menos, aquela beldade tinha o poder de mobilizar os espíritos.

Caroline apropriou-se do laptop, cujo conteúdo era exibido numa tela grande por intermédio de um retroprojektor.

— A análise labial desse filme não foi fácil. No Canadá, como na França, existem diversos dialetos, que vão da gíria à linguagem formal. A garotinha provavelmente faz parte da comunidade francófona do país, uma vez que fala um francês do Quebec ou, mais precisamente, o *jual*, penso, que é uma linguagem oriunda da cultura popular urbana da região de Montreal. É

um linguajar muito próximo do que ouvimos ao norte de Bordeaux. Ela pronuncia “imbaxo” para embaixo, por exemplo, e utiliza várias vogais longas.

Com o mouse, posicionou o filme na atriz adulta do início, reta como uma tábua em seu *tailleur* Chanel. Imediatamente antes de ter o olho perfurado pelo bisturi. Seus olhos começaram a se mexer. Caroline Caffey deixou avançar e traduziu ao mesmo tempo:

— Ela está falando com o câmara, está lhe dizendo: “Abra para mim a porta dos segredos.”

— Isso é francês-francês ou francês do Quebec? — interrogou Lucie.

Caffey dirigiu-lhe um olhar cheio de indiferença.

— Senhorita?

— Henebelle. Lucie Henebelle.

Ela a chamara de senhorita. Grande observadora.

— Difícil dizer, Srta. Henebelle. Pois estas são suas únicas palavras. Mas inclino-me para o francês-francês. Principalmente em função da palavra “segredo”, que ela teria pronunciado com a boca mais aberta em francês canadense.

Lucie anotou em seu Moleskine: “atriz adulta: francesa” e “garotinha do balanço: Montreal”. Caffey acelerou um pouco o filme e parou na garota no balanço. Uma explosão de alegria no rosto da criança. Plano suficientemente fechado para que não se possa distinguir os arredores. O cineasta não queria que reconhecessem o lugar. Assim que a menina falava, Caroline imitava-a:

— Amanhã vamos brincar de novo no balanço?... Você volta logo para me visitar?... Lydia iria gostar muito de brincar no balanço também... Por que ela não pode sair?

A criança projetou-se para o céu, cheia de alegria. A câmara demorava-se em seu rosto, em seus olhos, brincava com os planos, imprimindo uma dinâmica. Existia uma intimidade evidente entre o *cameraman* e a garota, eles se conheciam bem. Quanto mais olhava aquelas imagens, mais Lucie se sentia desconsolada por aquela menina inocente. Um laço incompreensível, uma forma de afeição maternal. Fez de tudo para rechaçar aquele sentimento perigoso.

Cena seguinte a ser explorada. Close nos lábios infantis comendo batatas e presunto, numa comprida mesa de madeira. Caffey volta a falar:

— ...eu ouvi. Um monte de gente falando maldades sobre você e sobre o doutor... Sei que estão mentindo, que contam isso para nos machucar. Não gosto deles, jamais gostarei.

As frases de Caroline Caffey estalavam no silêncio. As palavras, o tom que ela empregava, acrescentavam uma dimensão maléfica à projeção. Sentia-se o mal-estar irromper, a tempestade prestes a arrebentar. Lucie anotou e circundou “doutor”.

Sequência da garotinha e dos gatos na relva. Ela sorria com franqueza, acariciando afetuosamente os dois animais. Lucie pensava no outro filme, no filme oculto, que, naquele exato momento, aninhava-se dentro das imagens e ia alojar-se nos cérebros.

— Eu gostaria de poder ficar com eles... Que pena... Vai trazê-los de novo?... A irmã Marie du Calvaire detestava gatos... Mas eu adoro gatos... Sim, coelhos também, gosto muito deles... Machucá-los? Por que está dizendo isso?... Nunca, nunca.

Lucie fazia anotações, observando a ironia da frase. Nunca maltratar os coelhos, justamente quando, naquele exato instante, no coração daquelas imagens, ela massacrava-os junto com outras onze garotas. O que teria acontecido para fazê-la mudar àquele ponto? Sublinhou “Irmã

Maria do Calvário” três vezes em vermelho. A criança encontrava-se num convento de Montreal? Numa instituição católica? Num lugar em que conviviam medicina e religião?

Cena seguinte, intrigante: a câmera se aproxima e se afasta da garota, a fim de espezinhá-la. A garota fica com raiva. Seus olhos são outros.

— Deixe-me em paz... não estou com vontade... Estou triste pela Lydia, todo mundo está triste, e você ri. — Ela repele a câmera. — Vá embora!

“O que aconteceu com Lydia?”, anota Lucie. Circundou o prenome, enquanto a câmera girava em torno da garota para criar um efeito de vertigem. *Cut.* Cena seguinte. O pasto.

Caroline Caffey interrompeu a projeção. Engoliu a saliva, antes de continuar:

— Em seguida, mais nada, afóra os gritos naquela cena horrível com os coelhos. Outra coisa que poderia interessá-los: observando atentamente algumas sequências, percebi certos detalhes no rosto da garota; ele mudou. Falta-lhe um dente da frente em alguns fotogramas. E, ainda que não seja muito nítido, ela possui novas sardas. Os cabelos conservam o mesmo comprimento. Alguém devia cortá-los regularmente.

— Então ela cresceu entre o início e o fim — deduziu Kashmareck.

— Exatamente. Esse filme não foi rodado em uma semana, certamente exigiu vários meses. À medida que avançamos, sentimos uma tensão na boca da garota, tensão que parece corresponder às suas palavras. O trecho é muito curto para permitir conclusões válidas, mas minha impressão é de que seu estado psíquico se degrada. Não há mais sorriso, o rosto está fechado, colérico. Em determinadas cenas, mesmo expostas à luz intensa, suas pupilas estão dilatadas.

Lucie fazia a caneta girar entre seus dedos. Lembrava-se da fúria insana das crianças na sala com os coelhos.

— Drogas... ou remédios...

Caroline aquiesceu.

— Muito provável, de fato.

Fechou o caderno e se levantou.

— É tudo que posso declarar. Enviarei um documento com a análise, só preciso digitar. Senhores, senhorita...

Troca de olhares com Kashmareck, indicando que o esperava na saída. Nenhuma pergunta sobre o caso em curso, nenhuma emoção diante do que acabava de ver. Profissa. Assim que ela saiu, o comandante bateu uma mão na outra.

— Destrinchem bem o que ela acaba de nos contar. E acho que todos nós podemos agradecer a Henebelle por esse caso soberbo, em pleno verão.

Todas as cabeças voltaram-se para ela, ouviam-se insultos vindos de todas as direções. Lucie recebeu tudo com um sorriso, o que fazer? Kashmareck fez uma última chamada:

— Bem, todo mundo sabe o que fazer?

Assentimento silencioso.

— Então, vamos à luta.

Lucie permaneceu por alguns instantes sozinha diante do laptop, do fotograma com a garotinha congelada no balanço. Percorreu com os dedos sua boca estática. Era como se a

menina lhe sorrisse, transpirasse inocência.

Perdida em suas interrogações, Lucie pensou novamente em Sharko. Estava preocupada. Por que aquele silêncio? Olhou para o telefone... Quem era aquele analista comportamental que não lhe saía da cabeça? Qual era seu passado, sua ficha de serviço? Que terríveis casos enfrentara quando jovem? Fez uma ligação para a DAPN, a Direção Administrativa da Polícia Nacional. Os arquivos de lá continham informações sobre todo o pessoal. Casos solucionados, em curso, eventuais observações dos superiores... Um autêntico curriculum vitae. Declarada sua identidade, pediu acesso aos dados profissionais de “Franck Sharko”. Motivo? Iria assumir uma investigação em que ele trabalhara. Em todo caso, a conversa seria gravada.

Alguns segundos depois, informaram-lhe educadamente, sem dar uma razão para isso, que sua solicitação não podia ser atendida. Antes de desligar, ela perguntou se alguém checara o dossiê dela. A resposta foi afirmativa. Dois dias antes, precisamente, consulta realizada pelo chefe da Divisão de Repressão à Violência: Martin Leclerc.

Desligou, irritada.

Aquilo significava que Sharko e o chefe haviam bisbilhotado descaradamente sua ficha. Conheciam seu passado. E o patife não lhe dissera nada.

Procurou esquecer.

Num suspiro, ergueu os olhos para a garotinha na tela. Montreal... Canadá... Agora aquela desconhecida devia ter o dobro de sua idade. E talvez ainda estivesse viva, num recanto qualquer daquele país remoto, carregando consigo todos os segredos daquela pavorosa história.

[A] voz de Mickaël Lebrun ressoou fria, autoritária, no celular de Sharko.

— Onde está?

— Num táxi. Vou comprar uísque egípcio para o meu chefe e alguns presentes. Diga a Nahed que é inútil ela me esperar no hotel. Encontro-a no comissariado, no início da tarde.

— Não, eu é que irei encontrá-lo, às duas horas da tarde. Nureddin me ligou, está furioso. É melhor para você que lhe devolva as fotos roubadas no prazo mais curto possível. E não conte mais com ele para abrir-lhe as portas, já era.

— Nada grave. Já terminei o serviço por aqui, de qualquer forma.

— Não deixarei de informar a seu superior.

— Faça isso, ele vai adorar.

Um silêncio. Sharko encostou a cabeça no vidro. No extremo norte, as cores do Cairo desbotavam, à medida que o veículo se aproximava do bairro dos catadores de lixo.

— E sua dor de cabeça? — perguntou Lebrun.

— O quê?

— Ontem você estava com dor de cabeça.

— Estou quase bom.

— Não faça nenhum desvio antes de seu voo esta noite, comissário.

Sharko pensou no rosto incinerado de Atef Abd el-Aal, apodrecendo tristemente ao sol.

— Nenhum desvio. Confie em mim.

— Confiar no senhor? Eu teria mais confiança numa cascavel.

Lebrun desligou secamente. Aqueles sujeitos da embaixada eram realmente cheio de suscetibilidades, presos ao protocolo, como bons paus-mandados. Nada a ver com a concepção que Sharko tinha da profissão de policial.

O táxi preto parou no meio da rua, simplesmente porque ela terminava de repente. Acabara o asfalto, apenas terra e cascalho, que só podiam ser transpostos numa pick-up ou num *tuque-tuque*. O *osta bil-fitra* explicou-lhe num inglês precário que, para chegar ao centro Salam, bastava tapar o nariz e andar em linha reta.

Sharko saiu e pôs-se a caminhar. A descobrir o inimaginável. Imergia no coração pulsante do lixão do Cairo. Sacos de lixo azuis ou pretos, inchados pelo calor e a podridão, erguiam-se tão alto que escondiam o céu. Nuvens de milhafres com as penas sujas rodopiavam em círculos precisos. Montes de chapas de ferro e galões aglutinavam-se em depósitos improvisados. Porcos e cabras circulavam livremente, como carros nas ruas. Com o nariz dentro da camisa, semicerrou os olhos. No alto, os sacos de lixo puseram-se a tremer.

Humanos. Humanos viviam nas montanhas de dejetos.

À medida que progredia naquelas entranhas do desespero, Sharko descobriu o *povo catador*, pessoas que exploravam os dejetos para espremer a última gota, o farrapo ou pedaço de papel

que pudesse lhes proporcionar um trocado qualquer. Quantos eram, só naquela favela? Mil? Dois mil? Sharko pensou nos insetos necrófagos, que se revezavam sobre os cadáveres durante sua fase de decomposição. Os sacos de lixo da cidade chegavam em carroças, e pessoas rasgavam o plástico feito cães, faziam uma triagem nos papéis e metais, até no algodão das fraldas descartáveis.

Hordas de crianças aproximaram-se de Sharko, grudaram nele, sorriram apesar de tudo, indicando, com gestos, que ele devia fotografá-las com o celular. Nem sequer pediam dinheiro. Apenas um pouco de atenção. Comovido, Sharko prestou-se ao jogo. A cada foto os meninos de rosto sebento aproximavam-se para se ver e caíam na risada. Uma garotinha encardida pegou a mão do comissário e a acariciou com ternura. Nem mesmo a sujeira e a pobreza conseguiam esconder sua beleza. Usava roupas fabricadas com sacos de cimento Portland. Sharko agachou-se, passou a mão em seus cabelos gordurosos.

— Você se parece com a minha filha... Todos vocês se parecem com ela...

Vasculhou nos bolsos, tirou três quartos de seu dinheiro e o distribuiu às crianças. Centenas de libras egípcias, nada muito significativo para ele, mas o equivalente a toneladas e toneladas de lixo selecionado para aquelas crianças. Elas desapareceram pelos becos multicoloridos, disputando o dinheiro.

O policial sufocava. Fugiu correndo, em linha reta. O Egito mexera com ele. Pensou em Paris, naquela existência frenética que as pessoas levavam, com celulares, automóveis, óculos escuros Ray-Ban... E ainda se queixavam quando o trem atrasava cinco minutos.

Um indício de humanidade pareceu ressurgir, do outro lado das últimas torres de dejetos. Conjuntos habitacionais degradantes surgiram diante dos olhos de Sharko. Mais à frente estendiam-se lojinhas de comerciantes, verdadeiras casas, no final das contas, com roupas coloridas penduradas nas janelas, como se para tingir a miséria, e cabras nos telhados. Sharko descobriu inclusive um convento de freiras, The Coptic Orthodox Community of Sisters. Crianças uniformizadas marchavam agrupadas no meio de um pátio, rezando e cantando. Ali também, a despeito de tudo, a vida tinha o direito de existir.

O policial chegou finalmente ao hospital do centro Salam. Um prédio cinzento, todo ao comprido, parecendo mais um pronto-socorro. No interior, percebia-se a falta de recursos, a luta daquelas pessoas marginalizadas contra o impossível. Sala de espera precária, mobiliário restrito, com cadeiras recicladas, mesinhas e portas de dois batentes e com visores redondos, que lembravam as salas de cirurgia nos filmes egípcios dos anos quarenta. Caixas de papelão com kits de primeiros socorros, estampando a sigla da Cruz Vermelha francesa, acumulavam-se nos cantos.

Sharko dirigiu-se, em inglês, a uma freira sentada na sala de espera. Estava acompanhando uma criança cuja respiração era um longo assobio. Depois de muita luta, conseguiu acesso ao escritório do diretor do hospital: Taha Abu Zeid. O homem trazia em suas feições toda a história dos núbios: pele escura, lábios carnudos, bigode fino, nariz grosso. Estava digitando num velho computador remontado, que não custaria sequer dez euros na França. Sharko bateu na porta aberta.

— Perdão?

O homem ergueu os olhos e respondeu em inglês:

— Sim?

Sharko apresentou-se brevemente. Comissário de polícia francês, em missão no Cairo. O médico, por sua vez, explicou quem era. Cristão convicto, administrava, junto às irmãs do convento copta, uma creche, um hospital, um centro de acolhimento para deficientes e uma maternidade. O hospital tinha como principal função atender e educar higienicamente os Zabbaleen, os catadores de lixo, que se aglutinavam, num contingente de mais de quinze mil, nos prédios em torno do “canteiro de obras”, além dos cinco mil que dormiam e comiam diretamente no meio do lixão.

Cinco mil... Sharko pensava na garotinha que viera aconchegar-se em seus braços. Esqueceu por alguns minutos sua investigação, queria saber mais:

— Vi esses miseráveis nas ruas do Cairo. Crianças com menos de dez anos, recolhendo o lixo e o colocando em carroças puxadas por burros... Catadores?

— Sim. São mais de cem mil, distribuídos pelas oito favelas da capital. Todos os dias, de manhã cedinho, homens e crianças com mais idade deixam essas zonas em suas carroças para coletar o lixo do Cairo. Suas mulheres e filhos menores fazem a triagem. Em seguida, o lixo é vendido aos comerciantes, que por sua vez o vendem aos centros de reciclagem local. Os porcos encarregam-se dos dejetos orgânicos, de modo que noventa por cento do lixo é reciclado ou reutilizado... Um modelo bastante ecológico, se não houvesse a miséria por trás. Nossa missão, no centro, é mostrar a essas pessoas que elas ainda são humanas.

Sharko indicou com a cabeça uma fotografia, atrás dele.

— Parece a irmã Emmanuelle.

— É ela. O centro Salam foi criado nos anos setenta. Salam significa “Paz” em árabe.

— Paz...

Sharko pegou finalmente uma foto de uma das vítimas e mostrou-a ao médico.

— A fotografia data de mais de quinze anos atrás. Essa garota, Bussaina Abderrahman, esteve aqui, em seu hospital.

O médico apoderou-se da foto, seu olhar se entristeceu.

— Bussaina Abderrahman. Nunca a esqueci. Seu corpo foi descoberto a cinco quilômetros daqui, nos canaviais, mais ao norte. Foi em...

— Março de 1994.

— Março de 1994... Estou lembrando, foi um choque. Bussaina Abderrahman morava com os pais nos limites do bairro de Ezbet-el-Naghl, próximo à estação de metrô, do outro lado da favela. Frequentava a escola cristã Santa Maria de dia e ganhava uns trocados numa ourivesaria, trabalhando algumas horas todas as noites. Mas, veja, um policial já esteve aqui, e faz um bom tempo. Chamava-se...

— Mahmud Abd el-Aal.

— Isso mesmo. Um policial, como dizer... diferente dos outros. Como está ele?

— Morto, também há bom tempo. Um acidente.

Sharko deu um tempo para ele assimilar a notícia e continuou:

— Pode me falar um pouco sobre ela? Por que ela foi encaminhada ao seu hospital?

O médico passou a mão no rosto encarquilhado. Sharko viu um homem cansado, que, ainda assim, irradiava uma aura indefinível. A da bondade ou da coragem, provavelmente.

— Tentarei explicar, se é que é possível compreender o incompreensível.

Levantou-se e começou a procurar em pastas grossas, empilhadas sobre velhas estantes.

— Noventa e três, noventa e quatro... Pronto, aqui está.

Cada elemento tinha seu lugar naquela desordem. O médico procurou entre os papéis e estendeu uma reportagem de jornal para o comissário. Sharko devolveu-lhe o recorte:

— Sinto muito, mas...

— Ai, que cabeça a minha. É uma reportagem do jornal *al-Ahali*, datando de abril de 1993. Vou explicar.

O cérebro de Sharko já operava. Abril de 1993, um ano antes dos assassinatos. A reportagem ocupava uma página inteira, entremeada por fotografias de turmas escolares.

— A partir de 31 de março de 1993, e apenas por alguns dias, nosso país conheceu um fenômeno curiosíssimo. Cerca de cinco mil pessoas, adolescentes em sua maioria, passaram por uma experiência espantosa. A maioria sofreu um desmaio em sala de aula, precedido de uma violenta dor de cabeça. Elas foram imediatamente transportadas para os hospitais mais próximos, onde foram realizados os primeiros exames. Como os resultados não acusaram nada, as vítimas foram encaminhadas para casa.

O médico indicou um mapa do Egito, atrás dele, e apontou diferentes regiões com o dedo.

— Algumas delas, também em sala de aula, não desmaiaram, mas desenvolveram comportamentos agressivos. Gritos, socos nas portas, violências injustificadas contra os colegas. O fenômeno teve início na província de Beheira, antes de, num piscar de olhos, espalhar-se por quinze das dezenove províncias que compõem o Egito. Atingiu rapidamente cidades como Charqiyya, Kafr el-Sheik, o Cairo. Poderíamos compará-lo a um terremoto, com o epicentro em Beheira e cuja onda de choque espraizou-se até a capital.

Sharko apoiou-se com as duas mãos sobre a escrivaninha, concentrando todo o seu peso nos punhos.

— Mas que diabo seria isso? Um vírus?

— Não, vírus, não. Especialistas tentaram estudar o fenômeno. Circulou todo tipo de rumor. Intoxicação alimentar alastrada pelo país, ingestão de favas verdes, emanção de gás proveniente do subsolo. Um vírus teria permitido esclarecer tudo, mas o modo de propagação não correspondia e, nesse caso também, as análises médicas permaneceram mudas. Rapidamente, a paranoia se instalou. Suspeitou-se que os israelenses haviam envenenado a água das escolas ou iniciado uma guerra bacteriológica secreta. Chegou-se a pensar em “sequelas” da guerra entre Irã e Iraque. O diabo a quatro. O fato é que absolutamente nada resultou dos exames médicos. E nada era capaz de explicar por que o fenômeno atingia preferencialmente as meninas.

— E então?

— Alguns psiquiatras cogitaram tratar-se de um fenômeno de histeria coletiva.

— Histeria coletiva?

Ele apontou um livro com um título em inglês, que abordava o assunto.

— Cheguei a me interessar um pouco por esses fenômenos. Eles atravessaram épocas. Na

maioria dos casos, trata-se de mal-estares, dores, náuseas, pruridos ou erupções cutâneas que, subitamente, afetam dezenas de pessoas num mesmo local. Já se falava nisso há mil anos. Em junho de 1999, numa escola de um país vizinho ao seu, a Bélgica, cerca de quarenta alunos foram hospitalizados após beberem limonada, sem qualquer intoxicação atestada. Em 2006, na província vietnamita de Tien-Giang, aproximadamente cem estudantes caíram doentes em virtude de problemas digestivos. Eu poderia citar toneladas de casos. A síndrome da guerra do Golfo, por exemplo, que afetou os soldados americanos durante o conflito de 1991. Algumas semanas após seu retorno, eles começaram a sofrer de distúrbios da memória, náuseas, fadiga. Suspeitou-se de contaminações por agentes neurotóxicos, mas por que, nesse caso, suas mulheres e seus filhos em território americano apresentaram os mesmos sintomas, no mesmo momento e em lugares diferentes? Estávamos em plena histeria coletiva, a qual atravessava os Estados Unidos.

— Bussaina Abderrahman teria sido afetada pelo fenômeno de histeria coletiva ocorrido no Egito?

— Exatamente, bem como outras seis colegas de turma. No caso delas, havia sido o modo agressivo da histeria que as golpeará. Palavrões, cadeiras voando, transformaram-se em bestas furiosas, nas palavras de seu professor. Ao mesmo tempo, atacaram uma colega de quem gostavam. Por que essa histeria gerou tal agressividade? Ignoramos, infelizmente. Seria por causa do estresse causado por professores severos demais? Condições de vida precárias das alunas? Falta de educação? O fato é que aconteceu. Aconteceu de verdade.

Sharko fervilhava interiormente. O que lhe era contado ia além de seu entendimento. Histeria coletiva... Apontou para as duas fotos das outras vítimas.

— E elas? Conhece? Mahmud Abd el-Aal lhe falou delas?

— Não. Não me diga que...

— Também foram assassinadas, na mesma época. Não sabia?

— Não...

Sharko guardou novamente as fotos no bolso. Era bem provável que a polícia tivesse feito de tudo para não vazar o caso para a imprensa e não revoltar o povo. Por sua vez, o inspetor Abd el-Aal havia sido profissional e prudente, protegendo suas informações. Taha Abu Zied despregou os olhos de um ponto fixo e balançou a cabeça.

— Esse episódio de loucura foi muito curto, mas Bussaina nunca se livrou das sequelas. Houve como que... uma fratura no comportamento dela. Ela tinha episódios de agressividade frequentes. Seus pais traziam-na várias vezes para consulta, porque ela se isolava dos colegas, vivia sozinha e não se sentia bem. Atribuía isso à adolescência, à sua vida precária. Mas... era outra coisa.

— O quê?

— Alguma coisa de psicológico, que teria afetado sua mais profunda intimidade. Por infelicidade, foi assassinada antes que eu compreendesse, e não sou psiquiatra.

— E as colegas?

— O episódio agressivo desapareceu. Não tiveram problemas específicos na sequência.

Sharko suspirou longamente. Quanto mais progredia, mais dava com a cara na parede. Seria

possível que o assassino houvesse atacado garotas vítimas daquela histeria coletiva? Ele se concentrara nas agressivas, nas que continuavam a apresentar tais sintomas. Por quê?

— Esse fenômeno ficou conhecido além do Egito?

— Naturalmente. Chegou ao conhecimento de todas as comunidades científicas internacionais interessadas nos fenômenos sociais e psíquicos. Difícil o governo egípcio esconder um movimento dessa amplitude. Saíram até algumas matérias no *Washington Post* ou no *New York Times*. O senhor poderá dar uma espiada em qualquer centro de arquivos, elas estão lá.

Quer dizer que o assassino, onde quer que se encontrasse, soubera do fenômeno. Claro, investigando um pouco, aproximando-se das pessoas certas, por telefone ou de outra maneira, ele obtivera os endereços dos estabelecimentos escolares contaminados. Ali, em Ezbet-el-Naghl. Depois, no bairro de Shubra e Tora.

Pouco a pouco, as peças do quebra-cabeça iam se encaixando. O assassino atacara em bairros suficientemente afastados uns dos outros para que não se estabelecesse qualquer relação entre as garotas. Por que um ano depois? Para dissociar-se da atualidade da histeria, para que nem a polícia nem qualquer outro órgão estabelecesse o elo. Ele zelara para afastar os crimes da onda de loucura coletiva, e, quando Mahmud Abd el-Aal finalmente descobrira o elo, sumiram com ele.

Aquele caso desafiava toda lógica. Sharko pensou no filme descoberto por Henebelle na Bélgica, e também no misterioso contato canadense. Poderosas ramificações estendiam-se pelo mundo, como tentáculos de um polvo. Estrangeiros teriam ido ao Egito para estudar o fenômeno, à procura das adolescentes afetadas pela onda? O comissário jogou um verde:

— Suponho que Abd el-Aal já tenha feito a pergunta, mas... Lembra-se de alguém havê-lo interrogado sobre o fenômeno de histeria ou sobre Bussaina, antes que ela fosse assassinada?

— Isso tudo faz tanto tempo...

— Vi caixas de remédios ao entrar, sacos com a sigla da Cruz Vermelha francesa. O senhor trabalha com eles? Encontra muitos estrangeiros? Houve franceses por aqui?

— É curioso... Agora me lembro perfeitamente do policial egípcio. Quase igual ao senhor. Mesmas perguntas, mesma obstinação.

— Apenas alguém querendo fazer seu trabalho direito.

O médico estampou um sorriso triste. Não devia sorrir muito naquele lugar.

— Esses remédios chegam de toda parte, não só da Cruz Vermelha francesa. Somos uma associação humanitária egípcia dedicada ao desenvolvimento das comunidades, ao bem-estar individual, à justiça social e à saúde. As verbas internacionais, o Crescente Vermelho e, igualmente, a Cruz Vermelha, além de vários órgãos humanitários, nos ajudam. Milhares e milhares de pessoas passaram por aqui, de todos os cantos do mundo. Militantes sociais, visitantes, políticos, curiosos. E me ocorre que 1994 foi igualmente o ano da grande reunião da rede mundial pela segurança das injeções, a SIGN. Milhares de pesquisadores e cientistas despejados nas ruas do Cairo.

Sharko anotou a informação. Talvez um início de pista. Era perfeitamente possível imaginar um militante social, ou um funcionário de um órgão humanitário, em missão no Cairo na época dos assassinatos. Nada difícil, para ele, obter acesso aos hospitais, aos endereços. Isso poderia dar

frutos, mas retroceder quinze anos nos labirintos burocráticos perigava não ser um programa muito prazeroso.

Tudo, finalmente, ganhava corpo. Na época, o policial egípcio pressentira a possibilidade de um assassino estrangeiro, desembarcado no Egito a pretexto de pertencer a uma associação ou participar de um congresso. Isso explicava o telegrama para a Interpol. Abd el-Aal queria certificar-se de que o assassino não atacara em outra parte do mundo. Aquele maldito telegrama deve ter sido o estopim, desencadeando sua execução. O que sugeria que alguém da casa — policial, militar, alto funcionário — com acesso aos dados estava na jogada.

— Tenho um último pedido, doutor. Disponho dos nomes das outras duas garotas. Serei o homem mais feliz do mundo se puder descobrir para mim os hospitais de seus bairros, ligar para lá e verificar se elas também foram vítimas dessa histeria.

— Isso vai me exigir a tarde toda, estou muito ocupado e...

— Não gostaria de um dia dar uma resposta aos pais dessas crianças?

Após um silêncio, o médico concordou, apertando os lábios. Sharko deu-lhe o número de seu celular.

— Outra coisa, posso levar emprestado seu livro sobre histeria coletiva? Envio da França, logo, logo.

O núbio fez que sim com a cabeça. Sharko agradeceu efusivamente.

Em seguida, despediu-se dele, em meio àquela miséria para a qual o mundo inteiro se lixava.

[O] conselho de polícia — autoridade administrativa da polícia local — de Liège deslocara um chaveiro, um sargento e dois inspetores aspirantes para acompanhar Lucie à casa de Szpilman. Teoricamente a francesa não tinha direito a tocar em nada. Estava ali apenas para orientar os policiais em suas buscas e constatar, se fosse o caso.

Lucie sentia-se incomodada diante da porta fechada da residência de Liège. Desde a véspera, Luc Szpilman não respondera às ligações destinadas a informá-lo das buscas a ser efetuadas, nem às intimações relativas à confecção do retrato falado do indivíduo com coturnos. Tampouco houve resposta aos toques de campainha dos impacientes policiais. Quando o chaveiro já estava se adiantando com seu equipamento para arrebentar a fechadura, Lucie atravessou seu caminho, os braços abertos.

— Não será necessário.

Apontou com o queixo para a fechadura, forçada.

— Ninguém toca na maçaneta da porta. Há luvas?

Debroeck, o chefe, puxou vários pares de luvas de seu uniforme. Distribuiu-os aos colegas e ofereceu um a Lucie. Nenhuma palavra foi trocada. Os homens sacaram suas Glock 9mm Para e invadiram a casa, seguidos por Lucie, que agitava sua Sig Sauer. O chaveiro permaneceu do lado de fora.

No interior, moscas zumbiam.

A frieza do crime surgiu sem aviso diante de seus olhos. Lucie franziu o nariz.

O corpo de Luc Szpilman jazia atrás do sofá, e o de sua namorada, nos degraus de acesso à cozinha. Um rastro de sangue espalhava-se atrás dela.

Mortos pelas costas, ambos, com inúmeras facadas.

Inúmeras? Dez, vinte, trinta facadas cada um, esburacando pijama e camisola, das panturrilhas à nuca. Não era fácil contar.

Lucie passou a mão pesada sobre o rosto. Fazia três dias que circulava por territórios mórbidos e isso estava começando a afetar seu sistema nervoso. Aquele espetáculo fúnebre era um quadro congelado no tempo, como se os corpos fossem ressuscitar, num passe de mágica, e prosseguir em seu movimento de fuga. Porque tentaram fugir. Não era difícil imaginar a cena; era noite, provavelmente. Os assassinos forçam a fechadura, na outra extremidade do casarão, e entram. São talvez duas ou três horas da manhã, julgam que Luc Szpilman está sozinho e dormindo. Entretanto, surpresa, o garoto está diante deles, sentado no sofá com a namorada, enrolando um baseado, ainda presente na mesa de centro da sala. Luc reconhece subitamente um deles, é o sujeito de coturnos que anteriormente viera roubar o filme. Os jovens entram em pânico, tentam fugir. Os matadores os alcançam e golpeiam nas costas, uma, duas vezes.

Depois veio a fúria, inexplicável.

Lucie e os policiais estavam paralisados, retraídos no silêncio. O mais jovem deles, um

inspetor aspirante de apenas vinte e cinco anos, pediu para sair, semblante lívido. Trabalhava na polícia local, não federal, e estava pouco habituado àquele gênero de caso. Uma simples busca numa residência, num diazinho sossegado, termina diante de dois cadáveres crivados de facadas e já atacados por moscas.

Debroeck teve um bom reflexo, tomando cuidado para não contaminar a cena. A polícia belga forma oficiais sólidos e é excelente em diversos domínios. Lucie, por sua vez, tentou abstrair os cadáveres e, com o olhar, esquadrinhou o estado da cena do crime. Gavetas abertas, móveis derrubados. Notou a presença de um cofre-forte rachado, embutido na parede. A moldura do quadro que servia para escondê-lo esfacelada no chão.

— Primeiro eles impedem Luc Szpilman de fazer o retrato falado, depois recolhem tudo que pode comprometê-los.

— O que pode comprometê-los?

— As descobertas que o pai dele certamente fizera a respeito do filme anônimo. Os documentos que ele talvez tivesse trocado com o informante canadense. Vieram limpar tudo. Merda!

Lucie deu-lhe as costas e saiu, ansiosa para aspirar uma grande golfada de ar.

Eram eles... Os assassinos de Claude Poignet haviam prosseguido com a faxina. Nenhum ritual nem maiores extravagâncias dessa vez.

Apenas um ato insano cometido por bestas selvagens.

[R]ecostada no carro de Kashmareck, Lucie fazia-lhe um resumo. Ele se juntara a ela em frente à casa de Szpilman, pouco depois da chegada das equipes de polícia técnica e de dois médicos legistas. Já havia algumas horas que agentes de uniforme entravam e saíam da casa.

Lucie apontou o queixo para a porta aberta.

— Os legistas fizeram uma estimativa da hora da morte. Aconteceu na mesma noite do assassinato de Claude Poignet. Os assassinos sabiam que a morte violenta do restaurador de filmes e o roubo da bobina iam nos trazer de volta aqui. Eliminaram então a única pessoa capaz de identificá-los claramente. Quanto à namorada... Teve o azar de estar no local. Eles não pensaram duas vezes.

Ela suspirou.

— O disco rígido do computador, bem como todos os livros da biblioteca, desapareceu. Havia livros sobre história, espionagem, genocídios. Será que Szpilman tinha feito anotações nas margens? Haveria um livro específico, que teria nos sugerido alguma coisa? Caramba, se eu soubesse disso na primeira vez em que estive aqui!

— São esses roubos que me intrigam. O velho Szpilman era apenas um colecionador.

— Era mais que um colecionador... Ele investigou esse filme, dissecou-o, entrou em contato com um sujeito do Canadá, que parece bem informado. Seja como for, os assassinos estavam cientes.

Kashmareck tirou duas garrafinhas de água de seu porta-luvas refrigerado e jogou uma para Lucie.

— Tudo bem com você?

— Perfeitamente.

— Pode dizer não.

— Tudo bem, tudo bem.

— E a filhota, está melhor?

— Ehh... sim. Avançou no café da manhã e devorou o almoço. Então, tiraram a sonda. Agora, esperamos o teste da ida ao banheiro. É a vida.

Kashmareck dirigiu-lhe um sorriso, algo raro naqueles últimos dias.

— Todos passamos por isso. As crianças existem para nos lembrar que nem sempre as prioridades são as que julgamos como tais. Mesmo às vezes sendo difícil, elas reorganizam nossa existência.

— Quantos filhos o senhor tem?

— Mais que o necessário. — Ele consultou o relógio. — Bom, vou acertar com eles para termos acesso às informações de Lille em tempo real. Pode ir. Passe umas horas com sua menina, até que as coisas se dissipem por aqui. Está com uma cara horrível e as coisas tendem a piorar nos próximos dias.

— Ok...

Ela cerrou os lábios, imóvel.

— Sabe, comandante, esse último crime demonstrou uma coisa.

— O que é?

— No local, os legistas contaram trinta e sete facadas na garota e quarenta e uma no rapaz...

Estavam espalhadas por todo o corpo, inclusive nos órgãos genitais. Ferimentos profundos, vários centímetros. A arma penetrou até o fim, eles verificaram isso por causa das marcas provocadas pelo metal ao redor das vísceras. Considerando as características destas últimas e a similitude na maneira de golpear, eles acham que um único e mesmo agressor agiu.

O chefe respondeu com o silêncio. Não havia nada a dizer, a explicar. Lucie fitava-o com intensidade.

— Isso tudo é uma loucura total, comandante. Os gestos, a maneira de proceder. Há algo de aberrante no método deles. A mesma atitude irracional das crianças do filme, há mais de cinquenta anos.

[E]ugénie estava contente de ir embora, pulava de alegria e chilreava em frente ao hotel. Sharko, por sua vez, carregara a mala até o táxi que o esperava ao pé do prédio. Nada de Mercedes da embaixada para transportá-lo, dessa vez. Como combinado, devolvera as fotografias a Lebrun na brigada, pontualmente às duas da tarde. O comissário adido da embaixada viera sozinho e a lacônica conversa entre os dois não fora muito boa, sobretudo quando Lebrun notou o hematoma próximo do nariz. Sharko alegou um escorregão na banheira. Sem mais comentários...

Sozinho na calçada, o policial olhou à sua volta, na vã esperança de rever Nahed, despedir-se dela, desejar-lhe boa sorte. Ela não atendera às suas ligações. Instruções da embaixada, provavelmente. Com um nó na garganta, entrou no táxi e disse ao motorista que o levasse ao aeroporto.

Eugénie instalou-se a seu lado e volatilizou-se no caminho. Sharko, finalmente sem gritos dentro da cabeça, pôde apreciar a paisagem. O único e verdadeiro momento de trégua, desde sua chegada ao Egito.

Mais cedo, durante o dia, Taha Abu Zeid, o médico núbio do centro Salam, ligara para ele e confirmara suas suposições: as outras duas vítimas também haviam sido afetadas pelo fenômeno de histeria coletiva, na versão mais agressiva. E, de acordo com as lembranças dos diversos médicos, que evidentemente não tinham arquivado ficha alguma, as garotas haviam conservado sintomas de agressividade até a cruel morte.

Era esse o elo.

A histeria coletiva.

O mesmo, talvez, que uniria os cinco anônimos de Gravenchon.

O táxi deixou o centro da cidade e pegou a via expressa Salah Salem. O vento do Cairo diluía-se lentamente no vapor dos gases de escapamento.

Com a testa colada ao vidro, ruminando ideias tenebrosas, Sharko avistou um trem, ao longe. Do lado de fora da locomotiva, no nível das válvulas, quatro homens agarravam-se como podiam, de pé, a canos ou estribos. Quaisquer que fossem suas religiões ou crenças, comprimiam-se um contra o outro para não caírem. E voavam no vento, ao sol, em direção à poeira escaldante do Cairo. Aqueles homens arriscavam as vidas para não pagar uma passagem de três libras, mas sorriam e pareciam felizes, porque sua miséria lembrava-lhes, mais que a qualquer um, que a vida vale a pena.

Em seguida, no aeroporto, Sharko observou homens espremendo-se diante dos guichês de passagens mais baratas para a Líbia, tendo como única bagagem um volumoso saco de lona. Estes, ao contrário, fugiam do Egito, tentando sair da pobreza. Partiam para um país onde o petróleo decidiria a vida de cada um. Um dia, seriam mandados de volta para casa ou, talvez, no fim, naufragariam num barco qualquer nas costas italianas.

Se Sharko não vira a beleza das grandes pirâmides, vira a de um povo cuja dignidade era o último luxo que lhe restava. Enquanto seu avião decolava, lembrou-se da piada do motorista de táxi copta que o levara à igreja de Santa Bárbara, na noite em que fora se encontrar com Nahed:

Perguntaram a três pessoas, um alemão, um francês e um egípcio, qual seria a nacionalidade de Adão e Eva. O alemão respondeu: “Adão e Eva têm uma saúde boa e levam uma vida higiênica; devem ser alemães!” O francês afirmou: “Adão e Eva possuem corpos sublimes e eróticos: só podem ser franceses!” Mas foi o egípcio que deu o veredito: “Adão e Eva andam nus como minhocas, não têm dinheiro sequer para comprar sapatos, e, ainda assim, estão convencidos de que vivem no Paraíso: são egípcios!”

Após quinze minutos de voo, Sharko começou uma leitura atravessada do livro sobre histeria coletiva. Como explicara brevemente o doutor Taha Abu Zeid, esse fenômeno atravessara épocas, povos, religiões. O autor baseava-se em fotografias, depoimentos, entrevistas com especialistas. Na França, por exemplo, a caça às bruxas na Idade Média desencadeara uma onda de pavor ao diabo e de surtos em massa. Multidões alucinadas, sedentas por vingança, mães, crianças, que aplaudiam e gritavam de alegria vendo as bruxas arderem nas chamas.

Os casos descritos na coletânea eram horripilantes. Índia, 2001: centenas de indivíduos de diferentes bairros de Nova Délhi juraram ter sido atacados por um ser fictício, meio macaco, meio homem, “com garras de metal e olhos vermelhos”. Algumas “vítimas” haviam inclusive saltado pelas janelas, tentando escapar da criatura, fruto direto da imaginação coletiva. Bélgica: em 1990, a sociedade belga de estudos de fenômenos espaciais recebe simultaneamente vários milhares de testemunhos de observação de óvnis. A causa mais provável sugerida era sociopsicológica. Uma súbita excitação coletiva, provocada pela ânsia de ver objetos voadores e estimulada pela mídia: quando alguém entra na expectativa de ver alguma coisa, acaba vendo. Dakar: noventa alunos de um colégio entram em transe e são evacuados para um hospital. Alguns falam em maldição e promovem rituais de purificação e sacrifícios a fim de deter o fenômeno.

Sharko foi virando as páginas, não tinha fim. Suicídios em grupo nas seitas, pânico de massas, síndrome da possessão — tipo Amityville —, desmaios coletivos em concertos. Havia inclusive um capítulo sobre genocídios, uma “histeria coletiva criminosa”, nos termos de alguns psiquiatras; líderes que planejam fria e rigorosamente, enquanto a massa de adeptos é tomada por um furor de destruição e carnificina.

No fim, não havia qualquer explicação plausível para o fenômeno, apresentado sob diversas denominações: síndrome ou fenômeno psicogênico de massa, histeria coletiva, epidemia histórica, síndrome coletiva de origem psicogênica... Não figurava na bíblia da psiquiatria — o DSM IV —, embora sua existência fosse inegável. Especialistas e cientistas apontavam em primeiro lugar uma causa de origem psicológica, mas viam-se incapazes de explicar a razão da irrupção do fenômeno — o epicentro do sismo —, bem como os sintomas físicos reais: vômitos, náuseas, dores articulares ou musculares...

Um pouco antes da aterrissagem, Sharko fechou o livro e olhou pela janelinha, para lugar nenhum. Um ser sanguinário, sádico, talvez estivesse mexendo com os fenômenos históricos, mutilando, matando, roubando olhos e cérebros. Por quê? Que fins podiam justificar tais atos

bárbaros? Afinal, o que estava em jogo?

As luzes de Paris apareceram finalmente, mil metros abaixo do avião. Milhões de indivíduos, aglomerados diante de computadores ou televisores, grudados ao celular. De certa maneira, tratava-se da forma mais moderna e perigosa de histeria coletiva: um grupo enorme de humanos com as mentes conectadas pelo mundo da imagem. Uma loucura moderna da qual ninguém podia escapar.

Nem mesmo Sharko.

[A] bençoado pelo crepúsculo, Sharko finalmente chegou ao prédio onde morava, em L'Haÿ-les-Roses. Comparadas à capital egípcia, Paris e sua periferia, com suas linhas limpas, a calma daqueles rostos mergulhados num livro ou olhando pelo vidro, eram quase tranquilizadoras. Após despachar a bagagem, o policial embarcou em seu trem e se deixou carregar pelo doce ranger de bielas e rodas e o bafejo do vapor. Os sons, os cheiros e os pequenos hábitos que vinham junto devolveram-lhe um pouco da serenidade.

Mas o feitiço do Cairo ainda não o abandonara.

Dando um suspiro, Sharko entrou em casa. Colocou sobre a mesa o pote de molho coquetel, os marrons-glacês e os presentes, comprados no *duty free* antes da partida. A garrafa de uísque e o pacote de Marlboro para Martin Leclerc, bem como o queimador de incenso para a esposa dele, Kathia.

Apesar da hora tardia, do cansaço e das articulações doloridas por causa de todas aquelas baldeações, Sharko arrastou-se até o parque de La Roseraie, bem em frente à sua casa. Uma tradição, um hábito, uma necessidade. Marc, o guarda, ainda assistia às suas inumeráveis séries policiais. Abriu o portão com aquele sorriso amigo que dirigimos a quem estamos acostumados a ver sem realmente conhecer.

Na ponta do parque, seu banco o esperava, velho semicilindro esculpido num tronco, indolente sob o carvalho onde Suzanne e ele haviam gravado suas iniciais, tanto tempo atrás, F&S. Diante da árvore, com os olhos vazios, passou os dedos no peito. Ainda viu a chama do isqueiro tremeluzir diante da boca retorcida do árabe, lembrou-se do cheiro particular da pele queimando. Com os maxilares cerrados, armado com uma faca, riscou na casca da árvore uma pequena haste vertical, ao lado das outras sete.

Oito canalhas que não molestarão mais ninguém.

Dobrou a lâmina, depois sentou-se, ligeiramente curvado para a frente, as mãos unidas entre as pernas abertas. Vendo-se assim, ruminou que envelhecera prematuramente. Não física, mas moralmente. O ar quente circulava sobre sua nuca, como a carícia de uma criança. As sombras abatiam-se sobre a capital, gorda gata adormecida vislumbrada num plano abaixo. E, com elas, sua nuvem nauseabunda de crimes e agressões.

Fixou tristemente uma porção de relva. Conhecera Eugénie exatamente naquele local, no seu primeiro encontro. Na época, sentada com as pernas em xis, ela lia *Les Exploits de Fantômette*, a história preferida de sua filha, e ela lhe sorria. Um sorriso envenenado, primeiro sinal da esquizofrenia paranoide. O início do calvário, como se a morte de Suzanne e Éloïse não bastasse.

Mesmo nos piores momentos da doença, Sharko sempre recebera o apoio de Kathia e seu marido, Martin Leclerc, o homem que, a despeito de todas as dificuldades administrativas e humanas, soubera mantê-lo na superfície. Em 2006, Leclerc assumira a chefia de um serviço

recém-criado, a Divisão de Repressão à Violência, e lhe oferecera um posto de analista comportamental. Um cargo relativamente recente na polícia, consistindo em trabalhar nos inquéritos de crimes violentos não elucidados, sem, teoricamente, sair de seu gabinete. Cruzamento de informações, abordagem psicológica da investigação, utilização de ferramentas de informática e de informações — SALVAC, Interpol, STIC — com a finalidade de desvendar as motivações dos assassinos. Respalado em seu diploma em psicocriminologia e em seus vinte anos na rua, Sharko, policial esquizofrênico com tendências paranoicas, seguiria uma pista diferente, longe do asfalto.

Suspirou quando o celular vibrou em seu bolso. A tela indicava “Lucie Henebelle”. Era quase meia-noite. Sharko atendeu com um sorriso moderado. Aquela mulher deveria estar dormindo, como qualquer um. Mas não, estava lá, pendurada no celular.

— Um pouco tarde para ligar para as pessoas, tenente Henebelle.

— Mas nunca tarde demais para atender... Eu sabia que seu avião aterrissaria em Orly por volta de 21h30. Julguei impossível que já estivesse dormindo.

— Maldito dom de adivinhação. Também sabe o cardápio servido a bordo?

Lucie tomava ar no pátio do hospital de pediatria.

— Deixei uma mensagem em sua caixa postal, ontem. O senhor não me retornou.

— Sinto muito, mas estavam servindo peixe grelhado sobre o meu tórax.

Um silêncio. Lucie retomou o comando da conversa:

— Tenho notícias para o senhor. A gente...

— Já estou sabendo, liguei para o meu superior quando cheguei. O assassinato do filho Szpilman e de sua namorada, o roubo da bobina, sem falar no filme oculto, que a senhorita descobriu no interior do original. Ainda não fiz o download. Neste momento, estou em outra coisa.

— Em quê?

— Num banco. Acabo de engolir milhares de quilômetros, meu corpo parece uma calculadora, por causa dos mosquitos, e estou tentando não pensar no problema durante alguns minutos, caso não se oponha.

Sharko encaixou o celular entre o ouvido e o ombro, depois limpou a ponta dos sapatos com um lenço de papel. Examinou debaixo da sola e, com os dedos, descobriu que ainda havia grãos de areia ali; analisou-os atentamente.

— Por que está ligando?

— Já lhe disse, eu...

— A senhorita o quê? Sente necessidade de falar de cadáveres até de noite? Quer saber o que descobri lá para alimentar as próprias obsessões? É seu combustível, sua razão para colocar um pé na frente do outro diariamente? Seus sonhos devem ser curiosos, Henebelle.

Lucie parara no meio da aleia reservada às ambulâncias. Luzes brancas e azuis dançavam no céu baixo do Norte.

— Deixe meus sonhos quietos, comissário, por favor, e poupe-me de sua psicanálise de botequim. Eu queria lhe propor uma ida rápida a Marselha, relativo ao nosso caso, mas, aparentemente, isso não lhe diz nada. Afinal, sou apenas tenente e o senhor, comissário.

— Tem razão, não me diz nada. Boa noite, Henebelle.

Desligou secamente. Lucie não tirou os olhos do aparelho por alguns segundos, chocada. Aquele sujeito era um tremendo cretino. Nunca mais ligaria para ele, que ele fosse se foder! Verde de raiva, comprou na máquina uma barra de chocolate, que devorou de uma só vez.

— Obrigada pelas calorias, seu tubarão empalhado!

Em seguida, encaminhou-se para as escadas. Um grande sorriso estampou-se em seus lábios quando o celular se manifestou e ela leu o nome do paspalhão: *Sharko*. Esperou o último toque, antes que a secretária fosse acionada, para atender.

— E então? Está mesmo com vontade de saber?

— O que há em Marselha, tenente Henebelle?

Lucie esperou um instante antes de responder.

— Um especialista em filmes dos anos cinquenta telefonou há uma hora. Conseguiu identificar a atriz do curta-metragem. Chama-se Judith Sagnol. Está viva, comissário.

Sharko levantou-se do banco, fazendo uma careta. Suspirou.

— Tudo bem... Vou baixar o filme original e o filme oculto essa noite mesmo. Verificar, enfim, do que se trata. A que horas estará em Paris amanhã?

— Chegada à Gare du Nord às 10h52. Partida da Gare de Lyon às 11h36, para desembarque em Marselha às 14h57. Sagnol está avisada, vai nos esperar no hotel. Falei que éramos jornalistas fazendo uma reportagem sobre cinema pornô dos anos cinquenta.

— Assunto saboroso. Mas atrase a hora da sua partida. Vou dar um jeito para que esteja presente à reunião da manhã, em Nanterre, ao lado do seu chefe. Sairemos juntos de lá.

— Muito bem. Agora me conte o que descobriu no Egito.

— Três belas pirâmides chamadas Quéops, Quéfren e Miquerinos. Até amanhã, Henebelle.

Antes de sair do parque, passou pela última vez os dedos nas oito hastes verticais riscadas no tronco.

E então, sozinho no escuro, trincou os dentes.

[L]ucie e o comandante Kashmareck chegaram juntos à sede de Nanterre. Haviam embarcado no TGV na estação Lille-Europe e, em seguida, na Gare du Nord, pularam para dentro de um táxi, que os deixara na calçada do prédio central da Polícia Judiciária. Prevendo um dia agitado, Lucie optara por uma roupa bem masculina: jeans justo, blusão cinza de mangas curtas e botinas de pontas redondas. Gostava de se vestir como um homem, misturar-se à multidão. Na rua — ainda não eram dez horas —, o sol já fritava o asfalto. Lentamente, a nuvem de poluição levantava-se sobre a capital e a periferia.

No interior do prédio, o ar estava mais ameno. Na sala de reunião, Sharko e Martin Leclerc discutiam asperamente sobre a carta azeda que o chefe da Divisão de Repressão acabava de receber por fax da embaixada da França no Egito.

— Lebrun mandou uma cópia para Josselin. Essa história vai acabar fedendo.

Sharko deu de ombros.

— Não é de hoje que o chefe implica comigo. Outra babaquice.

— Pois é, justamente, mais uma babaquice. Você andou aprontando. Percebe a situação em que se meteu? Como se eu já não tivesse aporrinhado suficiente no momento.

O celular tocou, e sua fisionomia abateu-se instantaneamente quando consultou a tela de cristal líquido. Atendeu e se afastou:

— Kathia...

Sharko observava-o, indo e vindo. O chefe e amigo não parecia em seu estado normal. Nervoso demais, distraído demais. Foi interrompido em seus pensamentos, pois Lucie e Kashmareck entravam na sala. Martin Leclerc desligou prontamente, mordendo o lábio. Os quatro policiais apertaram-se as mãos. Troca de formalidades. Lucie reservou um pequeno sorriso para o comissário, enquanto Kashmareck e Leclerc afastavam-se para conversar em torno de um café.

— O Egito não lhe fez bem — disse ela, discretamente. — Seu nariz... O que aconteceu?

— Um grande, imenso mosquito. Feliz de estar entre nós?

Lucie olhou à sua volta. Seus olhos cintilavam.

— O coração da Polícia Judiciária francesa. O lugar por onde passam todos os grandes inquéritos criminais. Não faz muitos anos, eu só conhecia esse lugar de romances lidos entre dois relatórios datilografados para os meus chefes.

— Nanterre é legal, mas o 36...

— O 36... É mítico!

— Um dia, deixei o Norte para vir trabalhar no famoso 36, no Quai des Orfèvres. Imagine meu orgulho, quando, como Maigret, subi pela primeira vez os degraus velhos e rangentes. Eu tinha acesso às investigações mais tenebrosas, mais aberrantes e intrigantes. Estava feliz como um pinto no lixo. Com a ressalva de ter perdido tudo que havia em volta. Uma região conhecida, a

qualidade de vida, as relações humanas com os vizinhos, amigos... A 36, que fede a morte e suor nos escritórios pútridos, é esta a verdade.

Lucie suspirou.

— É só comigo ou o senhor tem um dom para melar as conversas?

Alguns minutos depois, instalaram-se em torno de uma mesa redonda, todos munidos de papel e caneta. Péresse chegou, afobado, vítima dos engarrafamentos parisienses.

Leclerc fez uma rápida introdução: tratava-se de organizar as descobertas, ligar os pontos da investigação, a fim de que todos ficassem a par do mesmo nível de informação. Para uma boa performance, o chefe da Divisão de Repressão à Violência projetou o filme de 1955, versão integral e versão com imagens ocultas. Mais uma vez, as fisionomias crisparam-se de curiosidade e repulsa.

Péresse, o comissário de Rouen, tomou a palavra, anunciando uma penca de más notícias. As buscas nos hospitais, centros de desintoxicação e prisões da região normanda haviam fracassado, no que se referia aos corpos desenterrados. Depois, o cadastro de desaparecidos permanecera mudo, a pista dos emigrantes clandestinos ou estrangeiros em situação irregular em território francês permanecia a mais provável, hipótese fortalecida pela presença de um asiático no grupo. No momento, a Homicídios de Rouen colaborava com outros serviços da Polícia Judiciária, para tentar se aproximar de redes de tráfico de seres humanos. Talvez fosse uma pista enganosa, admitira Péresse, mas, considerando os poucos indícios de que suas equipes dispunham, por ora não enxergava nenhum outro caminho de investigação. Torcia para que o DNA extraído dos cadáveres, cujas análises sairiam finalmente ainda naquele dia ou no outro, falasse.

Kashmareck tinha sido mais loquaz ao explicar em detalhes o cruel assassinato de Claude Poignet, bem como as mortes selvagens de Luc Szpilman e da namorada. As primeiras deduções sugeriam tratar-se dos mesmos assassinos, os quais teriam agido na mesma noite. Um indivíduo de uns trinta anos, corpulento, coturnos nos pés, e outro completamente invisível. Dois assassinos frios, calculistas, sádicos, um dos quais possuía conhecimentos de cinema e o outro, de medicina. Executores dispostos a tudo para fechar todas as pistas relacionadas à bobina.

O comandante de Lille falou em seguida do resumo dos investigadores belgas sobre o passado de Wlad Szpilman:

— Do lado do pai, coletei informações bem interessantes ontem à noite. A proveniência do filme, em primeiro lugar. Os investigadores belgas confirmaram que Szpilman pegara emprestado o rolo na Federação Internacional dos Arquivos do Cinema, em Bruxelas. Quando falo emprestado, quero dizer roubado: Szpilman tinha surtos cleptomânicos. Na Fiaf, eles assinalaram um fato curioso. Há cerca de dois anos, um sujeito apresentou-se para assistir a esse filme desgraçado e o curador da época dera falta do rolo, que a princípio encontrava-se nas prateleiras. Evidentemente, ignorava que Szpilman estivesse com ele.

— Dois anos? Os assassinos então já estavam atrás do filme?

— Tudo leva a crer que sim. Szpilman, voluntária ou involuntariamente, puxou o tapete deles.

— E de onde vinha o filme, exatamente? Antes de aterrissar na Fiaf, quero dizer.

— Pertencia a um lote de curtas-metragens repatriados do Escritório Nacional do Filme de

Canadá, que estava se desfazendo de parte dos arquivos. Segundo os velhos registros canadenses, o filme chegou lá no final de 1956 por intermédio de um anônimo.

Sharko recuou em sua cadeira.

— Uma doação anônima... — repetiu. — Recém-fabricado e já relegado aos arquivos. E como esse maldito indivíduo atrás do rolo estava a par de sua chegada à Fiaf?

Kashmareck compilava suas anotações. Umedeceu o indicador.

— Tenho a informação. Grande parte dos filmes é classificada por título e ano, sem falar em todas as informações que constam na bobina: país de origem, número da película, manufatura. Tudo está centralizado, acessível no site da Fiaf. Com a ferramenta de busca, é possível acompanhar os filmes que saem de um centro de arquivos ou chegam a outro. Basta em seguida conferir com os dados que possuímos, ano, manufatura, país de origem, para restringir o campo de investigação. Podemos inclusive receber alertas quando um filme se desloca. É, basicamente, o que aconteceu aqui...

— E é possível descobrir os internautas que se conectam ao site da Fiaf? — indagou Henebelle.

— Infelizmente, não, as buscas não são registradas.

Sharko observava Henebelle de esguelha, bem à sua esquerda. A luz fustigava seu rosto de uma maneira singular, como se escurecesse ao contato de sua pele. O policial percebia sua determinação, sua concentração, as chamas perigosas que queimavam no fundo de suas retinas azuladas. Conhecia muito bem aquele olhar.

Leclerc tomou nota das investigações de Kashmareck e prosseguiu:

— E Wlad Szpilman? Quem era ele, além de um colecionador com tendências cleptomaniacas?

— Os investigadores belgas fizeram descobertas interessantes. Segundo seus amigos, Wlad Szpilman parecia estar garimpando, justamente nesses últimos dois anos. Pusera-se a roubar ou conseguir de maneira mais legal todos os filmes e documentários sobre os serviços secretos americanos, ingleses e até franceses... CIA, MI5, reportagens sobre a Guerra Fria, corrida às armas, o diabo a quatro.

— Nesses dois últimos anos... — repetiu Sharko. — Coincidentemente, o informante canadense afirmou que investigava esse caso há *dois anos*, também. Tudo parece começar no momento em que Szpilman pôs as mãos no filme.

— É também exatamente quando Szpilman dirige-se ao centro de neuromarketing para mandar analisar o filme — completou Lucie.

Kashmareck concordou balançando a cabeça. Sharko fixou por algum tempo a cadeira vazia à sua frente, depois virou-se para o comandante de Lille, que voltara a falar:

— Mas isso não é tudo. Szpilman também passava grande parte do tempo na biblioteca de Liège. Um dia, esqueceu um documento no escâner e a bibliotecária jamais pensou em devolvê-lo. Segundo ela, Szpilman estava permanentemente grudado nas prateleiras de “História do século XX”.

Pegou uma folha de papel em sua pasta de couro e estendeu-a. Lucie foi a primeira a pegar. Tratava-se de uma fotografia em preto e branco, decerto escaneada de um livro. No meio de

um campo de concentração, viam-se soldados alemães apontando fuzis para mulheres e seus filhos, que elas mantinham apertados contra si. A legenda indicava: “ *Soldados alemães apontando as armas para mães judias e seus filhos diante de um fotógrafo, durante a primeira fase do Holocausto, em Ivangorod, Ucrânia, 1942.* ” Lucie fixava o olhar do soldado em primeiro plano, com o fuzil erguido. A expressão congelada dos olhos, a zombaria dos lábios eram puramente abomináveis: como era possível alguém matar diante de um fotógrafo? Como era possível fazer abstração de uma presença que imortalizava em película um rosto diante da morte?

Lucie passou a fotografia para Péresse. Kashmareck colocou um livro sobre a mesa.

— Eis o livrinho de onde a foto foi copiada. O tema é a primeira fase do Holocausto, a dos fuzilamentos. Nele, encontrei essa imagem, à página quarenta e oito. Na página seguinte, todos os corpos das mulheres judias e de seus filhos estão no chão, abatidos com uma bala na cabeça.

Sharko folheou o livro e observou atentamente as fotografias.

— O genocídio dos judeus — disse.

Pensava no livro que lera no avião. Uma “histeria coletiva criminoso”. Não podia tratar-se de mero acaso. De uma maneira ou de outra, Szpilman estava ligado às garotas assassinadas no Egito.

Kashmareck manipulava nervosamente um cigarro. Gostaria muito de fumá-lo naquele momento. Retomou a palavra:

— É forçoso admitir que, estranhamente, Wlad Szpilman multiplicou suas visitas à biblioteca e isso também nos últimos anos. Fato curioso, nunca retirava livros, não deixando, portanto, qualquer rastro nos registros. A mesma coisa na internet. Um verdadeiro fantasma.

Lucie interveio:

— Observei alguns livros em sua biblioteca pessoal, livros que os assassinos levaram. Tratavam dos maiores conflitos da história. Guerras, genocídios... E havia também sobre espionagem... Eu...

Lucie tentou se lembrar.

— ...lembro de nomes como... não sei mais, parecia com “alcachofra”.

— Artichoke — corrigiu Leclerc. — Um programa de pesquisa da CIA sobre técnicas de interrogatório. Nos anos cinquenta, houve inúmeros experimentos, nem sempre brilhantes, como por exemplo hipnose e utilização de drogas diversas, entre elas o LSD, para induzir uma amnésia ou outros estados secundários.

— Os anos cinquenta — repetiu Lucie. — E o filme data de 1955. Seria coincidência? As imagens do filme não saem da minha cabeça, sobretudo as das pupilas dilatadas da garotinha, como se lhe houvessem injetado drogas. E também as do touro estacando diante da menina. Vocês estão falando de LSD, hipnose, poderia ser algo desse tipo? Além disso...

Vasculhou sua pasta de elásticos e pegou uma fotografia, que empurrou na direção de Leclerc:

— Aqui está a fotografia da menina, extraída do filme, antes do ataque dos coelhos. Compare-a com a do soldado alemão. Observe a expressão de ambos, imediatamente antes de matarem.

Leclerc colocou as duas fotografias lado a lado.

— A mesma expressão fria.

— Mesmo olhar, mesmo ódio, mesma vontade de matar... Um tem trinta anos e a outra, no máximo sete ou oito. Como essa garotinha pode ter esses olhos, sendo tão jovem?

Um silêncio. O chefe da Divisão de Repressão passou as imagens entre os presentes, o semblante grave. Aproveitou para encher um copinho de água no galão ao fundo da sala e consultar o celular. Voltou tentando mostrar segurança, mas Sharko percebeu que ele não estava à vontade. Com certeza algum problema com Kathia.

— Mais alguma coisa, comandante Kashmareck?

O policial de Lille negou com um gesto de cabeça.

— A lista das chamadas de Szpilman nesses últimos meses não levou a nada. Tudo indica que utilizava muito a internet para se comunicar com o canadense. Mas por enquanto nossas equipes não avançaram. O belga usava uns sistemas complicados, que tornavam suas conexões completamente anônimas. E seus e-mails não revelam nada que pareça relacionado ao nosso caso.

Leclerc fez um breve movimento com a cabeça em agradecimento e dirigiu-se ao seu comissário:

— Sua vez. O Egito...

Sharko pigarreou e pôs-se a contar sua aventura. Evidentemente, omitiu o nome de Atef Abd el-Aal e o episódio no deserto, declarando ter rastreado a pista dos hospitais ao interrogar um parente de uma das vítimas. Constatou que era incrivelmente talentoso para mentir.

Durante seu monólogo, Lucie observou-o com atenção. Um rosto de verdade tinha aquele sujeito, uma carcaça como não se fazia mais, com mãos cheias de pequenas cicatrizes, antigas navalhadas no nível das faces e do queixo, têmporas enérgicas e um nariz que devia ter sido quebrado várias vezes. Se não tivesse sido policial, poderia ter sido pugilista, meio-pesado. Nenhum Apolo, mas Lucie achava-o atraente, via uma força interior irradiando de seu corpo másculo.

— Essas adolescentes foram acometidas de histeria coletiva — concluiu o policial. — E se observarem bem o filme, foi precisamente o que aconteceu com as garotinhas e os coelhos.

— Certo — admitiu Leclerc. — Está pensando em...

Todos os olhares convergiam para Sharko:

— Resumindo... Anos 1954, 1955, região de Montreal, sem dúvida: um cômodo parecido com um quarto de hospital. Garotas de um lado, coelhos do outro. Uma câmera para filmar o fenômeno... E o fenômeno se produz. As meninas começam a massacrar os animais num acesso de loucura. Mil novecentos e noventa e três. Cidade do Cairo. Uma inexplicável onda de histeria varre o Egito, de norte a sul do país. A informação circula nas comunidades científicas e no mundo inteiro. Um ano mais tarde, um assassino ataca as garotas vítimas dessa onda em sua variante mais agressiva. Três assassinatos, três cérebros extirpados.

— Sem esquecer os olhos — acrescentou Lucie.

— Sem esquecer os olhos... Finalmente, 2009, dezesseis anos mais tarde. Desenterramos cinco cadáveres que datam de aproximadamente seis meses, um ano. Todos abatidos ou atingidos por balas. Projéteis no torso, no crânio, tiro pela frente e por trás. O que lhes sugere

esta última cena?

Lucie tomou a palavra.

— Indivíduos fugindo em todas as direções? Igualmente afetados por uma espécie de loucura?

— Ou pessoas tentando atacar, como as garotas. Um ataque breve, instantâneo, sem aviso. Não há escolha senão abatê-los e esconder seus corpos.

Levantou-se e apoiou na mesa, as mãos chapadas.

— Imaginem um grupo de cinco homens. Na casa dos vinte anos, fortes, em boa forma física. A maioria ex-drogados. As circunstâncias levaram-nos a isso. Prisão, confinamento, estágio disciplinar. Esses indivíduos não vêm de um ambiente fácil, apresentam inúmeras fraturas antigas, do tipo que sofremos numa porradaria. Sem esquecer as tatuagens, denotando necessidade de criar uma identidade, mostrar-se forte ou pertencer a um clã. A presença de um asiático ressalta a diversidade do grupo e pode sugerir que, basicamente, eles não se conheciam. Esses homens estão por aí, juntos, em algum lugar. São vigiados por pelo menos outros dois homens, armados com pistolas ou fuzis.

— Por que dois? — interrompeu Péresse.

— Por causa do ângulo de ataque dos projéteis e da dispersão dos impactos. Na frente, atrás... Em seguida, alguma coisa começa a desandar. Esses jovens perdem a cabeça e se tornam agressivos e incontroláveis. Como as garotinhas com os coelhos. Como as jovens vítimas egípcias. São vítimas de uma histeria coletiva.

Leclerc inspirava profundamente.

— Uma agressividade que cega. Eles veem tudo vermelho como... um touro indomável.

— Literalmente, um touro indomável. E, apesar disso, a crer pelo filme, o touro parece ter sido domado. Mas os homens não, ninguém é capaz de domá-los. São intimados a parar, mas nada fazem. Então, num movimento de reação, abrem fogo neles. Os que vigiavam não tiveram escolha. É matá-los ou feri-los. Seja como for, nossos assassinos, o perfil cineasta, o perfil médico, são imediatamente informados a respeito de uma nova manifestação de histeria. Então se apresentam e recomeçam. Extirpação dos olhos e do cérebro. Em seguida, enterram a dois metros de profundidade...

— Logo, de acordo com o que você está dizendo, os assassinos das garotas, no Egito, e os desses cinco homens são os mesmos?

— Exatamente, ainda que haja uma grande diferença com relação ao *modus operandi* utilizado no Egito: lá, as vítimas estavam vivas durante esses atos bárbaros, houve tortura e mutilação *post mortem*. Aqui, a eliminação foi muito mais sumária.

Kashmareck amassara o cigarro de tanto manuseá-lo.

— O que os assassinos procuram, no final das contas?

— Ainda não sei, mas penso estar ligado a esses fenômenos de histeria coletiva. Em todo caso, tenho a impressão de que não estamos lidando com indivíduos autônomos, isolados. Alguém pagou a Atef Abd el-Aal para que ele matasse o irmão, os corpos de Gravenchon atestam um grande profissionalismo.

Sharko fitou seu chefe:

— Aliás, se você pudesse fazer uma busca com a expressão “síndrome E”... Foi o médico do centro Salam que me falou disso, bem como das histerias coletivas. Era apenas um termo de que ele se lembrava, sem conhecer o significado.

Leclerc fez anotações rápidas.

— Ok. Bom... Vou redigir a ata da reunião. As prioridades são: conseguir a lista do pessoal das associações humanitárias presentes no Cairo em março de 1994. Posso me encarregar disso. Para o senhor, comissário Péresse, checar a pista de tráfico humano, nunca se sabe.

— Muito bem.

— Para o senhor, comandante Kashmareck...

— Continuo a trabalhar com os belgas. E tenho um crime sanguinolento barra pesada para resolver, o de Claude Poignet. Minhas equipes trabalham a fundo. As férias não ajudam muito.

— Perfeito... — Voltou-se para Sharko: — E você...

O comissário consultou seu relógio, depois apontou o queixo para Lucie.

— Estamos a caminho de Marselha. A atriz do filme foi identificada, chama-se Judith Sagnon e certamente terá coisas a nos dizer. Henebelle? Quer falar, para concluirmos?

Lucie folheou sua caderneta.

— Ela tem setenta e sete anos atualmente. Mora em Paris, mas nesse momento passa a maior parte do tempo no hotel Sofitel, em Vieux-Port. É viúva e herdeira de um ex-advogado com quem se casou em 1956, ou seja, um ou dois anos após a realização do filme. Ela atuou em alguns pornô dos anos cinquenta e posou para fotógrafos de nus, calendários e o que hoje chamam de *home movies*, filmes amadores em 8mm. Segundo o historiador que a identificou, essa mulher não era nenhuma santa, fazia estripulias sexuais ousadas em círculos fechados.

— Esse historiador faz uma ideia de quem seja o proprietário do filme?

— Nadinha. Ignora de onde provém o rolo e quem é o diretor. Por enquanto, mistério total.

Sharko ergueu-se e pegou sua pasta de couro e a pastinha de elástico.

— Nesse caso, vamos torcer para que Sagnol esteja com a memória boa.

[N]aquele fim de tarde, o mistral soprava forte, uma bofetada quente que depositava a maresia do Mediterrâneo nos rostos queimados. Sharko e Lucie desciam a Canebière a pé, ele de óculos escuros remendados e com sua pasta, ela, com uma pequena mochila às costas. Àquela hora e época do ano, o fluxo de turistas deixava intransitáveis as imediações do Vieux-Port. Varandas transbordavam, e iates exibiam-se, a atmosfera era de festa.

Quer dizer, quase. Durante o trajeto de Paris até ali, os dois tiras só haviam falado do caso. A bobina letal, o comportamento paranoico de Szpilman, o misterioso informante canadense... Uma confusão, com pistas e deduções parecendo incoerentes entre si.

Portanto, todas as suas esperanças de desenredar o novelo repousavam agora em Judith Sagnol.

Ela morava no Sofitel, um quatro estrelas que oferecia uma vista irresistível da entrada do Vieux-Port e da Bonne Mère, magnífica basílica menor da Igreja católica. Na calçada do hotel, palmeiras, carregadores, belos automóveis. No saguão, a recepcionista comunicou aos dois jornalistas que Judith Sagnol saíra para umas compras e pedira que a aguardassem no bar do luxuoso hotel. Lucie deu uma espiada no relógio, semblante de preocupação.

— Dispomos de menos de duas horas... O último Paris-Lille sai às onze horas da noite. Se perdermos o TGV de 18h28 em Saint-Charles, não conseguirei voltar para casa.

Sharko encaminhou-se ao bar.

— Essas pessoas adoram deixar os outros esperando. Vamos até lá, aproveitemos a vista.

A recepcionista veio buscá-los por volta das cinco e meia no terraço da piscina, avisando que a Sra. Sagnol os esperava em seu quarto. Lucie fervia de raiva. Foi se isolar num canto, celular ao ouvido. A conversa com a mãe foi menos problemática do que esperava: Juliette comera bem e seu sistema digestivo voltara a funcionar quase normalmente. Se tudo continuasse assim, teria alta dali a dois dias. O fim do confinamento, inacreditável.

— Vai conseguir se virar até amanhã? — perguntou Marie Henebelle à filha.

Típico de sua mãe. Lucie olhou na direção de Sharko, que aguardava sozinho na mesa.

— Vai dar tudo certo...

— Onde vai dormir?

— Dou um jeito. Posso falar com Juliette?

Trocou algumas palavras carinhosas com a filha. Com um sorriso nos lábios, voltou na direção de Sharko no momento em que ele puxava a carteira.

— Deixe — disse ela. — É por minha conta.

— Como preferir... Embora eu tivesse o dinheiro certinho.

Ela pagou a cerveja e o drinque de menta não sem fazer uma careta: vinte e seis euros e cinquenta cêntimos, não precisava se incomodar... Dirigiram-se ao elevador.

— Como vai a filhinha?

— Vai ter alta em breve.

O comissário balançou lentamente a cabeça, quase sorrindo.

— Excelente.

— Tem filhos?

— Elevador bem bacana...

Não trocaram palavra ou olhar enquanto subiam. Sharko fixava os botões que se acendiam progressivamente e pareceu aliviado quando a porta finalmente se abriu. Percorreram um corredor comprido, atapetado, sempre em silêncio.

Lucie levou um choque quando Judith apareceu na soleira. Com quase oitenta anos, a *pin-up* dos anos cinquenta conservara o olhar fatal e penetrante que mostrava no filme. Suas retinas eram de um negro profundo; os cabelos, cacheados e cor de aço, caíam sobre seus ombros nus e bronzeados. A cirurgia plástica fizera estragos, mas não escondia o fato de que aquela mulher havia sido, um dia, uma beldade.

Com um traje leve — um vestido simples de seda azul, descalça e com as unhas vermelho-cereja —, escoltou-os até o terraço e pediu uma garrafa de champanhe Veuve Clicquot. A cama estava desfeita e Lucie observou a presença de uma cueca ao pé de uma cômoda. Sem dúvida um gigolô, por cujos serviços ela pagava.

Depois de sentar, Judith cruzou as pernas à maneira de uma *starlette* cansada. Não se desculpou pelo atraso. Sharko não titubeou e exibiu o distintivo da polícia francesa.

— Não somos jornalistas, mas policiais. Viemos interrogá-la a respeito de um filme antigo, no qual a senhora atuou.

Lucie suspirou discretamente, enquanto Judith esboçava um sorriso irônico.

— Eu bem que desconfiei. Nunca houve um jornalista que se interessasse por mim...

Olhou para suas unhas bem cuidadas durante alguns segundos.

— Parei de filmar em 1955. Já faz muito tempo, não vale a pena remoer histórias antigas.

Sharko pegou um DVD gravado em sua pasta e colocou-o sobre a mesa.

— Mil novecentos e cinquenta e cinco, justamente. É a respeito do filme gravado nesse DVD. Minha colega conseguiu o rolo na casa de um colecionador chamado Luc Szpilman. Esse nome lhe diz alguma coisa?

— Absolutamente nada.

— Observei a presença de um aparelho de DVD e de uma tela na sala. Aceitaria assistir ao nosso filme?

Ela percorreu Sharko da cabeça aos pés, com o mesmo olhar desdenhoso que lançava para o *cameraman* no início do malfadado curta-metragem.

— Vamos lá, os senhores não me dão realmente escolha.

Judith inseriu o disco no aparelho. Menos de vinte segundos depois, o filme começou. Plano sobre a atriz, cerca de vinte anos, batom escuro, *tailleur* Chanel, olhar fixo para a lente. Manifestamente, aquela sessão era desagradável para a septuagenária. Uma expressão inquieta esgarçou suas feições. Após a cena do olho cortado, ela se apoderou do controle remoto e apertou o botão stop. Levantou-se intempestivamente e saiu para servir-se uma taça de champanhe. Sharko e Lucie entreolharam-se, depois juntaram-se a ela no terraço.

A velha voz disparou, seca:

— O que desejam?

Sharko apoiou-se na beirada da balaustrada, dando as costas para a porta e para os veranistas que lustravam seus barcos, abaixo. Um sol dardejante queimava sua nuca.

— Então este foi seu último filme?

Ela aquiesceu, sem descerrar os lábios.

— Viemos buscar informações. Tudo que puder nos dizer sobre essa filmagem. Sua finalidade. Sobre a garotinha, as crianças e os coelhos.

— Do que está falando? Que crianças?

Lucie passou-lhe uma fotografia da garotinha no balanço.

— Esta. Nunca a viu?

— Não, não. Nunca... Ela participa do filme?

Lucie guardou a foto com um gostinho de decepção. A parte em que Sagnol aparecia devia ter sido rodada independentemente das sequências relativas à menina. Judith levou a taça aos lábios, deu um pequeno gole e depois pousou seu copo, o olhar vazio.

— Prestem atenção, eu ignorava, e continuo a ignorar, a natureza do filme para o qual Jacques me convidara. Era para eu fazer algumas cenas de amor e ele me pagava extremamente bem por isso. Eu precisava de dinheiro, aceitaria qualquer papel. O que faziam em seguida com essas imagens pouco me importava. Quem exerce esse tipo de ofício nunca deve fazer muitas perguntas.

Apontou com o queixo para a garrafa.

— Sirvam-se. Não vai continuar gelada por muito tempo, com esse calor. Houve um tempo em que eu precisava trabalhar um mês para comprar uma garrafa dessas.

Sharko não se fez de rogado. Encheu duas taças e estendeu uma a Lucie, que lhe agradeceu com uma piscadela. Pensando bem, um pouco de álcool não lhe faria mal, após as peripécias daqueles últimos dias. Judith deixou suas recordações aflorarem lentamente.

— Nunca me passaria pela cabeça voltar a essas imagens...

— Quem era o diretor?

— Jacques Lacombe.

Lucie correu para anotar a informação em sua caderneta. Dispunham finalmente de uma identidade, o que, por si só, justificava sua viagem a Marselha. — Conheci-o em 1948, ele tinha apenas dezoito anos e uma pilha de ideias grandiosas na cabeça. Na época, filmava apresentações de mágica no Trois Sous, uma sala de espetáculos parisiense, com sua câmera ETM P16. Eu vestia e maquiava as dançarinas para o cabaré.

Imitou os gestos.

— O batom berrante, as perucas louras, os vestidos pretos de renda transparente, sem esquecer o longo cigarro Vogue... Foi ideia minha o cigarro, sabiam? E isso fez furor naqueles anos.

Seus olhos evadiram-se por alguns segundos.

— Eu e Jacques tivemos um belo relacionamento, durou um ano. Descobri um homem inteligente, à frente de todo mundo. Alto, moreno, olhos em que víamos o oceano. Como Alain

Delon.

Deu um gole no champanhe sem parecer apreciá-lo.

— Jacques era um verdadeiro experimentador do cinema, um marginal. Para ele, havia duas maneiras de ver um filme: em função da história, do roteiro, mas, também e sobretudo, em função do suporte, que todos os cineastas subutilizavam ou ignoravam completamente. Ele agia sobre a própria película, raspava, esburacava, estriava, riscava ou queimava. A película era não só uma superfície capaz de registrar imagens, mas também um território de inscrição suscetível de fazer a arte transitar. Tinham de vê-lo, diante de sua película. Era como se esmigalhasse uma mulher.

Sorriu consigo mesma.

— Jacques era influenciado pelas práticas mais antigas do cinema de arte europeu, como a sobre-exposição dos cineastas surrealistas, como Luis Buñuel ou Germaine Dulac. Aliás, a sequência do olho rasgado do início é claramente inspirada no filme de Buñuel e Salvador Dalí, *Um cão andaluz*... Uma maneira de marcar suas influências.

Lucie tentava fazer o máximo de anotações possível, mas a velha dama era caudalosa.

— Ele também tinha um bom trânsito no círculo dos mágicos. Houdini, mesmo morto, fascinava-o. Lembro-me de Jacques usando a câmera para acelerar o fluxo de fotogramas, a fim de mais tarde decompor os gestos dos prestidigitadores, desvendar seus segredos. Passava horas, dias, dissecando seus copiões, trancado em seu pequeno estúdio de Bagnolet. A pornografia também o interessava muito: ele decorticava os planos, os mecanismos do prazer provocados pela imagem. Era um ás da montagem; numa época em que o material disponível era bastante rudimentar, também inventou sistemas de filtros, baseado na ciência da óptica. Fez diversos minifilmes experimentais, de apenas poucos minutos, com os quais conseguia prender nossa atenção e desmascarar nossa própria relação com a violência e a arte. Eu ficava sempre subjugada, chocada, atarantada. O público e o meio, por sua vez, desinteressaram-se completamente de seu trabalho. Jacques sofria muito com essa falta de reconhecimento.

Lucie reagiu imediatamente, aproveitando aquela enxurrada de lembranças:

— Ele explicava suas técnicas? Falou em imagens subliminares?

— Não, mantinha em segredo todas as pesquisas. Era sua menina dos olhos. Ainda hoje, em alguns de seus filmes que foram redescobertos, ele utilizou procedimentos que nem os cineastas contemporâneos são capazes de entender.

— E depois?

— Jacques começou a ir ladeira abaixo, não conseguia furar o bloqueio. Os produtores o ignoravam. Vi-o beber um mar de vodca e caminhar para as drogas pesadas, para tentar manter o prumo, trabalhando dia e noite. Não queria mais saber de mim, rompemos... Fiquei arrasada.

Voltou os olhos para o mar distante, observou um cargueiro saindo do porto, depois prosseguiu:

— Na época em que nos víamos, ele me fez descobrir os arcanos do cinema e conhecer pessoas pouco recomendáveis. Eu era bem bonitinha, o esterno um pouco afundado, à la Greta Garbo, que as pessoas adoravam na época. Comecei então a fazer filmes eróticos para ganhar a vida.

Suspirou. Sharko decidira aproveitar ao máximo o champanhe e serviu-se novamente. Estimava a taça em aproximadamente trinta euros e, à medida que descia, a bebida melhorava.

— Um ano mais tarde, em 1950, Jacques partia para a Colômbia para filmar *Os olhos da floresta*, seu único longa-metragem. Conseguiu levantar uma verba ridícula, que mal lhe permitia alugar o material e contratar uma pequena equipe colombiana. Esse filme terminou de afundá-lo. Por causa dele, Jacques teve uma série de aborrecimentos com a justiça francesa e quase foi parar na prisão.

— Nunca ouvi falar nesse título... *Os olhos da floresta*, é isso?

— Sim. Nunca foi exibido nos cinemas... censurado de ponta a ponta. Hoje, é inacessível, todos os rolos foram destruídos ou se volatilizaram na natureza. Jacques projetou-o para mim, quando terminou a montagem... — A mulher fez uma careta. — Tratava-se de um filme de canibais. Um dos primeiros no gênero, e ele tinha orgulho disso. Mas como podia ter orgulho de um horror daqueles? Eu nunca tinha visto um filme tão repugnante e asqueroso na vida.

A voz de Judith foi ficando rouca. Sharko instalou-se à mesa, ao lado de Lucie.

— Por que os aborrecimentos com a justiça?

— *Os olhos da floresta* exigiu semanas de filmagem no meio da selva, sob chuva, calor, ataques de insetos. As equipes estavam completamente isoladas do mundo. Antigamente, as condições de filmagem não eram esse conforto de hoje. Viajava-se com as câmeras, o equipamento e as barracas nas costas. Alguns colombianos da equipe chegaram a pegar doenças, pelo que Jacques me contou. Malária, leishmaniose...

— E o papel da justiça nisso tudo?

Ela franziu o nariz, revelando dentes perfeitos e falsos.

— No último terço do filme, via-se uma mulher empalada numa estaca, pela boca e pelo ânus. Era uma sequência... abominável, de um realismo! Jacques teve de provar perante a corte que a atriz colombiana continuava viva e mostrar como fizera a trucagem.

Serviu-se de mais champanhe. Agora parecia transtornada. Sharko via um passarinho assustado, uma velha tentando deter a passagem do tempo, sem sucesso.

— Ele não voltou o mesmo daquele maldito país, estava mudado. Como se a selva e suas sombras o tivessem enfeitado para sempre. Jacques filmara com os selvagens, tribos que estavam vendo seres civilizados pela primeira vez na vida. Nunca me esqueci de um dos inúmeros planos chocantes do filme: cabeças alinhadas na beira de um rio e enfiadas em estacas. Só Deus sabe o que aconteceu realmente por lá, nos confins daquele país de selvagens...

Ela esfregava os braços, como se invadida pelo frio.

— O fracasso desse filme foi outro golpe para Jacques. Do dia para a noite, ele desapareceu do cenário cinematográfico francês. Nós dois mantínhamos contato, continuávamos amigos e eu nunca perdia a esperança de reconquistá-lo. Porém, no fim de alguns meses, comecei a não ter mais notícias. Um dia, fui até seu estúdio. Jacques havia embarcado todo o seu equipamento e seus filmes. Segundo seu mais fiel assistente, emigrara para os Estados Unidos, sem mais nem menos, sumiu.

— Sabe o motivo?

— É vago. Seu assistente estava convencido de que ele tinha um projeto sério por lá. Alguém vira seus filmes e queria trabalhar com ele. Mas nunca soubemos mais que isso. Ninguém mais soube do paradeiro dele.

— Ninguém, menos a senhora...

Ela balançou a cabeça, olhos vazios.

— Mil novecentos e cinquenta e quatro, três anos mais tarde. Nenhuma notícia e, subitamente, recebo uma ligação. Jacques me pedia para ir a Montreal, havia uns dias de trabalho para mim, e ele me pagaria regamente. Eu estava em dificuldades. Era a época em eu tirava mais a roupa para a câmera do que na vida particular, tudo isso para ganhar uma merreca. Filmar nua nunca me constrangeu, ao contrário, eu achava que era um jeito de virar uma estrela, mas os senhores sabem como é, ilusões perdidas... Eu repetia o fracasso de Jacques, com os outros só conseguia fazer filmes sórdidos, com sujeitos com colhões maiores que a barriga. Então, sem hesitar, aceitei, precisava de dinheiro. E era também uma oportunidade de revê-lo, de nos reencontrarmos, quem sabe? Pedi que me enviasse o roteiro. Joguei-me de corpo e alma, às cegas. Ele me adiantou metade da quantia, pagou minha viagem, e lá estava eu no Canadá...

Parecia indócil. Os dois policiais estavam hipnotizados. Lucie parara de anotar. Judith deixava-se arrebatada pelo champanhe, sua expressão oscilava entre raiva, ternura e medo. Tudo vinha à tona, após mais de cinquenta anos nas profundezas.

— Assim que pisei em solo canadense, percebi imediatamente que eu tinha cometido um erro. Jacques tinha um olhar que nunca mais vi num homem. Lúbrico, frio, indiferente. Estava com a cabeça quase raspada, um crápula. Nem sequer me abraçou, logo eu, que passei tantas noites com ele. Levou-me ao set de filmagem, sem me dar qualquer explicação sobre seus longos anos de ausência, sobre sua carreira. Chegamos a uma velha indústria de tecidos, completamente abandonada, na periferia de Montreal, ignoro onde precisamente. Só havia ele, sua câmera, seu equipamento e indivíduos de luvas, vestidos de preto. Não vi seus rostos, estavam encapuzados. Havia também colchões, comida para vários dias. O set fora preparado nos fundos de um depósito... Compreendi que ia passar dias e noites naquele local lúgubre. E então ouvi a voz: “Você fica nua em pelo, Judith, dança e se entrega.” Era outono, eu sentia frio, medo, mas obedeci. Era paga para isso. Durou três dias. Três dias infernais. Os senhores viram as cenas de sexo no filme, suponho, sabem o que aconteceu...

— Não vimos as cenas na íntegra — corrigiu Sharko. — Apenas fotogramas estáticos e ocultos. Imagens subliminares.

A velha teve dificuldade para engolir a saliva.

— Mais um de seus truques...

O comissário curvou-se para a frente.

— Fale das outras sequências. A senhora nua naquele campo, deitada na relva, feito morta.

Judith ficou tensa.

— Era a segunda parte da filmagem: eu devia permanecer deitada, imóvel e nua, num pasto, próximo das fábricas. Do lado de fora, fazia apenas cinco graus. Dois homens, dentre os que haviam transado comigo, maquiaram minha barriga como uma ferida nojenta. Mas quando eu me deitava na relva, tremia, sentia frio e batia os dentes. Jacques estava furioso com minha

incapacidade de ficar imóvel. Tirou uma seringa do bolso e me pediu para estender o braço. Ele... — Ela levou uma das mãos à boca. — Ele me disse que aquilo me protegeria do frio e evitaria que eu me mexesse muito... Depois, disse que dilataria minhas pupilas também, parecendo um cadáver de verdade.

— A senhora topou?

— Sim. Eu queria o restante da quantia devida, tinha feito a viagem e queria agradar Jacques. Tínhamos morado juntos, eu julgava conhecê-lo. Quando ele me espetou, senti-me imediatamente desconectada do mundo, não sentia mais frio e era quase incapaz de me mexer. Deitaram-me na relva.

— Tem uma ideia de que substância era?

— Acho que era LSD. Estranhamente, essas três letras cujo significado eu ignorava na época bailavam na minha cabeça sempre que eu voltava a pensar naquela cena, semanas mais tarde. Sem dúvida ele as pronunciara quando eu estava alucinada.

Os olhos dos policiais se encontraram. LSD... A droga experimental utilizada durante o programa Artichoke, tema de um dos livros furtados da casa de Szpilman.

— ... Jacques sempre gostou do realismo, da perfeição. A maquiagem não era suficiente, então...

Judith aprumou-se e levantou bruscamente seu vestido, revelando sem dificuldade sua nudez. Sua barriga bronzeada estava juncada de cicatrizes esbranquiçadas, que davam a impressão de pequenas sanguessugas sob sua pele. Sharko recuou em sua cadeira, num suspiro, enquanto Lucie permanecia imóvel, a boca crispada. Ver aquele corpo erodido e carcomido pelo sofrimento, sob o sol marselhês, tinha algo de sinistro.

Judith largou o tecido, que caiu até seus joelhos.

— Durante o flagelo, eu não sentia a dor nem sequer compreendia o que estava me acontecendo, eram como... alucinações. Então Jacques filmou por horas e horas, acrescentando novas incisões. Eram superficiais, não escorria sangue, então ele as completava com a maquiagem. Havia algo coisa de hediondo em seus olhos, enquanto ele me dilacerava. Foi aí que compreendi...

Os policiais conservaram-se em silêncio, incitando-a a prosseguir.

— Compreendi que aquela atriz colombiana... ele efetivamente a matara. Ele tinha ido até o fim, isso era evidente.

Sharko e Lucie entreolharam-se brevemente. Judith estava à beira das lágrimas.

— Não sei como ele se safou da justiça francesa, deve ter apresentado uma sósia daquela pobre mulher e eles deixaram passar. Para mim, porém, ele não mentiu. Ele realmente me deu aquele dinheiro.

Lucie apertou mais ainda a caneta. Jacques Lacombe parecia rico, uma vez que remunerara Judith generosamente. Ora, se ele conseguira impor seu cinema nos Estados Unidos, enriquecer um pouco, o que tramava no fundo de galpões sórdidos do Quebec, filmando cenas demoníacas?

— Quando voltei à França, eu havia enfeado, mas tinha com que viver decentemente e sair do sufoco. Tive a sorte de encontrar um homem bom em seguida, que tinha visto meus filmes e me amara mesmo assim.

Lucie falou com uma voz doce. A despeito de toda sua riqueza, aquela mulher lhe dava pena.

— E a senhora nunca contou nada à polícia? Não deu queixa?

— Para quê? Meu corpo estava simplesmente acabado e eu não teria recebido a outra metade do dinheiro. Teria perdido tudo.

O comissário encarou Judith.

— Sabe por que ele filmava essas cenas, Sra. Sagnol?

— Não, repito que ignorava o conteúdo do...

— Não estou falando do conteúdo do filme. Estou falando de Jacques Lacombe. Jacques Lacombe, que liga para a senhora, após muitos anos sem dar notícias. Jacques Lacombe, que se debruça sobre a senhora para mutilá-la. Jacques Lacombe, que a filma nas posições mais provocantes... Por que construir um filme com cenas assim? Na sua opinião, qual era o objetivo dele?

Ela refletiu. Seus dedos triturravam a gorda safira que usava no polegar.

— Para alimentar as almas pervertidas, comissário...

Perdeu-se num longo silêncio, antes de continuar:

— Oferecer-lhes poder, sexo e morte através do cinema. Jacques não queria apenas provocar ou chocar com a imagem. Ele sempre sonhou com a possibilidade de a imagem agir sobre o comportamento humano, era o real objetivo de sua obra. Daí seu interesse pela pornografia... Pois o que faz um homem quando assiste a um filme pornô?

Com a mão, imitou um gesto que não dava margem à dúvida.

— A imagem atua diretamente sobre as pulsões, a libido, a imagem penetra-o e intima-o a agir. Eis, no fundo, o que Jacques desejava. Ele falava sempre uma expressão esquisita quando queria sugerir o poder da imagem...

— Que palavra?

— Síndrome E... Sim, é isso, síndrome E.

Sharko sentiu o peito oprimido. Era a segunda vez que o termo voltava, e sempre em circunstâncias sinistras.

— O que significa isso?

— Não sei rigorosamente nada. Ele sempre repetia isso. A síndrome E, a síndrome E... Era como uma obsessão. Um objeto inacessível.

Lucie anotou a expressão e circulou-a antes de voltar a Judith:

— Por acaso Lacombe trabalhava com algum colaborador? Um médico ou cientista?

Ela aquiesceu.

— Um homem também veio me ver, um médico, sim, sem sombra de dúvida. Ele fornecia as seringas de LSD. Os dois se conheciam muito bem, eram cúmplices.

O cineasta, o médico... Aquilo correspondia ao perfil dos assassinatos no Cairo, ao de Claude Pignet também. Luc Szpilman falara de um homem de aproximadamente trinta anos, não podia de forma alguma tratar-se de Lacombe, que seria um velho agora. Quem, então? Um fanático por sua obra? Um herdeiro de sua loucura?

— ... É tudo muito remoto, remoto demais para minha velha memória. Isso foi há meio

século, e tudo que aconteceu está fragmentado na minha cabeça. Quando sabemos hoje dos estragos causados por essa porcaria de LSD, sinto-me com sorte por continuar viva.

Sharko virou sua taça, pôs-se de pé.

— Mesmo assim, gostaríamos que assistisse ao filme na íntegra, quem sabe alguns detalhes não lhe voltem?

Ela concordou, sem convicção. Os policiais percebiam que estava abalada.

— O que Jacques fez para se interessarem por ele depois de cinquenta anos?

— Infelizmente ainda não sabemos, mas está em curso uma investigação a respeito desse filme aberrante.

Terminada a sessão, Judith suspirou profundamente. Acendeu um cigarro longo, na ponta de uma piteira, e expeliu uma espiral de fumaça.

— É a cara dele, essa maneira de filmar, essa obsessão pelos sentidos, esse jogo com os filtros, com a luz, e essa atmosfera sórdida. Deem um jeito de assistir a seus curtas-metragens, os *crash movies*, e compreenderão.

— É o que faremos. Esse filme não lhe sugere nada, além disso? Os cenários, os rostos das crianças.

— Não, não, sinto muito.

Ela parecia sincera. Sharko tirou um cartão em branco da carteira, no qual anotou seu nome e o número do celular.

— Para o caso de se lembrar de outros detalhes.

Lucie estendeu-lhe igualmente seu cartão.

— Não hesite, por favor.

— Jacques continua vivo?

Sharko respondeu sem rodeios:

— Saber isso e encontrá-lo são agora nossa prioridade.

[A]o saírem do táxi, desabalaram para a estação. O tráfego e o calor continuavam infernais. Lucie avançava pela multidão, Sharko atrás, o passo mais pesado, mas bem ou mal movia-se. Não se tratava de um assassino para interrogar, uma perseguição ou uma bomba para desativar, apenas o TGV de 19h32 que precisavam alcançar.

Embarcaram no trem às 19h31. Dez segundos mais tarde, o chefe da plataforma apitava. O ar-condicionado circulando pelos vagões renovou o oxigênio dos dois policiais. Ofegantes, dirigiram-se imediatamente ao vagão-restaurant e pediram uma bebida bem gelada, enxugando a testa com um guardanapo de papel. Sharko ainda caía pelas tabelas.

— Uma semana... com você, Henebelle, e... perco cinco quilos.

Lucie bebia ruidosamente seu suco de laranja. Fez uma pausa, para respirar, passando a mão na nuca encharcada.

— Principalmente se... vier correr comigo na... na Citadelle de Lille. Dez quilômetros, às terças e sextas.

— Eu também corria, antes. E garanto que... a faria comer poeira.

— Até que não fez feio hoje à noite.

Os corações recuperavam o ritmo normal. Sharko bateu sua latinha de Coca vazia no balcão.

— Vamos nos instalar.

Ocuparam seus lugares. Transcorridos alguns minutos, Lucie fez um pequeno balanço da situação, os olhos grudados em suas anotações. Em sua cabeça, o mar e o sol de Marselha já estavam longe.

— Portanto, a expressão voltou: síndrome E. Nem desconfia do que se trata?

— Não.

— Em todo caso, agora estamos de posse de uma identidade, e não qualquer uma: Jacques Lacombe.

— Um médico, um cineasta... A ciência, a arte...

— O olho, o cérebro... O filme, a síndrome E.

Sharko coçou o queixo demoradamente, pensativo.

— Precisamos fazer contato com a Sûreté do Quebec. Precisamos saber quem é esse Jacques Lacombe, o que ele foi fazer nos Estados Unidos e em Montreal. Precisamos chegar até as crianças. Elas são a chave, e devem estar vivas, certo? Impossível não haver indícios em algum lugar. Pessoas que pudessem contar. Compreender, compreender, compreender...

As palavras soavam como uma funesta advertência no fundo de sua garganta. Com os dedos, esfregava o assento da frente. Interrompeu seu gesto ao perceber que Lucie olhava-o com curiosidade.

— A mosca da aventura parece tê-lo picado novamente... — comentou ela.

Sharko cerrou os maxilares, voltando a cabeça para o meio do corredor. Lucie percebia que

ele não desejava remoer sua vida, então se calou e refletiu sobre o caso. A voz rouca de Judith Sagnol ressoava em sua cabeça, incansavelmente. Jacques Lacombe fizera aquele filme para alimentar as almas pervertidas, foram suas palavras. Um meio que o cineasta empregou para exprimir sua loucura e imortalizá-la. Que monstro havia sido Jacques Lacombe? Que animal se tornara na selva colombiana? A quem arrastara em sua trajetória, para que ainda hoje assassinassem em nome do resgate de sua “obra”? Teria realmente matado e decapitado pessoas na Amazônia, em função das exigências do filme? Até onde teria ido no horror e na loucura?

A paisagem desfilava, montanhosa até o TGV deixar à direita os contrafortes alpinos, monótona depois de Lyon. Lucie cochilava, carregada pelo suave acalanto do mastodonte de aço, que rasgava os campos. Em diversas oportunidades, em momentos de lucidez, surpreendera Sharko fixando os assentos vazios, na outra fileira, murmurando coisas que ela não compreendia. Transpirava abundantemente. Levantou-se pelo menos cinco ou seis vezes durante o trajeto, na direção do banheiro ou do vagão-restaurant, para só reaparecer dez minutos mais tarde, às vezes furioso, às vezes sereno, enxugando a testa e a nuca com um guardanapo de papel. Lucie fingia dormir o tempo todo.

Chegada à Gare de Lyon, 23h03. Anoitecera, os rostos estavam amarrotados pelo cansaço, um ar viscoso infiltrava-se no prédio, trazendo os relentos da cidade. O próximo trem para Lille só sairia no dia seguinte, às 6h58. Oito horas é muito, quando não se tem nada para fazer, nem aonde ir. Lucie divagava. Estava fora de questão ficar circulando por Paris à noite. Por outro lado, constrangia-lhe aparecer num hotel com uma mochilinha, sem qualquer muda de roupa. Em todo caso, um dois estrelas era de fato a melhor solução. Voltou-se para Sharko para despedir-se, mas ele não estava mais a seu lado. Parara, dez metros atrás, e abria as mãos à frente, o rosto franzido obliquamente para o chão, espiando furtivamente na direção de Lucie, dando-lhe a impressão de estar participando de uma discussão acalorada. Finalmente sorriu, açoitando o ar com os dedos como se batesse na mão de alguém. Lucie aproximou-se.

— Mas... o que você está fazendo?

Ele meteu as mãos nos bolsos.

— Estava negociando... — Seu olhar soltava faíscas. — Escute, você não tem onde passar a noite. Pode dormir lá em casa, tenho um sofá grande, certamente mais confortável que uma cama egípcia.

— Não conheço as camas egípcias e não gostaria nem um pouco de...

— Não será incômodo algum. É pegar ou largar, aqui e agora.

— Nesse caso, pego.

— Ótimo. E agora é alcançar o RER, antes que seja tarde demais.

E pôs-se a caminhar na direção dos túneis. Antes de segui-lo, Lucie voltou-se pela última vez para o lugar onde ele estacara, sozinho, alguns segundos antes. Sharko, percebendo, tirou as mãos dos bolsos e apontou para o celular, sorrindo.

— O quê? Acha mesmo que eu estava falando sozinho?

[D]epois do telefonema na estação, Lucie esperava deparar-se com a esposa do comissário quando entraram no apartamento. Durante todo o trajeto no RER, tentara imaginar o tipo de mulher que podia juntar-se a um homem de sua envergadura. Teria ela a força e o caráter do domador diante do leão ou, ao contrário, era dócil, delicada, disposta, todas as noites, a diluir a tensão que os policiais acumulam durante seus dias intermináveis?

Entretanto, depois que o comissário abriu a porta, Lucie compreendeu que não havia ninguém para recebê-los. Vivalma. Sharko tirou os sapatos antes de entrar, Lucie fez menção de imitá-lo.

— Não, não, entre com os sapatos. É só um hábito. Tenho muitos hábitos, dos quais não consigo me livrar e que me complicam terrivelmente a vida. Mas fazer o quê? É assim.

Fechou a porta e passou os trincos. Num relance, Lucie observou que não se tratava realmente do apartamento de um homem sozinho: vários toques de feminilidade, plantas viçosas espalhadas, um par de saltos altos bem retrô num canto. Mas havia apenas um talher na mesa da sala, já posta para uma refeição, de frente para a parede. Ela pensou então no filme de Luc Besson, *Léon*. De certa forma, Sharko exalava a mesma tristeza do assassino profissional, ao lado, porém, de uma incompreensível simpatia, que estimulava a explorar mais o personagem.

As fotografias de uma bela mulher, velhas cópias amarelecidas encaixadas em molduras, confirmaram que o policial era provavelmente viúvo. Que homem divorciado continuaria a usar aliança? Mais atrás, na parede, espalhavam-se outras fotos. Dezenas de retângulos em papel brilhoso acavalavam-se tumultuosamente, retratando uma garotinha, da mais tenra infância até cinco ou seis anos. Em algumas imagens, eram três pessoas: ele, a mulher e a menina. A mãe sorria, mas Lucie, sem saber explicar por quê, percebeu um vácuo naquele olhar feminino. Em todas elas, Sharko abraçava as duas criaturas, tão forte que suas faces enrugavam-se uma contra a outra. Lucie sentiu então um calafrio, como se, brutalmente, adivinhasse: acontecera alguma coisa à família de Sharko. Um drama horrível, inominável.

— Por favor, acomode-se — disse o comissário. — Estou morrendo de sede... Uma cerveja bem gelada, topa?

Ele falava da cozinha. Um pouco perturbada, Lucie largou sua mochila no tapete e avançou pelo cômodo. Uma sala grande, quase parecendo sem vida. Notou o molho coquetel e marrons-glacês numa mesa de centro, depois o computador, num canto.

— Qualquer coisa gelada será bem-vinda, obrigada. Por acaso tem internet? Eu queria fazer uma busca sobre Jacques Lacombe e a síndrome E.

Sharko voltou com duas latinhas e estendeu-lhe uma. Colocou a sua na mesa de centro, depois dirigiu um olhar intrigado para o lado.

— Você me dá licença.

Desapareceu no hall. Dez segundos mais tarde, Lucie percebeu apitos, depois um ronronar,

idênticos aos que acabava de ouvir no TGV durante três horas e meia. Trenzinhos elétricos, ela podia apostar... Sharko reapareceu e instalou-se numa poltrona, imitado por Lucie. Esvaziou metade da latinha como se fosse ar, de um trago.

— Já passa de meia-noite. Meu chefe colocou alguém na pista da síndrome E. Deixe a busca para amanhã.

— Por que perder tempo?

— Não é perda de tempo. Ao contrário. Para dormir, pense na sua família e sinta que também há vida fora do trabalho. Parece simples, não? Mas quando a gente se dá conta, não restam mais do que velhas fotografias.

Lucie ficou em silêncio.

— Também tenho muitas fotos, para guardar os vestígios do tempo... A gente sempre volta à imagem, sempre. A imagem, enquanto meio de veicular emoções, de penetrar na intimidade dos outros. — Apontou com o queixo para a bagunça. — Compreendo-o melhor agora. Acho que sei por que é desse jeito.

Sharko já terminava a cerveja. Tinha vontade de se entregar, de flutuar e esquecer a rudeza daqueles últimos dias. O rosto carbonizado de Atef Abd el-Aal, as favelas do Cairo, a hedionda cicatriz em forma de olho na pele encarquilhada de Judith Sagnol... Trevas, só trevas.

— Como assim, “desse jeito”?

— Frio, distante no início. O tipo de homem que todos julgam melhor evitar. Que precisamos conhecer a fundo para ver o coração por trás da couraça.

Sharko esmagou a latinha vazia.

— E o que lhe contam essas fotos?

— Muitas coisas.

— O quê, por exemplo?

— Tem certeza de que deseja ouvir?

— Mostre-me o seu valor, tenente Henebelle...

Lucie aceitou o desafio. Ergueu a latinha à sua frente e apontou para a porta.

— Primeiro de tudo, convém atentar para a posição. Elas estão ostentadamente na sala, voltadas para a entrada. Por que não no quarto, ou um lugar mais íntimo?

Apontou com o queixo para uma lata de lixo na cozinha, da qual saíam duas caixas de papelão e restos de pizza.

— Quando um entregador ou um estranho toca, o senhor abre a porta ligeiramente, com a quantia exata na mão. Nunca permite que ele transponha o limite do corredor do prédio, não há capacho para limpar os pés, nem do lado de dentro nem de fora. As fotografias estão exatamente no eixo, ele pode vê-las sem perceber o restante. O senhor, sua família, uma impressão de felicidade e normalidade. Também liga seus trenzinhos elétricos para que ele tenha a sensação de que há uma criança brincando na casa?

Sharko venceu os olhos.

— Estou ficando interessado. Continue...

— Fora de casa, o senhor não fala do passado. Mas, quando estamos aqui, nessa poltrona, essas fotos gritam alto e bom som que algo dramático aconteceu com sua família. Não há uma

única foto recente de sua mulher, nem de sua filha. O senhor tem alguns anos a menos nas últimas fotos, e uma cara bem melhor. Na época, sua filha estava com cinco ou seis anos. É a idade da virada, da primeira ruptura. A escola, a cantina, as meninas que saem de manhã e nós só voltamos a vê-las à noite. Então, compensamos, tiramos fotos, muitas, para frear sua partida, queremos mantê-las em casa e atenuar as ausências mediante artifícios. Mas o senhor... Mais nenhuma lembrança, como se... a vida tivesse parado abruptamente. A delas, depois a sua. Foi por isso que deixou a rua e se enfiou no escritório. O asfalto arrancou-lhe a família.

Sharko agora dava a impressão de estar longe. Seus olhos estavam pregados no chão, estava curvado, as mãos pendendo entre as coxas.

— Continue, Henebelle. Vá em frente. Vamos, solte as feras.

— Penso num caso que degingolou, que acabou envolvendo sua família e a colocou diante do inimigo. O que seria? Uma investigação que invadiu sua vida particular? Um suspeito que as teria molestado?

Um silêncio. Doloroso, sofrido. Sharko estimulou Lucie a continuar.

— Com essas fotografias, o senhor expõe o seu interior para o exterior. Aqui, no seu apartamento, consegue se abrir, ser o homem de antigamente, o pai, o marido, porém, tão logo transpõe a soleira, no momento em que fecha a porta, se tranca. Dois cadeados na porta... Esta não é outra maneira de se blindar? Acho que são raras as pessoas que entram aqui, comissário, e as que dormem, mais ainda. Ainda há pouco o senhor poderia ter me encaminhado para um hotel e me abandonado bruscamente, como fez quando nos encontramos pela primeira vez na Gare du Nord. Onde vem minha pergunta: o que estou fazendo aqui?

Sharko ergueu os olhos mortiços. Levantou-se, serviu-se de uísque e sentou novamente.

— Ao contrário do que pensa, posso perfeitamente falar de meu passado. E, se nunca falo, é porque não há ouvidos dispostos a me escutar.

— Aqui estou eu...

Seu sorriso atravessou o copo.

— Você, a agentezinha do Norte que conheci quase ontem?

— Não contamos nossa vida para um psiquiatra que conhecemos bem menos?

Sharko franziu a testa, erguendo-se para guardar a garrafa de uísque. Aproveitou a pausa para checar se não deixara alguma caixa de remédios jogada em algum canto. Como ela teria adivinhado o psiquiatra? Sentou-se, tentando manter a calma.

— Afinal, por que não contar? Você parece estar precisando disso.

— Foi o que a ficha dos arquivos da polícia lhe sussurrou?

Lucie provocava Sharko com o olhar. O policial aceitou o duelo.

— As fotografias lhe disseram tudo. Há um pouco mais de cinco anos, eu passava por uma rodovia federal, com Suzanne e Éloïse... E, numa curva, um dos pneus do carro furou.

Fixou o chão longamente, fazendo a bebida girar no copo. Continuou:

— Eu poderia citar o dia e hora exatos e lhe dizer como estava o céu naquele dia. Está gravado aqui, e pelo restante dos meus dias... Nós três regressávamos de um final de semana no Norte, fazia tempo que não conseguíamos fugir assim, para longe dessa cidade abominável. No entanto, logo depois do problema com o pneu, tive um momento de desatenção. Esqueci de

trancar as portas do carro. Enquanto eu me debruçava sobre a roda, minha esposa atravessou a curva da estrada correndo como uma louca, com a nossa filha. Um carro chegou...

Ele retraiu os dedos.

— Ainda ouço o rangido dos freios. Não termina nunca... Só o barulho dos trens nos trilhos ameniza-o. Esse chiado incessante, que você ouve justamente neste instante e que me acompanha dia e noite...

Um gole amargo de uísque. Lucie retraiu-se, não havia outra reação possível nas circunstâncias. O homem a seu lado era muito mais dilacerado do que ela imaginava. Sharko continuou:

— Você trabalhou num caso de sequestro de crianças. Você perseguiu um psicopata, um perverso sem escrúpulos. Fui como você, Henebelle. Minha mulher, minha própria mulher, havia sido sequestrada por esse mesmo tipo de assassino, seis meses antes do nascimento de Éloïse. A caçada começou, dia e noite, não existia mais nada para mim. Nessa investigação, perdi amigos, vi entes queridos morrerem diante de meus olhos, levados pela fúria de um indivíduo.

Apontou com o queixo para a parede do apartamento.

— Minha vizinha, uma velha guianense, foi uma das que morreu por minha causa. Quando encontrei Suzanne, algemada sobre uma mesa, quase não a reconheci. Ela tinha sofrido coisas inimagináveis. Coisas... que nenhum ser humano jamais deveria sofrer.

Lucie sentia-o na corda bamba, prestes a cair. Mas ele resistia. Era feito de uma fibra diferente, de um material que projétil algum era capaz de perfurar.

— Ela nunca foi mais a mesma, e o nascimento de nossa filha não alterou a situação. Seu olhar permanecia vazio a maior parte do tempo, ainda que, às vezes, entre dois remédios, a centelha reacendesse.

Um silêncio de chumbo. Lucie não conseguia mais imaginar o drama íntimo daquele homem. A solidão, a fratura exposta de sua alma, a ferida de um drama que sangrava permanentemente. Lucie então ruminou que, pela primeira vez em todos aqueles anos, quem sabe, ele não sentia mais vontade de ficar sozinho, por uma noite que fosse. E, a despeito da podridão do mundo que a cercava, estava feliz por compartilhar aquele momento com ele.

Sharko engoliu sua bebida de um trago, levantando-se em seguida.

— Sou a caricatura ambulante de tudo que um policial pode ter de pior, estou inchado de comprimidos, transtornado, matei, fui ferido, mas continuo de pé. Aqui, nas minhas duas pernas, à sua frente.

— Eu... Não sei o que dizer. Sinto muito.

— Não faça isso, é muita gente sentindo muito.

Lucie sorriu frouxamente.

— Tentarei guardar a lição.

— Bom, acho que agora é hora de nos deitarmos. Amanhã, um dia daqueles nos espera.

— É verdade...

Sharko fez menção de sair, depois voltou até a colega.

— Tenho um favor a lhe pedir, Henebelle. Um favor que eu não poderia pedir a ninguém a não ser a uma mulher.

— E depois tenho uma última pergunta... Sou toda ouvidos.

— Amanhã de manhã, às sete horas em ponto, poderia ligar o chuveiro e deixar a água correr? Não precisa tomar banho. Quer dizer, pode tomar, se quiser, mas o importante é que eu ouça o barulho do chuveiro.

Lucie teve um momento de hesitação, antes de compreender. Seu olhar dirigiu-se para uma fotografia de Suzanne, e ela concordou.

— Farei isso.

Sharko esboçou um leve sorriso.

— Agora, você. Faça sua pergunta.

— Quem ligou para o senhor, ainda na estação? Com quem supostamente “negociou” para que eu pudesse dormir aqui?

Sharko só respondeu após alguns segundos:

— O computador, ali... Utilize-o para suas buscas. É só apertar o botão. Não tem senha. Por que eu colocaria uma?

[0] s filmes de um louco...

Lucie passara parte da noite navegando na internet e era esta a única impressão que lhe restava da obra de Jacques Lacombe, um homem com olhar de aço, boca fina e reta, como uma navalha. A fotografia digitalizada, postada no blog de um aficionado, datava de 1950. Tinha sido tirada na noite em que o cineasta fora visto publicamente pela última vez. Trajando um smoking reluzente, taça *ballon* na mão e cabelos penteados para trás, Lacombe fixava a lente com tamanha intensidade que Lucie estremecera. Em seus olhos, reinava algo de maléfico.

Alguns fãs haviam tentado elaborar uma biografia do cineasta, mas todos terminavam por constatar: a partir de 1951, após a filmagem tempestuosa na Colômbia e seus problemas com a justiça, Lacombe simplesmente desaparecera. Somente parte de sua obra — estimava-se que pelo menos metade de seus filmes se perdera — continuava a circular na intimidade de um círculo de admiradores. Do sinistro indivíduo restava apenas um punhado de curtas-metragens, a maioria com duração de menos de dez minutos, que os cinéfilos rotulavam como *crash films*.

Crash films... Rodados entre 1948 e 1950, antes da Colômbia. Como explicavam os internautas, tratava-se de uma série de dezenove filmes cuja única finalidade era mostrar trucagens inéditas, uma espécie de proeza artística em película. Lacombe lixava-se para a utilidade do filme, interessava-se sobretudo pelas reações do público: a passividade diante da imagem, a relação com a ação e a história, as tendências voyeuristas, o fascínio pelo íntimo e, também, a tolerância a certa forma de cinema conceitual. Ele colocava em xeque os hábitos do olhar e invertia os códigos do cinema. Sempre a necessidade de inovar, perturbar, chocar...

Além disso, havia aquele pequeno círculo branco, no alto à direita, em todos os dezenove minifilmes. Lucie compreendeu que se tratava da marca registrada de Jacques Lacombe, sua assinatura. Avançando em suas buscas na internet, encontrou a descrição de algumas das técnicas de Lacombe. Os jogos de filtros, de espelho, de sobre-exposição. Havia quem arriscasse uma hipótese para a presença daquele círculo branco, no alto de cada filme. Chamavam-no de “ponto cego”, que correspondia, de um ponto de vista fisiológico, a uma pequena porção de retina desprovida de fotorreceptores. Havia até um exercício no site:



Fechando o olho esquerdo e focando exclusivamente o quadrado, a mais ou menos quinze centímetros de distância, o círculo terminava por sumir da visão. Lucie assombrou-se com aquela falha da óptica humana. Definitivamente, Jacques Lacombe não estava querendo dizer, por intermédio de sua assinatura, que o olho era um instrumento imperfeito, passível de ser enganado de múltiplas maneiras? Não anunciava claramente que faria de tais falhas o motor de seus filmes? No fundo, aqueles minifilmes deviam dissimular os primeiros balbucios de uma alma

perversa e doente. Um espírito obcecado pelo impacto da imagem sobre o homem. Sua veracidade, sua força, seu poder destrutivo também. Um visionário à frente do seu tempo.

Deitada no sofá, os olhos semicerrados, Lucie compreendia melhor por que Lacombe nunca triunfara. Os *crash filmes* revelavam-se de um tédio e uma bizarrice a toda prova. Quem era capaz de assistir a um filme de quatro horas, intitulado *O adormecido*, que mostrava simplesmente um homem dormindo? Ou o movimento de uma pálpebra piscando filmado em câmera lenta, a mil fotogramas por segundo, e em seguida projetado ao longo de mais de três minutos? Havia também o *crash film* nº 12: contar e exibir cada segundo dos doze minutos que dura o filme, que, por efeito induzido, resume-se a uma simples mostra de algarismos... Os filmes eram tão inusitados e incompreensíveis quanto o espírito de seu criador.

Quando o despertador de seu relógio de pulso tocou, Lucie estava com as mãos atrás da cabeça e olhar dirigido para o teto. Eram 6h55. Dormira apenas uma ou duas horas. Uma noite de policial. Levantou-se, com o corpo ainda dormiente e, às apalpadelas, orientou-se até o banheiro. Um grande bocejo silencioso, aquele seria um dia difícil.

Na bancada do banheiro, inacreditavelmente, tudo arrumado: uma escova de dentes nova num copinho, toalhas azuis penduradas, com as bacias perfeitamente simétricas, uma navalha com a lâmina reluzente, uma bacia limpa dentro de um box com chuveiro. Havia também um armário de farmácia. O tipo de movelzinho que revela mais de uma vida que longas explicações. Lucie mirou seu reflexo no espelho da porta. Podia abrir, dar uma espiada nos remédios, vasculhar mais a fundo a intimidade de Sharko... O que havia a desvendar ali atrás? Antidepressivos? Estimulantes? Ansiolíticos? Ou simplesmente vitaminas e aspirina?

Inspirou e girou a torneira do chuveiro. A água veio bater na louça, fazendo um estrépito frio e intenso. Lucie compreendera o pedido de Sharko: ele desejava reviver, no momento do despertar em que o torpor do sonho ainda envolve os sentidos, a presença de sua mulher.

Continuar a acreditar, ainda que durante uma fração de segundo.

Lucie retornou silenciosamente à sala, deixando a água correr. Alguns instantes mais tarde, ouviu uma porta bater... A torneira parar... O zunido dos trenzinhos, nos vinte minutos seguintes.

Em seguida, vestido com elegância, Sharko apareceu. Camisa branca com finas riscas azuis, gravata, calça cinza de flanela. Ao se dirigir à cozinha, deixou em seu rastro o perfume de uma água-de-colônia que Lucie identificou como Fahrenheit. O homem passava a impressão de uma força tranquilizadora, sua presença seduzia. Ela passou as mãos no rosto, bocejando discretamente.

Sharko ligou o rádio. Uma música irresistível invadiu o espaço. *Dire Straits*, para desanuviar.

— Nem vou perguntar se dormiu bem... Café?

— Puro, sem açúcar, obrigada.

Ele observou-a de rabo de olho, enquanto encaixava uma cápsula na cafeteira e ligava a máquina. Quando seus olhos se cruzaram, ele desviou a cabeça para o armário, onde apanhou uma colherinha.

— Nada de extraordinário com Lacombe, imagino? Caso contrário, você não teria hesitado em me acordar no meio da noite.

Lucie aproximou-se com um sorriso.

— Nada muito além do que Judith Sagnol nos revelou. Um sujeito enigmático, volatilizado na natureza em 1951. Nenhuma notícia desde então. Também fiz buscas sobre a “síndrome E”, inclusive nos sites médicos e científicos. Nada, nenhum resultado. O que a internet desconhece é necessariamente extremamente secreto.

Sharko estendeu-lhe o café e saiu para regar sua samambaia, ao lado da janela da cozinha.

— Você deveria se arrumar um pouco. Faz tempo que não vejo uma mulher acordando, mas posso afirmar que você está com uma cara de amargar.

— Fiquei pensando a noite inteira.

— Com certeza.

— Precisamos ir ao Canadá, comissário...

Sharko denotou hesitação, antes de pousar a jarra de água na mesa. Seus maxilares se crisparam.

— Os rostos dessas crianças também não me largam, o que acha? Vi o medo delas, depois aquela loucura em seus olhares e gestos. Sei que as pessoas que se escondem por trás dessa câmara devem ter feito coisas monstruosas. Mas nosso trabalho é no presente, Lucie, o presente. Já é suficientemente asqueroso desse jeito. E depois, no momento, não temos nada de concreto com o que rastrear a vida dessas crianças.

— Pelo contrário. Fiz buscas na rede. Nos anos cinquenta, Montreal tendia muito para o catolicismo e regurgitava orfanatos dirigidos por freiras. Todas as crianças que passaram por essas instituições possuem uma ficha acessível no Arquivo Nacional da cidade. Eles têm um site, explicando que a entrada é livre e que podemos examinar os documentos no local. Está tudo classificado, organizado, listado...

— Nada garante que seja preciso ir a Montreal.

— O filme vem de Montreal, assim como a ligação do informante e a garotinha, de acordo com a especialista em leitura labial. Aliás, não se esqueça do que Judith Sagnol contou a respeito das velhas fábricas de Montreal, onde ela passou aqueles dias. Nos arquivos, o ideal seria partir de um nome, mas um ano de busca bastará. Os dossiês contêm fotografias. Podemos...

— Tudo que temos é a data de um velho filme e alguns fotogramas da garota extraídos da película, em preto e branco e com má qualidade.

— E um nome que ela pronunciou no filme. Lydia... Uma colega de sua idade, presumo. Uma companheira de quarto, quem sabe? Um ano, um nome, uma fotografia, isso deve bastar.

— Humm...

— Avançamos a conta-gotas, mas ainda assim avançamos. O filme permite imprimir imagens de outras garotas, na sala dos coelhos. Em certos planos, vemos também o refeitório, os balanços, parte do jardim, que talvez deem uma ideia do estabelecimento em questão. Não é muita coisa, mas é alguma coisa. Se descobrirmos a identidade da garota ou de suas colegas, teremos uma chance de compreender.

Sharko pegou seu café e levou-o aos lábios. Um gole demorado.

— O Canadá é longe, custa caro... Preciso refletir.

O celular do comissário tocou. Era Leclerc.

Tom direto, sem preâmbulos, do chefe da Divisão:

— Tenho duas notícias, uma boa, outra ruim.

Sharko colocou no viva-voz.

— Estou com a tenente Henebelle, neste momento.

— O quê? Na sua casa?

— Ela passou a noite no hotel e também está na escuta. Vamos, comece pela ruim.

Lucie preferiu não dar bola para a mentira de Sharko: era bem intencionada. A voz soou, grave, no aparelho:

— Bom dia, tenente Henebelle.

— Senhor...

Leclerc pigarreou:

— Tive um retorno da Sûreté do Quebec, com respeito a Jacques Lacombe. Ele morreu em 1956. Foi encontrado queimado em casa e concluíram tratar-se de um acidente doméstico. Ele morava em Montreal.

Sharko apertou os lábios.

— Um acidente doméstico... Tem o histórico dele?

— Sim, fornecido pelos canadenses. Resumindo, ele se instalou em Washington em 1951, onde foi operador-projecionista num pequeno cinema de bairro durante dois anos. Em 1953, foi morar em Montreal, onde continuou suas atividades como projecionista.

Sharko pensou por um instante.

— Tudo isso não bate com a partida precipitada da França, a vontade de triunfar no cinema, o talento... Ainda mais que sabemos que em 1955 ele rodava o maldito filme com as crianças. Há alguma coisa por trás disso. Não acredito na tese de morte acidental. Mil novecentos e cinquenta e seis é logo depois da realização do filme. Seria coincidência? Quem poderia fuçar mais seu passado? Quem poderia investigar as circunstâncias desse incêndio letal?

— Ninguém. Quem gostaria de se meter nisso? Os americanos, os canadenses, nós, os franceses? Seria preciso abrir um inquérito sobre um fato acontecido há mais de cinquenta anos. E, para que houvesse inquérito, seria necessário um assassinato comprovado. Sem esquecer a possibilidade da prescrição. Não, não podemos fazer nada.

Sharko suspirou, apoiando-se na mesa.

— Já que é assim... E a boa notícia?

— Acabamos de ter o retorno do DNA, um dos cinco cadáveres foi identificado. O que levou a bala no ombro e teve a pele arrancada.

Lucie viu os olhos do comissário se iluminando.

— Quem?

— Mohamed Aban, vinte e seis anos. Uma ficha corrida interminável. Uma juventude exemplar: brigas, drogas, roubos, extorsões. No fim, encarcerado por dez anos por estupro com agravantes e mutilações.

— Seja mais preciso.

— Sua vítima, uma mulher de vinte anos, esteve por um fio. De lambuja, ele também queimou suas partes íntimas. Aban tinha apenas dezesseis anos.

— Belo espécime.

— Obteve uma comutação da pena por bom comportamento. Saiu do presídio de Fresnes há onze meses.

Sharko crispou os dedos sobre o telefone. Era a primeira vez, desde o início daquele caso, que tinham finalmente algo de concreto.

— Seu último endereço?

— Costumava ficar na casa do irmão, Akim, em Asnières-sur-Seine.

— Passe-me o endereço exato.

— Acha que esperaram por você? Uma equipe de Péresse já está a caminho, chegará daqui a pouco. É tarefa deles, fique na sua. Preocupe-se em ir até o escritório; tenho um início de listagem para você: a das associações humanitárias presentes no Cairo em 1994, na época dos assassinatos das meninas.

— Separe.

Sharko desligou... Lucie ia e vinha, um dedo no queixo.

— Em que está pensando, Henebelle?

— Lacombe morre num incêndio, um ano após ter feito o filme. Nesse mesmo ano, uma cópia chega aos arquivos do Canadá, mediante doação anônima. E se Lacombe estivesse se sentindo ameaçado? E se tiver feito várias cópias do filme e as enviado a diversos arquivos para preservar seu segredo e ao mesmo tempo propagá-lo como um vírus? Vimos a velocidade com que o filme passava de mão em mão, de coleção em coleção.

Sharko concordou, a garota era talentosa.

— À sua maneira, Lacombe soube proteger seu tesouro. Deixando-o viajar, fazendo simplesmente com que ele existisse e um dia pudesse ser decodificado e compreendido. Quem sabe era isso?

Lucie confirmou com um gesto de cabeça. Aos poucos as peças do quebra-cabeça iam se encaixando, embora ainda não fosse possível antecipar o desenho final. Sharko digitou rapidamente outro número.

— Para quem está ligando?

— Para meus ex-colegas do 36, para saber o endereço de Aban. Não demore no banheiro. Eu a deixarei em dez minutos no RER e você volta para casa.

Lucie alisou seu blusão amarrotado.

— Não, nada disso. Vou com o senhor.

[A] snières-sur-Seine... Cidade limpa, um centro agradável, lojinhas simpáticas. Na periferia e no alto, era muito menos alegre. O cimento substitui a natureza, o céu é percorrido por aves gordas cor de marfim que decolam de Roissy, intermináveis blocos de edifícios cinza-rato bloqueiam o horizonte. O subúrbio parisiense, sem o esplendor. E no meio corre um rio...

Sharko e Lucie desembarcaram na estação Gabriel-Péri, dirigindo-se imediatamente à zona oeste da cidade. Akim Aban, irmão de um dos cinco cadáveres de Gravenchon, não possuía ficha criminal e trabalhava como vigia noturno num grande supermercado. Um sujeito limpo, aparentemente, que morava no terceiro andar de um prédio escuro e pouco atraente. Embaixo do edifício, Lucie teve direito a alguns assobios, nem tão maldosos assim, por parte de jovens prostrados num canteiro de relva.

O homem que abriu a porta tinha os traços secos e alongados dos mediterrâneos. Um rosto de sílex, assentado sobre um corpo robusto e musculoso. Inquestionavelmente, um adepto das barras e dos halteres. Sharko tomou a iniciativa:

— Akim Aban?

— E o senhor, quem é?

Para grande felicidade de Sharko, os colegas da PJ ainda não haviam passado. Parabenizou-se pela agilidade e mostrou seu distintivo da polícia francesa. Aban circulava de short e camiseta branca.

— Tenho umas perguntas a lhe fazer a respeito do seu irmão, Mohamed.

O árabe não pareceu surpreso.

— O que ele fez de novo?

— Está morto.

Akim balançou um pouco, antes de fechar os dois punhos e socar o portal.

— Como assim?

Sharko foi direto ao ponto, poupando os detalhes sórdidos.

— Aparentemente assassinado com um tiro. Encontraram seu corpo enterrado perto de uma zona industrial, em Seine-Maritime. Podemos entrar agora?

Aban afastou-se.

— Seine-Maritime... O que ele estava fazendo por lá?

O homem não chorou, mas a notícia o deixara abalado, a ponto de ter de sentar no sofá. Os policiais convidaram-se para entrar.

— Isso tinha de terminar assim, mais dia menos dia... Quem fez uma coisa dessas?

— Ainda não sabemos. Tem alguma ideia?

— Nenhuma. Ele tinha muitos inimigos. Aqui, na cidade e por aí fora.

Lucie deu uma espiada no aposento. Tela plana, video game, ténis espalhados, muita coisa para um apartamento daquele tamanho. Percebeu fotografias numa moldura. Aproximou-se,

franzindo o cenho.

— Vocês eram gêmeos?

— Não, Mohamed tinha um ano a menos que eu e era dois ou três centímetros mais baixo. Mas éramos parecidos. Mas só fisicamente. No restante, eu não tinha nada a ver com ele. Mohamed tinha um parafuso a menos na cabeça.

— Quando se viram pela última vez?

Akim Aban fixou o chão, olhos vazios.

— Dois ou três meses depois que ele saiu da cadeia, perto do Ano-novo. Mohamed veio se lamuriar, dizendo que queria mudar, começar de novo. Nunca acreditei. Era impossível.

No Ano-novo... Isso fazia com que a datação dos esqueletos recuasse pelo menos sete meses. Sharko conhecia a resposta para a pergunta que ia fazer, mas o melhor era deixar o irmão falar:

— Por quê?

— Porque ninguém segura um sujeito como ele. Vi as fotografias da garota que ele queimou na virilha, tempos atrás. A imagem está incrustada aqui, na minha cabeça. Não era humano... — Suspirou. — Mohamed ficou só uma semana por aqui. É, foi isso... Devíamos estar em meados de janeiro quando ele foi embora com alguns pertences na mala.

Permaneceu silencioso por um momento.

— Nunca, nem por um segundo, acreditei que ele faria o que prometeu... Não me enganei.

— Que ele faria o quê?

Num suspiro, Akim Aban se levantou, abriu uma gaveta e remexeu na papelada. Estendeu um folheto meio amassado para Sharko.

O coração do comissário disparou.

Com aquilo, tudo se esclarecia numa fração de segundo.

O folheto enaltecia a Legião Estrangeira.

Ergueu os olhos para Lucie, igualmente estupefata.

Akim voltou a seu lugar, as mãos juntas entre as coxas fortes.

— Um dia, Mohamed encontrou isso dentro de uma revista, na cadeia. Ouvindo-o, parecíamos estar diante de uma revelação. Era nisso que ele queria se engajar. Romper com o passado. Mudar de identidade e recomeçar tudo do zero. Uma piada...

Pegou o porta-retratos, em que aparecia ao lado do irmão, observou-o demoradamente.

— Por que você foi morrer, seu maluco?

Lá no fundo, Sharko alegrava-se. A Legião Estrangeira... Era bastante coerente com as descobertas daqueles últimos dias. Lucie prosseguiu com o interrogatório.

— Tem alguma prova de que ele se alistou na Legião? Cartas, telefonemas? Ele tinha comprado passagens de trem para... o Sul?

— Aubagne? — indagou Sharko.

O árabe balançou a cabeça em negativa.

— Não, ele não se alistou, já disse. Eu o conhecia, era incapaz disso. Instável demais, não suportava a autoridade. Conseguem vê-lo nisso? Um dia, voltei do trabalho e ele tinha sumido. Nem um até logo, nada... Eu sabia que, cedo ou tarde, a polícia viria bater à minha porta.

O comissário cerrou os maxilares, os olhos fixos na imagem publicitária de um soldado de

quepe branco, posando orgulhosamente com todas as suas medalhas. Era evidente que Mohamed bem ou mal integrara a Legião, mas não havia prova flagrante. Nem o irmão dele acreditava.

— Você tem família, um conhecido ou amigo para a casa de quem seu irmão poderia ter ido ao sair daqui, alguém com quem ele teria falado?

— Além dos antigos colegas, não imagino ninguém...

Sharko continuava a refletir. Se por um lado tudo ia se encaixando, por outro subsistia uma grande incoerência: por que cortar as mãos, arrancar os dentes e as tatuagens de um tipo que podia ser identificado por um simples exame de DNA? Na Legião, eles certamente não desconheciam o fato de que Mohamed Aban possuía uma ficha criminal pesada. Tudo bem, fechavam os olhos para o passado de determinados recrutas, mas faziam questão de verificá-lo escrupulosamente antes do alistamento. Não havia dúvida de que saberiam que o árabe era fichado no cadastro de impressões genéticas e conheciam a amplitude de seus crimes.

A menos que...

Sharko ergueu seus olhos escuros para a fotografia dos dois irmãos.

— Uma pergunta que pode lhe parecer estranha... Mas você não teria perdido sua carteira de identidade exatamente nesse período?

Akim inclinou a cabeça.

— Realmente. Devo ter perdido no trabalho ou na rua. Como sabia?

Sharko não respondeu. Lucie estava tão perplexa quanto o halterofilista. Ele tinha todas as respostas, suas convicções se fortaleciam. Ele estendeu a mão para se despedir, Lucie imitou-o.

— Uns colegas de Rouen passarão daqui a pouco, lhe farão muito mais perguntas, além de anotações. Não se preocupe, é normal.

Antes de sair, precedido por Lucie, ele se voltou para Akim, que não se movera do sofá.

— A propósito... Seu irmão tinha um minúsculo pedaço de tubo de plástico sob a pele, no nível do pescoço. Sabe se ele fez alguma operação cirúrgica?

— Não, não.

— Nenhuma passagem pelo hospital?

— Não creio. Não faço ideia, na verdade.

— Obrigado. Prometo-lhe que terá todas as respostas. Os culpados pagarão, cuidarei pessoalmente disso.

E fechou devagar a porta atrás de si.

[L]ucie e Sharko achavam-se instalados à mesa da cozinha do apartamento de L'Haÿ-les-Roses. Haviam comprado alguns pãezinhos no caminho. Ela mordida seu croissant, ele optara por um *pain au chocolat*, que embebia meticulosamente no café. Pela primeira vez em vários dias, nuvens de um branco perfeito encarneiravam-se no céu, pela janela. O policial falou entre duas mordidas:

— Tudo bate. Cadáveres impossíveis de identificar, com certeza estrangeiros desembarcados na França com a roupa do corpo. Acontece muito na Legião.

— Essa maneira tão profissional de se manter anônimo e esconder os corpos. A descrição feita por Luc Szpilman, os coturnos... Militares...

— Sem esquecer a análise segmentar dos pelos capilares efetuada em três deles, comprovando uma interrupção no consumo de drogas nas últimas semanas antes dos assassinatos. Isso coincide perfeitamente com gente que quer romper com o passado, sujeitos que dominamos com mão de ferro. Jovens legionários em instrução. Novatos.

Sharko engoliu seu pãozinho. Parecia ótimo, quase feliz.

— Que história é essa de carteira de identidade perdida? — perguntou Lucie.

— Pura lógica. Mohamed Aban tinha antes de tudo uma personalidade desequilibrada. Com um passado daquele, nunca poderia ter integrado a Legião. Os recrutadores não dão bola para quase nenhum delito em Aubagne, exceto os crimes graves. Assassinatos, estupros, desvios perversos... Aban mascarou sua identidade para se alistar.

— Roubando a carteira do irmão?

— Exatamente. Tudo de que você precisa para se apresentar à Legião Estrangeira é um documento de identidade válido. Só. Ele passa a ser o único elo entre seu passado e seu futuro. Mohamed Aban simplesmente se apresentou com a identidade do irmão. Os dois homens se parecem muito, os recrutadores se iludiram e julgaram estar lidando com um indivíduo com a ficha limpa.

Sharko resplandecia. Lucie via-o de repente seguro de si, transbordando vida. Um homem que redescobria o gosto da investigação e da aventura. Bebeu seu café, divagando.

— É quase pura lógica...

— Quase?

— Sim, quase. Penso nos cinco novatos assassinados. Não há nada pior do que as provas de seleção e, sobretudo, as dez semanas de treinamento que seguem. O inferno na terra. Fazem de tudo com você, física, psicologicamente, até você sentir vontade de se matar. É fácil imaginar que um ou dois recrutas se revoltam ou piram. Extrapolando um pouco, podemos inclusive supor uma estupidez. Um instrutor, que não tem outra escolha senão atirar, porque, para esses caras, eles dão armas de verdade. Mas então por que lhes teriam extirpado o cérebro e os olhos antes de enterrá-los?

Ele ia tão rápido que Lucie teve de refletir alguns segundos antes de responder:

— Por que procuram esconder alguma coisa de muito mais grave que um simples equívoco? Por que, por trás de tudo isso, há esse filme satânico e essas crianças confinadas na sala, que massacraram os animais?

— E garotas cruelmente assassinadas na África. No Egito, na França e no Canadá. Tudo está e não está ligado. O verdadeiro problema é que a Legião Estrangeira não bota o pé no Egito há mais de cinquenta anos. Exceto por uma semelhança no *modus operandi*, exceto por esse fenômeno histórico de que suspeitamos, não temos elo algum entre as duas séries de crimes. Quanto ao filme, ainda não fazemos ideia de qual é seu papel nessa história.

Lucie passou a mão pelo rosto. O cansaço e o nervosismo se faziam cada vez mais opressivos. Sharko prosseguia suas reflexões em voz alta.

— Eles são realmente muito fortes. Notre-Dame-de-Gravenchon. Não tem nada lá. Nem sequer um campo de treinamento militar. É bom checar, mas estou convencido de que a Legião nunca colocou os pés lá. Os corpos teriam sido encontrados para os lados de Aubagne, a rigor, mas aqui... Eles se blindaram completamente.

— Espere, espere. Está querendo dizer quer não temos qualquer arma para atacar a Legião seriamente?

— As acusações são graves, e você sabe como isso funciona. Mesmo que nosso raciocínio se sustente, precisamos de provas concretas. Testemunhas, documentos, indícios. Ora, não temos nada além de nossas convicções. Nem meu setor nem a PJ abrirão um procedimento com base em simples deduções. Com ou sem roubo de carteira de identidade, o passado de Mohamed Aban joga contra nós. A Legião negará em bloco ter recrutado esse tipo de indivíduo. Lá, não há lugar para crimes sanguinolentos. Essa é uma regra de ouro.

Silêncio. Lucie secou as mãos num guardanapo.

— E se mesmo assim alguém decidir abrir um processo contra a Legião, como isso se daria? Sharko recolheu o braço à sua frente, em sinal de desespero.

— Podemos expor nossas conclusões ao ministro da Defesa. No caso, improvável, de isso vir a funcionar, precisaríamos dos requerimentos judiciais, um monte de papéis para finalmente ter a possibilidade de interrogar malandros passados no crivo de um inquérito. Tudo isso levaria tempo e chegaria aos ouvidos dos chefões da Legião, que poderiam tomar as próprias medidas. Ainda supondo que isso funcione, resta o problema do segredo de Estado. Sem dúvida alguma, teríamos de enfrentar o chefe, um coronel ou general, provavelmente salvaguardado pelo segredo de Estado, ou pior, pela segurança nacional. Já tive de tratar com esse tipo de gente, não faz muitos anos. É o mesmo que se dirigir a uma âncora no fundo do oceano. A Legião é corpo, a Legião é espírito. Ainda que alguns deles tenham visto coisas, e supondo que ainda estejam em território francês, não dirão nada.

Lucie deslizou lentamente o indicador em torno de sua xícara de café.

— E se dispensássemos o procedimento?

Sharko olhou-a friamente.

— Fora de questão.

— Não me diga que não pensou nisso.

Sharko deu de ombros.

— Você é muito jovem para sair dos trilhos. Quer o conselho de um amigo? Evite atrair problemas. Seus filhos não a perdoariam por isso.

— Chega de sermões. Aparecemos lá. Jogamos verde e pedimos para falar com o diretor acerca de um suspeito que procuramos, por exemplo. Se ele se dispuser a nos receber, encaminhamos o assunto normalmente. Se ele de fato estiver envolvido, é provável que reaja.

— Reaja como? Acha que ele vai vomitar a verdade?

— Não, mas talvez reaja nervosamente, talvez faça ligações. Rastreamos... Montamos uma campana em frente à casa dele com... Microfones de longo alcance?

Sharko deu uma risadinha desagradável.

— Você viu muito *Missão impossível*. A casa dele deve estar entupida de detectores HF. Brinquedinhos do exército, capazes de identificar qualquer emissor de ondas num perímetro de dezenas de metros. Certamente seu celular é uma linha especial e criptografada. Quase todos esses caras são autênticos paranoicos, é por essa razão que são escolhidos. Caia na real, por favor.

— Então é assim, deixamos o barco correr e afundamos?

Sharko não respondeu, tinha as mãos abertas sobre a mesa. Lucie amassou o guardanapo entre os dedos.

— Pois eu não vou afundar. Se não for, irei sozinha. Quando metemos os pés pelas mãos, temos de ir até o fim.

Desapareceu rapidamente no banheiro. Sharko suspirou. Ela era capaz de fazer aquilo, era mais teimosa que uma mula. Após uma longa reflexão, ele se levantou, avançou pelo corredor e parou diante da porta fechada.

— É necessário um visto, alguma coisa para você ir ao Canadá? — perguntou ele, em voz alta.

A água do chuveiro esguichava no box.

— O quê?

— Vamos explorar a pista do Canadá antes. Quanto mais penso nisso, mais acredito que podemos descobrir o rastro das garotas nos arquivos. E se não conseguirmos nada, atacaremos a Legião. É necessário um visto?

— Tenho um passaporte, às vezes basta, às vezes não, pelo que vi na internet esta noite. Mas facilitaria se tivéssemos uma carta rogatória internacional.

Sharko colara os lábios na porta fechada. Do outro lado, ouvia Henebelle se ensaboando. Não pôde evitar de imaginá-la nua, ali, a poucos metros. Sentiu um calor por dentro.

— Tudo bem... Temos boas relações com os canadenses, eles formam nossos analistas comportamentais. Também dispomos de todos os contatos necessários por lá. Vou cuidar de tudo isso para você na Divisão. Sabe se há algum voo Lille-Montreal?

— Sim, mas... Ai, caiu sabão no meu olho... Espere!

Sharko sorriu. Farfalar da cortina do box. A voz feminina retorna:

— Não vai comigo?

— Não. Você pega o próximo TGV. Eu me encarrego de avisar a seu chefe, não se preocupe. Vamos reservar uma passagem eletrônica para o Quebec.

— E o senhor?

— Vou me encontrar com Leclerc para ver a lista das associações humanitárias presentes no Cairo durante os assassinatos. Talvez o assassino conste como integrante de uma delas.

Subitamente a porta se abriu. Lucie apareceu enrolada numa grande toalha, espuma nos cabelos e ouvidos. Cheirava a baunilha e leite de coco. Sharko recuou um pouco, atônito.

— Por que está tentando me afastar? — perguntou ela, com uma voz severa.

Sharko apertou os maxilares. Expulsou com a ponta dos dedos a espuma grudada nas têmporas de Lucie e virou-se bruscamente.

— Por quê, comissário?

Ele desapareceu no final do corredor, sem se virar.

[T]udo se acelerara para Lucie, depois de sua partida de L’Haÿ-les-Roses. Dispunha de algumas horas para fazer o que uma mulher normal levaria dois dias. Seu avião decolava às 19h10 do aeroporto Lille-Lesquin. O serviço administrativo em que Sharko trabalhava, encarregado das missões no exterior, cuidara de tudo num passe de mágica: documentos, preparação e justificativa da viagem junto à chefia, envio das passagens eletrônicas para seu e-mail. O Boeing aterrissava às 20h45, hora canadense. Um quarto estava reservado no hotel Delta Montreal, um três estrelas situado entre o Mont-Royal e o Vieux-Port, a dois passos do Arquivo Nacional. Havia acabado de imprimir a carta rogatória internacional, que mal tinha chegado por e-mail. Estritamente no âmbito da investigação, concediam-lhe quatro dias inteiros no local. Quatro dias eram o suficiente para pesquisar velhos documentos. Eles foram espertos.

Enquanto Lucie voltava para casa, pensou nas últimas palavras de Sharko, na plataforma do RER, em Bourg-la-Reine: “Cuide-se, garota.” As palavras haviam ressoado no fundo de sua garganta como pedrinhas se entrecrocando. Apertaram-se então as mãos — ele com o polegar por cima, troca de sorrisos, 2-0 —, depois, como da primeira vez, Sharko partira, ombros curvados, sem se voltar. Com um aperto o coração, Lucie observara demoradamente sua larga silhueta descendo anonimamente as escadas.

Após um desvio pelo banheiro, terminou de fazer a mala, com o mínimo necessário, enfiou-a no bagageiro do carro, tirou o lixo e tomou a direção do hospital Oscar Lambret. Estava mais elétrica do que nunca. Canadá... Um caso internacional... Para ela, a “agentezinha” que há um punhado de anos preenchia papelada no comissariado de Dunquerque. No fundo, estava orgulhosa de sua ascensão.

Lucie entrou no quarto do hospital com dois cafés puros da máquina. Sua mãe continuava presente, fiel, a postos. Estava jogando video game com Juliette. Sobre a cama abriam-se os livros de colorir. A menina dirigiu-lhe um sorriso resabiado. Estava radiante, sua pele finalmente recuperara a cor de mel das crianças de sua idade. O médico anunciara oficialmente a alta para a manhã seguinte. Lucie apertou a filha nos braços.

— Amanhã de manhã? Isso é excelente, meu amor!

Com uma chuva de beijos, Juliette voltou a seu jogo, toda contente. Lucie e Marie mantinham-se na soleira da porta, com seus copinhos na mão. Lucie tomou fôlego e atacou:

— Mamãe, você vai ter de ficar com a Juliette por pelo menos mais quatro dias... Enfim, quatro dias e quatro noites, pronto. Sinto muito, é uma investigação difícil e...

— Aonde você vai?

— Montreal...

Marie Henebelle tinha o dom de, com um olhar, culpar você.

— Vai para o exterior, agora. Espero que não seja perigoso...

— Não, não. Vou apenas pesquisar uns documentos antigos. Nada muito empolgante, mas

infelizmente alguém precisa realizar a tarefa.

— E obviamente isso recaiu sobre você.

— Pode-se dizer que sim.

Marie conhecia muito bem a filha, sabia que, ainda que estivesse partindo para enfrentar o diabo em pessoa, Lucie diria estar indo colher cogumelos. Apontou com o queixo para uma pelúcia cinza, um hipopótamo.

— Seu ex esteve aqui.

— Meu ex... Você quer dizer Ludovic?

— Houve outros?

Silêncio de Lucie. Marie olhou tristemente para Juliette.

— Precisava ver como os dois se divertiram. Ludovic passou duas horas aqui com ela. Estava indo para casa e disse que, se você quisesse ligar, podia. Deveria.

— Mamãe...

Marie encarou a filha sem desviar mais o olhar.

— Você precisa de um homem, Lucie. Alguém que a estabilize, que saiba trazê-la de volta à realidade quando necessário. Ludovic é um bom rapaz.

— O único problema é que não o amo.

— Você não deu tempo para isso! Suas gêmeas passam mais tempo com a avó do que com a mãe. Sou eu quem as crio e educo. Você acha isso normal?

No fundo, Marie estava absolutamente certa. Lucie voltou a pensar na ideia que Sharko fazia da profissão: um monstro devorador, que, com o passar do tempo, não regurgitava senão famílias destruídas ou decompostas.

— Depois dessa investigação, mamãe. Prometo parar e pensar nisso.

— Pensar, está bem... Como na investigação anterior. E na anterior, e na outra, e na outra...

Seu olhar era de censura e compaixão ao mesmo tempo.

— Não é agora que vou consertar minha filha. Você é feita de cimento, querida, só uma implosão para mudar alguma coisa nessa cabecinha.

— Pelo menos sei a quem puxei.

Lucie conseguiu arrancar um meio sorriso da mãe, que lhe acariciou o queixo com a mão.

— Vamos parar com isso! Vou dar um pulo em casa e volto. A que horas precisa sair daqui?

— Às cinco horas, no mais tardar. O tempo de chegar ao aeroporto e fazer o check-in.

— Isso lhe concede três horinhas para ficar com sua filha. Minha nossa, parece que estamos no locutório de uma prisão...

[A] pós deixar Lucie na estação de trem, Sharko fez uma escala em Nanterre. A jovem investigadora deixara em seu espírito um rastro cintilante, uma presença indelével, da qual ele não conseguia mais se desfazer. Ainda via sua imagem, enrolada na toalha, coberta de espuma, em SEU banheiro. Quem acreditaria que um dia uma mulher entraria debaixo do chuveiro onde Suzanne tomava banho? Quem acreditaria que, diante de uma nesga de corpo, seu coração voltaria a disparar dentro do peito?

Agora deambulava pelo gabinete do chefe. Lucie estava longe, suas preocupações, em outro lugar. Bufava, diante de Leclerc, sentado à sua mesa:

— Não podemos nos rebaixar assim. Já houve quem investisse contra a Legião antes de nós.

— E todos quebraram a cara... Péresse e o chefe pensam como eu. Abandone essa ilusão e obtenha algo concreto. Josselin se dispõe a colocar dois investigadores da Homicídios para tentar retrazar o percurso de Mohamed Aban depois que saiu da casa do irmão. É o único meio legal a nosso alcance.

— Isso vai se protelar e não levará a nada, você sabe perfeitamente.

Leclerc indicou com o queixo na direção de uma pasta com elástico à sua frente.

— Como eu lhe dizia ao telefone, antes de você me mandar à merda e passar a perna em Péresse, consegui a lista dos órgãos humanitários presentes no Egito, nas imediações do Cairo, no período dos assassinatos das adolescentes. Temos alguns nomes, os dos líderes das comitativas, principalmente. Mas há uma coisa de fato interessante, é esse congresso, o SIGN. Dê uma espiada...

Martin Leclerc estava com cara de enterro, ensimesmado. Juntava papéis a esmo e fugia do olhar de Sharko. O comissário pegou o dossiê e começou a ler:

— *Sorriso para os órfãos do mundo*, cerca de trinta pessoas. *Planeta urgência*, mais de quarenta. *SOS África*, sessenta... E outras menos votadas... — Franziu os olhos. — Março de 1994, reunião anual da rede mundial pela segurança das injeções, SIGN... Mais de... Mais de três mil pessoas vindas do mundo inteiro! OMS, Unicef, Unaid, organizações não governamentais, universidades, médicos, pesquisadores, agentes de saúde e do mundo da indústria... Mais de quinze países. Mas... O que pretende que eu faça com isso?

— Março de 1994 não é o mês e o ano dos assassinatos?

Um silêncio. Sharko considerou as folhas de papel com mais atenção.

— Merda, tem razão.

— Claro que tenho razão. Estamos para receber a lista detalhada dos participantes do SIGN, deve chegar ao longo do dia. A princípio, haveria entre cento e cinquenta e duzentos franceses.

— Duzentos...

— Em suma, como pode constatar, estamos longe dos coturnos e dos trajes de camuflagem. Portanto, desistimos da Legião, por enquanto, temos combustível suficiente para queimar em

outras áreas, com o Canadá, essas listagens e a investigação sobre Aban.

Sharko apoiou-se na mesa.

— O que está havendo, Martin? Estávamos acostumados a roer o osso juntos e hoje me vem com... listas. Em outros tempos, você teria atacado.

— Outros tempos...

Martin Leclerc suspirou. Seus dedos retraíram-se sobre uma folha de papel, que ele amassou e jogou no lixo.

— É Kathia, Shark. Acho que vou perdê-la.

Sharko surpreendeu-se, mas, no fundo, vinha pressentindo aquilo nos últimos dias. Kathia e Martin Leclerc sempre haviam simbolizado a imagem modelo do casal inabalável, tendo enfrentado tantas tempestades que nada mais parecia capaz de aderná-lo.

— Começou com o caso Huriez, estou certo? Por que não me disse nada?

— Porque... sei lá...

Sharko lembrava-se dos menores detalhes. Um ano antes. Um caso de tráfico de cocaína nos arredores de Fontainebleau. Um dos peixes miúdos da rede cai, Olivier Hussard, vinte anos. Afilhado de Kathia... Ela pede ao marido que intervenha, use suas relações para uma comutação da pena. Mas Martin Leclerc continua impassível, fiel à honestidade de sua insígnia.

Sharko odiava-se. Às voltas com os próprios demônios, não notara absolutamente nada de diferente no chefe. Ele, considerado um perito em comportamentos.

— Tenho o direito de saber, Martin.

— Tem o direito de saber? E em nome de que maldita regra você tem o direito de saber?

— Em nome de nossa amizade, só isso.

Um silêncio pesado instalou-se na sala. Um ronco de motocicleta ressoou, ao longe.

— Estive com o chefão, Shark. Foi anteontem.

— O quê? Não vai me dizer que...

— Sim... Depois desse caso, peço demissão. Não poderia aguentar mais oito anos, esperar a aposentadoria, acuado. Não sem ela. Há dias que ela dorme na casa da irmã, isso me deixa louco. E depois, você pode me imaginar envelhecendo sozinho, como...

Parou no meio da frase. Sharko encarou-o.

— Como eu, é isso?

Leclerc procurou refúgio na papelada, que ele empilhava, desempilhava, reempilhava.

— Sabia que você está enchendo o saco, Shark? Desapareça!

O comissário desgrudou-se da mesa, zozzo. Estava com os olhos marejados. Leclerc não imaginava a violência do choque que acabava de provocar. Sharko cerrou os punhos:

— Sabe o que significa sua partida para mim? Para o punhado de anos que me restam cumprir?

Leclerc deu um soco na mesa.

— Sei! Sim, eu sei! O que você acha?

Dessa vez Leclerc mirou seu subordinado no fundo dos olhos.

— Escute, farei tudo para que...

— Você não fará absolutamente nada. Você se manda e eu me dano, você sabe disso

perfeitamente. Ninguém vai querer um velho policial doente. Nem dentro de um armário. É simples assim.

Leclerc olhou para o amigo, balançando a cabeça.

— Não me ponha a faca no pescoço, por favor. Já está sendo suficientemente difícil.

Um pouco curvado, Sharko terminou por dirigir-se à porta. Com uma das mãos na maçaneta, voltou-se:

— Quando perdi minha mulher e minha filha, você estava lá, com Kathia. Aconteça o que acontecer, e sejam lá quais forem suas escolhas, conte comigo. E agora vá dizer a Josselin que estou tirando um diazinho para descansar, porque estou ouvindo vozes de todos os lados.

[A] estrada serpenteava à sua frente. Comprida, monótona, infinita. Sharko acabava de passar por Lyon, avançando em pleno sul, na direção de Marselha, janela aberta, rádio nas alturas. O celular repousava à sua frente, no console do carro.

— O pior é que não sei como ajudá-lo. Conversar com Kathia? Não vai dar em nada. Tenho a impressão de estar enxugando gelo.

— O que significa isso, “enxugar gelo”?

Sharko olhou para o assento do carona.

— Quer dizer andar em círculos. Exatamente o que estou fazendo neste momento.

Eugénie divertia-se enrolando uma mecha de cabelo nos dedos. Fez uma cara sacana.

— A propósito, percebeu como Lucie se parece com Suzanne?

O comissário engasgou. Aquela garota tinha reações totalmente imprevisíveis. Deu de ombros.

— Ela se parece tanto com Suzanne quanto seu pote de molho com uma locomotiva.

— A seus olhos, entenda bem. Ela se parece com Suzanne a seus olhos... E para o seu coração de pedra também. Eu sei. Está tudo fervendo aí dentro.

— Delírio.

— Delírio meu, claro... Lucie mexe com você, eis por que quero protegê-la. O Canadá é longe.

O celular do comissário começou a vibrar.

— Gosto muito de Lucie. Espero que dê certo, vocês dois.

— Está completamente louca, minha querida.

Ele atendeu. Era um de seus contatos no Serviço de Informações.

— Tem a informação?

— O que acha? O atual comandante da Legião é um coronel chamado Bertrand Chastel. Sujeito com tremendo pedigree.

— Continue.

— Legionário de carreira, participou das mais prestigiosas tropas de combate. Para ser breve, comandante do 2º REP no Líbano, depois no Afeganistão. Em seguida, dá uma guinada, tornando-se instrutor-chefe no inferno guianense, onde aperfeiçoa novos programas de treinamento e forma a elite da elite. Tudo sugere que gosta mesmo é de levar uma vida drástica. Os caras sofrem na mão dele, a maioria volta com o cérebro formatado para o combate, se é que me entende. Então ele retorna à França, onde passa três anos na DGSE, antes de voltar às origens e assumir o comando do 1º RE, do 4º RE e do GRLE há dois anos.

Uma sigla piscou imediatamente na cabeça de Sharko. DGSE. Direção Geral da Segurança Externa.

— Uma passagem pelos serviços secretos no meio de uma carreira de legionário? O que ele

fez por lá?

— Francamente, acha que isso tudo está registrado preto no branco? Tudo está classificado como segredo de Estado. Ele conhece figurões, entre eles grande parte dos representantes da CCSD. Estamos nas altas esferas, Shark, e, nas altas esferas, há muitas caixas-pretas. Quando as abrimos, é Pandora quem pula no seu pescoço. Eu não sei o que está pretendendo, mas posso lhe afirmar que esse sujeito é inatacável.

— Assunto meu. Ele está em Aubagne no momento?

— Sim, verifiquei. Passei um trote.

— Genial, obrigado, vovô.

— Aliás, esta ligação nunca aconteceu e eu não quero saber o que está tramando. Em todo caso, olho bem aberto.

Sharko desligou. Dirigiu um olhar vingativo para a direita. Eugénie finalmente batera asas.

Baixou o volume do rádio, que lhe dava nos nervos. À planura do campo sucederam-se os vales, as montanhas, os rios. Valence, Montélimar, Avignon. Os contrafortes da Provence. As temperaturas subiam, o sol cozinava a pele através do para-brisa. Sharko estava com a garganta seca, não em razão da falta d'água, mas de Henebelle... Eugénie tinha razão. Aquela pequena mulher loura mexera com seus velhos órgãos já fossilizados. Alguma coisa esquentava em seu peito, sua barriga, seu estômago. Sentia um nó nas entranhas, e doía. Doía, porque não deveria haver ninguém além de Suzanne. Doía, porque ele era quinze anos mais velho que Lucie e revia, através de seus olhos, todos os defeitos que os haviam destruído, a ele e sua família. A obsessão, as ausências e aquela vontade de perseguir o Mal, o verdadeiro Mal, até se ver imprensado contra a parede, esgotado, demolido. Não havia saída nessa profissão. Nenhuma finalidade ou satisfação.

O dia já terminava. Oito horas difíceis na estrada... Oito horas refletindo, em parte, sobre seu plano de ataque.

Era suicídio, tinha consciência disso.

Pouco importava, já estava morto fazia tempo. E acostumado.

Deixou a rodovia do Sol, continuou por uns cinquenta quilômetros na A52 e pegou a saída “Aubagne”. Percebeu sucintamente os prédios do centro de recrutamento da Legião Estrangeira nas margens da rodovia A501. Longas naves brancas, de linhas perfeitas e rigor militar. Alguns minutos mais tarde, entrava na departamental D2, depois na artéria que levava a uma guarita, ocupada por um major, de sentinela. Quepe branco, ombreiras vermelhas, uniforme impecável. Sharko apresentou seu distintivo.

— Sou o comissário Sharko, da Divisão Central de Repressão à Violência. Eu gostaria de falar com o coronel Bertrand Chastel.

O nome completo de seu departamento causava sempre forte impressão. Sharko explicou rápido que estava atrás de um criminoso reincidente, que, sob identidade falsa, integrara recentemente as fileiras da Legião. A fim de impressionar mais, acusara de forma voluntária o suposto criminoso: estupro, tortura... O militar pediu-lhe para aguardar e desapareceu dentro da cabine. Sharko percebeu ter ganhado o lance ao vê-lo reaparecer e apontar para o estacionamento.

— Pode estacionar nas vagas para visitantes, atrás do senhor. O coronel irá recebê-lo. Um subtenente virá buscá-lo. Devo apenas recolher sua arma de serviço.

O comissário obedeceu.

Com a pasta de elásticos grudada ao corpo, seguiu sem uma palavra o suboficial que viera recebê-lo. Nos muros imaculados da fortificação estampava-se em letras douradas o famoso *Legio patria nostra*. Colunas de homens de todas as nacionalidades — poloneses, colombianos, russos... — marchavam ao longo da praça de armas, ao ritmo de cantos militares. Outros, mais retraídos, de moletom azul e camiseta branca, desciam correndo as escadas, a urgência e o medo no olhar. Os novatos...

Seu fatalismo era aterrador: aqueles irmãos de armas, com suas cabeças raspadas e olhos de aço, não tinham trinta anos e estavam dispostos a morrer aqui e agora pela bandeira francesa.

A atenção de Sharko viu-se subitamente atraída por um prédio de um único andar, em cuja fachada havia uma tabuleta: “DCILE, Divisão de Comunicação e Informação”. Apertou o passo para alcançar seu acompanhante:

— E... O que faz exatamente a DCILE?

— É uma célula de relações públicas que atende aos numerosos pedidos de informação e se encarrega das reportagens. O escritório de produção promove a Legião em todos os lugares, na França e no exterior.

— Vocês também dispõem de uma divisão de vídeo? Criação e edição de filmes para o exército?

— Sim. Reportagens, filmes promocionais ou comemorativos.

— São os próprios legionários que trabalham nisso?

— É o estado-maior composto de militares. Oficiais, suboficiais do exército de terra, principalmente. Mais alguma pergunta?

— Estou satisfeito, obrigado.

Sharko pensava nos assassinos do restaurador de filmes, Claude Poignet... Um deles era um militar cineasta, e seguramente escondia-se ali, no calor de seus coturnos, num daqueles grandes edifícios... Fazia cada vez mais sentido.

Chegaram à sede do 1º Regimento Estrangeiro, ocupada pelo alto-comando e, portanto, pelo comandante. A autoridade absoluta. Sharko estava com a boca seca, as mãos úmidas, e estaria muito menos apreensivo diante de um assassino sanguinário do que de um coronel condecorado, que tinha, *a priori*, dedicado parte da vida a servir o país. Como homem do ofício, o policial sentia grande apreço por esses militares e seu sacrifício.

Percorreram corredores aveludados, o soldado bateu três vezes e pôs-se de sentido diante da porta fechada.

— Descansar! Entrem!

Após haver introduzido Sharko e efetuado o volta-e-meia-volver regulamentar, o subtenente deixou o policial sozinho diante do coronel, ocupado em assinar papéis. O policial estimou que o comandante devia ter a mesma idade que ele e uma compleição próxima da sua, menos barriga e alguns centímetros a mais. Seu cabelo grisalho cortado rente, irrepreensível, ampliava ainda mais a geometria euclidiana de seu rosto. No uniforme escuro, uma plaqueta informava em letras

vermelhas: “Coronel Chastel”.

— Eu lhe pediria apenas mais uns segundos.

A alta patente ergueu seus olhos de um azul frio e prosseguiu seu trabalho, sem reação específica. O comissário interrogava-se. Se o coronel estava envolvido no caso, se acompanhara as informações após a descoberta dos corpos de Gravenchon, decerto conhecia seu rosto e identidade. Sendo assim, teria se preparado para aquela visita após a ligação do major de serviço? Ou simplesmente não o reconheceria?

Enquanto Chastel assinava a papelada, Sharko aproveitou para detalhar o escritório. Os sete princípios do código de honra do legionário reinavam acima de uma ampla sacada envidraçada que dava para a praça de armas. Impossível contar as placas comemorativas e fotos pregadas na parede, nas quais o coronel, em diferentes idades, posava sozinho ou rodeado pelo regimento. As terras ocres e poeirentas do Afeganistão, os prédios dilacerados de Beirute, a exuberância da selva amazônica... Uma violência surda irradiava daquele rosto de traços precisos, daqueles dedos que apertavam fuzis de assalto. Aquelas fotos não expunham nada, no fim das contas, senão a guerra, os enfrentamentos, a morte, tendo ao centro homens que, ali, sentiam-se em casa.

O coronel empilhou finalmente os papéis e os empurrou para a ponta da mesa impecavelmente arrumada. Não havia nenhuma outra cadeira. Ali, tinha-se o hábito de ficar de pé, na posição de sentido.

— Continuo invejando a época em que ignorávamos a existência da burocracia. Posso ver seus documentos?

— Naturalmente.

Sharko estendeu-lhe sua carteira. O oficial estudou-a criteriosamente, antes de devolvê-la. Seus dedos eram grossos, suas unhas, polidas. Assim como ele, abandonara o terreno fazia tempos.

— O senhor procura um autor de crimes sanguinolentos em nossas fileiras, se entendi direito. E veio sozinho para prendê-lo?

A voz soava grave, monolítica, áspera. Se porventura fingia, tinha muito talento.

— Por enquanto estamos apenas no estágio da suspeita. Uma câmera de vigilância nos mostrou a presença do veículo dele a aproximadamente vinte quilômetros de Aubagne, no pedágio da A52. Ora, não há vestígios desse veículo na altura da A50. Logo, forçosamente, ele parou entre as duas.

— Já encontrou o veículo?

— Ainda não, mas estamos tentando.

O coronel Chastel agitou o mouse de seu computador e pareceu digitar uma senha.

— O senhor deve saber que nossa corporação não recruta estupradores nem autores de crime sanguinolento?

— Ele usou uma identidade falsa.

— Isso é pouco provável. Dê-me o nome dele.

Sharko fixava-o nos olhos, tão fundo quanto podia. Era ali, em pouco tempo, num minúsculo espaço de tempo, que teria de captar o ínfimo fulgor capaz de reverter tudo. Puxou os elásticos de sua pasta, abriu-a e pegou uma fotografia em formato A4. Colocou-a sobre a

mesa, virada para baixo.

— Está tudo aí.

Bertrand Chastel puxou a folha de papel para si e virou-a.

A foto estampava a imagem de Mohamed Aban vivo. Um close de rosto.

Bertrand Chastel deveria ter reagido. Nada, nem sequer a menor emoção em seu semblante pálido.

Sharko cerrou os maxilares. Impossível. O comissário, embora sentindo-se desestabilizado, procurou não demonstrar e seguir adiante:

— Pelo que está escrito no rodapé da foto, ele deve ter se apresentado com a identidade de Akim Aban.

O legionário empurrou o papel de volta na direção de Sharko.

— Sinto muito, nunca o vi.

Nem sua voz, nem seus lábios, nem seus dedos tremeram. Sharko pegou a foto de volta, cenho franzido.

— Suponho que não veja todos os rostos novos que ingressam em suas fileiras. Na verdade, eu esperava que o senhor digitasse sua identidade no computador, como ia fazer antes de eu lhe mostrar o retrato.

Um momento morto. Demasiado longo, estimou Sharko. Ainda assim, Chastel não perdeu a compostura nem o autocontrole. Osso duro de roer.

— Nada acontece aqui sem que eu saiba ou veja. Mas se isso é capaz de tranquilizá-lo...

Digitou os dados no computador e voltou o monitor para Sharko.

— Nada.

— Não precisava ter virado o monitor, eu teria acreditado em sua palavra.

Com um gesto firme, Chastel puxou o monitor de volta.

— Tenho muito trabalho. O subtenente Brachet irá acompanhá-lo até a saída. Boa sorte com seu fugitivo.

Sharko hesitou. Não podia partir assim, apenas com incertezas. No momento em que Chastel fez menção de pegar o celular, Sharko inclinou-se em sua direção e pressionou sua mão, obrigando-o a largar o aparelho. Dessa vez, sabia que estava passando dos limites e que colocava tudo a perder.

— Ignoro como soube da minha vinda, mas não vai rir da minha cara.

— Retire imediatamente a mão.

Sharko manteve seu rosto a dez centímetros do militar. Foi direto, tudo ou nada.

— A síndrome E... Estou informado. Ora bolas, por que outra maldita razão acha que estou aqui?

Dessa vez, Chastel não conseguiu esconder totalmente a estupefação: olhar errante, ossos temporais latejando sob a epiderme. Uma gota de suor formou-se em sua testa, apesar do ar-condicionado. Deixou a palma da mão sobre o aparelho.

— Não faço ideia do que está falando.

— Mas claro que faz! O que continuo sem entender é como conseguiu manter a calma diante do retrato de Aban. Nem alguém como o senhor é capaz de dar provas de tamanho

autocontrole. Como soube? Como o senhor...

Sharko semicerrou os olhos.

— Microfones...

Levantou-se, as mãos chapadas nas têmporas.

— Santa ingenuidade. Vocês invadiram minha casa e instalaram grampos.

Chastel ergueu-se, os punhos apoiados na mesa, feito um gorila.

— Garanto que irá se arrepender de ter vindo aqui me ameaçar. Não se surpreenda se a sua carreira terminar abruptamente.

Sharko abriu um sorriso de tubarão. Voltou à carga:

— Estou aqui, sozinho na frente do senhor, porque ninguém está a par de minha presença em Aubagne. E, se isso é capaz de tranquilizá-lo, não haverá qualquer inquérito-relâmpago contra a Legião. Todo mundo concorda: Mohamed Aban, ou melhor, Akim Aban, chame como quiser, nunca esteve aqui.

— O senhor está completamente louco, suas afirmações são completamente estapafúrdias.

— Tão louco que vou lhe pedir dinheiro, coronel Chastel. Muito dinheiro... Pedirei demissão e o senhor me proporcionará uma bela e dourada aposentadoria. Ora essa, muito... Uma gota d'água, cá entre nós, para a verba secreta da DGSE. Acha que me contento com migalhas?

Sharko não lhe deu tempo de replicar, precisava agir depressa. Tirou um papel de sua pasta e o esmagou diante do legionário.

— A prova da minha boa-fé.

Chastel dignou-se a baixar os olhos.

— Coordenadas? O que isso significa?

— Se o senhor ou seus *amigos* fizerem um pequeno desvio pelo Egito, quem sabe, encontrarão o corpo de um tal Atef Abd el-Aal, uma sentinela caiota. A menos que também já estejam sabendo... Entregue este papel às autoridades francesas ou egípcias, como preferir, e passarei o resto dos meus dias na prisão.

O semblante do militar, completamente paralisado, parecia forjado em cimento. Sharko debruçou-se, com ar satisfeito.

— Também vou esquecer a história dos microfones. Veja, entre nós dois, tem de haver confiança.

Ele recuou até a porta.

— Não precisa me acompanhar, conheço a saída. Em alguns dias, entrarei em contato. E um conselho, para o caso de eu sofrer um acidente... Tomei minhas providências.

Apontou com o queixo para o código de honra da Legião.

— Talvez o senhor devesse relê-lo.

Finalmente, deu meia-volta e saiu.

Não foi escoltado.

Quando cruzou com aqueles soldados treinados e dispostos a matar, armas brancas no cinturão, julgou ter assinado a própria sentença de morte. Acabava de colocar os legionários, e provavelmente os serviços secretos, no seu encalço. Imaginara algo pesado por trás daquele caso,

e não se enganara. Gente do alto escalão...

Pisou fundo no acelerador pelas grandes retas da A6. Com o dorso da mão, enxugava as pequenas lágrimas que nasciam em seus olhos. Revelara suas falhas e feridas profundas a Henebelle porque a considerava uma igual, tinha se originado uma espécie de confiança mútua entre ambos. Revelara suas cicatrizes psíquicas.

Mas havia outros ouvidos presentes. Chastel, seus comparsas...

Agora sentia-se nu, traído, quase envergonhado.

Sete horas mais tarde, entrava em casa. Pôs-se a vasculhar o apartamento de ponta a ponta e encontrou quatro microfones. Um deles instalado ao pé de sua luminária e os outros três nos termostatos da calefação. Material padrão, em miniatura, usado por qualquer serviço de polícia. Obviamente, não encontraria nenhuma impressão digital; dali não sairia nada.

Com raiva, atirou-os no chão.

Foi Eugénie quem os esmagou, pisoteando-os.

Desde esse instante, sua Sig Sauer no coldre e os três cadeados da porta de entrada do apartamento pareceram-lhe absolutamente inócuos.

[L]ucie só viajara de avião uma vez, aos nove anos, por ocasião de férias em Baleares, e achara maravilhoso. Lembrava-se do pai e da mãe a seu lado, acariciando-lhe os cabelos quando sentiu medo durante as turbulências. Uma das últimas recordações dos três juntos. Fazia tanto tempo...

Pensativa, recostava a testa na janelinha do Boeing 747, que sobrevoava o Quebec. A comissária acabara de acordá-la, intimando-a a colocar o cinto. Começava a descida. Lucie dormira a viagem inteira, um sono pesado, ininterrupto, quase inédito. Admirava, à luz pálida do poente, extensões de lagos, florestas, rios, pântanos, ainda poupados pela civilização. Uma terra gigante, selvagem, milagrosamente preservada. Em seguida, surgira a foz do São Lourenço, com os primeiros grandes conglomerados humanos, e então o avião sobrevoou a famosa ilha em forma de losango.

Montreal... Um navio modernista no meio das águas.

A comissária checkou novamente se os cintos estavam bem presos. O passageiro ao lado de Lucie, um homem alto, louro e forte, estava com os dedos quase enfiados nos braços dos assentos. Olhou para ela, o olhar amedrontado:

— Mais uma vez terei a sensação de morrer. Invejo as pessoas capazes de dormir em qualquer lugar, como a senhorita.

Lucie respondeu com um sorriso educado. Sentia a boca pastosa e não tinha nenhuma vontade de conversar. A aterrissagem, em Montreal-Pierre Elliott Trudeau, foi suave. A temperatura no solo era a mesma de um verão tradicional no norte da França. Não foi grande o estranhamento, afinal a população era em grande parte francófona. Vencidos os trâmites burocráticos — alfândega, verificação da carta rogatória internacional, espera da bagagem e compra de dólares canadenses —, Lucie entrou num táxi e afundou no banco traseiro. Mal começava a anoitecer, enquanto, do outro lado do Atlântico, a noite findava.

A primeira impressão que teve de Montreal, em meio à escuridão cada vez mais densa, foi a de uma cidade moderna e incrivelmente iluminada. Os arranha-céus projetavam suas luzes na direção das estrelas, as numerosas catedrais e igrejas também tinham seu lugar, com as nuances de vermelho, azul e verde dos vitrais. No centro, Lucie admirou-se com a largura das avenidas e a geometria rigorosa da malha viária. Apesar das saídas de metrô, de aspecto bastante parisiense, e da efervescência dos pequenos cafés ou restaurantes, não se via a mesma proximidade e calor que animava, nas horas quentes da noite, a capital francesa.

Ao chegar ao hotel Delta Montreal, edifício imponente cujo topo era iluminado por luzes azuis, Lucie não encontrou mais forças para sair e conhecer a cidade — por exemplo, suas famosas galerias subterrâneas. Após pegar as chaves, instalou-se em seu quarto, no quinto andar, ficou só de lingerie e deitou na cama, dando um grande suspiro. Não se sentia à vontade naquele lugar anônimo, onde se sucediam desconhecidos, homens em viagens de negócios, casais em

férias. Nada mais deprimente do que estar sozinha à noite, sem um barulho em volta. Onde estavam o riso e o choro de suas filhas, o suave alvoroço cotidiano de seu apartamento que a acompanhava todos esses anos? Como estaria, tão longe, a filha doente? Como estava se passando a colônia de férias de Clara? Perguntas que uma mãe, uma boa mãe, nunca se deveria fazer.

Apesar de todas as preocupações, o cansaço prevalecia. Estava quase dormindo, quando o telefone do hotel tocou. Estendeu uma das mãos e levou o aparelho ao ouvido.

— Alô?

— Instalada, Henebelle?

Um silêncio...

— Comissário Sharko? Ehh... Sim, acabo de chegar. Mas... Por que não ligou no meu celular?

— Tentei, não consegui.

Lucie pegou o celular a seu lado. A bateria estava carregada. A tela não indicava nenhuma chamada. Tentou fazer uma ligação.

— Droga, não deve ter resistido ao fuso horário... Falando em fuso, aí devem ser quatro ou cinco horas. Já de pé?

No escuro, Sharko estava sentado à mesa da cozinha, diante de uma xícara de café vazia e sua Sig Sauer carregada. Apoiava o queixo na mão, o cotovelo na toalha, o olho na porta da entrada, na extremidade da sala. O celular encontrava-se à sua frente, no viva-voz. Na cadeira à sua frente, Eugénie murmurava a última música da cantora canadense Coeur de Pirate. Comia marrons-glacês e bebericava um diabo menthe. Sharko voltou a cabeça para o lado.

— Como foi a viagem?

— Resumindo, um inferno. Avião lotado de gente em férias.

— E o hotel, é simpático? Pelo menos tem banheiro?

— Banheira? Ehh... Sim. E o senhor, novidades?

— Lindo ponto a nosso favor, daqui a pouco terei nas mãos uma lista com os duzentos participantes de um congresso científico no Cairo, por ocasião dos assassinatos. Decidimos focar nos franceses, por enquanto.

— Duzentos é muita coisa. Quantos homens trabalharão nisso?

— Só um, eu. Numa primeira triagem, poderemos eliminar boa parte, batendo com o perfil do assassino de 1993 que possuímos. Passar na peneira, antes de dissecar suas vidas. Imagine a complexidade da tarefa.

Um barulho de motor na rua. Num reflexo, Sharko empunhou a arma e se precipitou na direção da janela. Após apagar a luz, ergueu ligeiramente a persiana corrediça, tenso. Um caminhão, realçado por uma sirene laranja, avançava devagar ao longo da calçada. Era apenas o caminhão de lixo, esvaziando as caçambas, como todas as semanas, no torpor da madrugada. O policial sentou-se de novo, resserenado. Suas têmporas latejavam, a hipervigilância e a paranoia, exacerbadas por sua doença, mantinham-no alerta na mesma proporção em que o esgotavam.

— Algum problema, comissário?

— Tudo certo, tudo certo. Por acaso não notou nada de suspeito em sua casa, em Lille?

— Como, por exemplo?

— Microfones ocultos. Achei quatro na minha casa.

Sentada com as pernas cruzadas no meio da cama, Lucie sentiu-se empalidecer.

— A maçaneta da minha porta de entrada estava rangendo, dias atrás. Não tenho dúvida, também estiveram em meu apartamento.

Lucie ficou inquieta. Uma sensação de ser violada. Havia penetrado em sua residência, em seu casulo. Talvez tivessem visitado seu quarto, o das meninas...

— Quem fez isso?

— Não faço ideia. O que é certo é que o coronel da Legião Estrangeira está envolvido.

— Como você sabe?

— Eu sei. Não comente com ninguém a respeito desses microfones, ok? Cuidaremos disso quando você voltar.

— Por quê?

— Chega de perguntas. Mantenha contato. Até logo.

— Comissário! Espere!

O ar-condicionado ronronava, hipnotizante. E a voz de Sharko lhe fazia muito bem.

— O que é, Henebelle?

— Há uma pergunta que eu gostaria de lhe fazer...

— Qual?

— Você salvou muitas vidas ao longo de sua carreira?

— Algumas, sim. Mas nem sempre as que teria desejado, infelizmente.

— Em nossa profissão, consolamos famílias descobrindo os assassinos de seus parentes. Às vezes restituímos a razão de viver a um monte de gente, porque lhes damos uma resposta. Mas, comissário, nunca sentiu vontade de parar com tudo? De ruminar que o mundo não seria nem pior nem melhor sem o senhor?

Sharko girava sua arma na mesa, dando tapinhas na coronha. Pensava em Atef Abd el-Aal... Nas oito hastes no tronco de árvore. Em todos aqueles de que se ocupara, com a certeza de que jamais recomeriam.

— Senti vontade de parar todas as vezes em que via um sorriso nos rostos dos canalhas que eu enjaulava. Porque nenhuma barra de ferro, nenhuma prisão, detém esse sorriso. Mais tarde, você topa com ele nas grandes lojas de departamentos, nas praças públicas, nas escolas, onde você estiver. Esse sorriso me faz vomitar.

Desceu violentamente a palma da mão sobre a arma, interrompendo todo o movimento. Seus dedos fecharam-se sobre o cano.

— Só lhe desejo uma coisa, Henebelle: que nunca cruze com esse sorriso amaldiçoado. Porque, quando ele entra em você, não sai nunca mais.

Lucie comprimiu os maxilares. Mirou o teto, num suspiro. As trevas voltavam, galopando.

— Obrigado, comissário. Aviso se houver qualquer novidade. Boa noite.

— Boa noite, Henebelle. Cuide-se.

Lucie desligou, melancólica.

Compreendeu então que a volta, para uma vida de mulher e mãe, seria difícil. Porque o tal sorriso mencionado por ele, ela vira muito cedo em sua jovem carreira.

E não era de hoje que aquilo roía suas entranhas...

[L]ucie teve uma noite agitada, entremeada por pesadelos. Certas imagens haviam aproveitado as horas mortas para assediá-la: a garota do balanço, o touro, os coelhos, Judith Sagnon, no filme, com seu olho perfurado, o ventre mutilado em forma de um grande olho negro.

Virando-se e revirando-se na cama, observando o relógio digital do televisor diluir cada um de seus minutos, tudo o que Lucie desejava era que o dia finalmente nascesse.

E nasceu. Às nove em ponto ela caminhava pelas ruas da maior cidade do Quebec, aproveitando o frescor da manhã para expulsar a dormência que lhe entorpecia os músculos.

A sede do Arquivo Nacional de Montreal ficava uma centena de metros do Vieux-Port, no coração de uma zona particularmente arborizada. Tratava-se de um edifício do governo, estilo neoclássico, com grandes pedras brancas e colunatas poderosas, que, no passado, abrigara a Escola de Comércio.

Quando Lucie entrou, com a mochila repleta de frutas do hotel, uma garrafa d'água, bloco e caneta, teve a impressão de ser uma formiga perdida num deserto de papel. Nas palavras da primeira técnica em documentação que encontrou, aninhavam-se naquelas paredes, sob aqueles elevados tetos esculpidos e lustres magníficos, mais de vinte quilômetros de dados, distribuídos entre arquivos privados, governamentais e civis. Ali era possível conhecer a vida de famílias ilustres da história de Montreal e do Quebec, como Papineau, Lacoste, Mercier, bem como, naturalmente, encontrar informações sobre imigração, educação, energia, turismo, assuntos jurídicos, sem esquecer os nove milhões de fotografias ou os duzentos mil desenhos, mapas, planos... Uma cidade de papel dentro da cidade de aço e cimento.

Para se orientar, Lucie preparara, em poucas palavras, uma lista completa do que desejava. Apresentou-se como policial francesa, em busca de uma pessoa cuja foto ela possuía. A mulher que a recebera encaminhou-a a outra pessoa, especialista no Quebec dos anos cinquenta. O crachá espetado em seu vestido branco indicava Patricia Richaud.

Lucie explicou-lhe brevemente o objetivo de sua visita.

— Muito bem, estou procurando uma menina que certamente foi para um convento ou orfanato nos anos cinquenta. Se quiser uma data precisa, eu diria 1954 ou 1955. O estabelecimento era provavelmente nos arredores de Montreal. Também possuo o nome de uma freira com quem ela teria estado em contato: a irmã Marie du Calvaire.

A técnica em documentação considerou a fotografia da menina no balanço e convidou Lucie a acompanhá-la.

— Sabe quantas irmãs Marie du Calvaire houve nessa época? Infelizmente, esse dado não ajudará muito.

Richaud tinha uns cinquenta anos, cabelos claros presos num rabo de cavalo e pequenos óculos de armação redonda. As duas mulheres avançaram ao longo de intermináveis corredores,

que nada tinham a ver com a imagem vetusta que se fazia daquele tipo de instituição. Linhas claras, depuradas, design futurista. Havia inclusive visitas guiadas: grupos já circulavam atrás de um guia, no coração da imensa biblioteca. Lucie teve a impressão de andar durante uns bons cinco minutos, subindo e descendo escadas, antes de alcançar uma minúscula sala redonda, sem janelas, iluminada por luzes frias. Os dossiês estendiam-se por centenas e centenas de escaninhos, superpostos ao longo de vários metros de altura e acessíveis por meio de uma escada com rodinhas. A policial pôde ler, entre outras coisas: “Tribunal dos Jovens Delinquentes (1912-1958)”, “Tribunal do Bem-Estar Social (1950-1974)”... A arquivista parou no meio da sala.

— Bom. A meu ver, é nessa sala que a senhorita terá maiores probabilidades de encontrar o que procura. A maioria desses dossiês refere-se a órfãos com menos de dezesseis anos. Os documentos do Tribunal dos Jovens Delinquentes, por exemplo, dizem respeito a crianças abandonadas ou deixadas pelos pais em circunstâncias suscetíveis de transformá-las em delinquentes.

Lucie apontou para outro recanto do gabinete, que a interessava mais particularmente: “Comunidades Religiosas (1925-1961)”. Aproveitou enquanto a mulher tomava fôlego:

— E isso?

Richaud começou a apalpar instintivamente sua medalhinha, que pendia de uma corrente de ouro.

— A senhorita tem sorte, são arquivos que chegaram há poucas semanas, inacessíveis até recentemente, pois encontravam-se nas instituições religiosas. Mas a província do Quebec tem se desviado cada vez mais de sua religião, em prol de um mundo bombardeado pelo modernismo, e essas instituições estão fechando, uma após outra, por insuficiência de recursos. Então adquirimos todos os seus arquivos, uma vez que elas não têm mais onde guardá-los.

Suspirou.

— Como pode constatar, são muitos dossiês, pois eles abrangem igualmente os orfanatos das cidades e regiões circunvizinhas. Essas comunidades religiosas eram bastante concorridas na época, acolhendo, sobretudo, órfãos ilegítimos.

— Ilegítimos? Pode ser mais precisa?

Como se não escutasse, a especialista foi até um conjunto de gavetas metálicas. Abriu uma delas, que continha um sem-fim de fichas em papel-cartão.

— Aqui está o índice. Se soubesse o nome da criança, encontraria rapidamente o dossiê correto, coisa de cinco minutos. Porém, considerando as poucas informações de que dispõe, melhor consultar por ano de matrícula ou por instituição, nas outras gavetas, ali. Elas contêm o registro de entrada das crianças. É provável que encontre as mesmas identidades em diversos estabelecimentos e em períodos diferentes, pois, na época, as transferências eram muito comuns, os órfãos nunca permaneciam muito tempo no mesmo lugar. Uma vez tendo a ficha de uma pessoa específica em mãos, você pode procurar o dossiê correspondente, para comparar as fotos. Pronto, agora me vou. Não hesite em usar o telefone, logo ali, para qualquer pergunta.

— Esse telefone faz ligações externas? Meu celular parou de funcionar.

— Sim, mas será cobrada. E ligue para a recepção antes de sair, para não se perder.

Lucie interpelou-a antes que a mulher a deixasse.

— A senhora não me respondeu. Quem são essas crianças ilegítimas?

Patricia Richaud tirou seus diminutos óculos redondos e limpou-os meticulosamente com uma flanelinha.

— Como o nome sugere, trata-se de crianças nascidas fora do casamento. A senhorita é policial, foi o que disse? O que está procurando, exatamente?

— Devo admitir que eu mesma não sei.

— Caso se aventure pelo passado do Quebec, por favor, não o faça de maneira leviana. Esse período já foi suficientemente negro, e todo mundo tenta esquecê-lo por aqui.

— Do que está falando?

Ela saiu rapidamente, batendo a porta. Lucie deixou a mochila sobre uma mesa redonda. O que aquela mulher teria querido dizer? Um período negro... Haveria alguma relação com suas investigações?

Deu um suspiro e olhou à sua volta.

— Bom... Mãos à obra...

Tomou coragem e, ignorando o sobrenome, atacou imediatamente os registros, agrupando as crianças por ano. Refletiu rapidamente: o filme fora revelado em 1955, a garota devia ter mais ou menos oito anos. Pouco provável que tivesse sido admitida naquele ano, uma vez que ela parecia conhecer bem o ambiente, as pessoas. E a especialista em leitura labial observara uma ligeira evolução em seu crescimento. Lucie começou então pelo ano anterior, 1954.

— Santo Deus...

Só para o ano de 1954 havia uma lista com três mil setecentas e doze admissões nas diversas instituições religiosas da região. Um verdadeiro êxodo de crianças.

Lucie concentrou-se em sua tarefa. Dispunha em primeiro lugar de um valioso prenome. Algumas sílabas decodificadas a partir dos lábios de uma garota que aparece num antigo curta-metragem em preto e branco. Abriu sua caderneta de anotações e consultou o que havia escrito no outro dia, durante a reunião com seu comandante e a especialista em leitura labial: “O que aconteceu com Lydia?”

Lydia...

Lucie pegou as trinta listagens do ano de 1954 e mergulhou na leitura das identidades, classificadas em ordem alfabética de sobrenomes. Meninos e meninas misturados. Constavam apenas, de forma manuscrita, sobrenome, prenome e idade, bem como o número do dossiê correspondente.

Na primeira “Lydia” com que se deparou — Lydia Marchand, sete anos —, Lucie pensou ter encontrado. De posse do número de seu dossiê, precipitou-se na direção das muralhas de papéis e retirou a pasta em questão, abrindo-a. A fotografia de identidade não correspondia às das outras meninas, que ela imprimira a partir do filme. Talvez Lydia não houvesse participado do massacre dos coelhos...

Lucie não desistiu. O importante, no caso, era a instituição indicada, à qual Lydia pertencia: “Convento das irmãs do Bom Pastor do Quebec”. A policial retornou às gavetas, encontrou a pasta correspondente àquele estabelecimento e dela retirou as fichas das internas, em número de trezentas e quarenta e sete.

Trezentas e quarenta e sete crianças internadas. E todas meninas.

Para descobrir a garotinha do balanço, a amiga de Lydia, não havia escolha a não ser percorrer manualmente os trezentos e quarenta e sete dossiês e comparar as fotografias de identidade de cada documento com as imagens que trouxera.

A manhã transcorreu, sem sucesso. Não era aquela Lydia... Primeiro golpe no moral. Tomando consciência da amplitude da tarefa, Lucie pegou uma maçã na bolsa e alongou o pescoço. Seus olhos já começavam a ficar vermelhos. A luz fria, opressiva e aqueles sobrenomes tão pequenos escritos um atrás do outro não eram o ideal. Será que estava mesmo na cidade certa?

Tinha de estar. Tudo a conduzia para ali, Montreal.

Às 13h15, atacou o ano de 1953. Por volta das cinco horas da tarde, após duas bananas e uma ida ao toalete, começava o ano de 1952. Mais uma vez topou com uma enésima Lydia, que a levou a outra instituição religiosa, Hospital Beneficente de Montreal.

Mecanicamente, Lucie pegou a volumosa pilha de dossiês relativos ao estabelecimento e concentrou-se na última busca do dia. Os arquivos fechavam às sete da noite e, de toda forma, sua cabeça estava prestes a explodir. Sobrenomes, sobrenomes, sobrenomes sem fim.

Quando abriu o dossiê, a três quartos do maço de documentos, e percebeu a fotografia colada e sentiu um nó na garganta.

Era ela, a garota do balanço.

Alice Tonquin.

Três anos separavam a foto do dossiê do fotograma impresso a partir do filme, mas Lucie não tinha qualquer dúvida. Os olhos profundos, penetrantes, o rosto oval...

Alvorçada, a jovem policial percorreu o punhado de informações do dossiê. Alice Tonquin, nascida no Irmãos da Misericórdia em Montreal, em 1948... Lá residiu até a idade de três anos... Foi transferida para as Pequenas Franciscanas de Maria, em Baie-Saint-Paul, onde permaneceu por dois anos... Em seguida, chega ao Hospital Beneficente de Montreal, em 1952, logo... Fim de percurso, ou melhor, o restante devia esconder-se em outro dossiê, uma vez que aquele que ela estudava correspondia unicamente à entrada no Hospital Beneficente.

Os detalhes, escassos, eram puramente administrativos, mas pouco importava: Lucie enfim tinha em mãos a identidade que procurava. Fez anotações, circulou “Hospital Beneficente de Montreal” e dirigiu-se ao telefone da sala.

Ligou para seu chefe, Kashmareck, que, desde o início da investigação, fizera vários contatos com a Sûreté do Quebec. Pediu que voltasse a eles e obtivesse mais informações sobre Alice Tonquin e Lydia Hocquart.

À espera do retorno da ligação, avisou, igualmente por telefone, a Patricia Richaud que podia vir buscá-la dali a meia hora. O tempo de arrumar toda a papelada.

Na calma do gabinete, Lucie deixou-se cair na cadeira, jogando a cabeça para trás. Em seguida, bebeu até a última gota d'água de sua garrafa.

Missão cumprida... Uma fotografia, uma simples fotografia fizera com que remontasse no tempo e se aproximasse de seu objetivo. Pensou em Alice, aquela anônima, que, agora, deixara de sê-lo. Uma pequena órfã, sem pai nem mãe, catapultada de hospital para convento, sem

laços, referências, nada. Criada na frieza da instituição religiosa: preces nas refeições, tarefas domésticas, noites no dormitório e vida austera, na ordem e na obediência a Deus. Qual teria sido seu futuro, com aquele início de vida tão catastrófico? Como crescera? O que acontecera naquela maldita sala, com todos aqueles coelhos? Do fundo de seu coração, Lucie torcia para que as respostas não tardassem. Precisava expulsar de uma vez por todas com aqueles pensamentos e rostos que a assombravam dia e noite. Alice iria desvendar-lhe seus segredos.

O telefone da sala tocou vinte e cinco minutos depois, quando ela arrumava as últimas pastas. Era Kashmareck. Lucie atendeu e não lhe deu tempo de falar:

— Diga-me se tem alguma coisa!

Pela maneira como ele pigarreou, Lucie compreendeu imediatamente que estava diante de um novo fracasso.

— Sim, tenho alguma coisa, mas nada de extraordinário. Em primeiro lugar, não há vestígios dessa Alice Tonquin. Nem no Canadá, nem na França. Bom, os agentes da Sûreté dispõem de seu registro civil, estabeleceram seu nascimento num hospital de Trois-Rivières, mas isso não vai muito mais longe. Afirmaram que, nesses anos, era comum a perda de identidade. Com as numerosas transferências de instituição, difícil seguir um rastro, os papéis desapareciam com facilidade. Depois de 1955, ela provavelmente foi adotada por uma família com outro sobrenome, como a maioria das crianças da época. Se estiver viva hoje, é sob uma identidade desconhecida.

— Incrível, todo mundo parece informado a respeito dessas adoções em massa, menos nós. E Lydia Hocquart, a colega?

— Morreu em 1985, num hospital psiquiátrico, em consequência de uma parada cardíaca. Sofria de graves distúrbios de comportamento e seu coração não resistiu aos medicamentos, que usava regularmente.

— Peça que lhe mandem todas as informações e as encaminhe para o meu e-mail! Qual era o nome do hospital de Lydia?

— Espere... Aqui está, Saint-Julien de Saint-Ferdinand d'Halifax.

— E há quanto tempo ela estava nesse hospital?

— Não faço ideia. É assunto médico e confidencial. Sabia que normalmente sou eu que faço as perguntas?

A porta se abriu atrás de Lucie. Patricia Richaud inspecionou silenciosamente o recinto, certificando-se de que estava tudo em ordem.

— Nos falamos — despediu-se Lucie.

Desligou, mordendo o lábio. Graves distúrbios de comportamento... hospital psiquiátrico...

A voz rouca da arquivista arrancou-a de seus pensamentos.

— Teve sorte?

Lucie sobressaltou-se.

— Ehh... Sim, sim... Encontrei o nome que procurava, bem como o de seu último abrigo conhecido, o Hospital Beneficente de Montreal.

— A congregação das Irmãs Cinzentas...

— Perdão?

— Digo apenas que essa instituição abriga uma congregação religiosa católica romana, ainda hoje conhecida como as Irmãs Cinzentas. Seu hospital foi comprado pela universidade de Montreal, os jornais falaram muito sobre o caso estas últimas semanas. As irmãs terão de se transferir para a ilha Saint-Bernard, mas, por enquanto, a maioria delas continua ocupando a ala B do hospital, recusando-se a deixar o local. Elas já haviam transferidos os arquivos para cá, o que lhe permitiu encontrar o que procurava.

As Irmãs Cinzentas... Só o nome já deixava Lucie arrepiada. Imaginava rostos de pedra, olhos de mercúrio fosco.

— Tem como providenciar a lista das irmãs que continuam lá?

Lucie pensava na irmã Marie du Calvaire. Richaud franziu o cenho.

— Sim, isso é exequível.

— Explique-me também, por favor, o que significa esse período negro no seu país. Eu gostaria de saber do que se trata, com bastante precisão.

A funcionária pareceu congelar por alguns segundos. Descansou um pesado molho de chaves sobre a mesa e varreu com o olhar as montanhas de papéis.

— Tudo gira em torno desses milhares de crianças, senhorita. Uma geração inteira de menores sacrificados, torturados, cujo único vestígio é o que resta aqui, nesta sala. Ficaram conhecidos como os órfãos de Duplessis.

Dirigiu-se à porta.

— Já volto com a sua lista.

[U]ma hora da manhã, hora francesa. Já era noite quando Sharko recebera, em sua caixa de e-mails, a listagem das pessoas presentes à reunião anual da rede mundial para a segurança das injeções, SIGN, realizada no Cairo, em 1994.

O comissário imprimira o documento e voltara à mesa da cozinha, iluminada por uma luz discreta. Do lado de fora do prédio, precisavam acreditar que ele estava dormindo.

Segundo as informações fornecidas pelo Ministério da Saúde, o congresso estendera-se de 7 a 14 de março de 1994, na capital egípcia. Os participantes, passados no crivo, haviam chegado e partido num avião especialmente fretado pelo governo egípcio. Não se tratava da via diplomática, mas não estava longe disso.

Coincidência perturbadora, os assassinatos haviam acontecido entre 10 e 12 de março, em pleno desenrolar do congresso. Segundo o perfil delineado no início da investigação, um dos assassinos era uma pessoa com conhecimentos em medicina. Cetamina, amputação dos crânios, enucleação dos olhos... O problema com aquela listagem era que todos os duzentos e dezessete franceses presentes no Egito na ocasião — omitindo os das associações de ajuda humanitária, outro assunto — tinham noções de medicina, e o termo noção era bastante insuficiente para designá-los. Neurocirurgiões, professores de psiquiatria, estudantes de medicina, pesquisadores e diretores do CNRS, biólogos, a maioria dos quais, na época, residia em Paris e arredores. A nata da pesquisa francesa. Indivíduos aparentemente inatacáveis.

Duzentas e dezessete vidas — cento e dezesseis homens e cento e uma mulheres — a serem minuciosamente dissecadas, partindo de suposições feitas quinze anos antes.

Tão logo se viu de posse dos papéis, Sharko teve a convicção crescente de que um daqueles indivíduos, informado do fenômeno de histeria coletiva que golpearia o Egito em 1993, provavelmente aproveitara a realização do congresso, um ano mais tarde, e viajara até lá com o único objetivo de massacrar três garotas inocentes e extrair seus cérebros e olhos.

O nome do assassino ou dos assassinos devia ocultar-se naqueles papéis.

As perguntas que o atormentavam, tarde da noite, as incursões de Eugénie e a tensão perceptível no apartamento impediam-no de se concentrar a fundo na listagem. Sua cabeça parecia prestes a explodir.

Sharko suspirou. Terminou seu chá de hortelã, o olhar no vazio. O exército, a medicina, o cinema, aquela história de síndrome E... O policial sabia-se diante de um caso que ia muito além de uma perseguição clássica. Alguma coisa de monstruoso, que ele jamais vivera até então.

E já enfrentara mais monstruosidades do que podiam contar nos dedos das mãos.

No meio da noite, seus sentidos em alerta mobilizaram-se subitamente na direção da porta da entrada.

Um ruído ínfimo, metálico, perfurou o silêncio do corredor.

Imediatamente, Sharko apagou a luz e empunhou sua Sig.

Eles estavam ali.

Por baixo da porta, percebeu, muito fugazmente, o facho de uma lanterna, antes do retorno do breu completo.

Com os dentes cerrados, ergueu-se da cadeira e guiou-se às apalpadelas até a sala.

Do outro lado da porta, o assoalho de linóleo começou a guinchar ligeiramente. Sharko apoiou-se na beirada do sofá e se abaixou, a arma apontada às cegas à sua frente. Poderia atacar de frente, de surpresa, mas ignorava quantos eram. De uma coisa ele tinha certeza: eles raramente andavam sozinhos.

Os guinchos cessaram no corredor do lado de fora. As palmas da mão do policial estavam úmidas na coronha da arma. Pensou subitamente nas fotografias do cadáver do restaurador de filmes: o corpo pendurado, com os intestinos extirpados e recheado com película de filme. Um destino pouco invejável.

A maçaneta girou, muito lentamente, antes de voltar à posição inicial. Nos segundos seguintes, Sharko ficou esperando que eles atacassem a fechadura e entrassem em sua casa, armados com facas ou silenciadores.

O tempo estendeu-se, interminável.

De repente, ouviu algo roçando, sob a porta.

Os guinchos recomeçaram, afastando-se em seguida, numa cadência regular.

Sharko então investiu na direção do trinco, que abriu com um gesto preciso. No segundo seguinte, estava no corredor, o cano da arma apontado. Com o pulso, apertou um interruptor e, voando, alcançou a escada. Lá embaixo, a porta da entrada batia. Sharko desceu correndo os degraus, dois a dois, quase em apneia. O hall, depois a rua. Uma longa fileira de postes com a luz lívida recebeu-o no meio-fio. Olhou à esquerda, à direita, nem um cão. Apenas o murmúrio de uma brisa e o arfar da noite.

Às suas costas, a porta do prédio bateu, sem fechar por completo. Sharko notou a presença de um pedacinho de papelão preso com durex na ranhura, impedindo a lingueta de entrar. Aqueles indivíduos decerto haviam instalado seu sistema no final do dia, após a passagem de um dos moradores do prédio. O que lhes permitia entrar a qualquer hora sem precisar recorrer ao interfone. Primário, mas astucioso.

O policial subiu novamente correndo até seu apartamento. Acendeu a luz, trancou a porta à chave e, com o pé, empurrou para a sala o envelope branco que tinha sido enfiado por baixo da porta. Só o recolheu depois de vestir um par de luvas de látex, que possuía em caixas de cem debaixo da pia. Melhor se prevenir.

O envelope parecia fino, leve, semelhante aos utilizados para cartas comuns. Sharko examinou-o em todas as direções, depois, coração na boca, abriu-o com a lâmina de uma faca.

Tinha uma intuição horrível.

Dentro, apenas uma fotografia.

Estampava Lucie Henebelle e ele mesmo, saindo de seu apartamento. No dia seguinte à noite em que ela dormira lá.

A cabeça de Lucie estava cingida por um feltro vermelho.

Sharko correu até o celular e digitou alucinadamente o número da moça.

Nenhum toque, como se o número não existisse.

Eram eles, Sharko tinha certeza. De um jeito ou de outro, haviam neutralizado o chip do celular dela.

No minuto seguinte, com os dedos trêmulos, digitava o número do hotel Delta Montreal. Foi informado de que não havia ninguém no quarto da Srta. Henebelle, e a chave estava no escaninho da recepção. Sharko avisou à recepcionista que tinha uma mensagem urgente para transmitir a Lucie Henebelle, era imprescindível que ela retornasse a ligação assim que chegasse.

Desligou, as mãos na cabeça.

Julgara colocar Henebelle em lugar seguro, do outro lado do oceano.

Mas isolara-a completamente.

Para precipitá-la na boca do lobo.

* * *

Meia hora depois, sem saber o que fazer, batia na casa de seu chefe, Martin Leclerc, que morava no 12° *arrondissement*, próximo à Bastilha.

Ainda não eram duas horas da manhã.

[D]ezito horas haviam se passado. Lucie instalara-se diante da arquivista, naquele gabinete com cheiro de papéis velhos e histórias remotas. Patricia Richaud triturava nervosamente sua pequena medalha, uma imagem da Virgem Maria, enquanto Lucie percorria a lista das religiosas que permaneciam no Hospital Beneficente de Montreal. Reinava uma atmosfera ao mesmo tempo singular, pesada e elétrica naquele antro esquecido.

Lucie esmagou o indicador sobre a listagem.

— Ela continua lá. Irmã Marie du Calvaire... Oitenta e cinco anos. Vivinha.

Ela recuou em sua cadeira, com um suspiro de alívio. Aquela velha sob as ordens de Deus convivera com Alice Tonquin. Sem dúvida conhecia parte da verdade.

Satisfeita, Lucie concentrou-se novamente. Patricia começara sua história:

— Durante esses anos que a interessam, não se perdoava uma mulher que desse à luz uma criança fora do casamento. As mulheres que infringiam essa norma eram consideradas transgressoras, pecadoras que os próprios pais rejeitavam. Em virtude disso, as adolescentes grávidas faziam qualquer coisa para esconder seu erro, saindo da cidade por vários meses, para dar à luz secretamente, protegidas pelos muros de instituições religiosas.

Lucie circulava inconscientemente as palavras *Alice Tonquin* anotadas em sua caderneta. O rosto da garota não lhe saía da cabeça, sabia que aquele velho filme visto no primeiro dia, na sala de seu ex-namorado Ludovic, continuaria a assombrá-la por muito tempo.

— E elas largavam os filhos por lá — murmurou.

Richaud confirmou com um aceno de cabeça.

— Sim, o bebê passava então às mãos das religiosas. A finalidade era que, mais tarde, o órfão crescesse numa boa família e tivesse todas as oportunidades na vida. Contudo, a partir da crise dos anos trinta, a taxa de adoção caiu consideravelmente. A maioria dessas crianças cresceu e permaneceu nas instituições. Isso gerou a necessidade de construir mais creches, conventos, orfanatos, hospitais. A Igreja começou a influir cada vez mais no governo. Progressivamente, foi ampliando seu poder sobre instituições como a saúde, a educação, a assistência social... A Igreja era onipresente.

Lucie não vira quase nada de Montreal, mas lembrava-se dos inumeráveis monumentos religiosos convivendo com os arranha-céus da IBM ou os gigantescos conglomerados financeiros. Uma cidade marcada por uma pesada história católica, que nem o modernismo nem o capitalismo conseguiam disfarçar.

— A chegada ao poder de Maurice Duplessis, em 1944, marcou o começo de um período importante da história política do Quebec. Período que viria a ser conhecido como “anos de chumbo”. O governo Duplessis privilegiava a luta anticomunista, o emprego da força contra os sindicatos e uma máquina eleitoral invencível. Não raro seu partido contava com o apoio ostensivo da Igreja católica romana nas campanhas eleitorais. E a senhorita conhece o poder da

Igreja...

Lucie empurrou a fotografia de Alice para a arquivista.

— Onde entram os órfãos em tudo isso? O que essa garotinha de oito anos tem a ver com essa história?

— Já vou chegar lá. Entre 1940 e 1950, as crianças entregues aos orfanatos vinham, em sua maioria, de famílias divididas, incapazes de zelar por elas. As famílias pagavam certa quantia aos orfanatos pela guarda de sua prole. Quantias bem superiores às verbas governamentais. Até determinado momento, o sistema funcionou, a Igreja acumulava dinheiro e podia desenvolver suas atividades de benemerência. Mas a chegada em massa dos órfãos ilegítimos gerou um sério problema, pois, de um lado, eles inchavam as instituições e, o principal, ninguém pagava nada, exceto o Governo Federal, que oferecia um *per diem* ridículo de setenta *cents* por cabeça. Compreenda bem que esses ilegítimos tinham de ser alojados e alimentados, além de receber o ensino ao qual todo ser humano tem direito. A despeito dos magros recursos financeiros, as religiosas tentaram criar e educar esses órfãos, na dor e na pobreza. Independentemente do que tenha acontecido, ninguém jamais poderá criticá-las por falta de bravura. Elas não eram responsáveis...

Fez uma pausa, olhando para lugar nenhum, antes de prosseguir com a explicação.

— ... Paralelamente a isso, a Igreja criou, em 1950, o Hospital do Mont-Providence, uma escola especializada na educação de órfãos com ligeira deficiência mental. O objetivo da instituição era educar essas crianças e estimular sua inserção social. Em 1953, contudo, o hospital-escola estava à beira da falência. As comunidades religiosas acumulavam dívidas de mais de seis milhões de dólares com o Governo Federal, que exigiu a quitação. As religiosas viram-se num impasse e recorreram ao governo provincial. E foi nesse momento que tudo desmoronou, o inferno desceu à terra e o Quebec viveu o período mais sombrio de sua história.

Lucie escutava atentamente. Estavam, mais uma vez, exatamente no período que lhe interessava, o início dos anos cinquenta. Mesmo transpirando, não conseguiu reprimir um calafrio. Patricia Richaud falava agora com uma voz fria, quase didática:

— Maurice Duplessis autorizou determinada manobra que permitia a transformação desse hospital, que recebia deficientes mentais em estágio brando, num verdadeiro asilo de loucos. Por quê? Porque, num hospício, o *per diem* pago pelo governo passa de nada para dois dólares e vinte e cinco *cents* por pessoa. Porque num hospício não havia mais necessidade de dar aulas e, por conseguinte, de gastar dinheiro com educação. Porque o estatuto do hospital psiquiátrico permitia que essas crianças fossem usadas como mão de obra gratuita, desrespeitando os direitos humanos. Crianças sadias, que cuidavam das crianças doentes, faziam a faxina, preparavam a comida, estavam subordinadas às religiosas, aos enfermeiros, aos médicos. Quer dizer, do dia para a noite, as internas da escola especializada do Mont-Providence acordaram num asilo de loucos...

Loucos... A loucura... A horda de crianças que se põe a massacrar os animais, com os olhos carregados de um ódio incompreensível. Lucie sentiu seus músculos retesarem.

— ... Foi então que todo um sistema monstruoso que se instalou. A partir desse momento o governo passou a estimular a construção de hospitais psiquiátricos ou a transformar antigos estabelecimentos em hospícios. Saint-Charles de Joliette, Saint-Jean-de-Dieu de Montreal,

Saint-Michel-Archange de Quebec, Sainte-Anne de Baie-Saint-Paul, Saint-Julien de Saint-Ferdinand d'Halifax... E muitos outros. Não sabiam o que fazer com os tais órfãos ilegítimos, os quais se tornariam as infelizes vítimas do governo Duplessis. As religiosas enclausuradas, impotentes, não tiveram escolha senão curvar-se às regras ditadas pelas madres superiores.

Suspirou novamente. Suas palavras pesavam cada vez mais. Lucie anotou e circulou Saint-Julien de Saint-Ferdinand d'Halifax..., onde Lydia morrera. Seria possível que, desde a infância, aquela mulher nunca tivesse deixado a instituição? Teria o massacre dos coelhos acontecido lá, naquela época?

— Entre os anos quarenta e sessenta, sob os auspícios do governo, médicos do Quebec contratados por comunidades religiosas falsificaram os prontuários dos órfãos ilegítimos. Declararam-nos “débeis mentais” e “retardados mentais”. Instantaneamente, milhares de crianças sadias viram-se internadas em asilos, misturadas a verdadeiros loucos, e isso por anos a fio. Simplesmente porque tiveram o infortúnio de nascer ilegítimas. Mesmo depois de adultas, essas crianças continuaram sendo chamadas de órfãos de Duplessis.

O que Lucie descobria estava além do entendimento. Uma alienação em massa, com grande ajuda de boletins médicos fraudados e financiamentos ocultos.

— A senhora quer dizer que esses órfãos de Duplessis estão identificados? Que estão... vivos?

— Alguns, sim, claro, embora vários deles tenham morrido, ou se transformado em verdadeiros doentes mentais, por causa dos tratamentos, das reprimendas, de tudo o que sofreram durante todos esses anos. Uns cem indivíduos formaram uma associação. Há anos pedem reparação ao Estado e à Igreja. Mas é uma luta muito, muito demorada.

Lucie estava nauseada. Pensou nas imagens do filme, nas palavras da atriz, Judith Sagnol, naquela sala branca e asséptica, onde o massacre ocorrera, no médico misterioso, presente ao lado do cineasta... Não restava dúvida de que Alice Tonquin e Lydia Hocquart haviam sido órfãos de Duplessis. Meninas saudáveis declaradas loucas pelo sistema.

Lucie encarou a arquivista.

— E... Ouviu falar em experimentos nesses hospícios? A expressão síndrome E lhe diz alguma coisa?

Patricia cerrou os lábios. Enfiara discretamente sua medalhinha e a corrente sob o vestido.

— Nunca ouvi falar desta síndrome E. Mas há duas coisas que a senhorita deve saber. Uma vez que mergulhamos nas trevas, vamos até o fim. No início dos anos quarenta, e até os anos sessenta, uma lei aprovada pela Assembleia Legislativa do Quebec passou a permitir à Igreja católica romana vender os cadáveres dos órfãos mortos no interior de seus muros às escolas de medicina.

— Isso é repugnante.

— O dinheiro leva às piores monstruosidades. Mas isso não é tudo. A senhora me fala de experimentos, enquanto eu lhe falo de cobaias, senhorita. Pacientes adultos, vivos, sacrificados com finalidades experimentais, no centro dos hospícios. Estou falando do envolvimento do governo americano no período negro do Quebec.

Lucie engasgou, os olhos pregados na fotografia de Alice. Pensava em Clara, em Juliette... Sentia uma vontade intensa e brutal de ouvir a voz das filhas, tocá-las, abraçá-las. Mexeu

nervosamente em seu celular sem sinal.

— Que tipo de experimentos? Procedimentos parecidos com... o que os nazistas faziam com os deportados?

Uma curta campainha ressoou na sala. Lucie teve um sobressalto. Eram sete horas da noite, as portas do Arquivo iam fechar.

Patricia Richaud levantou-se, pegou seu molho de chaves e fitou Lucie nos olhos.

— A CIA, senhorita. Estamos falando da CIA.

[F]ulminada diante de tais revelações, Lucie sentou-se num banco, no parque arborizado em frente ao Arquivo Nacional. Naquele início de noite, o lugar estava deserto, numa calma olímpica para uma grande cidade. Colocou sua mochila sobre os joelhos e massageou o rosto.

A Agência Central de Inteligência americana, envolvida no caso. O que isso significava? Qual a relação entre o governo dos Estados Unidos e pacientes internados em hospitais canadenses?

Wlad Szpilman tivera alguma intuição a partir de seus livros, documentários e pesquisas, Lucie tinha íntima convicção disso.

Tentou fazer um paralelo com sua investigação, acrescentar peças ao quebra-cabeça. Pensou naturalmente no diretor do filme, Jacques Lacombe. Exilado em Washington em 1951, em circunstâncias bem estranhas. A vedete Judith Sagnol falara de um contato no outro lado do Atlântico, de uma pessoa que desejava trabalhar com Lacombe. Quem? Em seguida, Jacques Lacombe chega a Montreal, em 1954. Um *americano*, que de repente pulou para o território canadense, exatamente como a CIA.

E se Lacombe tivesse alguma coisa a ver com a CIA? E se sua modesta ocupação como projecionista não tivesse passado de uma cobertura?

Inúmeras perguntas, girando, girando, girando...

Lucie consultou seu relógio, impaciente. Eram sete e dez da noite. Patricia Richaud iria encontrá-la dentro de vinte minutos, o tempo de fazer o fechamento e terminar suas tarefas do dia. Ia lhe dar um início de explicação sobre aqueles rumores sobre o envolvimento da espionagem americana em experimentos com seres humanos.

Completamente absorta em seus pensamentos, Lucie não percebeu a chegada de um indivíduo atrás de si. O homem instalou-se rapidamente a seu lado e sacou um revólver do casaco.

— Levante-se e siga-me sem criar caso.

Lucie ficou da cor de cera. O sangue pareceu sumir de seu corpo.

— Quem é você? O que...

Ele apertou mais o cano contra Lucie. Sua testa suava. Um gesto e ele atiraria. Lucie tinha certeza disso.

— Não vou repetir.

Sotaque americano. Forte, casa dos cinquenta. Usava um gorro preto com os dizeres *Nashville Predators* e óculos escuros sem grife. Sua boca era fina, cortante como folha de palmeira.

Lucie levantou-se, o homem postou-se atrás dela. A policial procurou transeuntes, testemunhas, em vão. Desarmada, sozinha, nada podia fazer. Andaram cerca de cem metros, sem cruzar com viva alma. Um Jeep Datsun 240Z esperava sob os bordos.

— É a senhorita que vai dirigir.

Empurrou-a secamente para dentro. Lucie tinha um nó na garganta, perdia o sangue-frio. Os rostos de suas gêmeas rodopiavam diante de seus olhos.

Desse jeito, não, ela não parava de pensar. *Desse jeito, não...*

O homem instalou-se a seu lado. Apalpou-lhe os bolsos, as coxas, a lateral do corpo, à maneira de um profissional. Confiscou sua carteira, tirou dela o documento policial, o qual ele observou atentamente, depois desligou o celular. Lucie falou com uma voz pouco segura:

— Isso não serve para nada, parou de funcionar.

— Arranque.

— O que pretende? Eu...

— Arranque, eu disse.

Ela obedeceu. Deixaram Montreal pegando a ponte Charles de Gaulle.

Afastaram-se definitivamente das luzes da cidade.

[A]tônito, Martin Leclerc ia e vinha nervosamente em seu escritório. Segurava a fotografia de Lucie na ponta dos dedos.

— Que merda, Shark! Ficou maluco? Por que foi se meter com a Legião?

Sharko estava sentado no sofá, a cabeça nas mãos. O mundo desmoronava, esmagava-lhe o peito. Sofria pela linda mulher que precipitara à boca do lobo.

— Não faço ideia. Eu queria... desentocá-los. Dar um pontapé no formigueiro.

— Conseguii.

Leclerc também segurava a cabeça, os olhos para o teto, suspirando ruidosamente.

— Você sabe que não se chega a lugar nenhum com certezas, ainda mais contra sujeitos desse tipo! Provas! Precisamos de provas!

— Que provas? Fale!

Desesperado, furioso, Sharko pôs-se de pé e encarou o chefe:

— Assim como eu, você sabe que o coronel Chastel está metido nessa história. Abra um processo contra ele. Mohamed Aban queria alistar-se na Legião, foi encontrado enterrado com outros quatro corpos desconhecidos. Isso pode impressionar um juiz, se você usar a influência que tem. A vida de um policial está em jogo.

— Por que Henebelle? O que pretendem fazer com ela?

Sharko comprimiu os maxilares. Não parara de pensar naquela mulher pequena e loura um segundo sequer. Talvez por culpa dele, ela viesse a sofrer o calvário que ele mesmo conhecera no deserto do Egito. A tortura...

— Vão querer usá-la como moeda de troca. Ela em troca das informações sobre a síndrome E, coisa que não faço ideia do que seja. Eu blefei.

Leclerc balançava a cabeça, maxilares cerrados.

— E esse Chastel teria sido estúpido a ponto de atacar abertamente e se expor tão ingenuamente? Não teve medo de que nossas equipes esperassem os homens enviados à sua casa?

Sharko fitou o chefe e amigo bem no fundo dos olhos.

— Matei um homem no Egito, Martin. Foi legítima defesa, mas eu não podia contar. Fiquei à mercê dele, e Nureddin não teria errado. Forneci a Chastel as coordenadas do corpo. Estou nas mãos dele, assim como ele está nas minhas. É nosso pacto de confiança.

Martin Leclerc ficou um instante boquiaberto. Precipitou-se na direção de seu bar e serviu-se um copo de uísque, cuja metade bebeu de um trago.

— Porra...

Longo silêncio.

— Quem? Quem você matou?

Os olhos de Sharko turvavam-se. Em quase trinta anos, Leclerc raramente o vira naquele estado. Um sujeito no fim da linha, que esgotara seu fluido vital.

— O irmão do policial que estava investigando sobre as garotas assassinadas. Era uma de suas sentinelas. Mandara degolar o próprio irmão, estava prestes a me incinerar. Matei-o por... por acidente.

O rosto de Leclerc estava dividido entre a repulsa e a raiva.

— Os egípcios podem chegar até você?

— Teriam que ter achado o corpo. E, ainda assim, nada me liga a Abd el-Aal.

O chefe da Divisão de Repressão à Violência terminou seu copo. Fez uma careta e esfregou a boca com a mão espalmada. Sharko mantinha-se atrás dele, os ombros caídos sob o paletó amarrotado.

— Estou disposto a assumir, a pagar pela minha estupidez. Mas, antes, ajude-me, Martin. Você é meu amigo. Por favor.

Sharko estava perdido, desorientado. Leclerc aproximou-se de uma fotografia emoldurada, sobre um móvel: ele e a esposa, numa amurada com vista para o oceano. Ergueu-a e observou-a com vagar.

— Estou perdendo-a porque quis ser honesto até o fim. Achei que minha profissão contava mais que todo o resto. Enganei-me. O que essa policial fez para deixá-lo tão arrasado?

— Vai me ajudar?

Leclerc suspirou, pegando em seguida um envelope marrom numa gaveta. Estendeu-o a Sharko. No papel estava escrito: “Aos cuidados do senhor diretor da Polícia Judiciária.”

— Esqueça minha demissão, penso nisso quando tudo acabar. E você, tome de volta a fotografia e todas as suas palavras. Você nunca veio aqui esta noite. Nunca me falou nada.

Sharko pegou o envelope e apertou com sua mão pesada a do amigo.

— Obrigado, Martin.

Perdeu-se no ombro do chefe e não conseguiu represar as lágrimas. Leclerc deu-lhe um tapinha nas costas.

— Espero que ela valha realmente a pena.

— Oh, sim, Martin, ela vale a pena...

[A]o lado de Lucie, o indivíduo retirou finalmente os óculos escuros e os guardou no portafolhas, junto com o revólver.

— Não lhe quero mal. Desculpe meus modos um tanto bruscos, mas eu precisava que você me acompanhasse sem criar problemas.

Lucie sentiu a pressão deixar seu corpo. Enquanto prestava atenção na estrada, observou seu interlocutor. Suas retinas eram profundamente azuis, protegidas por grossas sobrancelhas grisalhas.

— Quem é você?

— Em frente. Conversaremos mais tarde.

Nomes de cidades desfilaram: Terrebonne, Mascouche, Rawdon. As zonas que eles atravessavam eram cada vez mais despovoadas. Seguiam por uma estrada com retas intermináveis, cercadas por florestas de bordos e resinosas a perder de vista. Cruzaram com poucos caminhões e carros. Anoiteceu. De vez em quando, percebiam remotos pontos luminosos, embarcações que deviam sulcar canais, lagos, rios. Haviam percorrido aproximadamente cem quilômetros quando o sujeito fez-lhe sinal para que entrasse numa alameda. Os faróis iluminavam troncos espessos e negros, cuja altura dava vertigem. Lucie sentia-se à beira do abismo, avistara apenas duas ou três habitações na última meia hora.

Um chalé despontou na escuridão. Quando Lucie, transtornada, pôs o pé na terra, ouviu o ruído furioso de uma correnteza. O sopro do vento frio agitou seus cabelos. O homem demorou alguns segundos, o olhar apontado para as trevas, mais profundas ali que em outros lugares. Ele destrancou a porta do chalé. Lucie entrou. O interior da habitação cheirava a carne de caça assada. Um fogão a lenha de dois andares reinava no fundo do cômodo, diante de uma ampla sacada envidraçada dando para as suaves cintilações da lua sobre a superfície de um grande lago. Num canto, varas de pescar, um velho arco, serrotes de lenhador, bem como moldes em madeira ao lado de personagens em açúcar de bordo.

Ofegante, o canadense deixou a arma na mesa e tirou o gorro, revelando um punhado de cabelos grisalhos. Parecia ainda mais velho e magro sem o casaco. Um homem cansado, erodido... era o que parecia.

— Só aqui podemos conversar tranquilamente, em segurança.

Abandonara o sotaque americano, falando com o do Quebec. Lucie compreendeu na hora, conhecia aquela voz.

— Você é o interlocutor com quem falei ao telefone, ligando do celular de Wlad Szpilman?

— Sim. Meu nome é Philip Rotenberg.

Novamente o sotaque americano. Um verdadeiro camaleão sonoro.

— Como...

— ...a encontrei? Tenho uma fonte bem posicionada e extremamente confiável na Sûreté do Quebec. Entrou em contato comigo assim que soube de seu pedido de comissão rogatória. Uma

jovem agente francesa, que pretendia fazer buscas no Arquivo Nacional de Montreal. Associei imediatamente ao famoso telefonema, alguns dias antes. Eu sabia a hora de sua chegada, seu hotel. Estou seguindo-a desde ontem. Certifiquei-me de que era confiável.

Rotenberg percebeu que Lucie parecia estar quase tendo um troço. Aproximou-se dela e a conduziu até um sofá, amparando-a.

— Água, por favor — pediu. — Não bebi nada, comi muito pouco. E não podemos dizer que o dia foi repousante.

— Oh, sim, desculpe-me. Naturalmente.

Precipitou-se para a cozinha e voltou com frios, pão, água, cerveja. Lucie tomou vários copos e comeu fatias de salaminho até recobrar um pouco de lucidez. Rotenberg abriu uma cerveja. Observava-a com atenção, as mãos ao redor da garrafinha.

— Em primeiro lugar, você deve saber quem eu sou. Trabalhei durante muito tempo num conhecido escritório de advocacia, dedicado à defesa das liberdades civis, em Washington, junto a Joseph Rauth, um grande, grande advogado. Esse nome lhe diz alguma coisa?

Washington... A cidade onde o cineasta Jacques Lacombe residiria...

— Absolutamente nada.

— Então, sabe menos do que eu pensava.

— Estou aqui, no Canadá, para obter respostas. Tentar... entender por que matam para confiscar um filme de mais de cinquenta anos atrás.

Inspirou profundamente.

— Quer saber por quê? Porque tudo está no filme, Lucie Henebelle. Porque, dentro dele, esconde-se a prova da existência de um programa secreto da CIA, que usou desafortunadas cobaias para levar a cabo seus experimentos. Esse programa fantasma, cuja existência todos ignoram até hoje, foi desenvolvido paralelamente ao projeto Mkultra.

Lucie passou a mão nos cabelos, alisando-os para trás. Mkultra... Entrevira esse termo, na biblioteca de Szpilman, em meio aos livros de espionagem.

— Sinto muito... Estou completamente desinformada.

— Nesse caso, tenho muito a lhe contar.

Philip Rotenberg dirigiu-se até o fogão, no qual ajeitou achas de lenha.

— Até mesmo em junho as noites são frias nas florestas boreais.

Quebrou um pouco de graveto, introduziu uma bucha e acendeu-a com um fósforo. Observou por alguns segundos o fogo pegar. Lucie, inusitadamente, sentia frio e massageava os antebraços.

— Em 1977, eu tinha apenas vinte e cinco anos... Escritório Rauth, Washington. Duas pessoas, pai e filho, apareceram na sala de Joseph. O filho, David Lavoix, tinha nas mãos um artigo do *New York Times*, e o pai parecia... perturbado, ausente. David Lavoix estendeu o jornal, que falava do projeto Mkultra. Talvez você não saiba, mas o *New York Times* havia lançado a bomba dois anos antes, em 1975, revelando que a CIA realizara, entre os anos 1950 e 1960, experimentos de controle mental sobre cidadãos americanos, a maior parte à revelia. Comissões de inquérito foram instituídas e o povo americano foi informado oficialmente da existência desse projeto ultrassecreto.

Apontou com o queixo na direção de uma ampla biblioteca.

— Está tudo ali. Milhares e milhares de páginas nos arquivos, acessíveis a qualquer cidadão. Já faz tempo que o acervo está aberto à consulta pública, não há mais nada de secreto no que estou lhe contando.

Philip Rotenberg saiu para procurar documentos. Encontrou rapidamente o *New York Times* da época e estendeu-o a Lucie.

— Veja a primeira página...

Lucie abriu o jornal. Uma reportagem de fôlego ocupava a primeira página. Algumas palavras estavam sublinhadas com marca-texto. *Dr. D. Ewen Sanders... Society for the Investigation of Human Ecology... Mkultra Project...*

— Nesse dia, Joseph Rauth perguntou a esse humilde Sr. Lavoix como seu escritório de advocacia poderia ajudá-lo. E então o filho Lavoix respondeu, quase com naturalidade, que desejava atacar a CIA. Só isso! “Por quê?” perguntou Joseph. O Sr. Lavoix apontou para o pai e anunciou friamente: “Por destruição mental e lavagem cerebral dos cem pacientes adultos do Allan Memorial Institute da Universidade Barley, em Montreal, nos anos 1950...”

Atrás dele, o fogo desfraldava-se, os gravetos estalavam ruidosamente. No meio de lugar nenhum, no coração daquele Quebec selvagem e desconhecido, Lucie sentia-se atarantada. Terminou pegando uma cerveja e abrindo-a. Precisava absolutamente desatar as entranhas.

— Montreal, sempre Montreal — disse.

— Sim, Montreal... No entanto, essa matéria do *Times* não fala de Montreal ou do Canadá. Explica simplesmente que nos anos cinquenta a CIA criara numerosas organizações de fachada para desenvolver pesquisas sobre lavagem cerebral, entre elas a SIHE, Society for the Investigation of Human Ecology. Não há nada de extraordinário nisso, apenas mais uma revelação sobre o projeto Mkultra, como o *New York Times* já vinha fazendo há meses. Mas observe aqui, essa identidade sublinhada...

— Dr. Ewen Sanders. Diretor de pesquisas da SIHE.

— Ewen Sanders, sim. Ora, segundo o Sr. Lavoix, um certo Ewen Sanders era, alguns anos antes, o psiquiatra-chefe responsável pelo Memorial Institute de Montreal. O estabelecimento no qual o pai de David Lavoix, o ser amorfo que mantinha-se à nossa frente no escritório, entrara para tratar uma simples depressão e do qual, muitos anos mais tarde, saíra com o cérebro completamente grelhado. Vou me lembrar até o fim de meus dias da frase que ele esforçou-se para pronunciar, aquele dia: “*Sanders killed us inside.*”

“Sanders nos matou por dentro.” Lucie deixou o jornal sobre a mesa. Pensava no que a arquivista deixara entender: experimentos com seres humanos, realizados nos institutos psiquiátricos canadenses.

— Quer dizer que esse projeto Mkultra tinha ramificações secretas no Canadá?

— Exatamente. Apesar das investigações de 1975, ninguém sabia que a invasão americana do território da mente alcançara o Quebec. Com a reportagem publicada no *Times*, e por uma coincidência incrível, David Lavoix pusera o dedo num elemento importante, que incriminava novamente a CIA no mais alto grau.

— E vocês fizeram isso? Atacaram a CIA?

Rotenberg, com um gesto, convidou Lucie a juntar-se a ele em frente a seu computador, instalado numa escrivaninha próxima à estante. Percorreu algumas pastas. Uma delas nomeava-se *Szpilman's discovers*. Clicou em outra intitulada *Barley Brain Washing* e apontou o mouse para um arquivo Powerpoint. Abaixo, havia um documento de extensão AVI, ou seja, um vídeo, intitulado Brainwash01.avi.

— Nove pacientes de Sanders, apoiados por suas famílias, abriram processo na esteira de Lavoix. Os demais pacientes de Barley ou morreram ou ficaram traumatizados e incapazes de recordar os tratamentos a que foram submetidos. Agora, escute bem o que vou lhe dizer, isso é primordial para a continuação. Em 1973, a CIA, informada de que jornalistas bisbilhotavam seus assuntos, dera sumiço em todos os arquivos referentes ao projeto Mkultra. Mas a CIA, antes de tudo, é uma repartição gigante, cuja sede fica em Washington. Joseph Rauth estava convencido de que subsistiam vestígios desse importante projeto, o qual estendera-se ao longo de mais de vinte e cinco anos, envolvendo dezenas de dirigentes, milhares de funcionários. Amparados pela comissão Rockefeller, fomos autorizados a acessar os documentos ou qualquer outro material relativo às pesquisas sobre o controle da mente. Contratamos Franck Macley como freelance, um ex-agente da CIA, para fazer buscas. Após várias semanas de investigação, ele confirmou que a maior parte dos arquivos fora destruída por dois figurões: Samuel Neels, diretor da CIA, e Michael Brown, um amigo de Neels. Mesmo assim, obstinado, Macley descobriu, no RRC, o Retired Record Center da agência, os arquivos, se preferir, sete caixas volumosas, com dossiês relativos ao Mkultra. Caixas perdidas no labirinto burocrático. Mais de dezesseis mil páginas de documentos, nos quais os nomes haviam sido encobertos, mas que descreviam em detalhe como dez milhões de dólares foram gastos pelo Mkultra através de cento e quarenta e quatro universidades nos Estados Unidos e no Canadá, doze hospitais, quinze companhias privadas, entre elas, a de Sanders, e três instituições penais.

Clicou no arquivo Powerpoint.

— Nesses arquivos, pinçamos fotografias, bem como um filme, que digitalizei e estão nessa pasta... Eis algumas das fotos, tiradas, supõe-se, pelo próprio Sanders, por ocasião de seus experimentos no instituto Barley.

As imagens desfilaram. Nelas, viam-se pacientes de pijama, presos em macas, alinhados em intermináveis corredores, e os mesmos pacientes com capacetes herméticos sobre a cabeça, sentados a mesas diante de grandes gravadores. Os rostos estavam transidos, amorfos, bolsas escuras desenhavam-se sob olhos atônitos. Lucie não teve dificuldade para imaginar a atmosfera de terror que devia reinar no hospital psiquiátrico Barley, de Montreal.

— Eis as desafortunadas vítimas de Sanders. Esse psiquiatra de formação, um gênio, sempre almejou curar a doença psíquica, sem nunca realmente triunfar. Isso o exasperava. Foi totalmente por acaso que um dia se deu conta de que a repetição exaustiva de determinada gravação, na qual os pacientes eram confrontados com as próprias sessões de terapia, parecia ter um efeito benéfico sobre seu estado. A partir desse momento, o horror intensificou-se. No começo, Sanders obrigava os pacientes a usar os capacetes durante três ou quatro horas seguidas, sete dias por semana. Porém, diante da revolta e do furor que isso desencadeou, ele fabricou um capacete de contenção, impossível de ser retirado. Então, os pacientes quebraram os gravadores,

mas ele reagiu, instalando grades nas engenhocas. Os pacientes arrancaram os fios, ele usou correias para impedi-los. Sanders terminou por drogá-los com LSD, uma droga nova e devastadora, cuja existência era até recentemente ignorada. Para o psiquiatra, o LSD era um milagre: não apenas os pacientes ficavam mais calmos, como, principalmente, a consciência não constituía mais barreira, pois as palavras, a repetição através dos alto-falantes do capacete, iam alojar-se diretamente em seus cérebros.

LSD... Judith Sagnol... A presença de um médico nos velhos armazéns... Seria possível que fosse Sanders? Esse médico estivera com Lacombe? Os dois homens haviam trabalhado juntos no projeto Mkultra? As perguntas acumulavam-se nos lábios de Lucie. E as respostas viriam da boca de Rotenberg, tinha certeza disso.

No monitor, as imagens sucediam-se lentamente. Os capacetes nos ouvidos dos pacientes aperfeiçoavam-se, as filas de espera nas macas aumentavam, os rostos depauperavam-se.

— Como pode ver, o psiquiatra Sanders equipou os quartos com alto-falantes, que, incessantemente, repetiam as mesmas frases. Ele chamava esses quartos de *quartos soníferos*. Essa fila de macas representa a sala de espera para os eletrochoques. Os pacientes recebiam-nos três vezes ao dia, durante programas de sete a oito dias. Três vezes ao dia, senhorita. Milhares de volts no organismo. Consegue imaginar os estragos que isso provoca nos nervos, no coração, no cérebro?

— Imagino.

— Sanders queria literalmente lavar os cérebros. Nenhum membro de sua dedicada equipe ousou contestar suas ordens, com medo de perder o emprego. Sanders era uma criatura fria, autoritária, sem compaixão.

— Você está me dizendo que ninguém, em seu círculo, nunca se amotinou? Todos permitiram que ele agisse?

— Não só permitiram, como participaram. Obedeciam, servilmente.

Lucie não acreditava; era alucinante, mas acontecera. Dezenas de médicos, enfermeiros, psiquiatras, que haviam seguido cegamente as ordens de um louco, traindo todos os seus juramentos e convicções. Amordaçados pelo medo, pela pressão e pelas ordens infames de uma autoridade superior de jaleco branco. Lucie não pôde deixar de fazer uma associação com o famoso experimento de Milgram, cujo vídeo um dia ela vira na internet. A submissão à autoridade absoluta, impelindo o humano a entregar-se a seus piores instintos.

— Sanders acreditava piamente nessas técnicas bárbaras. Realizou colóquios e chegou a escrever um livro intitulado *Psychic Driving*, que ainda é possível encontrar. Os médicos mais ilustres foram escutá-lo. Foi nesse momento, no início dos anos cinquenta, que a CIA entrou em contato com ele. Estava profundamente interessada em suas técnicas e escritos. Então a agência americana recrutou-o em segredo para o projeto Mkultra, financiando-o por anos a fio para que ele prosseguisse seu trabalho de lavagem cerebral no hospital. Foi assim que o Mkultra penetrou em território canadense.

— Sanders continua vivo?

— Morreu de um infarto em 1967...

— E o processo?

— Apesar dos incontáveis recursos judiciais da CIA, apesar das ameaças e tráficos de influência, apesar da salvaguarda do segredo de Estado, que era incessantemente invocado, chegou-se lá. A CIA reconheceu seu envolvimento nos experimentos realizados no Allan Memorial Institute e em território canadense. As vítimas, além de receberem uma compensação financeira, conseguiram justiça e reconhecimento, o que era o mais importante. Para Joseph Rauth, como para mim, o caso estava enfim encerrado, tínhamos esvaziado o Mkultra e a CIA confessara seus erros. Caso arquivado. E que caso...

Rotenberg permaneceu estático, olhos pregados no chão. No monitor, as velhas fotografias em preto e branco continuavam a desfilar. Os quartos do hospital Barley estavam agora equipados com televisores instalados a três metros dos olhares inexpressivos dos pacientes. O advogado aposentado clicou em pause.

— Fiz uma brilhante carreira ao lado de Joseph, que faleceu no fim dos anos noventa. Cuidei de casos instigantes, nenhum com tal amplitude.

— Desculpe-me, mas... Continuo sem entender a relação com o maldito filme, e tampouco com Lacombe e os órfãos de Duplessis.

Rotenberg suspirou.

— Vamos chegar lá. Eis que, uma semana depois do caso Sanders, recebo um telefonema da Bélgica. Isso foi há cerca de dois anos.

— Wlad Szpilman?

— Sim. Esse homem conhecia minha trajetória e tudo que dizia respeito à agência de informações americana, aos assuntos governamentais. Apaixonado por história e geopolítica. Declarava ter revelações a me fazer a respeito de experimentos com crianças realizados no Canadá, nos anos cinquenta. Com seu conhecimento bibliográfico do Mkultra, cogitava no envolvimento da CIA... No começo, não acreditei naquilo, julgava estar lidando com um brincalhão ou um paranoico da teoria da conspiração, igual aos que me haviam perseguido encarniçadamente depois do processo de 1977. Para me livrar dele, respondi que ele estava no caminho errado, que todos os desvios da agência de informações haviam sido desmascarados e que nunca, nunca na vida, crianças haviam sido utilizadas em seu programa de lavagem cerebral. Então ele me enviou uma fotografia em preto e branco, por e-mail, extraída de um filme, e me pediu que fizesse contato com ele, caso eu estivesse interessado.

Lucie cerrou os punhos.

— A fotografia mostrava crianças e coelhos, não é? *O início de tudo*, como você falou de forma tão misteriosa, ao telefone?

— Exatamente. Ainda vejo aquela sala ensanguentada, aquelas garotas com roupas de hospital, amorfas, em meio à carnificina. Uma imagem extremamente perturbadora. Então, liguei de volta para ele, mordido pela curiosidade. Ele se negava a me enviar o rolo, sugeriu que eu fosse até lá, para assistir com ele. Eu sabia estar lidando com um homem profundamente desconfiado, paranoico e inteligente. Dois dias depois, eu estava na casa dele, em Liège. Ele me conduziu a sua sala de projeção particular, e foi nessa ocasião que vi o filme. O original e também o dissimulado na película, que o velho conseguira reconstruir graças a contatos numa unidade de neuromarketing...

Lucie escutava-o com atenção. O tal contato provavelmente era Georges Beckers, aquele belga inchado que persuadira Kashmareck a assistir ao filme num tomógrafo.

— ... Desde o primeiro fotograma eu soube que tudo era verdade, e isso era uma certeza para mim.

— Por que uma certeza?

Ele apontou com o queixo para o monitor.

— Está tudo aí, à sua frente. A relação entre o filme de Szpilman e o que acontecia nos quartos do hospital Barley. O elo incontestável, a conexão entre os órfãos de Duplessis e a CIA.

Fechou o Powerpoint e apontou o mouse para o vídeo.

— Dentro de poucos segundos, vou lhe mostrar o tipo de vídeo fabricado pela CIA, que Sanders difundia maciçamente junto a seus pacientes a fim de fazer a lavagem cerebral. Mas antes preciso lhe contar o que aconteceu com Szpilman, em sua casa, na Bélgica. Após essa perturbadora sessão, ele se pôs a me falar dos fenômenos de histeria coletiva.

Lucie arfava cada vez mais. Bebia as palavras do senhor a sua frente.

— Esse cara era uma verdadeira enciclopédia ambulante. Ele julgava ter descoberto uma relação entre... entre diversos grandes acontecimentos sanguinários que marcaram o último século. Para ele, o médico autor do experimento dos coelhos não era Sanders, e o programa não era o Mkultra, mas um programa paralelo, mais discreto, ainda mais secreto, e cuja linha mestra nada tinha a ver com lavagem cerebral.

— Qual seria o cerne desse programa?

— Espere, o melhor está por vir. Wlad então começou a correr até sua biblioteca e a me trazer uma série de fotografias originais do genocídio ruandês. Ele as conseguira com um fotógrafo de guerra, com quem estabelecera contato. E, nessa ocasião, trouxe à tona um assunto literalmente delirante. A contaminação mental.

— Contaminação mental?

— Sim, sim. Alguma coisa que transitaria pelo olho e, devido à sua violência, modificaria a estrutura cerebral.

Lucie associou imediatamente.

— Um amigo meu, Ludovic Sénéchal, perdeu completamente a visão depois de assistir a esse filme. Teve uma cegueira histérica. Seu cérebro destrambelhou após ele ter visto as imagens. É desse tipo de coisa que está falando?

— Muito pior, pois a cegueira histérica é um fenômeno apenas psíquico. No caso da contaminação mental, não só a estrutura do cérebro é modificada, fisicamente quero dizer, como, sobretudo, uma reação em cadeia propaga-se de indivíduo para indivíduo, como um vírus. Vai entender. Espere dois segundos...

Interrompeu-se de repente e voltou-se para a sacada envidraçada.

— Ouviu?

— O quê?

Ele correu em direção à mesa para pegar sua arma.

— Um estalo.

Lucie permaneceu serena. A cerveja colaborava.

— Provavelmente a lenha no fogo...

— Não, não. Veio do lado de fora...

Apagou a luz e aproximou-se da sacada envidraçada. O fogão a lenha iluminou seu rosto com reflexos rubros. Lucie aproximou-se. Ele estendeu a mão em sua direção.

— Afaste-se do vidro!

Lucie imobilizou-se. Do lado de fora, nada se mexia. Os troncos escuros erguiam-se como totens finestos.

— O que tanto o amedronta? — perguntou Lucie. — Está vendo claramente que não há nada aqui. Ninguém nos seguiu. Nunca vi estradas tão retas, tão longas, em minha vida. E tão desertas.

— Não faz muitos meses eu morava no centro de Montreal. Tentaram me matar.

Afastou-se e levantou a barra da camisa. Lucie viu as grandes cicatrizes.

— Duas facadas. Cinco milímetros a mais e eu já era.

— A CIA?

Ele apertou os lábios, balançando a cabeça em negativa.

— Não eram seus métodos. A recente descoberta desses corpos na Normandia me leva a pensar que talvez eu estivesse lidando com um francês.

— O serviço secreto?

— Talvez.

— Se eu disser a Legião, lhe sugere algo?

— Eu não poderia afirmar. Lembro-me vagamente do sujeito... Rosto quadrado, corpulento, aspecto militar.

O sujeito dos coturnos, pensou Lucie.

— O fato é que esse atentado contra mim tinha uma relação evidente com o filme de Szpilman e nossas descobertas. Ele e eu, contudo, trabalhávamos na sombra, tentávamos seguir a pista, reunir provas, como você hoje. Ele foi muito mais prudente do que eu. Continuo sem saber como os homens que me perseguiram puderam informar-se. O vazamento podia vir de qualquer lugar. Durante minha investigação, fiz incontáveis ligações e encontrei um monte de gente. Nos estabelecimentos psiquiátricos, arquivos, instituições religiosas. Esses... assassinos devem ter contatos, uma espécie de sentinelas. Desde então, vivo escondido aqui, protegido por fontes confiáveis, no meio do nada.

Agachado, arma em punho, deu outra espiada na direção da sacada. Suspirou profundamente e, após trinta bons segundos, reergueu-se.

— Um animal, quem sabe. Alces e castores não são raros na região.

Recuperou a calma. Aquele homem, que, mais jovem, devia ter enjaulado um batalhão de indivíduos perigosos e influentes, que enfrentara as trevas e soubera manter a cabeça fora d'água, terminava a vida completamente psicótico.

— Imagino que não tenha encontrado nada nos arquivos, certo? — perguntou ele. — Eu também estive lá, há cerca de um ano. Não resta dúvida de que as identidades correspondentes a esses rostos de garotas de que dispomos, a senhorita e eu, encontram-se nas comunidades

religiosas. Mas, infelizmente, como deve ter constatado, estas últimas são inacessíveis. Isso é tudo que me falta. Nomes... Os nomes dessas pequenas pacientes, para chegar ao hospital psiquiátrico das crianças e dos coelhos, a essas meninas, obter depoimentos, provas vivas que...

— Tenho esses nomes.

— Não é possível!

— Várias comunidades religiosas estão fechando as portas, por falta de verba. Seus arquivos são sistematicamente encaminhados para os do Arquivo de Montreal. Não sabia?

Ele balançou a cabeça, negando.

— Vivo escondido, difícil saber o que acontece pelo mundo.

— A garotinha do balanço chama-se Alice Tonquin.

— Alice... — Ele suspirou, como se esse nome estivesse travado anos e anos no fundo de sua garganta.

— A Sûreté perdeu seu rastro administrativo, mas sei que foi acolhida pela última vez na instituição das Irmãs Cinzentas. Sei o nome da freira que cuidou dela. Irmã Marie du Calvaire. Eu ia procurá-la, quando o senhor... me raptou.

— Como fizeram?

— Passamos um pente fino no filme.

Ele sorriu imperceptivelmente.

— Acho que é hora de eu lhe mostrar o restante de nossas pesquisas, minhas e de Wlad. E de, graças às suas informações, avançarmos. Vamos até o computador...

Quando ele voltou à mesa, seu olhar bateu no celular de Lucie. Apanhou-o.

— Seu celular...

— O que tem meu celular?

— A senhorita me disse que ele deixou de funcionar. Desde quando?

— Ehh... Fui fazer uma ligação, assim que cheguei ao Canadá e...

Lucie não terminou a frase, como se acabasse de compreender. Rotenberg virou o aparelho e abriu a tampa, com as mãos trêmulas. De seu bojo, arrancou o que parecia ser um pequeno circuito eletrônico.

— Certamente um rastreador.

O pânico invadiu o azul de seus olhos. Lucie segurou a cabeça nas mãos.

— O sujeito do meu lado, no avião... Dormi a viagem inteira.

— Provavelmente drogada. Eles devem estar de olho na senhorita há muito tempo. E a usaram para chegar a mim... Eles... Eles estão aqui...

Lucie pensou nos microfones, em seu apartamento e no de Sharko. Seria fácil para os assassinos a seguirem. Imediatamente, Rotenberg sacou seu celular, ligou-o e discou o 911.

— Philip Rotenberg. Mande um pessoal agora mesmo para Matawinie, nas proximidades do lago onde desemboca o rio Matawin. Vou lhe dar as coordenadas exatas, anote depressa, por favor!

— Motivo da ligação?

— Estão querendo me matar.

Deu as coordenadas, que sabia de cor, e desligou, suplicando que não demorassem. Em

seguida, quase agachado, dirigiu-se ao fogão de lenha. Lucie imitou-o. O fogo iluminava perigosamente o interior da casa, e havia vidros por toda parte. No momento em que se aproximou do fogão, a sacada envidraçada explodiu.

Philip Rotenberg foi projetado para trás, seu corpo desabando pesadamente no assoalho. Uma flor vermelha nasceu e cresceu em sua camisa branca. Seu peito ainda arfava. Do lado de fora, irromperam chamas. Grandes cortinas móveis penduradas no bosque. Na frente, atrás. Uma dança vermelha e violenta envolveu subitamente as paredes externas do chalé.

O fogo, que ceifara a vida de Lacombe há tanto tempo, procurava novas vítimas...

Lucie correu em direção a Rotenberg, que agonizava. Pressionou o buraco com as palmas da mão. Seus dedos tingiram-se imediatamente de vermelho.

— Não desista, Philip!

O homem apertou com força os punhos de Lucie. Suas pupilas chamavam a morte. Uma densa fumaça escura esgueirava-se por baixo da porta.

— No meu pescoço... A chave... Arranque...

Lucie, transtornada, obedeceu. Puxou a pequena corrente em cuja ponta pendia o pedaço de metal. Rotenberg começara a expelir sangue pela boca.

— De onde é essa chave?

O advogado resmungou algo incompreensível.

Uma lágrima, e foi só.

Lucie meteu a chave no bolso e levantou, em pânico. Pegou a arma, observou rapidamente à sua volta. O fogo poupava apenas um lugar: a sacada explodida.

Tentou refletir, o mais depressa que podia. O atirador poderia tê-la eliminado junto com Rotenberg e, não obstante, não o fizera. Queria desentocá-la como a um coelho.

Lucie não teve mais dúvida: o assassino a queria viva.

Se pusesse os pés do lado de fora, não teria chance.

Começou a tossir. A temperatura subia, a lenha começara a estalar. Precisava resistir.

Lá fora, as labaredas se espichavam, altas e vorazes. Não demorariam a invadir tudo. Escondida atrás do fogão, Lucie arrastou-se até a mesa de centro, tirou o blusão, fez uma bola e umedeceu com água. Colocou-o no nariz.

Esperar, esperar... O sujeito ia vacilar, desconfiar, achar que ela fugira. Ia se dar mal.

Um vidro estilhaçou, atrás dela. Lucie julgou que morreria de medo antes da hora.

A invasão do fogo começava, as chamas espalhavam-se pelo interior, violentas, a lenha se desmanchava. O raciocínio da policial embaralhava-se, seus olhos ardiam, o calor aumentava. Cravou as unhas na coxa. Resistir.

Um minuto... Dois...

De repente, de dentro de um penacho de fumaça, no limiar da sacada, surgiu uma silhueta. A sombra entrou cautelosamente, revólver apontado à frente. Uma cabeça grisalha varreu a sala. Com um grito, Lucie levantou-se e esvaziou seu carregador, atirando às cegas.

A massa desabou.

Lucie prendeu a respiração e investiu através do recinto enfumaçado. Ao se jogar sobre o corpo, reconheceu imediatamente o rosto do passageiro que viajara ao seu lado, no avião. Nos

pés, coturnos.

Correu para fora do chalé, correu cerca de dez metros e tombou.

Tossiu demoradamente, até conseguir inspirar uma grande golfada de ar.

Quando se voltou, a casa não passava de uma gigantesca bola de fogo.

Lucie tornara-se uma anônima, sem mochila, sem documentos, sem identidade.

E matara um homem, num país que não era o seu.

[O] halo azulado das sirenes da polícia misturava-se ao dos dois caminhões do corpo de bombeiros estacionados em frente ao chalé. Os homens do fogo haviam chegado prontamente e as poderosas mangueiras debelaram o incêndio antes que ele se propagasse na floresta. Da casa de Philip Rotenberg, contudo, não restavam senão cinzas e fumaça.

As silhuetas tensas dos homens da Polícia Real do Canadá trabalhavam com precaução em torno dos dois corpos calcinados, tirando uma batelada de fotos e recolhendo indícios. Viam-se todos os tipos de uniformes. Casaco vermelho, calça preta e amarela, chapéu de feltro e botas Strathcona para os policiais, macacão com capuz branco para os peritos, colete preto e calça camuflada para os bombeiros. Os homens estavam em harmonia, dando a impressão de um balé sincronizado.

Lucie foi algemada. Sem truculência ou animosidade, apenas em respeito aos procedimentos. Seus documentos, suas anotações e sua mochila haviam se perdido no incêndio e ela matara um homem com uma saraivada de tiros. O revólver encontrado aos seus pés acabava de ser despachado para análise de digitais e balística, dentro de um saco transparente.

Lucie foi colocada sob custódia às onze e cinco, hora canadense, por um inspetor chamado Pierre Monette, que a conduziu ao destacamento de Trois-Rivières.

No prédio supermoderno da sede da Polícia Real, esvaziaram-lhe os bolsos — a chave entregue por Rotenberg terminou no fundo de um saquinho —, e dois homens, que eram tudo menos bons meninos, interrogaram-na sem lhe dar tempo sequer de respirar. Lucie explicou a situação o melhor que pôde. Falou dos assassinatos na França, dos experimentos dos anos cinquenta, de suas buscas nos arquivos e do pseudorraptó perpetrado por Philip Rotenberg. Num tom calmo e controlado, sugeriu a seus interlocutores, os quais trocavam olhares céticos, que, para maiores informações sobre o caso, entrassem em contato com a Sûreté do Quebec e a polícia francesa. Forneceu, com precisão, todos os contatos e números de telefone que tinha na cabeça.

Embora policiais franceses não deversem interferir naquelas circunstâncias, sobretudo no que se referia ao uso de armas de fogo, a carta rogatória poderia livrar sua cara.

Seu bom comportamento e explicações claras não a impediram de passar a noite na cela. Lucie não protestou. Conhecia os trâmites de um inquérito e a complexidade do esquema com que os policiais viam-se confrontados. Dois cadáveres encontrados calcinados no meio de uma floresta, uma mulher francesa sem documentos, histórias da CIA e de serviços secretos: era um cardápio pesado. As verificações decerto levariam tempo.

O mais importante era que estava viva.

Sozinha no cubículo retangular, jogou-se num banco, com os nervos em frangalhos. Aquela noite, matara um homem, o segundo em sua carreira. Arrancar uma vida, fosse de quem fosse, deixava sempre um sulco negro na alma. Indelével e perturbador.

Pensou em Rotenberg, prestes a lhe revelar tudo. Como no caso do restaurador de filmes antigos, ela o entregou de bandeja para o assassino. Aquele homem escondido na mata fechada pagara o preço da negligência dela.

Os canalhas a tinham usado de novo. Lucie detestava-se por isso.

O inspetor Pierre Monette vinha regularmente saber notícias suas, levava água, café, chegou a lhe oferecer um cigarro, que ela recusou. Anunciou-lhe, quase de madrugada, que tudo corria bem e provavelmente seria libertada no final da manhã.

As horas seguintes esticaram-se, intermináveis. Sem visitas, ninguém para conversar. Apenas o sol opressivo no céu boreal fustigando as paredes de acrílico de um cubículo cinzento sinistro. Lucie pensava nas filhas. Naquela noite, não conseguiu descansar. O que seriam das meninas sem ela? Duas órfãs, sem pai nem mãe. Lucie suspirou profundamente. Tão logo aquela história terminasse, pensaria com carinho em seu futuro. No futuro das três...

Às dez e dez, uma sombra perfilou-se na gradezinha da porta.

Lucie o teria reconhecido no meio de uma multidão.

Franck Sharko.

Quando Monette abriu a porta, Lucie precipitou-se e, sem refletir, jogou-se nos braços do corpulento policial. O comissário hesitou por uma fração de segundo e espalmou as mãos pesadas em suas costas.

— Vai acabar me matando do coração se continuar desse jeito. É sempre assim com você?

Seus olhos encheram-se de lágrimas e ela se afastou, com um sorriso triste.

— Digamos que esse momento é um pouco especial. Não notou?

Lucie esqueceu por alguns segundos as horas sombrias que acabava de atravessar. Aquela presença forte reconfortava-a. Sharko apontou com o queixo para a gradezinha, com um sorriso que lhe ficava bem.

— Preciso acertar a papelada, não demora. Aguenta mais um pouco?

— Antes eu gostaria de fazer uma ligação. Quero falar com minhas filhas. Nem que seja para ouvir a voz delas.

— Dentro de um segundo, Henebelle, um segundo...

Lucie sentou no banco.

Quando se viu sozinha, deu um longo suspiro e levou a mão ao peito.

Seu coração rufava.

[L]ucie retornava com o celular de Sharko nas mãos. Instalou-se à mesa e o devolveu. Na estrada entre Trois-Rivières e Montreal, haviam parado num KFC, Kentucky Fried Chicken.

— E então? — indagou o comissário.

— Estão ótimas. Juliette não tem mais qualquer problema digestivo e está se comportando como um anjo na casa da avó. Quanto a Clara, só consegui falar com os monitores da colônia de férias, ainda não acordou. Esqueci que eram sete horas da manhã na França!

Durante o trajeto, Lucie tivera tempo de contar tudo desde sua chegada ao Canadá. Os órfãos de Duplessis, os experimentos de Sanders, o envolvimento da CIA em experimentos com humanos entre os anos cinquenta e setenta. Sharko digerira e armazenara as informações, sem se pronunciar.

Naquele momento o faminto comissário atacava seu frango frito, enquanto Lucie ciscava sua salada de repolho e encharcava-se de Coca-Cola, o que pacificou seu estômago.

— Aquele franco-atirador, no chalé, não queria me matar, tenho convicção disso. Estava tentando me desentocar como a um coelho, para me capturar viva. Era outra coisa.

Sharko parou de comer. Empurrou o prato, limpou as mãos e fitou Lucie, suspirando.

— Tudo isso é culpa minha.

E contou-lhe: sua aventura na fortaleza da Legião, o coronel Chastel, o blefe, a fotografia da mulher com o rosto num fundo vermelho. Lucie sorveu ruidosamente no canudo e desferiu o golpe:

— Foi por essa razão que me despachou para cá, e por quatro dias. Queria agir sozinho.

— Só queria impedi-la de fazer uma besteira.

— Não deveria. Esses militares poderiam matá-lo. Poderiam...

— Esqueça. O que está feito está feito.

Lucie balançou lentamente a cabeça.

— O que acontecerá agora?

— A Polícia Real cuidará da papelada a fim de facilitar seu retorno à França. No que se refere aos agentes canadenses, o inquérito se limitará a estabelecer com precisão o que aconteceu no chalé. São os nossos serviços e os da Sûreté de Montreal que se ocuparão do resto. Quer dizer, do vasto lodaçal no qual estamos atolados até o pescoço. Também se encarregarão de descobrir a identidade do passageiro que estava a seu lado no avião, ou seja, do assassino de Rotenberg.

— Louro, cabelo à escovinha, brutamontes, coturnos. Menos de trinta anos. É um dos dois caras que estamos caçando desde o início.

— É possível, de fato.

— É certo. E quanto à chave que o advogado me deu antes de morrer? Novidades?

— Estamos à cata do que é que seja o que isso abra. É numerada, cogita-se num *locker*. Talvez uma agência de correios ou uma estação ferroviária. Seja como for, estamos acompanhando. A propósito... bela intuição, Henebelle, no caso dos arquivos.

— No fundo, no fundo você não acreditava, estou certa?

— Na pista, realmente não. Mas em você, sim. Acreditei em você desde a primeira vez em que a vi, saindo do TGV, na Gare du Nord.

Lucie apreciou o elogio e sorriu, sem conseguir reprimir um bocejo.

— Ops, desculpe-me.

— Vamos para o hotel. Desde quando não dorme?

— Faz tempo... Mas temos de encontrar a irmã Marie du Calvaire, temos de...

— Amanhã. Não estou a fim de juntar seus cacos.

Daquela vez, Lucie abdicou, sem procurar lutar. Não tinha mais forças.

— Vou até o toalete e pegamos a estrada.

Suspirando, Sharko observou-a afastar-se. Teria adorado apertá-la nos braços, tranquilizá-la, dizer-lhe que tudo se ajeitaria. Mas naquele momento seus maxilares permaneciam paralisados, incapazes de produzir palavras meigas. Terminou a cerveja, pagou a conta sem deixar gorjeta e saiu para esperar do lado de fora. Fez uma ligação rápida para Leclerc, a fim de avisá-lo de que tudo voltara à normalidade. Por seu turno, o chefe da Divisão de Repressão à Violência comunicou-lhe que naquele mesmo dia teria uma reunião com juízes e altos dirigentes no Ministério da Defesa, a fim de instaurar o procedimento judiciário que permitiria investigar a Legião Estrangeira e responder à pergunta: Mohamed Aban integrara suas tropas?

Quando desligou, o comissário teve finalmente a impressão de que as coisas avançavam, e a passos de gigante.

Já não era sem tempo.

[—] Sabia que o encontraria aqui...

Sharko surpreendeu-se com a música da voz feminina atrás dele. Instalado numa poltrona no bar do hotel, bebericava tranquilamente um uísque na penumbra, enquanto trabalhava em sua lista dos participantes da SIGN. O lugar era chique, mas sem excessos. Carpete claro, amplas almofadas sobre banquinhos vermelhos, paredes forradas de veludo preto. Ao chegar, Lucie notou o copo de diábolos menthe sobre a mesa.

— Oh, está esperando alguém?

— Não, ninguém. O copo já estava aqui.

Ele não acrescentou nada. Lucie permaneceu de pé e abriu os braços em sinal de resignação.

— Sinto muito pelo traje. Jeans não é muito elegante, mas eu realmente não esperava sair depois das oito.

O policial dirigiu-lhe um sorriso cansado.

— Achei que estaria dormindo.

— Eu também.

Lucie aproximou-se de um assento livre, em frente a ele, e fez menção de sentar.

— Aí não!

Recuou, perplexa.

— O senhor está mentindo e espera alguém. Desculpe-me por atrapalhar.

— Deixe de tolices. Essa cadeira está bamba. O que deseja?

— Hi-fi. Muita vodca, pouca laranja. Para desanuviar.

Sharko esvaziou o copo e foi até o balcão. Lucie observou-o, afastando-se. Estava mudado, passara um pouco de gel no cabelo grisalho, perfumara-se. Caminhava com elegância. Lucie consultou as folhas de papel que ele deixara na mesa. Sobrenomes, prenomes, datas de nascimento e funções. Algumas identidades estavam riscadas. Embora passasse uma impressão de negligência, por trás de seu ar de tranquilidade ele, na realidade, nunca parava. Um verdadeiro motor.

O comissário voltou com dois copos. Estendeu um a Lucie que aproximara a cadeira. Ela apontou com o queixo para os papéis.

— Trata-se da lista dos cientistas presentes no Cairo na ocasião dos assassinatos, é isso?

— Duzentos e dezessete, mais precisamente. Entre vinte e dois e setenta e três anos, na época. Se os matadores do Cairo são os mesmos de Gravenchon, temos de lhes acrescentar dezesseis anos. Isso elimina alguns.

Empilhou os papéis, dobrou-os e meteu-os no bolso.

— Tenho más notícias fresquinhas, que na realidade são boas notícias. Vamos nos livrar logo disso?

— É para já. O senhor mesmo me dizia haver um tempo para tudo. E aqui, agora, estou

realmente precisando relaxar.

— Preste atenção: o coronel Bertrand Chastel foi encontrado morto, em casa, hoje. Suicidou-se de maneira limpa, com sua arma de serviço, durante a manhã.

Lucie precisou de um tempo para digerir a informação.

— Tem certeza de que foi suicídio?

— O legista e os investigadores foram categóricos, poupo-lhe os detalhes. E a outra notícia: segundo os dados fornecidos pelo aeroporto, o sujeito sentado a seu lado no avião, e que tocou fogo no chalé, chamava-se Julien Manœuvre. Militar de carreira, lotado na célula DCILE, divisão de comunicação e informação da Legião Estrangeira. Onde eles produzem os filmes para o exército.

— Nosso onipresente assassino cineasta... O homem dos coturnos...

— Exatamente. Coincidentemente, Manœuvre estava de licença no início de nosso caso. Licença assinada pelas mãos de Chastel em pessoa. Mais tarde, quando Chastel viu as coisas indo para o brejo, principalmente depois de minha visitinha a seu gabinete e do que aconteceu aqui, e suicidou-se. Não resta dúvida de que deve ter tomado suas precauções e se livrado dos elementos comprometedores.

— Então ele estava envolvido até o pescoço. Estava sabendo desses assassinatos.

— É bem provável. Ainda tenho uma coisa, segure-se.

— Estou tentando.

— As buscas na casa de Manœuvre mostraram que ele possuía várias listas sobre o trânsito dos filmes entre os grandes centros de arquivos cinematográficos mundiais. Lembra-se do site da Fiaf mencionado por seu comandante? Foi dessa maneira, há dois anos, que Manœuvre chegou ao rolo. Ele deve ter ido diretamente à Fiaf e requisitado os filmes de 1955. No entanto, alguém já desviara a película que ele procurava. Um colecionador conhecido nosso.

— Szpilman.

— Sim, Szpilman. Na iminência de alcançar seu objetivo, Manœuvre perdeu a pista do filme, mas não desistiu. Deve ter continuado a investigar, a monitorar os leilões de filmes e os classificados, em especial os provenientes da Bélgica. Foi assim que chegou à casa do Szpilman filho, logo depois da morte do velho.

— Isso é insano, essa obsessão por um rolo de filme.

— Enquanto circulassem cópias pelo mundo, Chastel e os que estão por trás de toda essa intriga sentiam-se em perigo. Manœuvre era apenas um pião, um executor. Como Chastel, só que num nível mais alto.

— Agora diga que instauraram um inquérito oficial visando a Legião.

— Sim. Tomara que as línguas se desatem e as diferentes investigações levem a alguma coisa. Não esqueçamos que, temos dois matadores. Um deles era Manœuvre, nosso *cineasta*; o outro, o que extirpa os cérebros, encontra-se provavelmente nessa lista. E também é provável que tenha agido sozinho no Egito, pois Manœuvre era muito mais jovem.

A essas últimas palavras do comissário, Lucie também atacou sua bebida, com os olhos brilhando de cansaço. Na penumbra, os traços de Sharko se amenizavam. Uma música distante, sóbria, perdia-se no vazio. Tudo naquele lugar inspirava calma e sedução. Lucie pegou uma

fotografia em sua carteira e a pôs sobre a mesa.

— Ainda não lhe apresentei meus pequenos tesouros. De quem morro de saudades. Hoje, mais do que nunca, me dou conta de que não fui feita para ficar longe delas.

Sharko pegou a fotografia com uma ternura que Lucie desconhecia.

— Juliette à direita e Clara à esquerda?

— O contrário. Se observar direito, verá que Clara possui um imperceptível defeito na pupila, uma mancha escura semelhante a um vaso minúsculo.

O comissário devolveu-lhe a foto.

— E o pai delas?

— Caiu fora faz tempo.

Lucie suspirou, com as mãos ao redor do copo.

— Essa investigação está me fazendo mal, comissário, porque não é mais Clara nem Juliette que vejo ao observar essa fotografia, mas Alice Tonquin, Lydia Hocquart e todas as outras garotinhas acuadas. Elas não me largam, dia e noite. Distingo seus rostos, seu terror, ouço seus gritos quando elas atacam esses pobres animais.

— Todos nós temos nossos fantasmas. Elas irão embora quando solucionarmos esse caso. Assim que todas as portas se fecharem, elas finalmente a deixarão em paz.

Um silêncio. Lucie balançou a cabeça, desviando o olhar.

— E o senhor, comissário? Já deixou as portas abertas em sua vida?

Sharko mexia na aliança.

— Sim... Há uma grande, grande porta que eu gostaria de voltar a fechar. Mas não consigo. Talvez porque no fundo não sinta vontade.

Lucie pôs seu copo e inclinou-se em direção ao comissário. Seus lábios estavam a apenas poucos centímetros da boca do homem que ela morria de vontade de beijar.

— Não sei que porta é essa. Mas talvez possa ajudar a fechá-la.

Sharko não falou imediatamente. Uma parte dele gostaria de recuar, levantar, desaparecer, mas a outra parte lutava para que ele se mantivesse ali.

— Acha mesmo isso?

Ela se inclinou um pouco mais e beijou-o na boca. Sharko abaixara as pálpebras, seus sentidos entorpeceram-se como durante uma apneia muito longa, que representasse uma ameaça para os órgãos vitais.

Ele reabriu os olhos.

— Sabe que provavelmente não haverá futuro para o que acaba de acontecer?

— Pois eu, ao contrário, penso que haverá. Mas neste instante demos ao menos uma chance ao presente.

* * *

Não via uma mulher nua desde a morte de Suzanne. Sentiu-se quase constrangido. O corpo esbelto e perfumado esgueirou-se na penumbra e veio se colar ao seu. As mãos ávidas e delicadas

terminaram de desabotoar sua camisa, enquanto o fogo crepitava em suas entranhas. Ele estava entrando no jogo, mas ainda assim Lucie percebeu uma tensão, uma influência impalpável que impedia o homem, diante dela, de se entregar plenamente.

— Há algo o incomodando? — murmurou em seu ouvido.

— É que...

Sharko escapou-lhe e dirigiu-se com agilidade até o meio do quarto. Virou a cadeira perto da cama e guardou a locomotiva Ova Hornby em escala O, com seu vagonete preto para lenha e carvão, na gaveta da cômoda. Também deu um sumiço na lata de marrons-glacês. Em seguida retornou para junto da parceira e beijou-a impetuosamente. Com um gesto firme, derrubou-a na cama. Lucie deu uma risadinha:

— Essa locomotiva me divertia. Você é realmente um cara muito...

Suas bocas encontraram-se, suas peles quentes se chocaram. Sharko apagou as luzes com destreza, enquanto seus quadris rolavam nos lençóis. Apesar das cortinas fechadas, a luz do exterior espalhava-se sobre a cama, sugerindo formas galopantes de prazer. Uma paisagem de carne, colinas e vales, pareceu soçobrar sob a ira de um terremoto. Lucie mordeu o travesseiro no arroubo de um orgasmo. Sharko virou-a, com a doce violência de uma loba erguendo as crias, e mergulhou nela, ofegante. Os choros, os risos, os rostos dos mortos, as Lydias e Alices desapareceram, vencidos pela volúpia. Os segundos pulsavam, como descargas elétricas na pele. Na tensão de seus músculos em brasa, Sharko enrijeceu-se, os nervos do pescoço saltados. E, enquanto rilhava os dentes e seus gestos se inflamavam, ele fixou o centro do quarto.

Ela continuava ali, de pé, estática, as mãos ao longo das coxas.

E, pela primeira vez na vida, Sharko viu Eugénie chorar.

O instante pareceu uma eternidade. Os olhos do comissário marejaram por sua vez, enquanto a mulher sob ele gemia.

E, na magia dos sentidos e do êxtase, a menina sorriu-lhe.

Ergueu a mãozinha e dirigiu-lhe um aceno amigável.

À beira das lágrimas, Sharko respondeu-lhe com um aceno igual.

Imediatamente depois, Eugénie saiu, sem virar-se. A porta se fechou em silêncio atrás dela.

E, finalmente, Sharko entregou-se ao prazer.

[S]harko acordou assustado: sobre a cômoda, seu celular vibrava.

Desvencilhou-se do corpo quente que abraçava e rolou para o lado.

Na outra ponta da linha, Pierre Monette. Descobrira a origem da chave que Philip Rotenberg entregara a Lucie. Ela abria um dos armários da estação ferroviária central de Montreal. O policial canadense marcou um encontro com ele no local ao meio-dia, tinha de resolver uns assuntos antes.

O comissário desligou e se voltou para a mulher com quem dividia a cama. Com a ponta dos dedos, acariciou suas costas. Sua pele era tão suave, tão jovem, comparada àquela casca grossa que o modelara num policial de rua. Tantos caminhos os separavam... Delicadamente, mergulhou o nariz em seus cabelos louros e se embriagou uma última vez com aquela mistura de perfume e suor.

Não podia mais iludir-se: sentia-se atraído por ela. Desde que a conhecera, sua imagem não lhe saía da cabeça. Sem ruído, levantou-se e foi tomar uma chuveirada. Ao abrir a torneira, ao olhar-se no espelho, ao se vestir, procurou Eugénie. Lembrava-se com precisão cirúrgica do leve aceno que ela lhe dirigira à noite. E daquelas lágrimas em seu rosto de criança. Eugénie teria ficado feliz? E será que finalmente o deixara em paz?

Não, não, não podia acreditar. Ele era doente, vítima de uma esquizofrenia paranoide, obrigado a seguir um tratamento medicamentoso até seu último dia. As coisas não podiam se passar assim. Não na vida real.

Após engolir o seu comprimido, regressou ao quarto. Lucie estava sentada na ponta da cama e encarou-o fixamente.

— Um dia você me explica o porquê dos comprimidos?

Como se não a ouvisse, ele aproximou-se dela e beijou-a.

— Dia pesado pela frente. Depois do café da manhã, corremos até as boas freiras e, em seguida, à estação. Lucie alongou-se, pôs-se de pé e enlaçou-o subitamente.

— Foi uma noite ótima, isso não me acontecia há muito tempo. — Suspirou. — Não queria que terminasse.

Sharko colocou as palmas da mão nas costas de Lucie, e massageou com uma ternura inusitada para ele. Falou a seu ouvido, quase num suspiro:

— Vamos pensar sobre tudo isso, combinado?

Lucie mergulhou em seu olhar e concordou.

— Um dia, eu gostaria de voltar e descobrir esse país de outra maneira, sem estar vivendo um pesadelo real. Gostaria que fosse com você.

A contragosto, afastou-se delicadamente. Queria que o instante durasse uma eternidade. Sabia da fragilidade daquela relação e já pensava no retorno à França. Os atropelos da vida poderiam separá-los e eles nem sequer se dariam conta.

- Vou passar no quarto e pegar minhas coisas. Talvez eu pudesse desocupá-lo, o que acha?
- Você conhece a administração e as más línguas. Melhor deixar duas contas. Não acha?
- Claro, claro... Tem razão.

* * *

Acabavam de sair do hotel Delta. Como dois autênticos turistas, caminhavam lado a lado, quase lentamente, em direção ao convento das Irmãs Cinzentas, que, segundo o mapa fornecido por uma recepcionista, situava-se a um quilômetro. Sem comentarem a noite anterior, entraram na rua René-Lévesque e serpentearam por entre os impressionantes arranha-céus das grandes empresas internacionais. Viram-se, afinal, diante de uma ampla alameda, protegida por um portão gradeado.

Após apresentarem-se no interfone, o portão se abriu e puderam entrar. Os rumores do tráfego calaram-se imediatamente e os topos dos arranha-céus desapareceram para dar lugar a uma aleia de cascalho, ladeada por jardins. Ao fundo ficava o convento, ex-Hospital Geral de Montreal, em forma de H, em cujo centro erguia-se a capela romana com a cruz no alto. Duas alas compridas e cinzentas alinhavam-se de ambos os lados. A ala Guy abrigava a comunidade e a ala Saint-Mathieu acolhia os idosos, enfermos e órfãos. Quatro andares, centenas de janelas idênticas, um rigor arquitetônico glacial... Lucie adivinhou com facilidade a atmosfera que devia reinar naquelas dependências nos anos cinquenta. Disciplina, pobreza, autodoação.

Percorreram em silêncio o prédio de tijolos escuros. Na entrada de um dos acessos à ala Guy, falaram com a superior geral das Irmãs Cinzentas. Emoldurado em preto e branco, seu rosto era seco, encarquilhado como uma hóstia. Tentou sorrir-lhes, mas um sofrimento cristão esgarçava-lhe as feições.

— Polícia francesa, foi o que disseram?

— Gostaríamos de falar com a irmã Marie du Calvaire.

As feições da madre superiora crisparam-se mais ainda.

— A irmã Marie du Calvaire tem mais de oitenta e cinco anos. Sofre de artrite e passa a maior parte do tempo sozinha, deitada. O que desejam com ela?

— Fazer-lhe algumas perguntas sobre o seu passado. Os anos cinquenta, mais precisamente.

A religiosa manteve-se impassível. Hesitou.

— Não é para criar problemas para a Igreja, espero...

— De forma alguma.

— Os senhores têm sorte. A irmã Marie du Calvaire tem uma memória excelente. Há determinadas coisas que nunca se apagam.

Convidou-os a entrar. Avançaram por corredores frios, escuros, com um pé-direito alto e portas laterais fechadas. Houve sussurros, pares de sombras distantes desapareceram como lenços voando. Um clamor surdo vibrava em algum lugar. Cânticos cristãos...

— A irmã Marie du Calvaire sempre trabalhou para vocês, madre? — perguntou Sharko, no limite do murmúrio.

— Não. Ela nos deixou no início dos anos cinquenta, compelida por ordens superiores. Juntou-se então à congregação das irmãs do Hospital Beneficente do Mont-Providence, onde passou alguns anos até retornar.

Mont-Providence... Lucie já vira aquele nome, nos arquivos. Reagiu imediatamente:

— Quer dizer que ela trabalhou no hospital-escola transformado em hospital psiquiátrico do dia para a noite por ordens do governo Duplessis?

— Exatamente. Um hospital que terminou por atender de forma indiscriminada loucos e pessoas saudáveis. A irmã Marie du Calvaire trabalhou lá durante longos anos. À custa da própria saúde.

— E por que ela voltou para cá, para junto de vocês?

A madre superiora se voltou. Seus olhos refulgiam como as chamas de uma vela.

— Ela desobedeceu às ordens e fugiu do Mont-Providence, minha filha. Faz mais de cinquenta anos que a irmã Marie du Calvaire é uma fugitiva.

[A]cela da religiosa era de uma simplicidade espartana: paredes de pedras cinzentas, uma cama, uma cadeira, um genuflexório sobre o qual repousava uma Bíblia. A decoração resumia-se a um pequeno crucifixo de estanho pregado na cabeceira da cama, uma estante apinhada de livros, além de um relógio. Uma janelinha oval situada no alto da parede deixava passar resquícios de um fulgor lívido. A velha senhora jazia sobre os lençóis, pés paralelos, mãos no peito e olhar no teto.

A madre superiora debruçou-se sobre ela, murmurou-lhe alguma coisa ao ouvido e dirigiu-se aos policiais. A irmã Marie du Calvaire voltou lentamente a cabeça para eles. Tinha os olhos velados: uma fina película branca, na qual ainda se discernia uma cor oceânica.

— Vou deixá-los a sós — disse a madre superiora. — Encontrarão a saída com facilidade.

Desapareceu sem mais uma palavra e fechou a porta ao sair. A irmã Marie du Calvaire pôs-se de pé, fazendo uma careta, e caminhou como uma velha tartaruga até um copo d'água, do qual bebeu devagar. Sua batina preta caía até o chão, dando a ilusão de que levitava. Depois voltou à sua cama, na qual sentou, recostando um travesseiro na parede.

— Daqui a pouco é hora da prece. Independentemente do que desejem, peço que sejam breves.

Apesar da idade, sua voz, áspera, soava com um papel amassado. Lucie aproximou-se.

— Nesse caso, vamos direto ao ponto. Gostaríamos que nos falasse das meninas que estavam sob sua custódia no início dos anos cinquenta. Alice Tonquin e Lydia Hocquart, entre outras. Que nos falasse também de Jacques Lacombe e do médico que o acompanhava.

A freira pareceu parar de respirar. Juntou no peito as mãos calejadas. Por trás da manifesta catarata, suas retinas dilataram-se.

— Mas... Por quê?

— Porque, ainda hoje, há pessoas matando para acobertar o que seus olhos viram — interveio Sharko, apoiando-se no genuflexório.

Um silêncio permitiu ouvir as vozes distantes das freiras cantando.

— Como me acharam? Nunca fui procurada para falar dessa história, antiquíssima, por sinal. Vivo reclusa, escondida, não saio há mais de cinquenta anos. Cinquenta longos anos.

— Mesmo escondida, a senhora consta do livro de registro de sua comunidade. Ele estava destinado a jamais sair desses muros, mas, como seu convento fechará as portas dentro de um ano, foi transferido para o Arquivo Nacional.

A velha entreabriu a boca, respirou várias vezes. Lucie teve a impressão de que suas pupilas não paravam de dilatar, refletindo as luzes de um tempo abolido.

— Não se preocupe. Não viemos para denunciar nada, tampouco para questionar suas atitudes no passado. Queremos apenas entender o que aconteceu com aquelas meninas dentro dos muros do hospital Mont-Providence, naqueles anos.

A freira baixou a cabeça. Os paramentos brancos esconderam-lhe o rosto, não deixando visível senão a sombra de uma presença.

— Lembro-me perfeitamente de Alice e de Lydia, como poderia esquecê-las? Eu cuidava delas, na ala das órfãs deste convento, antes de ser transferida para o Mont-Providence, a pretexto de “falta de pessoal”. Não esperava rever minhas meninas nunca mais, porém, dois anos mais tarde, elas chegaram lá, no Mont-Providence, com outras dez meninas da Beneficência... Meninas que julgavam apenas estar mudando de instituição, como era comum naquela época. Estavam acostumadas. Havia chegado de trem, radiosas, felizes e despreocupadas, como se é nessa idade...

Alternava seu monólogo com longos silêncios. As lembranças subiam lentamente à superfície.

— Porém, ao se verem no hospital do Mont-Providence, elas perceberam rapidamente com que estavam lidando. Os cânticos religiosos superpunham-se aos choros e uivos dos loucos. Os semblantes desanuviados das recém-chegadas misturavam-se aos semblantes devastados das retardadas mentais. Essas meninas então compreenderam que entravam lá para nunca mais sair. Órfãs mentalmente sadias, ganhavam, nos registros dos médicos que trabalhavam para o Estado, o status de débeis mentais. Tudo isso por razões financeiras, porque uma criança especial era mais lucrativa para o governo do que uma órfã ilegítima. E nós, as religiosas, tínhamos como obrigação tratá-las como tais. Tínhamos... de cumprir nosso dever.

Sua voz tremia. Os dedos de Sharko crispavam-se na madeira. Ao redor, relentos de paredes degradadas e assoalhos carcomidos.

— Isso significava...?

— Disciplina, trotes, castigos, tratamentos... As infelizes que se rebelassem eram transferidas de sala, a severidade aumentava, as portas da liberdade fechavam-se gradativamente... Sala das religiosas, sala de trabalho, sala das paredes cinza... As meninas eram proibidas de se comunicar com as das outras salas, sob pena de severas punições. Eram como que segmentadas, afastadas da normalidade, em direção à loucura. A loucura, meus filhos... Conhecem pelo menos o seu cheiro? Ela cheira a morte e podridão.

A freira respirou com dificuldade. Uma longa, longa inspiração.

— A última sala, onde fui colocada ao chegar ao Mont-Providence, era a dos Mártires, um lugar abominável onde se alojavam mais de sessenta doentes mentais graves de todas as idades. Histéricas, débeis, esquizofrênicas. Havia estoques de remédios e instrumentos cirúrgicos, além de vaselina...

— Por que a vaselina?

— Para besuntar as têmporas das doentes antes dos eletrochoques.

Seus dedos com unhas amareladas se uniram. Lucie imaginou sem dificuldade o calvário dos dias num lugar daqueles. Os berros, a claustrofobia, os sofrimentos, as torturas mentais e físicas. Internos e monitores alojavam-se nas mesmas dependências.

— Cuidávamos, auxiliadas pelas meninas saudáveis, das doentes. Limpeza das celas, alimentação, apoio às enfermeiras no atendimento. As brigas e os acidentes eram diários. O lugar abrigava todo tipo de loucos, dos mais inofensivos aos mais perigosos. De todas as faixas etárias. Às vezes, as órfãs reticentes ou as rebeldes passavam uma semana na solitária, amarradas num sofá

e tratadas com clorpromazina, a droga preferida dos médicos.

Ela levantou o braço. A cada um de seus gestos, o tecido preto de seu hábito farfalhava como papel crepom. Também não fora poupada de certa forma de loucura. Não saíra incólume do Mont-Providence.

— As meninas sadias que chegavam a essa sala, as mais agressivas, resistentes e, decerto, as mais inteligentes, não tinham qualquer possibilidade de escapar. As enfermeiras dispensavam-lhes os mesmos cuidados que às doentes mentais, sem qualquer distinção. E, embora elas estivessem sob nossa responsabilidade, nossas palavras tinham muito pouco peso. Obedecíamos a ordens, compreendem?

— Ordens de quem?

— Da madre superiora, da Igreja.

— Alice e Lydia também passaram pela sala dos Mártires?

— Sim. Como todas as meninas provenientes do Hospital Beneficente. Um afluxo de tal magnitude na sala dos Mártires era incompreensível e excepcional.

— Por quê?

— Normalmente as novatas ficavam em outras salas. Apenas algumas terminavam nos Mártires, às vezes depois de anos, em virtude de mau comportamento ou rebeldia. Ou simplesmente porque também haviam sido tragadas pela loucura.

— Qual teria sido o paradeiro dessas órfãs, de Alice e das outras?

Os dedos da religiosa retraíram-se sobre a cruz.

— Logo em seguida foram encaminhadas ao médico responsável pela sala dos Mártires, conhecido como M., o superintendente. Tinha apenas trinta anos, um bigodinho louro e um olhar de congelar o sangue. Era ele que, em geral, transferia determinadas crianças para outras salas, às quais ninguém tinha acesso. As meninas, no entanto, me contavam tudo. Eram agrupadas nos quartos e esperavam horas e horas. Havia televisores e alto-falantes também, que emitiam estampidos e ruídos para assustá-las. Depois havia um homem que as filmava, sempre na companhia do médico... Alice gostava muito desse cineasta, a quem chamava de Jacques. Eles se entendiam bem, às vezes ela conseguia ver a luz do dia, graças a ele. Ele a levava ao balanço do parque, afastado do convento, brincava com ela, mostrava-lhe animais, filmava-a. Acho que ele representava o fio de esperança da menina.

Sharko cerrou os maxilares. Imaginava perfeitamente um fio de esperança nas mãos de um sujeito como Lacombe. Perguntou:

— Nos quartos, as meninas apenas esperavam, viam filmes e se assustavam? Não havia outros experimentos mais... violentos?

— Não. Mas não pensem que essa passividade era inofensiva. As órfãs saíam de lá estressadas e agressivas. O que só fazia aumentar as punições que recebiam na sala dos Mártires. Um círculo vicioso. Não existe escapatória à loucura, ela está em toda parte. Dentro e fora.

— Elas lhe falaram de um experimento com coelhos?

— É verdade, às vezes havia coelhos na sala, agrupados num canto, pelo que elas me diziam. Mas... Só isso... Nunca compreendi direito a finalidade daquelas manobras.

— Como a coisa terminou?

A irmã balançou a cabeça, um esgar nos lábios.

— Não sei. Eu não aguentava mais. Dediquei toda minha vida ao serviço de Deus e de Suas criaturas, e me via no inferno na terra, prestes a ser invadida pela loucura. Aleguei um problema de saúde e fugi do Mont-Providence. Abandonei-as. As meninas que eu mesma criara.

Fez o sinal da cruz e beijou repetidamente seu crucifixo. Seguiu-se um silêncio sepulcral. Lucie sentiu um frio repentino.

— Voltei à minha antiga ordem, a das Irmãs Cinzentas. A madre Sainte-Marguerite teve a bondade infinita de me esconder e proteger. Fui procurada, acreditem em mim, e ignoro o que teria acontecido se me houvessem encontrado. Mas o fato é que meus velhos ossos atravessaram o século e minha memória nunca apagou os horrores perpetrados na redoma do hospício do Mont-Providence... Quem poderia esquecer tantas trevas?

Lucie fitou a religiosa bem no fundo de suas pupilas vítreas. Ninguém esquecia as trevas. Ninguém.

A verdade brotava paulatinamente dos lábios fossilizados. Mexida por dentro, ainda assim Lucie conservava os reflexos de policial.

— Precisamos saber a identidade desse superintendente.

— Naturalmente... Chamava-se Dr. James Peterson. Enfim, era o nome que ouvíamos. Porque ele assinava sempre doutor Dr. Jameson. James Peterson, Peter Jameson... Ainda hoje ignoro sua verdadeira identidade. O certo é que morava em Montreal.

Sharko e Lucie trocaram um breve olhar. Haviam encontrado o elo perdido. A religiosa levantou, dirigiu-se a sua estante e se ajoelhou, os olhos úmidos.

— Rezo todos os dias a Deus por essas pobres meninas a quem abandonei. Elas eram minhas filhinhas. Vi-as crescer, entre essas paredes, até irmos parar naquele hospital de loucos.

Lucie sentiu uma espécie de compaixão por aquela velha, que morria sozinha e no sofrimento.

— A senhora não podia fazer nada por elas. Era prisioneira do sistema e de suas crenças. Deus nada tem a ver com isso.

Com suas mãos trêmulas, a irmã Marie du Calvaire ergueu sua Bíblia e começou a ler em voz baixa. Lucie e Sharko compreenderam que não tinham mais o que fazer naquela cela.

Saíram em silêncio.

[D]o convento, os dois policiais foram a pé até a estação ferroviária central de Montreal, que ficava nas proximidades. Caminhavam calados, mergulhados em seus pensamentos mais obscuros. Pensavam nos cubículos, no hospital, onde gemia a loucura, garotas amedrontadas, misturadas a loucos furiosos. Chegavam a ouvir as crepitações dos eletrochoques nos quartos acolchoados. Como aquilo pudera existir? Uma democracia não deveria proteger seus cidadãos de tais barbaridades? À beira da náusea, Lucie sentiu necessidade de romper o silêncio. Aconchegando-se em Sharko, enlaçou-o pela cintura.

— Está muito calado. Gostaria de saber o que está sentindo.

Sharko balançou a cabeça e apertou os lábios.

— Asco. Apenas um profundo asco. Não existem palavras para descrever essas coisas.

Lucie recostou a cabeça em seu ombro forte e assim caminharam até a estação. Uma vez na esplanada, afrouxando o abraço, dirigiram-se a um dos saguões do gigantesco prédio, apinhado de veranistas. Pessoas despreocupadas, felizes, apressadas...

O agente Pierre Monette e um colega esperavam, tomando um café. Os homens da ordem cumprimentaram-se respeitosamente e conversaram sobre banalidades.

Os armários, dispostos em duas longas fileiras, espalhavam-se diante de um caixa eletrônico, sob a folha de bordo vermelha da bandeira canadense. Lucie estranhou que um sujeito da têmpera de Rotenberg tivesse escolhido aquele lugar tão acessível e frequentado, mas ruminou que o advogado devia ter uma cópia de suas informações em outro local, como provavelmente fizera Lacombe com as cópias de seu filme, antes de morrer queimado.

Pierre Monette apontou para o armário 201, o último à esquerda.

— Já abrimos. E eis o que encontramos.

Tirou um objeto do bolso.

— Um pendrive.

Estendeu-o para Sharko, que o levou à altura dos olhos.

— Pode me fazer uma cópia?

— Está feita. Fique com ela.

— O que achou?

— Estamos completamente perdidos. Conto com os senhores para as explicações. Esse caso despertou nossa curiosidade.

Sharko aquiesceu.

— Conte comigo. Precisamos de outro favor. Gostaríamos que desse prioridade para encontrar um homem chamado James Peterson ou Peter Jameson. Era médico no hospital psiquiátrico do Mont-Providence nos anos cinquenta, e morava em Montreal. Deve estar com uns oitenta anos.

Monette anotou numa caderneta.

— Pois não. Telefone no final do dia.

Enquanto Lucie e Sharko tomavam o caminho do hotel, o comissário voltou-se discretamente e procurou Eugénie na multidão. Esticou o pescoço, virou a cabeça e viu um casal em primeiro plano.

Ela continuava ausente.

[A]camareira já passara pelo quarto de Sharko. Lençóis limpos, cama feita com esmero, produtos de toalete renovados. O policial puxou sua velha mala de debaixo da cama. Abriu-a e pegou seu laptop.

Lucie inclinou discretamente a cabeça, cenho franzido.

— É um pote de molho, isso na sua mala?

Sharko fechou-a rapidamente, puxou o zíper e ligou o laptop.

— Sempre tive dificuldade com regimes.

— Sobre isso e os marrons-glacês... Na minha opinião, pela cor, não aguentou a viagem.

Fingindo ignorá-la, Sharko conectou o pendrive na entrada USB do laptop e uma janela com duas pastas apareceu. Nomeavam-se *Szpilman's Discovery* e *Barley Brain Washington*.

— São os mesmos nomes do computador de Rotenberg. Prudente como era, ele teve o cuidado de fazer um back-up.

— Barley ou Szpilman primeiro?

— Barley. O advogado chegou a me mostrar fotos retratando o condicionamento dos pacientes, mas restava um filme na pasta. Um filme que Sanders projetava para os seus pacientes com fins de lavagem cerebral.

Sharko obedeceu. Clicou no arquivo *Brainwash01.avi*.

— 01... Isso significa que houve dezenas de outros.

Desde a primeira imagem, os dois policiais compreenderam imediatamente. Sharko clicou em pause e apontou com o indicador para a parte superior da tela, à direita do fotograma. Voltou-se para Lucie, com um ar grave:

— O círculo branco... Igual ao do rolo maldito.

— Igual também ao dos *crash filmes*. A marca registrada de Jacques Lacombe.

Um pesado silêncio e depois a voz de Lucie, cristalina:

— Ele trabalhava para a CIA. Jacques Lacombe trabalhava para a CIA.

Lucie teve a sensação de que uma nova parte do quebra-cabeça se encaixava. As peças imbricavam-se logicamente, de maneira implacável.

— Isso explica sua instalação em Washington, em 1951, onde fica a sede da Agência de Inteligência. Depois, sua mudança para o Canadá, durante o desenvolvimento do projeto Mkultra. Eles o recrutaram da mesma forma que recrutaram Sanders... Primeiro, interessaram-se por seus filmes, suas técnicas de manipulador do inconsciente. Em seguida, entraram em contato com ele e, como no caso do psiquiatra, deram-lhe uma cobertura, o emprego de projecionista, sem dúvida acompanhado de uma bela conta bancária.

Sharko aprovou:

— Eles contrataram os melhores do mundo. Cientistas, médicos, engenheiros, até um cineasta. Precisavam de gente para criar os vídeos projetados para os pacientes.

Lucie concordou. No calor da investigação, não estava mais perante o homem com quem acabara de dormir, mas com um colega, partilhando a mesma aventura: uma perseguição perigosa, impossível.

— Rotenberg me disse que o programa relativo às crianças e aos coelhos não era o Mkultra e que o médico ausente do quarto não era Sanders. Logo...

Jacques Lacombe trabalhou nos dois programas. No Mkultra, com Sanders, em Barley, e o relativo às crianças, com esse tal Peterson, ou Jameson, no Mont-Providence. A CIA sabia que podia confiar nele. Sem dúvida precisava de alguém leal para filmar o que se tramava naqueles quartos brancos.

Lucie levantou-se para tomar um copo d'água. A noite de ebriedade e prazer tinha ficado distante. Os demônios voltavam à carga. Sharko esperou seu retorno e procurou reconfortá-la.

— Tudo bem?

— Vamos em frente...

Ele clicou em play. *Brainwash01.avi...*

O filme de Lacombe, projetado para os doentes de Sanders, era de uma extravagância inaudita. Tratava-se de uma mistura de quadrados pretos e brancos, linhas, curvas, que oscilavam como ondas. Tinha-se a impressão de navegar num mundo psicodélico, zen, onde o espírito não sabia efetivamente a que se agarrar. Na tela, os quadrados se moviam, devagar, rápido, as ondas encrespavam-se antes de desaparecer. Sharko passou o vídeo, fotograma por fotograma, e foi então que surgiram os planos ocultos.

Lucie recuou. Via-se algo que parecia dedos em posição de gancho fechando-se em torno de crânios dispostos sobre uma mesa. Aranhas filmadas em close, mumificando insetos com seus fios de seda. Uma enorme nuvem preta, num céu translúcido. Um enorme coágulo escuro numa poça de sangue. Horror, aberrações, tudo que Jacques Lacombe mais apreciava.

Sharko esfregou as têmporas. Estava abalado:

— Deviam projetá-lo incessantemente para os pacientes. Misturado ao som dos alto-falantes, uma verdadeira máquina de lavagem cerebral. Esse Lacombe era tão louco como Sanders.

— Era decerto a imagem que o cineasta fazia da doença psíquica: cenas que representavam o controle, o aprisionamento, a invasão de corpos estranhos no organismo. Tudo isso para criar um choque cerebral. Assim como Sanders, ele queria matar a doença atacando diretamente no inconsciente. Bombardeá-la como hoje bombardeamos células cancerosas com um laser.

Sharko largou o mouse e passou a mão no cabelo.

— Bárbaros... Aterrissamos no universo da corrida à descoberta. O da Guerra Fria, da luta entre o Oriente e o Ocidente, em que os fins justificam os meios.

Lucie suspirou e encarou o comissário.

— E pensar que esses horrores proporcionaram o nosso encontro... Sem essa monstruosidade, jamais teríamos nos conhecido.

— Só uma relação nascida no sofrimento poderia reunir dois policiais como nós. Não acha?

Lucie franziu os lábios. A dureza e a loucura do mundo a entristeciam acima de tudo.

— Onde entra a lógica nisso tudo?

— Não há lógica. Nunca houve.

Ela apontou o monitor com o queixo.

— A outra pasta. Hora de nos concentrarmos nas descobertas de Szpilman. Cruzando os dedos para desvendar seus segredos e terminar com isso de uma vez por todas.

Sharko balançou a cabeça gravemente. Em torno deles, a atmosfera do quarto voltara a se tornar viscosa, pesada. O policial clicou e o conteúdo da pasta *Szpilman's Discovery* surgiu. Tratava-se de um único arquivo Powerpoint, intitulado *Mental contamination.ppt*. Lucie sentiu um nó na garganta.

— Espere dois segundos. Antes de levar um tiro, Rotenberg me falou de contaminação mental. Com o tumulto, os disparos, as chamas, deletei completamente da cabeça. Abra o arquivo.

— Uma série de fotos, parece.

O slideshow começou, revelando seus pixels venenosos. Surgiram então as fotografias do soldado alemão apontando armas para mulheres judias, que os policiais já tinham visto na reunião nas dependências de Nanterre. O olhar do soldado em primeiro plano estava circulado com marca-texto.

— Os olhos... Eis o que Szpilman desejava assinalar.

Série de fotos seguintes: ossuários.

Corpos de africanos amontoados, emaranhados, recolhidos pelo exército. A expressão desumana de um massacre ignóbil.

— Ruanda... — murmurou com dificuldade o comissário de polícia. — Em 1994. O genocídio.

Uma foto particularmente forte mostrava hutus em ação, armados com suas machadinhas. Os rostos dos agressores esgarçavam-se de ódio, os lábios espumavam saliva, os nervos do pescoço e dos membros desenhavam-se nas epidermes.

Os olhares dos assassinos estavam igualmente assinalados. Lucie aproximou-se o máximo que pôde do monitor.

— Sempre o mesmo olhar... O alemão, o hutu, a garotinha com os coelhos. É como... um traço comum da loucura, que atravessa povos e épocas.

— Diferentes formas de histeria coletiva. Estamos dentro do caldeirão.

O fotógrafo de guerra aventurara-se em seguida em meio aos corpos, demorando-se sobre os cadáveres, prodigalizando closes macabros.

A fotografia seguinte congelou Lucie e Sharko no estupor absoluto.

Representava um tutsi sem olhos, com o crânio cortado ao meio.

A foto trazia uma legenda: “Além do massacre... a expressão da loucura hutu.”

Lucie encolheu-se na cadeira, a mão na testa. O fotógrafo de guerra acreditara numa barbárie gerada pelos próprios hutus, mas a verdade estava além...

— Não é verdade...

Sharko repuxou os olhos até embaralhar a vista.

— Ele também passou por lá. O doente que rouba os cérebros. Egito, Ruanda, Gravenchon... Onde mais?

Desordenadamente, novos documentos surgiam, ora fotos de arquivos, ora reportagens

escaneadas ou páginas de livros de história.

Invariavelmente, genocídios ou massacres. Birmânia, 1988. Sudão, 1989. Bósnia-Herzegovina, 1992. Fotografias infernais, capturadas durante a tragédia. Tudo que a História tinha de pior para regurgitar encontrava-se ali, diante deles. E outros olhares assinalados. Sharko procurava os crânios abertos entre as montanhas de cadáveres, sem encontrá-los. Mas certamente estavam ali, em algum lugar entre os mortos. Apenas não haviam sido fotografados.

O policial apertou violentamente a tecla Esc.

— Chega!

Levantou-se, segurou a cabeça, deambulou. Lucie continuava atônita.

— A contaminação mental — repetiu, mecanicamente.

Passou as últimas imagens e a projeção terminou.

Calma no quarto. Ronco discreto do ar-condicionado. Lucie precipitou-se para a janela a fim de abri-la.

Ar, precisava de ar.

[S]harko apertava a cabeça nas mãos.

— O assassino sem dúvida estava lá... Presente após cada massacre, para roubar os cérebros.

Lívida, Lucie voltara a sentar-se na cama. Considerava a tela, os olhos vazios.

— Szpilman estava se lixando para as razões políticas, étnicas ou existenciais dos genocídios. Procurava alguma coisa naqueles massacres, quando pais e crianças absolutamente normais punham-se de repente a matar. Pouco antes de morrer, Philip Rotenberg me falou das pesquisas efetuadas pelo belga sobre essa maldita contaminação mental. Sugeriu a existência de um fenômeno tão virulento que alteraria a estrutura cerebral.

— Como um vírus, por exemplo?

— Sim, só que não haveria nada realmente físico ou orgânico. Apenas... alguma coisa que atravessaria o olho e iria modificar o comportamento humano, liberando violência.

— Uma forma de histeria coletiva criminosa.

— De certa forma. Desde que assisti ao filme, à cena com as garotas na sala branca, uma imagem não me sai da cabeça: a de uma esquadrilha de aviões de guerra. O primeiro avião, o elemento desencadeador, começa a apontar para o solo e os outros aviões o imitam, um atrás do outro, como se um fio invisível os ligasse. E se fosse isso a tal da síndrome E? Um indivíduo deflagrador, superviolento, que age e em seguida a contaminação mental da violência propaga-se quase instantaneamente de indivíduo para indivíduo? E se fosse esse o objetivo das experiências ocultas no filme de Lacombe? Tentar a todo custo criar o fenômeno diante de uma câmera? Estabelecer a prova concreta de sua existência?

Sharko andava parecendo um robô pelo quarto. Nada mais existia em volta. O caso o absorvia, e o que Henebelle dizia parecia-lhe ao mesmo tempo mirabolante e de uma pertinência terrível. Szpilman, com suas pesquisas pessoais e sua obsessão, compreendera. Passara anos garimpando nos livros, entrara em contato com fotógrafos de guerra, compilara as imagens, no rastro de uma descoberta estupefacente. No fim, o filme, que sem dúvida caíra em suas mãos casualmente, tornara-se a pedra angular de suas pesquisas, a que lhe faltava para compreender a própria essência de sua busca.

— Algumas pessoas, neste planeta, procuram compreender de um ponto de vista médico, eu diria quase cirúrgico, como se produz esse fenômeno, filmado de maneira oficial por Lacombe, há mais de cinquenta anos, no âmbito de experimentos secretos. A contaminação mental da violência a partir de um deflagrador. É isto a síndrome E.

— A contaminação mental da violência a partir de um deflagrador — repetiu Lucie. — Um fenômeno raro, aleatório, que irrompe em qualquer lugar, em qualquer época. Como não é impossível estudá-lo com facilidade em laboratório, eles partem para o terreno. Para os locais de massacres, o centro dos fenômenos de histeria coletiva. Procuram um vestígio, um indício, no

crânio dos mortos.

Sharko continuava sua peregrinação, a mão no queixo.

— Chastel tinha conhecimento da existência da síndrome E, o que significa duas coisas. A primeira é que esse dossiê, que nos anos cinquenta achava-se nos arquivos da CIA, foi parar nas mãos dos serviços secretos franceses. E a segunda é... intrínseca à própria Legião Estrangeira. Trata-se do local para onde os homens, sobretudo durante as fases de seleção, são levados quando estão no limite de suas forças físicas e psíquicas. Um detalhe qualquer pode fazer subitamente tudo explodir.

— A Legião seria um território propício para a aparição da contaminação mental, é isso o que quer dizer?

— Exato. Você se lembra da foto dos soldados diante das mães judias com seus filhos, ou dos hutus, com suas machadinhas levantadas, a violência inerente a essas imagens, esses contextos. Sem dúvida, há fatores iniciais à aparição da síndrome, como o estresse, o medo, o condicionamento exterior.

— A guerra, o confinamento... Tudo que diz respeito a uma forma qualquer de autoridade. A bondosa freira mencionou o estresse das meninas, que eram confinadas nas salas aos berros.

Sharko não pôde deixar de concordar.

— Exatamente. Antes de se tornar chefe de um regimento, Chastel dirigia treinos de sobrevivência na Guiana, um inferno que enlouquecia os legionários. Talvez tenha havido uma manifestação da síndrome por lá. Em virtude disso, Chastel desperta o interesse de nosso ladrão de cérebros. Passa então pelos serviços secretos, antes de voltar a Aubagne. Penso que obteve esse lugar de chefe de regimento para tentar deflagrar a síndrome E no próprio seio de seus efetivos, a fim de que pudesse estudá-lo em seres ainda vivos.

— Uma espécie de incubadora. O equivalente dos experimentos de 1955, mas a céu aberto.

— Sim. E ele caiu na própria armadilha. Mohamed Aban, um sujeito particularmente agressivo, tornou-se incontrolável e arrastou quatro homens em sua loucura. Provavelmente foram abatidos antes que Chastel pudesse intervir. A partir daí, o coronel tomou imediatamente as rédeas da situação. Ele, seu assecla Manœuvre e nosso “ladrão de cérebros” entraram em ação: abertura dos crânios, enucleação dos olhos, enterro dos corpos.

Sharko levantou-se, nauseado, agitou a lista dos participantes da SIGN.

— Manœuvre e Chastel eram apenas paus-mandados. Precisamos do verdadeiro assassino. O que mutilou as egípcias. Aquele que, ao longo desses anos todos, desloca-se de país em país para abrir os crânios. O grande Manitu. Ele está aqui, diante do nosso nariz, nessa lista de nomes. A Birmânia nos faz recuar vinte anos. Se efetivamente esteve lá após o massacre, nosso assassino deve ter hoje pelo menos quarenta e cinco anos.

Sharko fechou-se como uma ostra, mergulhou em sua lista e começou a riscar nomes. Ainda abalada, Lucie aproveitou para conectar-se ao wi-fi do hotel. Fez a busca por “Peter Jameson”, que não resultou em nada. Entrou então com “James Peterson”. Vários resultados.

— Franck? Venha ver... Há um James Peterson que corresponde aos nossos critérios.

Sharko não ouviu, ela teve de repetir. Ele ergueu os olhos para ela e apontou para sua lista.

— Acho que consigo eliminar cinquenta por cento.

Ele se aproximou. Lucie apontou para a tela. Clicara num verbete da Wikipédia relativo ao indivíduo. A fotografia representava um homenzinho magro, de feições angulosas e olhar intransigente.

Os dois policiais leram em silêncio. James Peterson... Pais emigrados de Nova York para a França. Nascido em Paris, em 1923. Um superdotado que ingressou na universidade aos quinze anos. Foi por um tempo professor de fisiologia, antes de se debruçar no estudo do sistema nervoso, quando ainda não completara vinte anos. Em seguida, foi para os Estados Unidos, para a Universidade de Yale, onde focou suas pesquisas na estimulação direta do cérebro por meio de técnicas elétricas e químicas... Este, aliás, era o tema principal de sua única obra, publicada em 1952 e intitulada *O condicionamento do cérebro e o livre-arbítrio*. Em 1953, estranhamente, Peterson deixara a cena científica e nunca mais se ouviu falar dele.

Lucie fez outras buscas, que não acrescentaram muita coisa. Peterson simplesmente desaparecera. Mas os policiais agora conheciam sua destinação depois de 1953: o hospital do Mont-Providence, sob a identidade híbrida de Peter Jameson. Fora recrutado pela CIA, como os demais, para fazer experimentos com crianças. Por ora, a pista interrompia-se nesse ponto. Os dois aguardavam a ligação de Pierre Monette para informações mais precisas.

Lucie clicou no link do livro escrito por James Peterson. A imagem da capa apareceu, mergulhando os dois policiais num estupor vertiginoso.

Representava um touro de dimensões descomunais, frente a frente com um homenzinho de bigode louro, que mantinha as mãos às costas e sorria. James Peterson em pessoa.

— O touro face ao humano, como no filme de Lacombe — observou Sharko. — Qual seria, afinal, o tema desse livro demoníaco?

Com alguns cliques, Lucie obteve uma breve descrição do volume. Leu, em voz alta:

— “Os progressos da fisiologia são de tal monta que hoje é possível explorar o cérebro, inibir ou excitar a agressividade, modificar os comportamentos maternos ou sexuais. O chefe tirânico de um bando de macacos curva-se a seus subordinados, bastando para isso estimular uma zona específica de seu encéfalo. Esse acesso direto ao cérebro, por meio de miraculosas e surpreendentes técnicas físicas, talvez constitua uma etapa mais decisiva na história da humanidade do que o domínio do átomo.”

Sharko levantou-se. Intuíra que a solução estava nas páginas daquele livro. Vestiu o casaco deixado na ponta da cama, pegou sua lista e dirigiu-se à porta.

— Venha comigo. Enquanto esperamos a ligação do policial, vamos aos horrores que esse livro esconde.

[E]mbora fosse possível encomendar o livro de James Peterson, ele não estava disponível em estoque nas livrarias que Sharko e Lucie visitaram. Considerando o título e a breve descrição da obra, um livreiro escrupuloso aconselhou-os a ir à faculdade de medicina da Universidade de Montreal — a terceira maior da América do Norte — e, mais especificamente, ao centro de pesquisas em ciências neurológicas. Demonstrando boa vontade, ligou para um professor chamado Jean Basso e passou o aparelho a Sharko. Os dois homens marcaram um encontro para dali a algumas horas, o tempo de Basso debruçar-se novamente sobre o livro, o qual ele possuía e lera.

No táxi, Lucie e Sharko, sentindo a aproximação do inferno, não trocaram muitas palavras. Resvalavam em trevas que haviam sufocado o país, a religião, a ciência, que se haviam insinuado nos interstícios das mentes doentes. Lucie pensou em sua família, nas filhas, as quais tentava educar na inocência e num mundo em que ainda queria acreditar. Os rostos de Clara e Juliette decalcaram-se novamente nos de Alice e Lydia, crianças indefesas a quem ninguém dera uma chance. Mais do que nunca, Lucie sentia-se impotente, terrivelmente frágil.

Chegaram ao destino.

A universidade erguia-se feito um monstro de cimento e vidro entre o sopé oeste do Mont-Royal e os alojamentos dos estudantes. Em plenas férias de verão, o campus vazio impressionava. Mais de cinquenta mil alunos ausentes, ruas desertas; cafeterias, ginásios esportivos, livrarias e lojas fechados. A impressão de uma cidade-fantasma, pela qual circulava uma pequena parcela de pesquisadores, além dos funcionários da administração e da manutenção.

Lucie e Sharko foram deixados em frente aos arrojados prédios da Politécnica e interrogaram as primeiras pessoas que viram. Bem ou mal, conseguiram obter o nome de um pavilhão: Paul Desmarais.

O estabelecimento situava-se na ala oposta. Um quilômetro adiante, depois de atravessarem os subterrâneos que ligavam os edifícios, foram conduzidos a um gabinete e apresentados ao professor Jean Basso, diretor do então “Grupo de Pesquisas sobre o Sistema Nervoso Central”, o GRSNC. O homem tinha aproximadamente cinquenta anos e algo que lembrava Einstein.

Sharko explicou mais uma vez, sucintamente, a finalidade de sua visita. Desejava obter informações sobre o livro de James Peterson intitulado *O condicionamento do cérebro e o livre-arbítrio*.

— Conheço perfeitamente. Quem poderia ignorar seus trabalhos sobre o cérebro? Um cientista notável, que interrompeu precocemente suas pesquisas.

— Sabe o motivo?

— Não.

A vontade de Sharko foi dizer: “Pois a gente sabe... Ele realizava experimentos não longe daqui, usando crianças como cobaias, no âmbito de um programa secreto da CIA, ao lado de um

cineasta louco chamado Jacques Lacombe.”

— E sabe de seu paradeiro?

— Nem desconfio. Eu me interessava apenas pelo lado científico do homem. A vida particular, sabem como é...

Agitou um volume preto e verde de aproximadamente quatrocentas páginas, com a sinistra capa estampando o homem diante do touro. O livro sobrevivera: páginas amarelas e desgastadas.

— Tentarei ser breve e claro. Convém saber que, para os cientistas da época, o que se passava por nossa cabeça era, *grosso modo*, uma gigantesca caixa-preta. Peterson, ciente de seu gênio, interessou-se um aspecto fundamental no domínio das neurociências: o que acontecia entre as entradas sensoriais, como o olho que vê um sinal vermelho, e as saídas comportamentais como o pé que pisa no freio. Que mecanismos disparavam dentro dessa caixa-preta, de forma a gerar, a partir de sons ou cheiros, um gesto ou um comportamento? O princípio básico que guiou o trabalho de Peterson foi o da tábula rasa: segundo esse princípio, o cérebro recém-formado não passa de uma tábua virgem, sobre a qual a experiência inscreve suas mensagens, desenvolvendo assim as diferentes áreas cerebrais, específicas de cada sentido. Aproximativamente, a origem das recordações, reatividades emocionais, aptidões motoras, palavras e ideias que constituem um indivíduo encontra-se, a princípio, fora desse indivíduo. Peterson realizou um sem-fim de experimentos aberrantes com animais para embasar suas suposições. Por exemplo, com macacos, que ele privava de vários sentidos desde o nascimento. Gatos, que ele estimulava visualmente e de forma ininterrupta. No caso da privação, o cérebro não se desenvolvia, e no da superexposição sensorial, alcançava um peso superior à média. O que demonstrava definitivamente que a estrutura cerebral moldava-se em função da vivência sensorial. Percebe-se claramente, no livro, o fascínio de Peterson pela interação sentidos/cérebro.

Lucie tentava agarrar-se às suas descobertas recentes:

— A expressão síndrome E lhe sugere algo?

— Absolutamente nada.

— E “contaminação mental”?

— O que seria isso?

— A propagação da violência e da agressividade pelos sentidos? Imagens e sons tão violentos que terminam por modificar a estrutura cerebral de um dado indivíduo, que passa à ação, provocando uma mudança de comportamento de quem se encontra a seu lado?

A própria Lucie admirou-se com a frase que acabava de pronunciar, mas não era este, no fim das contas, o resumo de suas buscas?

O professor coçou o queixo.

— Como um fenômeno viral? Com o paciente zero e a propagação da doença por intermédio dos vizinhos? Sua teoria é interessante, mas...

O professor fez uma pausa antes de prosseguir. Parecia perturbado.

— Devo confessar que nunca ouvi coisa igual. Isso merece reflexão. Eu precisaria me debruçar mais sobre o assunto. Peterson talvez escamoteasse seus estudos no final. Ainda mais considerando que de fato se interessou pelas zonas cerebrais responsáveis pela violência,

sobretudo em colônias de símios.

Sharko e Lucie entreolharam-se.

— De que maneira?

— Ele demonstrou que os macacos que sofriam lesões na área de Broca e na amígdala cerebral desenvolviam comportamentos sociais anormais, o que levava a uma incapacidade de controlar suas frustrações e sua raiva. Peterson chegou a promover um ataque de tigres contra os símios. Da mesma forma, detectou uma região amidaliana extraordinariamente reduzida nos animais que se tornavam naturalmente agressivos. Como se essa parte do cérebro fosse atrofiada. Ele nunca conseguiu explicar a razão de tal atrofia.

Progressivamente, os policiais compreendiam o percurso de Peterson e a importância de suas descobertas. Aproximavam-se, passo a passo, da própria essência da síndrome E. Lucie folheava o livro lentamente. Velhas fotografias em preto e branco chamaram sua atenção. Gatos com os crânios conectados a dezenas de eletrodos. Macacos com grandes capacetes eletrificados conectados na cabeça. Depois, o próprio Peterson, diante do touro: a mesma foto utilizada na capa do livro.

Lucie mostrou o livro ao professor:

— O que significa essa imagem?

— Impressiona, não é? Peterson também foi um grande precursor da estimulação cerebral profunda. Ou como agir sobre os comportamentos individuais por meio de impulsos elétricos.

Sharko sentiu subitamente uma onda de fogo varrer suas entranhas. Estimulação cerebral profunda... O termo que constava do relatório do legista, referente à macabra descoberta de Gravenchon. Mohamed Aban tinha um pedaço de tubo verde sob a carne, no nível da clavícula, e o legista sugeria a estimulação cerebral profunda como uma das explicações possíveis para a existência desse tubo.

— Explique-nos — deixou escapar com uma voz neutra.

— Galvani, 1791: o músculo da rã contrai-se ao receber estímulos elétricos. Experimento que será repetido por Volta em 1800, depois por Dubois e Reymond, em 1848. Avancemos vinte anos: em 1870, Fritsch e Hitzig observam que a estimulação elétrica do cérebro no cão anestesiado provoca movimentos localizados do corpo e membros. Pulamos em seguida para 1932, para um experimento que influenciará profundamente Peterson: a estimulação do cérebro no gato não anestesiado gera atos motores bem organizados e reações emocionais: miados, ronronar, salivar de raiva...

Era terrível. Lucie visualizava Peterson, no fundo de seu laboratório, abrindo crânios para acessar o cérebro de animais vivos e acordados.

— ... Trabalhar com animais não anestesiados foi um enorme passo adiante, pois demonstrava que a eletricidade estava na base não apenas dos movimentos, mas também das emoções. Era nas mãos de Peterson que nasceria a estimulação cerebral profunda, isto é, a implantação, no cérebro, de eletrodos ligados a um capacete permitindo o envio de impulsos elétricos. Esses volumosos capacetes que a senhorita vê conectados aos crânios desses macacos não são mais nem menos que o equivalente de quadros de luz. Por meio de pequenos disjuntores, diferentes zonas cerebrais são estimuladas, induzindo, por conseguinte, diferentes

reações. Claro, o sistema era bastante rudimentar e capenga, mas funcionava.

Tudo isso era altamente edificante. Sharko imaginava uma série de interruptores ativados e desativados, atuando sobre o sono, a raiva e a motricidade. O que acontecia quando vários disjuntores eram ligados ao mesmo tempo? O que sentiam os gatos que miavam involuntariamente? Os experimentos deviam ser ilimitados, tanto em horror quanto em crueldade.

O professor continuava a discorrer, revelando uma verdade atroz que desafiava a realidade:

— Peterson era muito demonstrativo, queria impressionar. No que se refere ao touro, ele simplesmente implantou eletrodos nas áreas motoras do cérebro do animal. O capacete é mantido fora do campo de visão do fotógrafo e Peterson esconde na mão um controle remoto via rádio. Quando ele aperta determinado botão, uma corrente elétrica inibe as áreas motoras e trava os movimentos do animal. É instantâneo, como se congelássemos uma imagem com uma câmera.

Sharko segurou a testa com as mãos. Com sua esquizofrenia e suas sessões no hospital da Salpêtrière, vira do que os cientistas eram capazes, mas àquele ponto...

Jean Basso constatou sua perturbação e sorriu.

— Difícil de acreditar, não é mesmo? E, no entanto, aconteceu, há cinquenta anos. Hoje em dia, a SCP tornou-se uma técnica na moda e relativamente comum. Tudo se miniaturizou. Agora o estimulador elétrico é inserido sob a pele e, através de cabos elétricos, conectado aos eletrodos implantados no crânio. Os próprios pacientes dispõem de um aparelho de controle remoto, que lhes permite desencadear ou não a estimulação. Dessa forma é possível atenuar determinadas doenças: Parkinson, distúrbios obsessivo-compulsivos, em breve depressões ou insônias crônicas. Os testes já começaram.

Sharko tentava repelir a ideia monstruosa que, progressivamente, crescia em sua cabeça. Aquilo ia além do entendimento. Mesmo assim, atreveu-se a formular a pergunta:

— E acha que seria possível fazer a mesma coisa com a agressividade? Deflagrá-la e inibi-la à vontade, com um simples... controle remoto?

Pensava evidentemente no paciente zero. No elemento desencadeador do massacre, o qual seria controlável de maneira científica, superando o estágio da tentativa e erro, que dependia do acaso.

— Tudo é possível. É horrível dizer isso, mas a eletricidade é sempre mais forte que a vontade e o espírito. Com a SCP, podemos parar o coração, suprimir ou criar o sono e as recordações. As possibilidades são infinitas. A dificuldade toda está em alcançar a zona em questão com os eletrodos, a fim de enviar o estímulo elétrico à área precisa. Por um lado, compridos eletrodos devem trespassar o cérebro de maneira física, portanto atravessar as zonas motoras, da linguagem e da memória, o que não é nada simples, levantando problemas que ainda não sabemos como resolver. O maior problema é a zona em si mesma. No que se refere à violência, a amígdala cerebral é minúscula, multifuncional e está em contato com áreas extremamente sensíveis. Um erro, ainda que de uma fração de milímetro, e o paciente perde as recordações, põe-se a delirar, vê-se paralisado. Eis por que a realização de testes experimentais com a finalidade de validar a utilização de implantes exige tempo e dinheiro. No campo da

neurocirurgia, o erro é inadmissível. Essa técnica promissora e mágica é ao mesmo tempo o céu e o inferno no âmago do cérebro... Aí está, penso eu, tudo que posso dizer sobre este livro.

Sharko fechou o volume e o devolveu. Sem mais perguntas, os policiais cumprimentaram o cientista e saíram, com a impressão de que seus próprios cérebros não estavam longe de entregar os pontos.

[O]s dois franceses sentaram-se num banco, no meio da universidade deserta. A calma reinava naquele espaço morto. Sharko pegara a lista das duzentas e dezessete pessoas e acompanhava cada identidade não riscada com a ponta da caneta.

— Vê as coisas como eu vejo, Lucie?

— Não estamos procurando um simples indivíduo com habilidades médicas, mas alguém capaz de realizar uma cirurgia tão delicada como a estimulação cerebral profunda, um cientista que se interessa pela estrutura do cérebro... Suponho que esse James Peterson não faça parte da lista... Que idade ele teria hoje?

— Uma idade bastante avançada... Ainda que tivesse trocado de identidade, em nossa lista há um único indivíduo nascido no mesmo ano que ele, em 1923. E trata-se de uma mulher.

— Não se esqueça de que você só possui a lista de franceses.

Sharko continuava a riscar.

— Eu sei, eu sei... Mas o legionário Manœuvre era francês. Receio muito que nosso ladrão de cérebros seja francês também.

— Será que o Dr. Peterson teve filhos? Um filho que tivesse dado continuidade a seu trabalho?

— Monette deve ligar a qualquer momento. Não demoraremos a saber.

Lucie estava curvada para a frente, as mãos comprimidas entre as pernas.

— Estamos quase lá — suspirou. — O assassino sem dúvida está escondido diante de nossos olhos, e acho que... acho que estamos na iminência de encontrar o que viemos procurar aqui. Por acaso se dá conta do alcance de nossas descobertas? Se a síndrome E existir realmente, isso levanta um monte de questões. Sobre a liberdade do indivíduo, sua capacidade de decidir, de ser responsável por determinados atos. Não posso acreditar que tudo que nos rege seja puramente químico, elétrico. Onde está Deus em tudo isso? Os sentimentos, a alma, nada têm de artificial.

A quantidade de suspeitos na lista diminuía, mas os que restavam ainda eram muitos. Cerca de quarenta pessoas, passadas no crivo.

— De toda forma... Pegue um esquizofrênico, por exemplo. Ele pode ver uma pessoa exatamente como você está vendo aquele pesquisador de jaleco, logo ali, sob as arcadas. Tudo isso porque alguns milímetros em seu cérebro desandaram. Isso nada tem a ver com Deus ou com bruxaria. Química. Apenas a canalhice da química.

Seu celular tocou. Ele verificou o número.

— Pierre Monette.

Apertou na tecla do viva-voz e atendeu:

— Tenho algumas informações sobre o tal Peter Jameson — disse o policial.

Peter Jameson... Então Peter Jameson chegara efetivamente ao Canadá sob uma identidade falsa. Ao mesmo tempo, não se empenhou muito em arranjar um novo nome.

— Ele se instalou em Montreal em 1953 e trabalhou no Mont-Providence, como médico-pesquisador na ala dos retardados mentais profundos. Em 1955, casou-se com uma mulher chamada Hélène Riffaux, canadense de origem e professora de matemática. Juntos, adotaram uma menina e Jameson sumiu de circulação nas semanas seguintes, levando a filha e abandonando a esposa. À primeira vista não deixou rastro nem endereço atrás de si. Ninguém nunca mais o viu. O casamento era simplesmente um pretexto para a adoção, à qual, caso contrário, ele não teria direito. É um pouco sucinto, mas a princípio é tudo que temos. Ah! Uma última coisa importante para os senhores, creio. A garotinha era uma das órfãs do Mont-Providence.

Essas palavras provocaram um verdadeiro terremoto nas cabeças de Lucie e Sharko, que se entreolharam, estarelecidos, parecendo compreender simultaneamente.

— A garota! Diga o nome dela!

— Coline Quinat.

O indicador desceu a lista. Ele notara uma Coline. Letra Q. Quinat. Era ela. Sharko disse “obrigado” com uma voz neutra e desligou. Lucie viera juntar-se a ele, os dedos grudados na linha impressa.

“Coline Quinat — 15/10/1948 — Pesquisadora em neurobiologia no Centro de Pesquisas do Serviço de Saúde do Exército, Grenoble.”

— O Serviço de Saúde do Exército — murmurou Sharko.

— Inacreditável... Nascida em 1948, como Alice. Coline Quinat, Alice Tonquin. O anagrama perfeito. Estava no nosso nariz.

Lucie cobriu o rosto com as mãos.

— Ela não... Alice, não.

Sharko suspirou, aniquilado pelas revelações.

— Pesquisadora em neurobiologia... Certamente uma profissão utilizada como cobertura para dissimular suas verdadeiras atividades no exército. Tudo agora se encaixa perfeitamente. A garotinha martirizada, que depois vira carrasco. A ladra de cérebros é ela. É ela quem está por trás de todos esses horrores. Foi ela que matou e mutilou as jovens egípcias. Ela que foi a Ruanda e a todas as regiões onde aconteciam massacres...

Um silêncio de pedra por alguns segundos. Lucie estava chocada. A garota a quem ela queria reabilitar, fazendo justiça, era justamente aquela a quem caçava, a que matava, que extirpava olhos e cérebros. A grande maquinadora. A doente, a assassina.

Sharko não se continha mais, sentindo-se um leão na jaula.

— Imagine o seguinte: depois de inúmeros testes, pesquisas e obstinação, Peterson e Lacombe filmam juntos uma descoberta monumental, a da existência da contaminação mental, na qual o cientista Peterson acreditava e para a qual obtém uma verba da CIA. No entanto, após sua descoberta extraordinária na sala dos coelhos, o pesquisador convence Lacombe a não revelar nada à CIA. Ele sabe qual é o alcance de seu achado. Talvez cogitasse vender seu conhecimento, suas descobertas a outros contatos dispostos a lhe pagar uma fortuna. Os serviços secretos franceses em primeiro lugar, os de seu país de origem...

Lucie aquiesceu, completando o raciocínio de Sharko:

— Lacombe deixa-se seduzir por Peterson e aceita. Para ocultarem seu segredo da CIA, eles escondem o filme dos coelhos num outro curta-metragem bizarríssimo, cujo segredo Lacombe detém. Ainda que a CIA tenha projetado o filme, uma vez que devia controlar as bobinas, as cópias e as películas, não deve ter percebido nada. No máximo, descobriu algumas imagens subliminares de Judith Sagnol. Lacombe, com seu gênio e loucura latente, consegue enredar a espionagem americana nas próprias malhas.

— Exato. Enquanto isso, Peterson já planeja sumir, sair do Canadá, e quer resgatar Alice, a menina por meio de quem ele conseguiu reproduzir a síndrome E. Teria ela se tornado um objeto de estudo para ele? Será que ele sentia certa forma de afeição por ela? Será que considerava a menina uma prova viva de seu triunfo? Um troféu? Uma curiosidade? Pouco importa. O fato é que se casa, adota Alice e mata Lacombe, desencadeando um incêndio. Em seguida, provavelmente ajudado e apoiado pelos serviços franceses, dilui-se em seu país de origem, a França, com Alice e o filme original realizado por Lacombe.

— Com a ressalva de que Lacombe, por sua vez, tomara suas precauções, copiando o filme e escondendo-o em diversos lugares. Os dois homens deviam viver entre o medo e a paranoia não apenas em relação à CIA, como também um em relação ao outro.

— Exatamente, mas essas precauções não impediram Lacombe de se dar mal. Protegido e escondido, Peterson instala-se na França e, naturalmente, prossegue com suas pesquisas. As descobertas sobre a síndrome E passam às mãos dos franceses, sob o nariz e as barbas da CIA. Alice torna-se um brinquedo para o fanatismo de Peterson, sua loucura. Não esqueçamos seu calvário no Mont-Providence e, sobretudo, o surto na sala de testes. É ela a primeira a massacrar os coelhos. Ela é a paciente zero da síndrome E, está na origem da onda de loucura que golpeou todas as meninas. Esse experimento deixou-lhe graves sequelas psicológicas, necessariamente. Uma violência e agressividade arraigadas de forma profunda em sua mente, na própria estrutura do cérebro. Mas isso não a impede de ser brilhante e, sem dúvida, de assumir a coroa do pai, se é que podemos falar dessa forma.

— Lembro perfeitamente dos corpos de Luc Szpilman e da namorada... Todas aquelas facadas. Era uma obsessão, uma agressividade surda, incompreensível.

— Como nas garotinhas no Egito... Como no restaurador de filmes. Como no caso dos coelhos. Hoje, Alice tem sessenta e dois anos e a idade não a impede de continuar matando. A loucura e a violência habitam-na como habitou a todos os que se envolveram nessa história.

Lucie cerrou os punhos, balançando a cabeça, os olhos pregados no chão.

— Há uma coisa que continuo sem compreender. Por que os eletrodos e a estimulação cerebral profunda em Mohamed Aban?

— Não é complicado. Uma manifestação natural, instantânea e não controlada da síndrome E na Legião, que resultou num descuido e no massacre de cinco jovens legionários. Só que Aban, ferido no ombro, continuava vivo. Por um lado, estava fora de questão deixá-lo vivo em virtude daquele engano, mas, por outro lado, Aban era, como Alice, um paciente zero. Acho que, antes de matá-lo, Alice Tonquin, aliás, Coline Quinat, quis realizar alguns experimentos. Tinha à disposição uma cobaia humana viva, o que não devia ocorrer com frequência. Dispor de alguém que, no fundo, parecia com ela deve tê-la reportado a seu período mais doloroso. Só

Deus sabe o martírio ao qual ela o submeteu.

A expressão de Lucie ficou sombria.

— Só Deus sabe. Nós também não demoraremos a saber.

Levantou-se e observou um avião riscando o céu. Em seguida, voltou-se para Sharko, que nervosamente mexia em seu celular.

— Está morrendo de vontade de ligar para seu chefe, certo?

— É o que eu deveria fazer, sim.

Ela apertou-lhe as mãos.

— A única coisa que peço é ver Alice cara a cara. Preciso falar com ela, enfrentar seu rosto, para poder exorcizá-lo. Não quero mais considerá-la uma garotinha infeliz, mas a pior das assassinas.

Sharko lembrou-se de seu próprio cara a cara com o cadáver pendurado de Atef Abd el-Aal, a sensação mórbida de gozo que sentira quando girara a pedra do isqueiro e vira seu rosto inflamar-se. Aproximou-se de Lucie e disse-lhe ao ouvido:

— Essa história já dura mais de meio século, dispomos de poucas horas. Entrarei em contato antes de pegarmos o voo. Também quero estar na primeira fila e não perder nada. Ou está querendo me dispensar?

[H]aviam embarcado no último voo da noite, com destino a Paris. Como o avião não estava cheio, puderam instalar-se lado a lado. Com a testa grudada na janelinha, Lucie viu Montreal transformar-se numa grande nave luminosa, que, progressivamente, deixou-se engolir pelas trevas da noite. Uma cidade da qual ela só conhecera a face mais escura.

Em seguida veio o negrume infinito do oceano, aquela massa insuspeitável que escuma a vida e carrega em seu ventre macio o destino de nosso futuro.

À sua esquerda, Sharko colocara a venda e estava prostrado em seu assento. Sua cabeça pendia, ele finalmente descansava. Poderiam ter aproveitado aquelas oito horas de viagem para conversar, contar suas vidas, seu passado, conhecer-se mais, mas ambos sabiam que era no silêncio que se compreendiam melhor.

Lucie observava com inveja e tristeza aquele rosto quadrado, aquela expressão exausta. Roçou com o dorso da mão sua barba por fazer e ocorreu-lhe que o relacionamento deles nascera no âmago de seus próprios sofrimentos. Havia esperança. No fundo, ela queria se convencer de que havia esperança, de que todas as terras calcinadas terminam por regenerar-se, um verão ou outro. Aquele homem provavelmente vivera tudo que há de pior, teria, dia após dia, empurrado com seu bastão uma bolha de vida que se destruía incessantemente a cada nova incursão no domínio do Mal. Mas Lucie queria tentar. Tentar devolver-lhe um décimo, um centésimo do que ele perdera, queria estar presente nas tempestades e nas bonanças. Queria que ele estreitasse suas gêmeas nos braços e, quando mergulhasse o nariz em seus cabelos, pensasse, talvez, na própria filha. Queria estar com ele, nada além.

Ela retirou a mão e, mesmo com ele dormindo, entreabriu os lábios para lhe sussurrar tudo aquilo, pois agora sabia que uma zona de seu cérebro a ouviria e que suas palavras se encaixariam em algum lugar em sua mente. Mas nenhuma palavra saiu de sua boca.

Então, ela se inclinou para ele e simplesmente pousou um beijo em sua face.

Talvez fosse isso o início do amor.

[T]udo se acelerara depois da aterrissagem em Orly. Assim que soubera, Martin Leclerc entrara imediatamente em contato com a Polícia Judiciária de Grenoble. Sem passar pelo 36, Sharko pegara seu carro no estacionamento do aeroporto e, com o porta-malas carregando as bagagens de ambos, tomara a direção sul na companhia de Lucie.

A última reta... A última carreira de pó, euforizante e destruidora... Era iminente. Às seis horas da manhã, as equipes de Grenoble invadiriam a casa de Coline Quinat, sessenta e dois anos, residente à estrada de Corato, com vista para o Isère.

Sharko e Lucie encabeçariam o cortejo.

As paisagens desfilavam, os vales sucediam aos campos, as montanhas ganhavam força, fazendo estalar a terra seca. Lucie, alternadamente, mergulhava no sono e despertava, as roupas amarfanhadas, os cabelos desalinhados, sem banho. Paciência. Era preciso atingir o objetivo. Daquele jeito, num só estirão, sem parar, sem respirar, sem mais refletir. Precisava matar o abscesso, o mais rápido possível. Terminar com aquilo, terminar, terminar.

Grenoble, cidade de consonâncias ásperas para o comissário. Lembrava-se das trevas que o haviam lançado ao fundo do abismo, não fazia muitos anos. Na época, Eugénie estava ali, no assento traseiro de seu carro, dormindo, tranquila, toda encolhida no banco. Sharko não ousava acreditar que tudo corria bem agora, que a fantasmilha desaparecera definitivamente de sua cabeça desde a noite que passara com Lucie. Conseguira enfim bater a porta, por tanto tempo aberta, na cara de Éloïse e Suzanne? Conseguira extrair, de seus lábios, o mel daquele luto jamais consumado? Pela primeira vez em muito tempo, ousava alimentar esperanças.

Voltar a ser alguém igual aos outros. Enfim, quase.

Juntaram-se aos colegas de Grenoble por volta das quatro da manhã. Apresentações, cafês, explicações.

Às cinco e meia, cerca de dez homens puseram-se a caminho da residência de Coline Quinat. Um sol vermelho-sangue tentava arrancar-se do horizonte. Reflexos prateados conferiam lentamente um aspecto metálico ao Isère. Lucie, por sua vez, sentia o cheiro do fim da caçada. O melhor momento para um policial, a última recompensa. Tudo ia afinal terminar.

Chegaram ao destino. A fachada da casa era vasta, imponente. Uma luz, entre as lâminas do postigo do primeiro andar, chamou a atenção dos policiais: Quinat não estava dormindo. Com prudência, as equipes se posicionaram. Corpos tensos, olhares irrequietos, comichão no peito. Às seis em ponto, cinco marretadas da polícia nacional arreventaram a fechadura do pesado portão.

Num piscar de olhos, os homens distribuíram-se como zangões no interior da casa. Rapidamente, Lucie e Sharko seguiram os que subiam ao primeiro andar. Os fâcos das lanternas dançavam sobre os degraus, entrecruzavam-se, as botas pesadas marcavam o ritmo.

Não houve luta, explosões, disparos. Nada à altura do grau de horror e violência daqueles últimos dias. Apenas a vil impressão de violar a intimidade de uma mulher solitária.

Coline Quinat acabava de erguer-se de sua escrivaninha, o rosto sereno, sequer surpreso. Largou devagar a caneta-tinteiro diante de si e voltou o olhar agressivo para Lucie, enquanto os homens arrojavam-se para algemá-la. Enquanto liam seus direitos, ela se entregou, sem protestar, sem resistir. Como se obedecesse a uma lógica implacável.

Finalmente, como que hipnotizada e em estado de choque, Lucie ousou aproximar-se da materialização de um personagem em preto e branco perdido num filme cinquentenário. Quinat era uma cabeça mais alta que ela. Usava um roupão de seda azul. Seus cabelos curtos, louros e grisalhos, emolduravam um rosto duro, bem conservado, com os maxilares proeminentes. O olhar... Lucie perdeu-se naquele olhar escuro, que atravessara os anos sem nada perder de sua severidade, de seu vazio aterrorizante. Aquele olhar de garotinha enferma que tanto a abalara. Os lábios da sexagenária se descerraram, e as palavras saíram de sua boca:

— Eu já desconfiava que viria, cedo ou tarde. Após a morte de Manœuvre e o suicídio de Chastel, as peças dos dominós começam a cair, um após outro.

Inclinou a cabeça, como se procurasse desvendar os pensamentos de Lucie.

— Não me julgue tão severamente, mocinha, como se eu fosse a pior das criminosas. Só espero que agora tenha compreendido o que meu pai e eu tentávamos realizar.

Um pouco atrás, Sharko murmurou alguma coisa ao comandante da operação. Logo a seguir, este e seus homens saíram, deixando-o a sós com Quinat e Lucie. Ele fechou a porta e se aproximou. Lucie não conseguiu conter a raiva:

— Realizar? Vocês massacraram um velho indefeso, vocês... o enforcaram e estriparam! Vocês esburacaram com facadas uma mulher e seu namorado que não tinham sequer trinta anos! Você é a pior das criminosas!

Coline Quinat sentou-se na cama, resignada.

— O que querem? Sou um paciente zero, assim permanecerei pelo resto da vida. A síndrome E transbordou de meu crânio, naquele malfadado dia de verão em 1954, e modificou irreversivelmente a estrutura de uma parte ínfima do meu cérebro. A violência está embutida dentro de mim e seus meios de expressão nem sempre são os mais... racionais. Acreditem que, se eu pudesse dissecar o meu próprio cérebro, o teria feito. Juro que teria feito.

— Você é... louca.

Quinat balançou a cabeça, retorcendo os lábios.

— Nada disso deveria ter acontecido. Só queríamos recuperar as cópias dos filmes que Jacques Lacombe espalhara por aí. Ah, tínhamos conseguido a maioria delas, chegamos a ir aos Estados Unidos. Mas... houve esse maldito rolo, despachado do Canadá para a Bélgica. E depois... esse Szpilman, que meteu o bedelho onde não devia. Pessoas como ele existem, paranoicos em relação à teoria da conspiração e aos serviços secretos, e são eles os que mais nos assustam. Porque reagem de imediato face a uma disfunção, dispõem de um sexto sentido. Ele provavelmente assistira aos filmes da CIA, que vieram a público depois das reportagens do *New York Times*. Quando ele adquiriu, sabe Deus como, o rolo e o projetou, notou obrigatoriamente o círculo branco no alto, à direita. A assinatura de Lacombe... Ruminou então que o filme que tinha nas mãos talvez fosse um dos filmes da CIA que escapara às comissões de inquérito. E foi certamente nesse momento que começou a explorar a pista. A dissecar os fotogramas. A

descobrir neles... meu rosto de criança.

Sharko mantinha-se ao lado de Lucie.

— Você diz “nós”. “Nós conseguimos...”, “Nós queríamos recuperar as cópias...” Quem é esse “nós”? Os serviços secretos franceses? O exército?

Ela hesitou, depois terminou por assentir.

— Pessoas. Um monte de pessoas que trabalha todos os dias para proteger nosso país. Não nos confunda com a ralé que povoa suas ruas. Somos cientistas, pensadores, tomadores de decisão, fazemos o mundo avançar. E todo avanço exige sacrifícios, de todos os tipos. Sempre foi assim, por que teria de mudar?

Lucie não se aguentava mais no lugar. Aquele discurso ponderado e calmo saindo da boca de uma louca fazia seu sangue ferver.

— Sacrifícios como o das pobres garotas egípcias? Eram apenas crianças! Por quê?

Coline Quinat apertou os maxilares, evitando se pronunciar, mas a necessidade de se justificar falou mais alto:

— Meu pai morreu dois anos antes do genocídio na Birmânia. Passou a vida inteira procurando manifestações da síndrome E, provas de sua existência. Nunca se deslocara a campo, pois sabia ser possível criá-lo, estudá-lo em laboratório. Ele me usou e, em seguida, organizou minha formação, praticamente me condicionando a prosseguir suas buscas. Estudos científicos, escola de medicina, especialização em neurobiologia. Eu não tinha opinião a dar, estava arrebatada. Cresci ao lado de militares, homens taciturnos, em prédios sem janelas. E também comecei a caçar essa famosa síndrome, mas na pesquisa de campo.

— Você era enviada para lá? Para os lugares onde aconteciam os genocídios?

— Com legionários, ajudas humanitárias, médicos da Cruz Vermelha, simples assim. Recolhíamos os cadáveres e os empilhávamos às dezenas antes que comessem a apodrecer. Eu aproveitava para estudar seus cérebros, tinha permissões oficiais.

— E o Egito? Tinha permissões lá também?

— Os fenômenos histéricos de massa com manifestação violenta são tão raros e aleatórios que é quase impossível estudá-los seriamente. Então, ao saber que uma onda de histeria varreria o Egito e que determinadas garotas haviam assimilado comportamentos violentos, não hesitei. Fui até lá, ao Cairo, durante o congresso SIGN. Encontrei essas garotas.

— E as matou. Mutilou. Agindo sozinha, dessa vez, sem ordens externas. Sem permissão.

Ela replicou friamente, sem compaixão:

— Havia apenas um meio de confirmar que se tratava da síndrome E, era abrir os crânios, vasculhar no fundo do cérebro, na região da amígdala, para constatar sua atrofia. Na época, não havia tomógrafos com performance tão boa quanto os de hoje. Carreguei na mala as partes do cérebro que me interessavam. Um pouco de formol, pequenos recipientes, não me fiscalizaram, mas por que o teriam feito? Eu era cientista, participava do congresso, éramos uma delegação. Quanto às mutilações... — cerrou os dentes —, era desse jeito. Os senhores provavelmente chamam isso de pulsão, sadismo, provavelmente estão com a razão. Nossa mente está longe de ter revelado todos os seus mistérios. Seu velho historiador infelizmente pagou o pato por isso. Eu queria mostrar que vocês não estavam lidando com... esses pequenos delinquentes que povoam o

seu cotidiano. O caso ia muito além. Acho que deu certo.

Um silêncio opressivo, e ela prosseguiu:

— Minha maneira de proceder no Cairo não agradou muito às *pessoas lá de cima*, e isso é um eufemismo. Quando souberam do telegrama enviado por um policial egípcio, não tiveram mais escolha, foram obrigados a me dar cobertura, e a se protegerem também. Decidiram então por eliminar o policial egípcio pelas mãos do próprio irmão, corrompido. Porque não tinham escolha. Era imperioso preservar o segredo da síndrome E. O restante são meros efeitos colaterais.

Lucie estava atônita. Os altos escalões e os serviços secretos haviam recrutado uma mulher perigosa, uma assassina disposta a tudo em nome da ciência.

— De volta à França, estudei meticulosamente esses cérebros e constatei que a atrofia da amígdala manifestava-se de fato nas garotas do Egito. Vocês se dão conta? Não estávamos, no caso, no âmbito de um genocídio. O fenômeno não tinha qualquer origem, nascera sem real explicação e era capaz, em determinados casos, de propagar a violência, de embuti-la definitivamente no cérebro humano. Eu tinha a prova concreta, insofismável, de que a síndrome E existia realmente e podia atingir qualquer um. Qualquer um! Vocês, eu, todo mundo. Ela atravessava os anos, os povos, as religiões. Cheguei a presenciar sua irrupção, em julho daquele ano, em Ruanda. Um ano muito... frutífero, eu ousaria dizer. Caminhei em meio a ossários, andei sobre cadáveres e, mais uma vez, abri alguns crânios. Mas crânios dos carrascos, dessa vez. Os crânios dos que haviam matado mulheres e crianças a golpes de machadinha. E, novamente, constatei a atrofia da amígdala. Imaginem minha estupefação. A violência que se propagava para o cérebro do outro, atrofiando sua amígdala cerebral e tornando-o violento por sua vez. E assim sucessivamente... Um verdadeiro vírus da violência. Tratava-se de uma descoberta essencial, que colocaria em xeque inúmeros conceitos fundamentais relacionados à compreensão dos massacres...

— Compreensão que você e seus colaboradores guardaram para vocês, evidentemente.

— Havia inúmeras questões geopolíticas, militares e financeiras. Segredos a ser guardados. A partir desse momento, controlar a irrupção da síndrome E e deflagrá-la tornou-se minha obsessão. Em data, a última manifestação aleatória foi a ocorrida na Legião Estrangeira. Tentei sem sucesso, em todas as direções, por anos a fio, e a “criação” de um paciente zero era quase impossível. Era preciso tempo, realizar diversos testes. E, claro, providenciar cobaias humanas. Na época, em 1954, os cientistas tinham muito mais liberdade, podiam tirar proveito da deriva das grandes potências e de seus serviços secretos. Eles dispunham da *matéria-prima*, como a que se encontrava no olho do hospital do Mont-Providence. E essa matéria-prima era eu.

Era monstruoso. Aquela mulher tornara-se um bloco de carne fria, sem sentimentos, sem remorsos. O retrato fiel do cientista louco.

Quinat suspirou.

— Mas hoje, enquanto falo com vocês, existe uma solução muito mais rápida, que meu pai já apontara. Uma solução que a técnica e o progresso finalmente nos proporcionaram. A estimulação cerebral profunda... Ela é um excelente meio de criar o paciente zero, aquele que gera a contaminação mental. Eletrodos implantados na região amidaliana e que desencadeiam

uma agressividade extrema, bastando para isso apertar um botão de controle remoto. Depois, a propagação do fenômeno a quem estiver ao redor, que colocamos em condições de estresse e medo e subjugamos a fim de facilitar o contágio da síndrome E.

Ela prosseguia, imperturbável, manifestando uma necessidade de se justificar e desabafar seus horrores.

— Imaginem soldados que não tivessem mais medo, que matassem sem remorsos, sem hesitação, como um único braço poderoso. Imaginem outra forma de contaminação mental controlada, que lograsse atingir outras zonas do cérebro, como as zonas motoras ou a memória. Seria possível aniquilar um exército sem disparar um tiro. Evidentemente, vários parâmetros ainda nos escapam, sobretudo quanto às condições mais favoráveis à propagação a partir do paciente zero. Até que ponto era possível criar o estresse nas pessoas em volta? De que maneira? Mas tudo isso terminará por ser controlado, administrado e descrito nos protocolos. Comigo ou sem mim.

Sharko não se continha mais no lugar, mas conservava os olhos fixados em Quinat. Seus punhos cerravam-se convulsivamente.

— Encontramos um tubo de eletrodo no pescoço de Mohamed Aban. O que fizeram com ele?

— Aban era um sobrevivente da *lambança* de Chastel e era um paciente zero. Antes de estudar seu cérebro, apliquei-lhe testes de estimulação cerebral profunda. Estimulamos principalmente as zonas de dor, a fim de traçar curvas e preencher quadros estatísticos. Como ele seria eliminado de uma maneira ou de outra, digamos que o esprememos até o fim.

Sharko teve um esgar de repulsa. Aqueles experimentos explicavam por que haviam encontrado as unhas de Aban em sua própria carne. Havia-no martirizado. Quinat prosseguia sua sórdida demonstração:

— Quando ele finalmente morreu, Manœuvre encarregou-se de torná-lo anônimo. Aquele legionário não era muito astuto, trabalhou sem requinte, com alicate e machado. Depois foi enterrá-los em Gravenchon. No meio de lugar nenhum, lá aonde ninguém iria e onde o elo com a Legião nunca poderia ser estabelecido.

— E Chastel nisso tudo?

Ela encolheu os ombros.

— A despeito das aparências, ele não controlava muita coisa. Além de suas funções oficiais, tinha apenas de monitorar eventuais manifestações da síndrome E em seu regimento. Nós nunca nos entendemos bem, para falar a verdade. Como muitos outros, ele não apreciava os meus “métodos”, sobretudo os empregados no Egito. Quanto ao legionário Manœuvre, pago por mim, sua missão era reencontrar o filme. Quando ele farejou a pista da bobina, com Szpilman e o velho restaurador, fiz questão de acompanhá-lo. Eu queria me livrar pessoalmente das *testemunhas*.

Lucie pressentia que Sharko estava a ponto de explodir.

— Por que roubar os olhos? — perguntou, com uma voz dura.

Coline Quinat levantou-se.

— Venham comigo...

Exasperado, Sharko abriu caminho por entre a multidão de policiais. Quinat levou-os a um subsolo amplo e limpo. Apontou com o queixo um velho tapete cinzento. Lucie compreendeu, afastou o tapete e descobriu um pequeno alçapão, o qual abriu. Franziu o nariz: lá embaixo, o horror.

Num compartimento minúsculo, repousavam dezenas de aquários, em cujo interior boiavam pares de globos oculares. Retinas azuis, pretas, verdes, rodopiavam no formol... Com asco, Lucie estendeu um recipiente ao comissário. Coline Quinat fixou o aquário com atenção. Alguma coisa de maléfico brilhava em suas próprias pupilas.

— Os olhos... A luz, depois a imagem, depois o olho, depois o cérebro, depois a síndrome E... Tudo está ligado, compreendem agora? Um não pode existir sem o outro. Esses olhos que os senhores têm nas mãos são, em grande parte, aqueles mediante os quais a síndrome E se propagou. Eles sempre me fascinaram, assim como fascinaram a Jacques Lacombe e a meu pai. São órgãos perfeitos, preciosos. Os que os senhores têm nas mãos pertenciam a Mohamed Aban, que esses estúpidos legionários tomaram pelo irmão, Akim Aban. Veem-se diante dos olhos de um paciente zero, senhorita. Olhos que absorveram espontaneamente, de uma maneira que talvez nunca venhamos a explicar, a síndrome E, guiando-a até o cérebro, alterando sua estrutura. Esses olhos não merecem ser preservados com todo o cuidado?

Irradiava agora de suas pupilas uma forma de loucura que Lucie não conseguia definir. Uma loucura nascida da obsessão de seres humanos dispostos a tudo para comprovar suas convicções. Lucie voltou-se para Sharko, mergulhado na sombra, depois agarrou Coline Quinat pelo cotovelo e a empurrou na direção dos homens, que aguardavam em cima. Antes de entregá-la às forças da ordem, perguntou:

— A senhora vai passar o restante de sua vida na prisão. Valeu realmente a pena?

— Ah, claro que sim, valeu a pena! Não imaginam quanto.

E sorriu para ela. Nesse momento, Lucie compreendeu que nenhuma jaula seria capaz de aprisionar aquele sorriso.

— As imagens, senhorita... Cada vez mais violentas, elas estão em toda parte. Pense nos seus filhos, idiotizados diante de seus computadores e video games. Pense nesses cérebros maleáveis, que o reino da imagem altera desde a mais tenra infância. Isso não existia, há vinte anos. Se tiverem oportunidade, examinem os relatórios de necrópsia dos corpos de Éric Harris, Dylan Klebold, Joseph Whitman, esses adolescentes que invadem as escolas com um fuzil e atiram em tudo que se mexe. Deem um passeio pela região de sua amígdala cerebral e verificarão que está atrofiada. Compreenderão que é o planeta inteiro que corre para o próprio genocídio.

Apertou os lábios, abriu-os novamente:

— Qualquer um. A síndrome E pode atingir qualquer um, não importa onde. Amanhã, talvez sejam os senhores ou seus filhos, quem sabe?

Não acrescentou mais nada. Os policiais conduziram-na.

Perplexa, Lucie voltou a descer, sozinha, sem fazer barulho, como que drenada de suas forças, esgotada, com uma única vontade: voltar para casa, aconchegar-se nos braços das filhas e dormir. Sharko estava sentado diante das dezenas de olhos que o observavam e ainda gritavam

seus últimos sofrimentos.

— Que tal subir? — perguntou ao ouvido dele. — Não vejo a hora de zarpar. Estou no meu limite.

Ele fitou-a longamente sem responder e pôs-se de pé, num profundo suspiro.

Foram até o fim. Até o fim do horror, numa viagem sem volta que trouxera à tona todas as loucuras imagináveis. Dos homens, dos países, do mundo. Um mundo que vivia no caos, escravo do império das imagens de violência.

Sharko apagou a luz, no alto da escada. As retinas de Mohamed Aban cintilaram por uma fração de segundo, antes de se apagarem para sempre na escuridão do subsolo.

Missão cumprida...

Epílogo

[U]m mês depois

A praia de Sables-d'Olonne estendia seu grande crescente dourado sob o sol de agosto. Protegida pelos óculos escuros, Lucie observava as filhas, Clara e Juliette, que enchiam baldes de areia molhada e brincavam com suas pazinhas. Algumas gaivotas rodopiavam, um rumor quente e reconfortante subia do oceano. Em toda parte, as pessoas estavam felizes, disputando cada metro quadrado da praia. Um mundo de gente.

Pela décima vez em menos de uma hora, Lucie voltou-se para o píer. Ele estava para chegar, de uma hora para outra. Ele, Franck Sharko, o homem que ocupava seus pensamentos havia mais de um mês. Cujo rosto instalara-se em seu coração, como uma luzinha que nunca se apagasse. Desde a prisão de Coline Quinat, só se haviam visto três vezes, improvisando idas e voltas relâmpago de TGV, oportunidade para beijos furtivos. Em compensação, haviam se falado ao telefone quase todas as noites. Às vezes, não tinham muito a se dizer, outras, conversavam horas. A relação dos dois ia se construindo, às apalpadelas e improvisadamente.

Embora procurassem evitar o assunto, o caso da síndrome E deixara-lhes uma marca indelével. O sofrimento íntimo levaria tempo para cicatrizar. Nas horas seguintes à sua detenção, Coline Quinat entregara tudo. Nomes de altas patentes militares, membros dos serviços secretos, alguns políticos, cientistas. Um centro clandestino de pesquisas e neurocirurgia dedicado à síndrome E e à estimulação cerebral profunda havia sido criado nos confins do serviço de saúde do exército, dez metros abaixo da terra. Ali, estudava-se, desenvolviam-se protocolos experimentais, praticavam-se operações cirúrgicas. Lenta e fatalmente, as cabeças pensantes caíam uma atrás da outra. O processo ainda estava em fase de instrução, o segredo de Estado não ajudava, mas em breve os que deviam seriam obrigados a pagar. Normalmente...

Lucie voltou às suas gêmeas, sentadas numa piscininha cavada na areia. Advertira-as para que não saíssem de perto dela, a praia estava apinhada. As meninas brincavam a poucos metros, rindo. Um balde, uma pazinha, a felicidade... Fim dos video games, Lucie livrara-se de todos os consoles. Queria preservar ao máximo suas filhas do mundo da imagem, de sua violência intrínseca, de seu efeito nefasto sobre o espírito. Voltar às coisas mais simples, aos velhos brinquedos de madeira ou plástico, às atividades manuais, ao recorte. Tudo se perdia muito rápido com o avanço da tecnologia. No fundo, Quinat tinha razão: para onde corria o mundo?

Dali a uma semana, as férias teriam terminado. O melhor a fazer seria regressar a Lille, fechar-se no apartamento e pensar. Pensar no futuro, no amanhã a ser reformado, em como refrear aquela vertigem. Lucie deixou a areia escorrer por entre os dedos, repetindo intimamente que não conseguiria existir, desabrochar, se não fosse policial. Sua profissão era uma espécie de gene, agarrado no núcleo de suas células. Seu ofício fazia com que ela fosse Lucie Henebelle, conferia-lhe sua identidade profunda. Em contrapartida, sabia que podia melhorar, ser uma mãe melhor, uma filha melhor também. Tinha convicção de que triunfaria. Tudo era

uma questão de vontade.

O rosto de Lucie abriu-se num imenso sorriso ao ouvir aquele rangido tão peculiar na areia bem atrás de si. Virou-se. Sharko estava ali, em sua incompreensível calça de algodão e camiseta branca, os olhos entrincheirados atrás dos inevitáveis óculos remendados. Lucie levantou-se e o enlaçou. Beijaram-se. Lucie acariciou sua face.

— Senti tantas saudades!

Sharko tirou os óculos e sorriu, pousando a mochila na areia e apontando com o queixo para as gêmeas. Trazia um embrulhinho na mão.

— São tão bonitinhas... Já conversou com elas?

— Por que você mesmo não faz isso? Não está acanhado, está?

— São suas férias, de vocês três. Eu não gostaria de ser o sujeito que atrapalha seus jogos recreativos à noite.

— Claro que conversei. E elas estão prontas a recebê-lo em nossa pequena toca, com uma condição.

— Qual?

Lucie apontou o embrulho que o comissário segurava.

— Que pare de trazer marrons-glacês sempre que as encontra. Elas detestam!

Sharko pegou o saquinho e ergueu-o, fingindo examinar detidamente as guloseimas.

— Elas têm razão. É nojento.

Foi até uma lata de lixo, olhou pela última vez a caixa de marrons-glacês e jogou-a no fundo do saco plástico. Abaixou a tampa. Fim dos marrons-glacês... Fim do molho coquetel...

As duas meninas avistaram-no e acercaram-se afetuosamente. Ele beijou suas bochechas e fez uma festinha nos cabelos. Elas pediram para jogar bola, ele prometeu que ia em poucos minutos e aconselhou-as a treinar bastante para desafiá-lo. Em seguida, arregaçando a barra da calça, sentou-se ao lado de Lucie.

— Então, seu chefe? — perguntou ela.

O olhar de Sharko perdeu-se na direção das meninas. Lucie nunca vira tanta intensidade e ternura nos olhos de um homem.

— Fim da linha... Entregou sua carta de demissão ontem ao chefe. É de matar, oito anos antes da aposentadoria. Após todos os golpes duros. Seu trabalho venceu.

— E você... seu posto em Nanterre? Nós dois... Você pensou um pouco em tudo isso, certo?

Ele pegou um punhado de areia e observou atentamente os grãos esgueirarem-se por entre seus dedos.

— Você sabia que há alguns anos eu larguei tudo e abri uma loja de brinquedos, no Norte? Depois, voltei aos estudos de criminologia. E depois, eu...

Lucie esbugalhou os olhos.

— Perdeu o juízo? Você tem uma loja de brinquedos?

Ele vasculhou em sua mochila e retirou a pequena locomotiva Ova Hornby em escala O, com seu vagonete preto para lenha e carvão. Ela cintilava ao sol.

— Essa loja chamava-se “O Pequeno Mundo Mágico”. Não existe mais, há uma loja de

video games no lugar.

Lucie sentiu um nó na garganta. Sharko falava com muita emoção.

— “O Pequeno Mundo Mágico”, é bonito...

Ele concordou, o horizonte agora capturava toda a sua atenção.

— Eu queria abrir um parêntese na minha vida. Ter tempo de ver minha filhinha crescer. Queria me lembrar de que um dia eu havia sido como ela e que as mais belas lembranças que guardamos são as do rosto de nossos pais.

Pôs cuidadosamente a locomotiva em cima da mochila.

— Aconteceu uma coisa importante durante a nossa investigação: a partida de alguém que ocupava um grande espaço em minha vida. Alguém que estava aqui, acho, apenas para me explicar o que eu nunca quis entender.

Lucie dava sinais de nervosismo.

— Você está me deixando com medo, agora.

— Fique tranquila, não quero nunca mais rever esse alguém. E só há um jeito para isso: é ir em frente. Portanto, dentro de poucos dias, também irei falar com o chefão... Para dizer que...

Juliette aproximou-se e perguntou se podia comprar um sorvete, interrompendo Sharko em suas explicações. Num relance, Lucie localizou o sorveteiro, a uns dez metros, sobre o píer. Ia se levantar para acompanhá-la, mas Sharko agarrou-lhe o pulso.

— Espere, deixe-me terminar. Preciso botar tudo para fora.

Lucie entregou uma nota à filha.

— Você vai até lá com a Clara, e não demorem, combinado?

Juliette aquiesceu. As duas meninas precipitaram-se através da multidão de veranistas. Sharko começou a debulhar a areia, enquanto Lucie, de longe, vigiava sua prole.

— Como eu dizia, escreverei a meu chefe pedindo demissão. Se... Se você me quiser. Ignoro se vai funcionar, você sabe. Tenho meus velhos hábitos, e depois... precisaremos de um cômodo especial para os meus trens, e as meninas não poderão tocar neles, porque...

Lucie arrojou-se em seus braços e o apertou contra o peito.

— Então é sim? É você que se muda para o Norte?

Ele apoiou o queixo no ombro de Lucie e fechou as pálpebras.

— Ainda é possível experimentar muitas coisas na minha idade, não acha? Não sou nada diplomata, mas isso não significa que eu não seja bom no comércio. E depois... Tenho muito dinheiro na minha conta, não sou do tipo perdulário. Um detalhe, você acha que o Nêmo, na rua dos Solitários, no centro antigo de Lille, continua à venda?

Lucie passou as mãos sob a camisa dele, massageando-lhe afetuosamente as costas. Adorava aqueles instantes a seu lado, aquilo tinha que durar para sempre.

— Franck...

Calaram-se por alguns segundos, cedendo aos rumores do lugar. Risadas, gritos, rumorejar do vento. Nesse puro momento de felicidade e carinho, os olhos de Lucie bateram na barraca de sorvetes. Silhuetas em movimento atravessavam permanentemente seu campo de visão, a praia era pequena para tanta gente. Esticou o pescoço e, em meio ao tumulto, pôde perceber cinco ou seis pessoas aguardando sua vez. Nenhum indício das filhas. Lucie afastou-se mais, enquanto

Sharko, que se erguera, tirava a camiseta.

— Franck, está vendo minhas filhas perto dos sorvetes? Uma está de maiô cor-de-rosa e a outra, de amarelo.

De pé, Sharko pôs de novo os óculos escuros. Lucie se levantou, sentiu uma leve apreensão. Olhou para a praia, para a beira do mar, e avistou pazinhas e baldes abandonados na areia. Seus olhos voltaram-se para a fila, ao redor da barraquinha. Crianças, famílias, centenas de automóveis cujos para-brisas cegavam.

— Diga que as está vendo!

Sharko não respondeu. Alguma coisa mudara em sua atitude. Primeiro, foi caminhando na direção do píer, em seguida apertou o passo, até enfim correr. Lucie o seguiu, procurando à direita e à esquerda. As pessoas resmungavam, pois o tropel atirava areia em suas peles oleosas. Quando ela chegou às imediações da fila, o sangue latejava em suas têmporas. Interrogou os que aguardavam.

— Realmente, vi duas pequenas gêmeas — respondeu uma mulher. — Elas saíram daqui com um homem em direção à rua.

Sem respirar, Lucie precipitou-se para a estrada, queimando os pés no asfalto. Correu de um lado do píer, Sharko do outro...

Um grito então explodiu, vindo do fundo de sua garganta. Um grito que atravessara milênios.

O grito da mãe que, por instinto, pressentia que a tragédia abatera-se sobre sua prole.

Sobre o autor

® Philippe Matsas Mars



[F]ranck Thilliez nasceu em 1973, em Annecy, e vive atualmente em Pas-de-Calais. Trabalhou com novas tecnologias antes de dedicar-se inteiramente à escrita. É autor de 11 romances que, juntos, já venderam mais de 2 milhões de cópias. A série de títulos que traz como personagens os policiais Lucie Henebelle e Franck Sharko alcançou a marca de 500 mil exemplares vendidos e teve os direitos de publicação adquiridos por 13 países.

Table of Contents

Folha de rosto	2
Créditos	3
Mídias sociais	4
Dedicatória	5
1	6
2	9
3	11
4	15
5	18
6	23
7	28
8	31
9	35
10	42
11	51
12	57
13	63
14	65
15	73
16	76
17	80
18	84
19	92
20	96
21	102
22	106
23	112
24	121
25	123

26	127
27	132
28	137
29	144
30	146
31	148
32	151
33	154
34	161
35	170
36	172
37	177
38	182
39	185
40	189
41	191
42	194
43	201
44	205
45	211
46	214
47	218
48	220
49	222
50	233
51	235
52	237
53	241
54	244
55	248
56	250
57	254

58	257
59	262
60	266
61	267
Epílogo	274
Sobre o autor	278